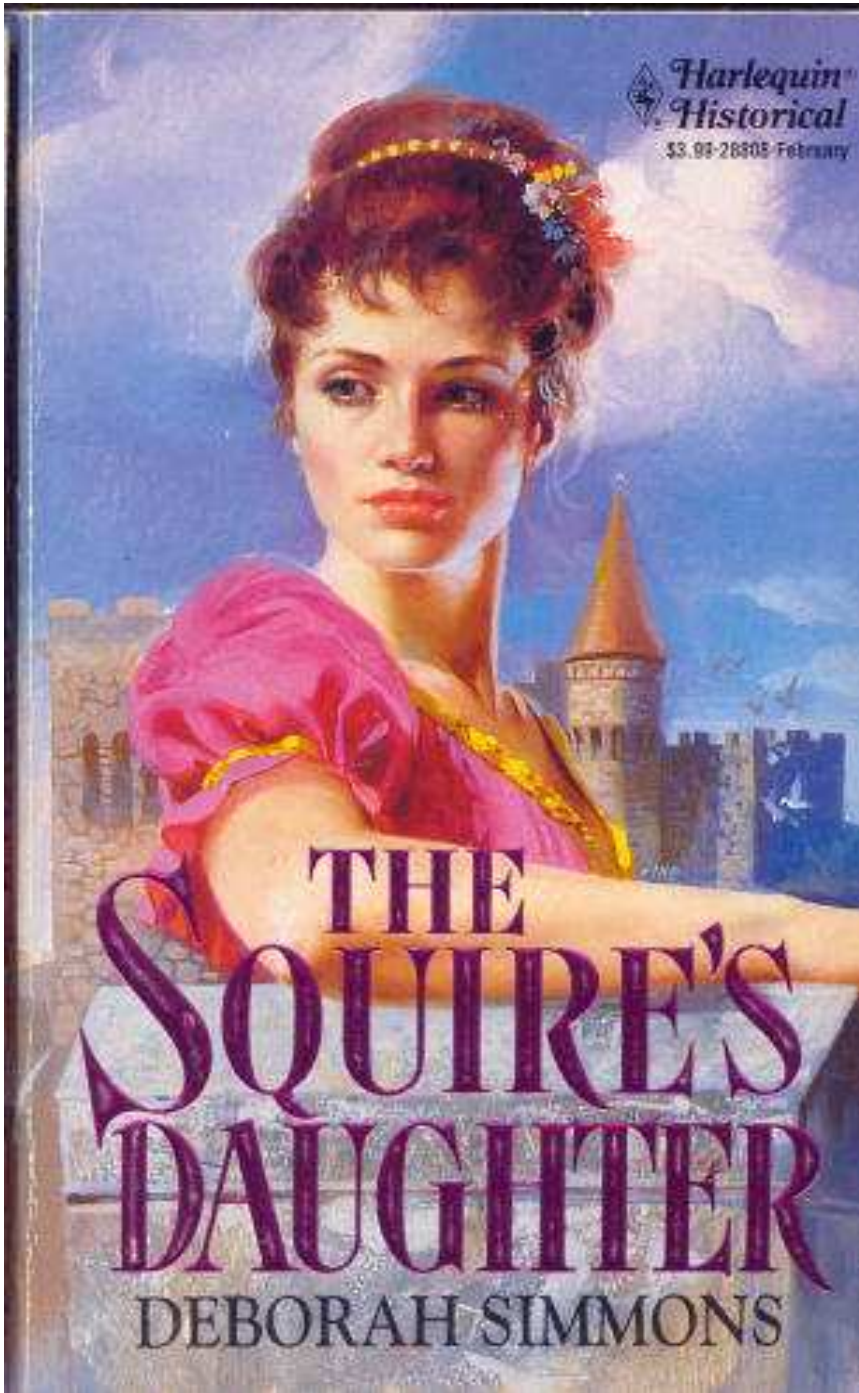


The cover features a detailed oil painting of a young woman with reddish-brown hair styled in an updo, adorned with a gold headband and colorful flowers. She is wearing a vibrant pink, puffed-sleeved gown with a gold chain necklace. She is leaning over a stone wall, looking directly at the viewer with a serene expression. In the background, a medieval castle with a prominent conical-roofed tower is visible against a sky of soft, pastel clouds. The overall style is romantic and evocative of historical fiction.

Harlequin®
Historical
\$3.99-26805 February

THE SQUIRE'S DAUGHTER

DEBORAH SIMMONS



A maldição

Deborah Simmons

Título original

The Squire's Daughter

Resumo

Justin St. John jamais poderia esquecer a garota que entrou em Worth Hall com os olhos claros abertos como pratos. Mas nada poderia tê-lo preparado para seu novo encontro com Clare, agora transformada em uma bela mulher e prestes a desposar um louco. Não podia permanecer impassível e deixar a inocente Clare arruinar a vida.

Clare Cummings acreditava que podia salvar seu príncipe da infância da maldição da melancolia. A juventude devia ter alterado o cérebro do rapaz.

Agora que voltou a encontrá-lo ele só queria afastá-la. O comportamento de Justin não era exatamente o de um príncipe. Então por que, apesar de tudo, se sentia atraída por ele?

**Tradução feita a partir da edição publicada pela Harlequín Internacional
Narrativa publicada em 5 de abril de 1995.**

Capítulo I

Clare Cummings olhou ao redor; um leque de marfim bateu em suas costelas cortando seu bocejo de aborrecimento. Sua proprietária, uma senhora de idade enfeitada com um turbante cor púrpura, esforçava-se por abrir caminho entre a multidão.

O salão de baile de Lady Lynford estava cheio de gente, uma massa de sedas e cetins de cores brilhantes que se moviam ao redor como flores arrastadas pelo vento. Fileiras de candelabros iluminavam a cena arrancando reflexos aos diamantes e pedras preciosas que levavam as damas. Clare percorreu com a vista as intermináveis colunas de mármore que se elevavam para o teto e se perguntou se conseguiria se acostumar a Londres algum dia.

Sentiu que ia bocejar novamente e se afastou entre a multidão, até que conseguiu se aproximar até um dos enormes janelões. Decidiu que um pouco de ar fresco podia animá-la, mas mudou de idéia assim que respirou a atmosfera da cidade, carregada de fumaça e do cheiro de esgoto. Sentiu uma saudade repentina do ar limpo, a grama verde e as colinas do campo.

- Está aqui. - murmurou uma voz a seu lado - Por onde você esteve? Não se mostre muito difícil esta noite, querida. Já sabe que isso me confunde muito.

Tia Eugenia sempre parecia confusa. Tinha um cabelo amarelo pálido bastante desalinhado e como, apesar de não enxergar bem, se recusava a usar óculos em público, entreabria continuamente seus olhos azuis.

- Esta noite em que o senhor Farnsworth está ausente, é a ocasião ideal de impressionar outros solteiros. - disse.

A jovem levou a mão à boca para ocultar um novo bocejo.

- Vamos, Clare. - disse Eugenia - Tive que chamar algumas velhas amigas para conseguir um convite para esta noite e não compreendo como você pode estar aborrecida. Todas as garotas esperam com impaciência a temporada de Londres. Admito que eu já estou um pouco velha para essas coisas, mas quando seu pai me pediu que a introduzisse em sociedade, a idéia me entusiasmou.

A mulher suspirou, esforçando-se em compreender a teimosa sobrinha.

- Bocejar dessa maneira não vai atrair a atenção de ninguém. Se quer fazer um bom casamento, precisa estar apresentável em todo momento e permita-me que eu recorde que é seu dever fazer um bom casamento.

Clare, que ouvira aquilo muitas vezes, sorriu com gentileza e colocou uma mão no braço da tia.

- Desculpe-me, vou procurar um refresco. Quer um?

- Oh, claro que sim, mas você não pode ir sozinha, menina.

Sua sobrinha sorriu e se afastou sem fazer caso. O refresco não era mais que uma desculpa para escapar, claro, e começou a andar pelo lugar, observando as cenas que aconteciam ao redor.

O baile era muito bonito. Clare admirou os giros das saias das damas e a graça dos cavalheiros, que as guiavam ao som da valsa. Pensou que possivelmente isso conseguiria animá-la, mas não tinha muitas possibilidades de ser convidada, já que seu círculo de conhecidos ainda era muito pequeno e, como não gostava de ficar de pé a um lado com ar de estar à espera de algo, pôs-se a andar de novo.

No salão de cartas, o jogo estava pouco animado; só havia convidados idosos e alguns jovens casais que mais flertavam que jogavam. Uma cena de caça decorava uma das paredes. Clare seguiu a cena com o olhar até a chaminé e ali fixou sua atenção. Não havia fogo na lareira, mas suas bochechas coraram ao reconhecer a figura que estava de pé diante da chaminé.

Era ligeiramente mais alto que a maioria dos homens; uma mecha de cabelo escuro lhe caía sobre os olhos, dando certo ar de audácia. Vestia negro e usava um colete branco que ressaltava seu rosto. Ao ver aquele rosto, Clare se sentiu transportada no tempo.

Voltava a ter quatorze anos e o cavaliário lhe dissera que não saísse para cavalgar com aquele tempo, mas, como de costume, ela ignorou sua advertência sobre a névoa e saiu montando Phantom. O moço tinha razão, claro, e uma manta de névoa logo cobriu todo o campo; quando deu por si, compreendeu que se afastara muito e tinha saído das propriedades de seu pai. Em seguida, de repente, subiu uma colina e o viu, recostado em um vale e elevando-se sobre a névoa como um algo surgido de um dos contos de fadas que tanto gostava.

Era um castelo encantado, com uma torre quadrada no centro, que se erguia orgulhosa sobre os tetos adjacentes com as almeias intactas. Sem pensar duas vezes, Clare conduziu Phantom para lá. Quando se aproximou das paredes de pedra, a quietude do lugar quase a assustou. Nenhum cão latiu para anunciar sua chegada nenhum criado lançou um grito de advertência; só o silêncio a recebeu.

Aproximou-se a partir da lateral e viu que a água bloqueava o caminho, o que indicava que o castelo tinha um fosso. Seguiu a margem da água e descobriu a ponte que levava até a torre. O som dos cascos de Phantom ressoava muito forte contra as paredes de pedra. Na entrada principal, Clare desceu do cavalo e bateu na porta de madeira. Nem sequer se surpreendeu ao ver que a porta se abria sob sua mão como por artes mágicas.

Amarrou as rédeas de Phantom a um poste de ferro próximo à porta e entrou no interior. O único ruído era o de seus passos no chão de madeira do vestibulo. A luz entrava por janelas altas, cortadas em muros grossos que se elevavam até um teto abobadado perdido na escuridão.

Umas cadeiras e mesas estilo Tudor se alinhavam ao longo das paredes de pedra e no centro da sala havia uma enorme mesa de jantar rodeada de cadeiras pesadas, a maior das quais estava colocada na cabeceira como um sentinela sombrio. Clare se deteve e ficou imóvel um momento até que um movimento na cadeira grande chamou sua atenção.

- Santo Céu! - disse uma voz - É um duende!

A moça olhou a cadeira enorme e distinguiu um par de pernas. Esperava encontrar uma aparição fantasmagórica ou, ao menos, um príncipe, e se sentiu um pouco decepcionada quando a figura ficou em pé e descobriu ser um homem ordinário.

- Bom, aproxime-se mais, duende. - grunhiu ele.

Clare se aproximou, observando a garrafa vazia que havia na mesa e o estado desalinhado da pessoa que falara. Não só era um homem, mas, além disso, estava bêbado. Parecia jovem, embora uma barba de vários dias acrescentasse certo ar de dissipação a seus traços infantis. O cabelo, escuro e liso, caía sobre os olhos dele.

Sua camisa branca estava aberta no pescoço, as calças iam até as coxas, desaparecendo ali sob botas altas cobertas de barro. Não fosse pelo copo de licor que segurava em sua mão esquerda, a jovem o teria tomado por um viajante perdido que, como ela, tinha procurado refúgio naquele lugar misterioso.

Enfeitiçada demais para ter medo, Clare se adiantou sem vacilar quando ele estendeu a mão direita. Colocou sua mão na daquele homem, surpreendida pelo calor de seu aperto e se deu conta do quanto sentia falta do contato com alguém, já que seu pai não era um homem dado a mostras de afeto.

- É um produto da minha imaginação, meu encantador duende? - perguntou o homem, acariciando a mão dela com o polegar - Devo estar mais bêbado que de costume.

Olhou seu copo com ar melancólico e apertou a mão dela com mais força.

Talvez fosse seu contato ou talvez fosse seu olhar de tristeza, mas Clare sentiu como se ele quisesse se comunicar com ela. Decidiu então que, fosse aquilo sonho ou realidade, o castelo era encantado e o príncipe, seu príncipe, era vítima de um malefício. E soube, com a certeza de um coração romântico e solitário de quatorze anos, que ela, e só ela, poderia salvá-lo.

Sacudiu a cabeça para afastar as lembranças. Já não estavam em 1808, mas sim em 1812 e ela tinha dezoito anos, vestia-se elegantemente com um traje de seda azul do Bishop's e se movia entre a alegre sociedade de Londres. Já não era uma menina enfeitiçada por contos de fadas. Voltou para o presente e percebeu que continuava encarando-o; voltou-se bruscamente e tropeçou com outra pessoa.

- Ahhh! - disse uma voz.

Clare se controlou o suficiente para se desculpar com a encantadora jovem que se esforçava por segurá-la.

- Perdão.

- Não foi nada. - sorriu a jovem - Acho que sei o que a deslumbrou, mas, se me permite um conselho, não se deixe apanhar por esse feitiço. - moveu a cabeça para a chaminé.

- Oh, não tenho intenção...

Clare murmurou algo incoerente e observou a jovem diante dela. Estava muito bem vestida e tinha cachos ruivos que estavam muito em moda. As sardas que lhe cobriam o nariz davam um ar amistoso e Clare devolveu o sorriso.

- Sinto muito. Perdão.

- Não se preocupe. Temo que não nos apresentaram. Sou Felicity Shaw.

- Clare Cummings. É um prazer conhecê-la.

Afastaram-se um pouco, encontraram duas cadeiras vazias e Felicity se deixou tombar em uma delas com um suspiro de alívio.

- Oh, juro que estive que pé desde que cheguei. Esta noite é mais difícil encontrar uma cadeira que um quilo de ouro. - protestou - É sua primeira temporada em Londres?

Clare assentiu.

- A minha também, - disse Felicity, tirando um leque - embora eu me atrevesse a assegurar que, devido às minhas irmãs, sei mais coisas que a maioria das pessoas. E por isso devo dizer que não se aproxime desse aí. - disse, indicando a chaminé.

Clare fez um esforço para evitar em ruborizar.

- Lembra alguém que conheci uma vez. - disse com suavidade.

- Compreendo. - murmurou a outra, com ar de não acreditar uma palavra - Bom, esse é Justin St. John, o marquês de Worthington. Não se deixe enganar por sua aparência. É um notório patife que só arruinaria sua reputação e isso não é o mais indicado para uma garota em sua primeira temporada.

- E suponho que também bebe muito. - disse Clare, olhando de esguelha o copo que ele segurava na mão.

- Bom, sim, tem fama de bebedor, mas dizem que resiste bem ao álcool. - sussurrou Felicity por trás do leque.

Clare assentiu. É óbvio, desde que chegou a Londres, ouvira rumores sobre ele. Disse a si mesma que não se importava, mas então, como se o destino quisesse provar que isso era mentira, ouviu sua voz rouca a seu lado e esteve prestes a saltar da cadeira.

- Mas se não é a senhorita Shaw! - exclamou ele.

Clare, agradecida por ele não ter se dirigido a ela, tentou aparentar desinteresse, mas ergueu levemente a cabeça para fitá-lo. Inclina-se com graça para elas e Clare se deu conta de que, pela primeira vez em dois anos, estava tão perto dela que quase podia tocá-lo com a mão.

Pelo olhar distante e vidrado de seus olhos, adivinhou que estava bêbado.

- Quantas irmãs são? - perguntou a Felicity.

Clare sentiu vontade de esbofeteá-lo. Sabia bem que ele não se importava em nada com as irmãs de Felicity, mas, por outra parte, não havia nada com que ele se importasse. O coração palpitou com força em seu peito e desejou que a terra a engolissem. Rezou com todo seu coração para que não se prestasse atenção nela, mas sua prece não foi ouvida.

O homem a fitou e Clare, que conteve o fôlego, respirou de novo ao ver que seus olhos escuros se voltavam para Felicity. Não a reconheceu! Não sabia dizer se se sentia aliviada ou insultada.

- Precisa me apresentar a sua encantadora amiga. - pediu ele.

Clare ficou de pé, antes que Felicity pudesse pronunciar uma palavra.

- Não desejo ser apresentada. - disse, erguendo-se com tanta brutalidade, que esteve a ponto de golpeá-lo. Ouviu o sobressalto de Felicity e viu o olhar de surpresa nos olhos dele.

- Desculpe-me, por favor. - disse Clare a sua companheira.

Afastou-se sem esperar resposta, com a esperança de que ninguém mais a tivesse ouvido insultar o marquês de maneira tão evidente. Não se atreveu a olhar em torno para ver se olhavam para ela, consciente que, se o visse de novo, talvez lhe desse um murro.

Abriu caminho entre a multidão, avançou até a porta mais próxima e saiu para o jardim. Uma vez ali, respirou fundo até que seu coração começou a se acalmar. Claro, tinha acreditado que não voltaria a vê-lo nunca mais, mas era de esperar que o encontraria antes ou depois.

No futuro, porém, se esforçaria para evitá-lo e, já que ele não a reconheceu, isso não seria difícil. Se ouvisse seu nome, podia se lembrar dela, assim precisava se manter a distância. Não queria que ele recordasse. Tampouco queria ela recordar. Desejava esquecer, mas o passado não permitia e, mesmo naquele momento, voltava a levá-la para aquele dia de quatro anos atrás...

- Como se chama, duende? - perguntou seu príncipe.

- Clare Cummings. - respondeu ela.

O homem a encarou.

- Por todos os diabos! É real! E só uma menina, além disso!

Clare, que ainda não terminara de crescer, não discutiu aquela afirmação, mas se rebelou.

- Quantos anos você tem? - perguntou.

O homem se pôs a rir e ela sorriu, embora não soubesse por que ria.

- Vinte e um. - disse.

- Há quanto tempo você está aqui?

A névoa, o castelo e o homem atraente que segurava sua mão pareciam tão irrealistas como se estivessem suspensos no tempo. De fato, Clare não se surpreenderia se ouvisse que levava cem anos bebendo da mesma garrafa.

- Cheguei esta manhã. - suspirou ele - Cavalguei a noite inteira por causa de uma aposta. Tenho sorte de não ter quebrado o pescoço.

- Mas o que você faz aqui? - perguntou ela.

- Só Deus sabe. - ele replicou. Pousou o copo sobre a mesa - Faz muito tempo, como você pode adivinhar pelo estado da propriedade.

- Muito tempo? - perguntou ela, confusa.

- Desde que vim por última vez. - disse ele - Oh, suponho que eu não deveria esquecer minhas maneiras. Quer se sentar, Clare?

A menina sorriu.

- Não, obrigado.

- Oh, bom. Não diga que não ofereci. - ficou de pé por sua vez - Aonde estávamos? Ah, sim. Faz anos que não vinha para casa. - disse, franzindo o cenho com desgosto.

Clare o olhou admirada.

- Esta é sua casa? - perguntou.

O homem assentiu.

- É tétrica, não? - fingiu um tremor de medo e a jovem se pôs a rir.

- Não, não é tétrica. - protestou - É maravilhosa. É linda. Eu pensava... quer dizer, parece um castelo encantado.

O homem fez uma careta.

- Seria melhor dizer maldito.

- Mas onde estamos? Eu não fazia idéia que este lugar existia. - disse ela, insegura ainda se existia em realidade ou não.

- Oh, sim existe, e provavelmente esteja mais perto de sua casa do que acredita. - ele rebateu - É parente do cavaleiro Cummings?

- Sim. É meu pai. - ela replicou, surpreendida.

O jovem lançou um gemido.

- Há anos está atrás de mim para que eu arrume este lugar. Pelo amor de Deus, não diga a ele que esteve aqui ou ele terá uma apoplexia.

- Não direi. - redarguiu Clare - Será nosso segredo, mas me deixa olhar tudo ou me mostre, então. - disse corajosa.

- Quer ver essas quinquilharias? - perguntou ele, cético.

- Oh, sim!

- Muito bem, mas, se começarmos a rodar por aí, não posso garantir sua segurança.

- Oh! - murmurou ela, decepcionada - O castelo pode desabar?

O homem fez outra careta.

- Nada disso. Esta casa continuará aqui depois do apocalipse. Não, eu me referia aos mistérios que ela oculta. - disse baixando a voz com dramaticidade - Imagine que há gnomos e duendes e....

- E passagens secretas? - ela perguntou sem fôlego.

- Uma dúzia pelo menos.

- E fantasmas? -perguntou ela, com os olhos arregalados.

- Não, isso não. - murmurou ele.

Ainda retendo a mão dela, conduziu-a através do labirinto que era na verdade a mansão Worth. Embora ele insistisse que só se tratava de uma mansão medieval, Clare não estava convencida.

- O castelo Worth. - disse com reverência.

Mas fosse o que fosse, não havia dúvida de que o edifício estava há algum tempo fechado; alguns cômodos estavam vazios; outros tinham os móveis cobertos com enormes lençóis. De vez em quando, a jovem descobria tesouros de carvalho maciço sob o tecido empoeirado.

Clare estava em transe. No dormitório principal, estendeu uma mão para tocar a borda do dossel da cama enorme. Respirou o aroma de madeira velha e especiarias junto com o aroma fresco de seu príncipe, uma mescla de suor e licor, e desejou que o encantamento a abrangesse para poder ficar ali com ele para sempre.

Mas não foi assim. Um olhar pela janela lhe indicou que a névoa desvanecera um pouco e que demorava muito naquela aventura.

- Preciso ir. Estará aqui amanhã? - perguntou com o atrevimento dos jovens.

O homem moveu a cabeça com lentidão e logo se deteve ao ver o sorriso dela.

- Bom, suponho que posso ficar alguns dias para ordenar um pouco isto aqui. Está muito mal. - disse a contragosto.

- Sim. Precisa ficar. - insistiu ela, com toda a intensidade de uma menina solitária que busca companhia desesperadamente.

O homem não negou. Levou-a até o cavalo e indicou como chegar em casa.

- Eu a acompanharia pessoalmente, mas temo que seu pai teria um ataque. - disse com secura, ajudando-a a montar - Adeus, meu pequeno duende. - murmurou.

- Adeus. - Clare se voltou do cavalo - Como posso chamá-lo?

- Chame-me como quiser, - disse ele com um sorriso - mas Justin basta.

Claro, passou algum tempo até que Clare descobrisse que seu fantástico príncipe quase era um na realidade. Seu amigo, seu confidente, seu Justin, era um marquês e de má reputação.

Ficou vários dias, como tinha prometido, e voltou depois. Abriu inclusive alguns quartos, arranjou uma governanta e dedicou um pouco de atenção à propriedade, mas nunca viu o castelo como ela via. Nem sequer conhecia nenhuma história sobre o lugar, de forma que a jovem inventou algumas e ele não demorou em pedir que lhe contasse mais. Quanto mais inverossímil era a história, mais ele gostava; ria dos duendes peludos e sorria encantado em ouvir falar de dragões púrpuros com asas douradas.

- Ora! - disse Clare em voz alta.

Levou ambas as mãos à cabeça, em um esforço para deter as lembranças que a invadiam, mas as imagens continuavam ali. Via-se pescando com Justin no rio, cavando com ele nos jardins, comprando um presente de Natal. Ele foi seu amigo, seu irmão mais velho, seu príncipe, até que ela teve a infelicidade de crescer e esse foi o fim daquele conto de fadas.

Felicity, horrorizada, olhou a amiga se afastar com a boca aberta. Fosse qual fosse a reputação de um homem, não podia se insultar um marquês. Pela primeira vez na vida, não soube o que dizer e olhou surpresa para o homem que se inclinava para ela, esperando se deparar com uma careta de fúria.

Mas não deveria ter se preocupado. Worthington a fitava com um sorriso nos lábios.

- Santo Céu, senhorita Shaw! O que você disse a ela sobre mim? - perguntou com fingido horror.

Felicity se tranqüilizou imediatamente. Aquele homem era encantador.

- Oh, a verdade é que acaba de chegar do campo e não percebeu o que fazia. - disse à guisa de desculpa.

- Compreendo. - murmurou o marquês, com suavidade - Provavelmente você possa me dizer seu nome e me apresentarei a ela em um dia em que não esteja com as duas cabeças. Ou são chifres?

Felicity se pôs a rir, agradada por sua atenção. Aquele homem era muito atraente.

- Então, minha querida senhorita? - insistiu ele.

- Chama-se Clare Cummings. - a jovem ia acrescentar algo mais, mas a reação dele a pegou de surpresa. O jovem marquês olhou para ela como se acabasse de ser esmurrado no estômago.

Embora morresse de curiosidade, era evidente que ele não tinha intenção de contar a causa de sua reação.

- Muito interessante. - foi seu único comentário - Foi um prazer, como sempre. - se inclinou com cortesia - Dê lembranças a suas irmãs.

E se afastou sem mais.

Felicity torceu o pescoço para vê-lo sair, curiosa por comprovar se seguia Clare, mas ele se misturou à multidão e a moça deixou de vê-lo. Suspirou e começou a se abanar. Depois sorriu; sabia o quanto suas irmãs gostavam de fofocar e estava impaciente para lhes relatar aquele incidente.

Se pudesse seguir o caminho do marquês, teria se sentido decepcionada, já que Justin St. John não procurou ninguém. Agarrou uma garrafa de brandy de seu anfitrião, enfiou-se na biblioteca, que estava deserta, e se sentou sozinho em uma poltrona.

No silêncio do recinto, levou a mão ao pescoço, tirou a corrente que estava pendurada nele e agarrou o pequeno amuleto entre as mãos.

A luz da vela iluminou as asas de um minúsculo dragão de ouro que acendeu suas lembranças. Fechou os olhos e jogou a cabeça para trás.

- Abra-o, Justin! - instigava Clare, com os olhos brilhantes.

Segurava contra o peito a caixa que ele lhe dera de presente e sorria com olhos amorosos.

O homem sorriu e abriu a caixinha que continha seu presente de Natal: uma corrente com um pequeno dragão de ouro. Pôs-se a rir até que se deu conta de que ela devia tê-lo comprado.

- Clare, eu disse a você me fizesse algo. - recordou.

- Certo, - ela sorriu - mas não sou muito boa em fazer coisas e, além disso, papai me dá bastante mesada.

Justin moveu a cabeça, tirou o presente da caixa e o segurou no alto.

- Você não gosta? - perguntou ela, com tristeza.

- Eu adoro. - ele replicou, abraçando-a com força - Vou usá-lo sempre.

Seria essa a única promessa que não tinha quebrado? Voltou a pendurar o cordão no pescoço, onde o levava sempre, suscitando a curiosidade de suas amantes. Mas, apesar de suas perguntas, nunca dissera a ninguém por que o levava. O que não era de se estranhar, já que ele mesmo ignorava.

Deixou a corrente e agarrou a garrafa. Tentou imaginar Clare como a vira naquela noite, mas não prestara atenção. Viu uma jovem formosa, vagamente familiar que o encarava através do salão e assumiu que, semelhante a tantas outras, aquela jovem o desejava. Por um momento a confundiu com uma de suas amantes passadas. O pensamento fez com que seu estômago encolhesse, já que nunca poderia ver Clare daquele modo.

Clare. Sempre que pensava nela, só via aqueles olhos cor avelã que o olhavam com adoração. Maldição! Golpeou a parede com o punho e disse a si mesmo que tudo era culpa dela.

Nem sequer se incomodou em erguer o olhar para ouvir que alguém abria a porta.

- Destruindo a casa, Justin? - perguntou seu amigo Fletcher Mayefield. Viu o brandy e pegou um par de copos de uma mesa próxima - Não acredito que Lynford se agrade.

Justin lançou um grunhido. Sentia o olhar de Fletcher sobre ele, mas ignorou.

- E então? - perguntou seu amigo, sentando-se - Quando o vi passar, pálido e com uma garrafa na mão, admito que senti curiosidade. Nunca o vi tão agitado desde aquela vez que seduziu duas atrizes da mesma companhia e as duas pediam seu sangue, ou eram seus testículos?

- Creio que queriam me castrar, - disse Justin, sorridente - mas consegui convencê-las a não fazer isso.

- E o que ocorreu esta noite? Tornaram a mudar de idéia?

- Vi um fantasma do passado. - suspirou Justin.

- Isso é tudo? - burlou Fletcher - Suponho que os encontra diariamente. O que tem esse de especial?

- Ela não é uma desses fantasmas. - disse Justin, aborrecido ante a idéia de que alguém incluísse a jovem e inocente Clare em sua lista de amantes.

Então compreendeu com horror que sua Clare já não era uma menina, era uma mulher e, como tal, presa de todos os outros patifes e sedutores que povoavam a sociedade de Londres. Olhou o amigo com suspeita.

- Conhece Clare Cummings? - perguntou.

Fletcher jogou a cabeça para trás, considerando a pergunta.

- Não. - disse por fim - Deveria conhecê-la?

- Não. - rebateu o outro com determinação.

Maldição! Agora ia começar a se preocupar com ela? Nada disso, não pensaria nela, iria a sua casa em Devon até que acabasse a temporada e assim não teria que saber o que tinha sido dela.

- O que ela faz aqui em Londres? - perguntou em voz alta - Eu pensava que ela já teria casado com algum idiota do povoado e teria dez filhos.

- Quem é essa mulher? - perguntou Fletcher.

- Clare Cummings. - repetiu Justin - Era uma menina que costumava ser minha amiga há alguns anos.

- E? - insistiu seu amigo.

- E depois cresceu. - replicou Justin.

- As meninas têm esse mal costume. - disse Fletcher.

Justin ignorou seu comentário e estendeu o copo para que ele voltasse a enchê-lo.

- Um dia fui para casa e já não era a mesma. - disse - Tinha crescido pelo menos dez centímetros e desenvolvido muitas curvas. Naturalmente, suspeitei que era muito grande para andar por aí atrás de mim, mas não fiz nada e logo tudo saiu das nossas mãos.

- Ah! - disse Fletcher em voz baixa.

Justin o olhou com suspeita.

- O pai dela soube e foi me ver cheio de fúria, gritando que eu tinha que deixar sua filha em paz.

Seu amigo sorriu.

- Tem sorte por ele não ter obrigado você a casar com ela.

Justin franziu o cenho.

- Fez o que pôde, mas eu me impus. Seria muito difícil não provar nada. - disse, remexendo-se incômodo em seu assento.

- Bom, não seria a primeira nem a última que só desejava seu nome e sua posição. - comentou Fletcher com secura.

- Ela não era assim. - murmurou Justin.

Fechou os olhos e recordou o rosto da jovem e seu olhar confiante, inocente e cheio de amor.

Provavelmente foi isso o que o assustara, ou provavelmente foi a intensidade do que ele sentia por ela ou talvez não fosse mais que um covarde que fugia sempre. Fosse qual fosse a razão, disse ao pai dela que não voltaria a vê-la. Não foi fácil, claro, mas, no final, cortou os laços que os uniam.

Suspirou, comovido pelas imagens do passado e engoliu em seco; a voz de seu amigo o devolveu ao presente.

- Partiu o coração dela. - murmurou Fletcher, dando de ombros - Não é tão grave. Já quebrou muitos outros.

- Sim, - assentiu Justin, com suavidade - mas essa foi a primeira vez que também parti o meu.

Capítulo 2

Fletcher ficou de pé.

- Preciso conhecer essa mulher. Está aqui esta noite? - perguntou.

- Não, não a conhecerá. - rebateu Justin, lançando um olhar de advertência ao amigo.

- Como? - perguntou o outro com ar inocente.

- Deixe-a em paz, Fletcher.

- Só quero vê-la. - disse, voltando a se sentar - Como ela é?

- Não tenho certeza. - replicou Justin, sombrio.

- Não tem certeza? - riu o outro.

- Faz anos que não a vejo. Como vou saber que aspecto ela tem agora?

Tentou reconciliar a imagem de seu pequeno duende, vestida com roupas de garoto e com o cabelo escuro recolhido para trás das orelhas, com a mulher elegante que vira na sala de jogo, mas foi impossível.

- Mais uma razão para averiguar. Não sente curiosidade? - Fletcher olhou o amigo com ar especulativo.

- Sim. Não. - Justin negou com a cabeça.

Morria de curiosidade em vê-la, mas não queria jamais voltar a confrontar aquele olhar. E Clare, com seu corpo bem feito, seus olhos enormes e sua boca sensual sempre tinha prometido se transformar em uma beleza. O que aconteceria se descobrisse que se tornou uma formosa mariposa? Então ele se preocuparia ainda mais por ela. A idéia de imaginá-la solta entre todos os patifes sedutores de Londres lhe dava calafrios. Sorveu um gole de seu copo.

- Vamos, Fletcher, pare com isso. É complicado.

- Como pode ser tão complicado? Saímos daqui, encontramos a garota e descobrimos o quanto mudou. E depois você me apresenta a ela. - sorriu.

Justin fez uma careta.

- Não acredita nem em você. - disse.

- Por que não?

- Porque não quer me ver; por isso. - murmurou - Ela acaba de me dar o corte mais direto que me deram em muitos anos. - explicou.

Seu amigo se pôs a rir.

- Justin, está muito mimado. As mulheres o adoram e não deixam de perseguir você. Tenho certeza que é o único homem que conheço que arranja as

coisas de forma a continuar sendo amigo de suas ex-amantes, com a possível exceção das atrizes mencionadas antes.

- Clare não foi minha amante. - redarguiu o jovem, zangado - Era uma menina, maldição, e ela não jamais me perseguiria.

- Por quê?

- Porque quando se negou a acreditar que eu era um bastardo inútil para quem nada importava, eu... - se interrompeu e levou o copo aos lábios.

- Você o quê?

- Não tive mais remédio que demonstrar.

Às onze da manhã, Justin ainda permanecia em seu quarto, quando a porta se abriu e Fletcher entrou. O mordomo, acostumado às aparições inoportunas do jovem, limitou-se a fechar a porta atrás dele com um suspiro.

- Maldição! São menos de doze. - grunhiu Justin, olhando com suspeita para o amigo - O que faz aqui?

Fletcher ignorou a pergunta e olhou para o mordomo de Justin, que se movia entre um amontoado de baús e malas.

- Vai a algum lugar?

- Sim. -disse Justin, dispensando o criado com um movimento da mão - Estamos fazendo a bagagem. Vou para Devon. Gostaria de vir?

- Não. E você tampouco.

- Fletcher, seja lá o que está planejando, não me inclua. Decidi visitar o campo e será uma longa estadia.

- Oh! - disse o outro com astúcia - Nesse caso, não se interessará em saber o que sua Clare...

- Ela não é minha Clare. - interrompeu Justin com ferocidade.

- Muito bem. - assentiu Fletcher - Nisso você tem razão. Segundo os rumores, essa preciosidade, e garanto que é uma preciosidade, está quase noiva de Richard Farnsworth.

Justin empalideceu à menção daquele nome.

- Está zombando de mim, claro. - disse com suavidade.

- Sinto muito, amigo, mas não é assim. Acaso eu inventaria algo assim?

- Sim. - replicou Justin.

Levantou uma mão para esfregar o pescoço. Orgulhava-se de nunca ter ressaca, mas sua cabeça começava a doer ao pensar em Clare e...

- Farnsworth? - repetiu - Por que justamente Farnsworth, com a porção de homens que há no mundo?

Fletcher se sentou em uma das poltronas Luis XVI espalhadas pelo aposento e colocou os pés sobre uma cadeira.

- Faz tempo que há rumores que ele procura esposa.

- E quem iria aceitá-lo? - perguntou Justin com um calafrio.

- Bom, admita. Nunca conseguiram provar nenhum escândalo contra ele. E para alguém que precise de dinheiro, como provavelmente seja o caso do pai de Clare...

- Você está falando sério, não é? - perguntou Justin, horrorizado. Ao ver o amigo assentir, deixou-se cair em uma cadeira - Santo Céu! Fui para Eton depois dele e as coisas que contavam a seu respeito... é uma espécie... de... - procurou em vão a palavra adequada.

- Libertino? - disse Fletcher - Eu também estive em Eton um ano depois que você, mas lá ainda se falava do modo em que ele estrangulava gatos e os deixava nas camas dos novatos. Só seu nome bastava para assustar a todos. E, ouço dizer, continua com seus costumes estranhos, embora tenha o bom senso de ser discreto. Sente inclinação por certo tipo de mulheres do Old Westminster...

- Basta.

Justin levantou as mãos, negando-se a ouvir algo mais. O coração pulsava com força e se deu conta, surpreso, de que estava assustado pela primeira vez na vida. A simples idéia de imaginar Clare com aquele maníaco bastava para assustá-lo.

- Basta. - disse, mais tranqüilo - Eu cuidarei disso. Onde ela está hospedada? - fez uma pausa e olhou seu amigo com ar acusador - Suponho que você investigou.

- É óbvio. - disse Fletcher com um sorriso - Está com uma tia dela, Eugenia Butterfield, uma irmã de sua falecida mãe, assim boa sorte.

Justin fez uma careta. Não sabia que Clare possuía parentes, e muito menos alguém com relações suficientes para introduzi-la na sociedade. Suspirou.

- Supus que você gostaria de saber. - sorriu seu amigo, ficando de pé.

- Muito obrigado. - replicou Justin, sarcástico.

Fletcher se pôs a rir.

- Alugaram uma casa em Carlisle Square. - disse, dispondo-se a sair - Você logo me contará o que diz a velha.

Quando a porta se fechou, Justin se inclinou para trás e suspirou. O coração batia de modo irregular. Tentou se tranqüilizar e pensou que ainda não havia por que ficar assustado. A solução era muito fácil; falaria com a tia, explicaria que Farnsworth não era precisamente o tipo de homem com o qual gostaria de casar a sua sobrinha e isso seria tudo. Logo iria para Devon como tinha planejado e esqueceria Clare Cummings.

Demorou a tarde inteira para encontrar uma mulher apropriada e convencê-la que o acompanhasse. Lady Berkeley, de idade e temperamento adequado para comover uma tia velha, consentiu enfim em fazer o favor, especialmente quando Justin disse a ela que Clare era amiga de Prudence, uma de suas netas.

- Bom, qualquer amiga de Prudence merece ser resgatada desse homem horrível. - disse Aurora - Houve muitos rumores sobre ele. É obvio, sempre há rumores sobre todo o mundo, mas esse sujeito me dá calafrios. - admitiu - Acredito que é algo em seus olhos.

Alta e bonita apesar da idade avançada, Aurora deu uns tapinhas no braço do jovem e subiu à carruagem.

- Ficarei encantada em dizer a essa dama a verdade respeito de Farnsworth. - disse. Fez uma pausa e se voltou para ele - A propósito, Justin. Trará seu amigo Fletcher Mayefield para minha soirée de sábado, verdade?

- A verdade é que não posso falar em seu nome. - disse Justin, acostumado a negar as petições que solicitavam a presença do amigo.

- Mas estou certa de que poderá convencê-lo. - urgiu Aurora - Você sabe que esse homem é um dos solteiros mais cobiçados de Londres e eu tenho várias netas que ainda não se comprometeram. Pense em quanto seria maravilhoso para mim que uma delas apanhasse Mayefield. - fez outra pausa e o olhou nos olhos - Naturalmente, já disse a todas que Farnsworth não é um solteiro desejável.

Sorriu com astúcia e Justin tentou conter uma careta ante aquela evidente mostra de chantagem.

- Farei o possível para convencê-lo. E asseguro que ele irá. - acrescentou, surgindo de novo em sua mente a viagem para Devon.

- Oh, sim, querido. E nós também adorariíamos que você viesse. Embora ninguém queira casar com você; sua reputação é terrível. - disse Aurora.

- Obrigado por seu voto de confiança. - disse Justin com secura.

A mulher pôs-se a rir e apertou o braço dele com força.

Clare não estava em casa. Justin, que não desejava vê-la, assegurou-se disso antes de ir. Enviaram um bilhete adiantado, de forma que a senhorita Butterfield os esperava e, a julgar por seu aspecto, Justin suspeitava que Fletcher não se enganara. A mulher parecia ter um cérebro de mosquito.

Depois das apresentações, o jovem suspirou e se dirigiu à janela, de onde ficou olhando a rua com as mãos à costas. Dessa posição conseguia escutar sem

tomar parte na conversação já que, em teoria, ele só fora lá como acompanhante de Lady Berkeley.

Não demorou em notar, entretanto, que seus cuidadosos planos foram diretos ao fracasso e teve que se esforçar para não perder o controle. Eugenia Butterfield não parecia absolutamente ter nenhum senso comum.

Negou-se a reconhecer os comentários sutis de Aurora referentes a Farnsworth. Parecia confusa, falava de outras coisas e ignorou em conjunto as insinuações referentes ao pretendente de sua sobrinha, até que Justin não pôde mais suportar.

- Maldição, senhorita Butterfield! - disse, voltando-se para ela - Lady Berkeley tenta dar um bom conselho. Acredite, eu não gostaria que sua sobrinha se casasse com o senhor Farnsworth. Eu poderia contar coisas desse homem que revolveriam seu estômago.

Aurora franziu o cenho ante aquela interferência, enquanto a senhorita Butterfield o encarava com olhos entreabertos.

- Histórias e boatos. - disse - O senhor Farnsworth se conduziu como um perfeito cavalheiro com minha sobrinha e comigo. E, se me permite que eu diga, senhor, sua reputação é muito pior que a dele.

Justin sentiu vontade de estrangulá-la.

- Minha reputação, seja qual for, não tem nada a ver com isso. - replicou - Eu não sou o pretendente de sua sobrinha. Acredito que todos queremos o melhor para a Cla... para a senhorita Cummings e ninguém quer que ela sofra porque alguém próximo a ela tomou uma decisão sem se informar o suficiente.

A mulher pareceu tão surpreendida por suas palavras, que Justin se perguntou se ela não era estrangeira e sentia dificuldade em compreender o inglês. Fez menção falar novamente, mas a mulher meneou a cabeça e se voltou para Aurora.

- Agradeço seu interesse, Lady Berkeley e o prazer de sua visita, mas o pai de minha sobrinha já tomou uma decisão. Creio que os proclamas serão publicados um desses dias.

Justin sentiu como se alguém acabasse de dar um chute em seu estômago. Esforçou-se em recuperar o controle, consciente que Aurora não o perdia de vista. No fim obrigou-se a falar.

- Muito bem. - disse, com suavidade - Sinto tê-la incomodado, senhorita Butterfield. Lady Berkeley?

Viu que Aurora o olhava preocupada enquanto se despedia da tia de Clare e sentiu o gentil aperto dos dedos dela em seu braço quando saíram para o carro. Incapaz de falar, ignorou ambas as coisas.

- Justin, meu filho, você está bem?

- Sim. - respondeu, embora o sangue lhe fervesse nas veias.

Não sabia a quem desejava mais estrangular, se Farnsworth, a tia de cérebro de mosquito ou a própria Clare. E, já que planejava um massacre, decidiu incluir Fletcher por tê-lo envolvido naquela história. Em vez de se embriagar tranquilamente em Devon, estava metido até o pescoço nos planos de casamento de Clare Cummings. A ironia da situação não lhe pareceu nada divertida.

- Sinto muito. - murmurou Aurora, com suavidade - Não desejo que nenhuma garota decente se case com Farnsworth, mas provavelmente ele não seja tão mau como dizem os falatórios.

- É pior. - disse Justin com os lábios apertados.

Imaginou Clare nas mãos de Farnsworth e esqueceu imediatamente sua irritação por se ver imiscuído nos assuntos dela. Em sua mente continuava vendo Clare como um duende de olhos limpos cor avelã, cabelo escuro como a noite e pele perfeita.

Sem pensar no que fazia, levou a mão ao pescoço e tocou com ar ausente a corrente de ouro. A pequena Clare, que albergava em sua imaginação um mundo povoado de dragões e encantamentos, seria violada por um homem como Farnsworth.

- Justin? - disse Lady Berkeley - Não acontecerá nada a ela.

O jovem assentiu. Estava de acordo. Não aconteceria nada porque ela não se casaria com Farnsworth, embora para evitar isso ele tivesse que cavalgar até Yorkshire e estrangular o pai dela com as próprias mãos.

Quando o campo começou a se tornar familiar, Justin começou a ter sérias dúvidas sobre seus atos. Levava um par de garrafas nos alforjes e decidiu que, quando tivesse terminado aquele assunto, abriria uma e a esvaziaria antes de chegar ao Red Lion em Rillford.

Passou pela mansão Worth sem lançar sequer um olhar. Havia outros fantasmas, além de Clare, e ela era a única razão pela qual havia retornado. Foi diretamente à propriedade do cavaleiro e se deteve para olhar pela primeira vez a casa de Clare. O edifício, de tijolo vermelho, era bastante modesto e, pela atividade que havia nele, não havia dúvida de que se tratava de uma fazenda de tarefas domésticas.

Antes de sua última confrontação, falou com o pai de Clare em apenas uma ocasião, quando o homem foi ver sua casa e insistiu para que limpasse sua propriedade, como se fosse uma mancha na vizinhança. Em consideração a Clare, Justin não riu em sua cara. Lembrava-se dele como um homem robusto, mas bem rústico e mais preocupado pela caça que pela educação de sua filha.

A memória não o enganava, porque o cavaleiro Cummings estava ainda mais gordo e tinha o rosto mais vermelho que da última vez que o vira.

- Marquês. - disse a contragosto, inclinando a cabeça para saudá-lo.

Tinha os lábios apertados e Justin compreendeu que a tarefa que o esperava não seria fácil.

Quando o cavaleiro voltou a falar, fez tantas perguntas sobre sua viagem de Londres, que o jovem esteve prestes a gritar de impaciência.

Por fim o introduziram no estúdio de Cummings, uma saleta pequena e desordenada, cheia de rifles, papéis, mapas e equipamento de pesca.

O dono da casa lhe indicou uma poltrona, sentou-se em outra e o encarou.

- Bom, aqui estamos, senhor. - encheu um cachimbo de tabaco - Fiquei surpreso em receber sua nota. Não vou dizer que estou contente em recebê-lo, mas se pensa começar a trabalhar para melhorar sua casa, pode contar com meu apoio. Dá pena vê-la.

Justin desistiu de assinalar que sua casa estava a pelo menos a três milhas de distância e oculta em um vale, e sorriu com ar amistoso.

- Sinto que minha mensagem o tenha confundido, mas vim por outro motivo.

- Hã? - Cummings não pareceu contente de ouvir aquilo.

O jovem olhou fascinado aquele ventre redondo, o cabelo loiro e os lábios gordos e decidiu que Clare devia se parecer com a mãe.

- Não. vim por outro motivo. Veja, por acaso conheço uma amiga de sua filha.

- Clare? - perguntou seu anfitrião, surpreso.

Justin assentiu e sorriu com ar tranqüilizador. Depois do que ocorrera anteriormente entre eles, compreendia bem o pânico daquele homem. Ver-se associada a ele bastava para destroçar a reputação de uma jovem, então se apressou em se distanciar de Clare, enfatizando sua relação com a amiga.

- Sim. E prometi a Prudence e a sua avó, Lady Berkeley, que viria falar com o senhor a respeito do senhor Farnsworth, o pretendente de sua filha.

O cavaleiro mantinha o olhar fixo nele, mas o jovem prosseguiu com calma.

- Sei por experiência que a vida no campo pode ser um pouco isolada e os habitantes da cidade sabem de coisas que não poderiam saber no campo. Para ser franco, senhor Cummings, o senhor Farnsworth não é o homem que você desejaria para sua filha. Tem fama de se comportar de um modo estranho e cruel.

O cavaleiro começava a ficar avermelhado. Parecia a ponto de explodir. Bateu o cachimbo com força contra a mesa.

- Como você se atreve a vir aqui e insultar um homem que pediu minha filha em matrimônio?

- Mas senhor... - começou a dizer o jovem com suavidade.

- Patife! Com uma reputação como a sua ainda se atreve a vir aqui me dar lições?

Justin ficou furioso. Certo que ele não se preocupava muito por sua filha, mas não estava acostumado que um camponês lhe falasse naquele tom.

- Sim, eu me atrevo, - rebateu - porque há gente que se preocupa com sua filha. Você não sabe do que esse homem é capaz. Para falar a verdade, eu tampouco sei do que é capaz. Possivelmente minha sórdida reputação me permita compreender melhor a de outra pessoa, não sei, mas vim avisar o senhor porque sei que quer o melhor para sua filha.

- Eu disse a você que não se aproximasse dela. - gritou Cummings.

- E não me aproximei. Pode acreditar que não tenho nenhum desejo de me aproximar de sua filha ou de você. - disse Justin - Mas, como não havia ninguém mais que pudesse avisar, acreditei ser meu dever...

- Seu dever? Você não conhece o significado dessa palavra, canalha. Saia de minha casa e não volte nunca mais. O que eu fizer por minha filha é assunto meu.

- Nesse caso, preocupe-se em averiguar para que tipo de homem a está vendendo. - se levantou da cadeira, mais furioso do que jamais estivera na vida - Reconsidere, por favor.

- Não farei isso. - disse seu anfitrião, olhando para Justin com raiva - E não creio que isso seja de sua conta.

Justin o encarou. Os olhos daquele homem também eram de cor avelã, mas sem dúvida aquilo era o único que Clare tinha herdado de seu pai. O jovem sabia sem dúvida nenhuma que estava diante de um homem estúpido, ambicioso e de mente estreita.

- Eu farei que seja da minha conta. - disse com calma - Não sei o que Farnsworth prometeu, mas posso dizer que isso é uma miséria comparado com o que eu posso oferecer. - sorriu ao ver a mudança de expressão no rosto de seu interlocutor.

- O que você está dizendo, senhor? - perguntou o homem, substituindo o gesto de aborrecimento por um sorriso.

- Digo que posso oferecer uma boa soma, a consolidação de nossas propriedades adjacentes e um título para sua filha, se me concedê-la em matrimônio.

Justin retornou a Londres com as garrafas intactas. Sentia tanta pressa em voltar, que nem sequer se deteve para beber. Desejava que os proclamas fossem publicados imediatamente para que Farnsworth voltasse atrás e Clare estivesse a salvo. Tinha certeza que ela não seria feliz, mas ao menos estaria a salvo.

Disse a si mesmo que fazia isso pelo bem dela, mas era muito consciente que, embora em uma ocasião tenha se negado a casar com ela e se esforçado para destruir qualquer desejo que ela tivesse de casar com ele, naquele momento as circunstâncias o obrigavam a convencê-la que fizesse precisamente aquilo. Sentiu náuseas e agarrou a garrafa. Devolveu-a ao alforje e esfregou o pescoço.

Se Clare conseguisse compreender que mesmo um matrimônio vazio era muito melhor que uma vida com Farnsworth, tudo iria bem. Ela se zangaria, sim, mas assim que compreendesse que continuaria tendo sua liberdade e que ele não exigiria nada, se sentiria aliviada.

Viveriam como tantos outros casais de Londres, cada um por seu lado, independentes um do outro. Nem sequer ela teria que voltar a vê-lo depois da cerimônia, assim, que motivos podia ter para se queixar? Fechou os olhos ao pensar no olhar de Clare, em seus olhos cor avelã cheios de lágrimas, e se serviu da bebida.

Deixou-a de lado sem tocar na taça e tentou escrever um bilhete para a jovem. Depois de se esforçar sem êxito durante uma hora, limitou-se a enviar a carta que o pai dela entregara junto com uma mensagem na qual suplicava que permitisse que sua visita na primeira oportunidade para discutir aquela mudança de planos.

- Mudança de planos? - seu grito fez com que sua tia entrasse no salão tão depressa como sua idade permitia.

- O que houve, querida? - perguntou, olhando a sobrinha.

Clare amassou a nota e a atirou ao fogo.

- Nada, tia. - respirou fundo - Nada. Sinto por tê-la incomodado.

- Más notícias de seu pai? Está doente?

- O quê? Oh, não! Só perdeu o juízo.

- Como diz?

A pobre Eugenia parecia mais confusa que nunca e Clare se compadeceu dela.

- Oh, não é nada, de verdade. Sinto muito, tia. Passei a vida pensando que meu pai não tinha imaginação e agora... - estalou os dedos - Ao que parece, lhe ocorreu um plano para me casar com nosso vizinho.

Pôs-se a rir, embora soubesse que só conseguira confundir sua tia ainda mais; mas não pôde evitar. Tudo aquilo lhe parecia muito ridículo.

- Certo. - murmurou Eugenia - Espero que não se trate de um aldeão.

A jovem soltou uma gargalhada.

- Não, não. Não é um aldeão. - disse com suavidade. Sorriu com tristeza - É o marquês de Worthington.

- Não! Sério? - exclamou sua tia, deixando-se cair em uma poltrona.

- O que foi, tia? Está bem?

A mulher afirmou com a cabeça.

- Isso é terrível, Clare. Esse homem tem uma péssima reputação. Você não pode casar com ele.

A jovem se sentou ao lado dela e segurou-lhe uma mão com gentileza.

- Acredite, tia. Não tenho intenção de casar com Justin.

Se tivesse conseguido pronunciar seu nome sem vacilar, possivelmente conseguiria parecer indiferente. Mas não foi assim e Clare lutou em vão contra as lembranças.

Naquele dia, dois anos atrás, o rosto de seu pai estava vermelho e Clare se separou dele, temerosa, embora ele nunca tivesse levantado a mão contra ela. Nunca pareceu suficientemente interessado nela para se importar, mas naquele momento parecia furioso o bastante para golpeá-la. Clare decidiu que, se ele fizesse isso, fugiria de casa. Iria com Justin e não voltaria nunca mais.

- Acabo de falar com o marquês, - disse seu pai entre dentes - e você jamais voltará a vê-lo. Está ouvindo, Clare?

A jovem empalideceu. Como ele poderia saber? Balançou a cabeça, incapaz de acreditar que sua longa e secreta amizade fosse descoberta ao fim.

- Não negue, Clare. - advertiu seu pai - Vi você saindo da mansão, esse reduto depravação. Ele tocou você? Jurou que não, mas esse demônio não tem honra. Os St. John nunca souberam chegar a nada e ele é o pior de todos.

Clare desejava tapar os ouvidos para não escutar, mas seu pai a agarrou pelo queixo e a encarou com fúria.

- Responda. Ele tocou você?

A jovem desejava responder de modo afirmativo, mas se limitou a negar com a cabeça. Embora tivesse chegado a adorar a seu príncipe, ele a tratava com o afeto de um irmão mais velho e as únicas vezes em que a tocava era nos sonhos dela.

Cummings olhou para ela durante um longo momento e em seguida deixou cair a mão e suspirou.

- Bom, ao menos o agradeço por isso. Eu disse a ele que, se ele tivesse tocado você, voltaria a fim de matá-lo. - se deixou tombar em uma cadeira, já mais tranquilo - Esses parasitas nunca trabalharam em sua vida, mas acreditam que o dinheiro e um título lhes dá o direito de aterrorizar todo mundo.

Olhou sua filha.

- Você tem dezesseis anos, Clare, e não deve ficar a sós com um homem, em especial com um depravado como Worthington. Compreende? Se alguém visse você com ele, estaria acabada. Nenhum homem se casaria com você.

Aquelas palavras a surpreenderam. Como nunca pensara em outro homem a não ser Justin, o pensamento sobre casamento não lhe pareceu preocupante.

- Justin não é um depravado. - disse, reunindo, por fim, coragem suficiente para defendê-lo.

O cavaleiro fez uma careta.

- Não sujarei seus ouvidos com o que se conta dele, mas posso garantir que é um homem libertino e dissoluto.

- Isso não é verdade. - protestou ela - Justin é um bom amigo e um cavalheiro.

Seu pai olhou para ela com fúria.

- Um cavalheiro não fica a sós com juvenzinhas inocentes. Um homem decente que fosse surpreendido nessa situação se ofereceria para casar com a dama, que é o que o marquês deveria ter feito. Claro, esse demônio maléfico não quer saber nada disso. Negou-se a casar com você. Embora eu assegure que, se ele houvesse tocado em você, o obrigaria a isso mesmo que fosse sob a mira de um rifle.

Clare sentiu que tudo girava ao redor.

- Justin se negou a casar comigo? - conseguiu perguntar enfim.

- É óbvio. E não é a primeira vez que se nega a casar com uma jovem.

Clare apertou as mãos. Naturalmente, as exigências de seu pai o pegaram despreparado e não era um homem que gostasse que o obrigassem a fazer algo. Mesmo assim, sempre imaginara que algum dia se casaria com seu príncipe. Não era esse seu destino? Era assim que terminavam todos os contos de fadas: e viveram felizes para sempre.

- Já que ele se referiu a você como uma menina e me disse que você só esteve lá algumas vezes, não insisti. De qualquer forma, não seria fácil. - murmurou seu pai.

Clare ergueu o olhar, escandalizada pelas mentiras de Justin. Estivera no castelo muitas vezes nos dois últimos anos, mas provavelmente ele só quisesse salvar sua reputação.

- E já que ele jurou que não voltaria a vê-la nunca mais, - continuou seu pai - deixarei as coisas assim, embora eu continue pensando que esse homem precisa de uma boa lição.

A jovem sentiu que as palavras do pai caíam sobre ela como uma nuvem negra que bloqueava o sol. A negativa de Justin para casar com ela a magoava, mas isso não era nada comparado à idéia de que não voltar a vê-lo. Devia ser

um engano, uma mentira para aplacar seu pai, porque Justin não podia abandoná-la. Ou sim?

- O que houve, filha? - uma voz feminina interrompeu seus pensamentos.

- Creio que não me sinto bem. - respondeu Clare - Por que não saímos? O ar fresco me faria bem. Oh, maldita seja a cidade! Quero ir para casa.

- Vamos, vamos, querida. - murmurou sua tia, mais confusa que nunca - Um passeio nos fará bem. Podemos ir às compras e você certamente se sentirá melhor.

- Sim. Já me sinto melhor. Vamos sair. - a jovem ficou de pé, amassou a carta de seu pai e atirou-a ao fogo.

Seu pai podia escrever o que quisesse; ela jamais se casaria com Justin St. John. Quanto ao marquês, podia esperar para discutir aquela mudança de planos até o fim dos tempos.

Capítulo 3

- Senhor! Senhor!

Justin tentou ignorar a voz e rolou de lado, mas não pôde impedir que o puxassem pelo braço. Por fim abriu os olhos e viu Harris, seu mordomo, que se inclinava sobre ele.

- Que horas são? - grunhiu o jovem.

- São dez horas, senhor.

Justin lançou um gemido e fechou os olhos, mas Harris não partiu.

- O que houve? - perguntou por fim o jovem.

- Desculpe-me, senhor, mas uma jovem deseja vê-lo.

Justin abriu os olhos e olhou o mordomo. Nos anos em que o servia, Harris já tinha visto muitas coisas, de forma que a chegada de uma dama sem companhia às dez da manhã não o impressionava muito.

- Quem é? - perguntou seu amo.

- Diz que se chama Clare Cummings, senhor, e devo acrescentar que traz na mão o jornal da manhã e parece muito agitada.

- Maldição! - Justin se levantou, totalmente desperto - Deve ter visto o anúncio do nosso casamento. - saltou da cama.

Harris ficou de lado.

- Posso dizer a ela que o senhor descerá agora mesmo? - perguntou.

- Sim, sim. - disse Justin, impaciente.

- Ah, senhor?

- Sim?

- O senhor vai casar com ela?

O jovem sorriu com ar sombrio.

- Sim. Desta vez me casarei com ela.

Quando entrou no salão, ela estava de costas, o que o permitiu observá-la um momento. Não sabia bem o que esperar. Embora soubesse que Clare tinha dezoito anos, sempre que pensava nela, a imaginava como uma garota do campo, vestida com roupas de garoto.

Entretanto, um único olhar para suas costas bastou para que ele notasse que ela crescera tanto que já lhe chegava até o nariz em vez de até o peito. Respirou fundo e tentou se preparar para a visão de Clare como mulher adulta.

Mas de nada adiantou. Quando ela se voltou, o coração parou no peito devido à impressão.

A mulher que tinha diante de si não era uma menina nem um duende. Era uma beleza elegante e sedutora. Seus cachos escuros eram muito mais compridos e foram recolhidos sobre a cabeça em um coque intrincado e cobertos com um chapéu minúsculo e coquete. Pareciam tão espessos e sensuais que sentiu desejos de deixá-los cair sobre seus ombros, sobre aquelas curvas cor de nata que o vestido verde deixava descoberto. E isso não era o único que estava descoberto.

Justin baixou a vista até o decote do vestido e logo subiu sobressaltado. A pele de seu rosto era imaculada e os grandes olhos cor avelã continuavam os mesmos. Ou talvez não? Para falar a verdade, naquele momento brilhavam com um fogo que ele nunca vira em seu duende.

- O que acha que isto significa? - perguntou ela, aproximando-se dele com o Morning Post na mão.

Justin retrocedeu um passo involuntariamente.

- Clare? - perguntou.

A jovem ignorou a pergunta.

- Meu pai colocou você nisso? - perguntou.

O jovem mantinha o olhar fixo nela, sem reagir. Olhou um instante seu decote e depois, envergonhado, esforçou-se por levar os olhos a seu rosto.

- E então, Justin? - insistiu ela, furiosa - Por quê?

Ao ver que ele não respondia, golpeou-lhe no ombro com o periódico. O jovem agarrou seus braços para deter os golpes, mas foi um erro.

Ao tocar aquela pele nua, sentiu um desejo tão furioso, que foi um custo se controlar. Desejava abraçá-la, inclinar a cabeça dela e beijá-la. Ficou um momento de pé, agarrando-a pelos braços, lutando com seu desejo e em seguida soltou-a bruscamente.

- Fiz isso para salvar você de Farnsworth. - comentou.

Clare sentiu como se ele a tivesse esbofeteado. Não tinha certeza do que esperava. Imaginara que o anúncio do jornal era um engano e suspeitava que seu pai estaria por trás daquilo, possivelmente com a esperança de conseguir que dessa forma Farnsworth se apressasse em pedi-la.

Entretanto... compreendeu que em algum ponto de seu coração também esperara que seu príncipe enfim tivesse visto a luz. Que ao vê-la de novo algumas noites atrás, tivesse compreendido que era já mulher que desejava. A resposta dele destroçou em um instante seu mundo de fantasia.

- Então você pensa em se sacrificar no altar do casamento para me salvar? - perguntou com sarcasmo.

- Sim. Não, Clare. Não podia ficar quieto e deixar que você casasse com esse homem. É um canalha. Tentei raciocinar com seu pai, mas você o conhece. Não quis nem ouvir falar do assunto.

Fez uma careta, consciente de que suas explicações não eram muito inteligentes. O que Clare possuía que sempre o reduzia a um estado de idiotice?

- Poupe-me dos seus nobres intentos de martírio, Justin. - disse ela, com raiva. Atirou o periódico na cabeça dele, mas o jovem se agachou e o jornal caiu no chão.

- Clare! - Justin estava escandalizado pelo comportamento. O que acontecera com aquela menina etérea que nunca levantava a voz?

- Papai e você podem dizer o que quiseram, - disse ela, vermelha de fúria - mas nunca me casarei com você. - deu meia volta e saiu.

- Espere, Clare! - gritou Justin. Mas a jovem já saía pela porta.

Justin se apoiou contra a parede, com a sensação de que uma manada de cavalos acabava de passar por cima dele. Olhou Harris, que segurava a porta aberta com um sorriso quase imperceptível no rosto e meneou a cabeça. Ainda não chegou o dia em que ele saíria à rua perseguindo uma mulher.

- E então? - perguntou, fitando o mordomo - O que está esperando? Feche a maldita porta.

Voltou-se e entrou no estúdio. Não importava a hora. Precisava de um trago.

Clare chegou à carruagem sem chorar, mas, uma vez em seu interior, as lágrimas escorreram por seu rosto.

Justin! Por mais que se esforçasse, não conseguia se livrar dele; suas lembranças eram muito vívidas. E já não eram as lembranças agradáveis que a perseguiram, senão as memórias amargas de seu último encontro.

Embora seu pai tivesse ordenado que não voltasse jamais para castelo, Clare conseguiu escapar no dia seguinte. Temerosa de que Justin partira, tranqüilizou-se ao ver que ele ainda continuava ali. A suave coluna de fumaça que se elevava sobre o castelo indicava que havia uma chaminé acesa e o marquês estava em casa.

Seu príncipe ficou. Clare respirou fundo, feliz porque sabia que Justin não era como seu pai havia descrito. Era um homem maravilhoso e carinhoso, que não a abandonaria dissesse o que dissesse o cavaleiro.

Entrou pela porta de trás, como sempre, e gritou o nome dele. Na cozinha e no salão, só silêncio. Subiu ao andar de cima e o encontrou ali; estava na cama com sua criada.

Para falar a verdade, Amanda não era sua criada pessoal, mas trabalhava para eles na fazenda e o pai de Clare pagava salário. Era a mais jovem das filhas da viúva Green, uma moça bonita a quem o pai de Clare, que já deixara para trás os anos em que se interessava pelas moças da aldeia, nunca havia olhado duas vezes.

Pelo que parecia, Justin não estava tão cego, porque demonstrava estar contente em se deitar com ela e Amanda parecia contente também, até que viu Clare. Então gritou e se escondeu sob as mantas, envergonhada de sua nudez ou temerosa de que sua ama a reconhecesse.

Clare notou que Justin tinha bebido, porque podia sentir o aroma de álcool no ar. Desde dia em que o conhecera, não havia tornado a vê-lo bêbado, mas algo o mudara de modo irrevogável. A jovem percebeu aquela mudança e desejou afastar-se dele, mas não conseguia.

- Clare! - gritou Justin, da cama - Eu pensava que seu pai disse...

Não terminou a frase. Soltou uma imprecação e se levantou.

Quando saiu da cama, nu e musculoso, coberto apenas com uma manta ao redor da cintura, a jovem teve uma visão de seu príncipe que nunca vira. Sobressaltou-se e arregalou os olhos. Justin a agarrou pelo braço e a retirou do quarto.

- Vamos, senhorita. - disse - Este não é lugar para você. - uma vez fora, fechou a porta, cruzou os braços e a encarou - Há alguns dias tive uma conversa muito desagradável com seu pai e ele me fez jurar que não você voltaria aqui.

A jovem sentiu os olhos se encherem de lágrimas ante tanta frieza.

- Mas Justin, você sabe que eu jamais aceitaria isso. E não pode me dizer que você vai obedecer-lhe.

- Assim é. - ele replicou - Foi difícil escapar solteiro da confrontação e não tenho intenção de provocá-lo de novo.

Clare se afastou, atônita por suas palavras. Era como se o Justin que ela conhecia tivesse desaparecido para ser substituído por aquela criatura de olhos frios que lançava comentários ferinos e se enfiava na cama com mulheres desconhecidas. Engoliu em seco.

- Não me importa o que meu pai diz. Eu conheço você e sei que não é como ele diz. É uma boa pessoa. Sei que nunca me abandonará, Justin, porque somos amigos. - disse entre soluços.

- Basta, Clare. - disse ele, com voz tensa. Deu meia volta, respirou fundo e se voltou para ela uma vez mais - Somos amigos, sim, mas agora você cresceu. Seu pai disse o que pensava e o jogo terminou. Não deve vir aqui, Clare. - disse, com lentidão - Seu lugar não é a meu lado.

- Mas Justin...

- Você não vê? Meu Deus, menina! Só precisa olhar ao redor, para a casa, para a propriedade, para minha vida. Nada me importa.

- Não acredito. - disse ela, desafiante.

- Acredite. - urgiu ele, com suavidade - Nada me importa, Clare Cummings, e isso inclui você.

A jovem saiu correndo do castelo e de sua vida. Jurou que seria para sempre e cumprira sua promessa, até que leu o anúncio do Post segundo o qual ambos estavam comprometidos em matrimônio.

- Ele pensa em casar comigo. - contou para a tia, com desespero.

- Oh, isso é terrível, terrível. - murmurou Eugenia - Que escândalo! Eu não fazia idéia que ele procurava esposa, mas, como eu já disse a seu pai, não gosto muito dessas coisas.

Pegou o periódico ofensivo e se abanou com ele.

- Eu avisei, querida, que isso era demais para mim; a cidade e todas essas fofocas são muito confusas. Há muita gente e a gente nunca sabe quem é parente de quem. - fez uma pausa para tomar fôlego.

- Tia Eugenia. - disse a jovem - Não é culpa sua. Não tem nada a ver com a senhora.

A mulher ignorou as palavras da sobrinha.

- Mas eu deveria saber. E essa história sobre Farnsworth! Suponho que eu deveria saber também, mas Farnsworth, Farley, Farmington, há tanta gente, como seguir a pista de todos?

Clare a fitou um momento.

- Que história sobre Farnsworth?

Como não tinha intenção de casar com ninguém, nunca pensara muito naquele homem. Parecia bastante agradável, mas ela nunca o levara a sério.

- Oh! - sua tia bufou indignada - E pensar que ele teve a audácia de vir aqui me dar lições com uma reputação como a dele! Pode ser que eu não recorde os rumores sobre Farnsworth, mas conheço muito bem a fama do marquês. Todo mundo conhece.

- Que marquês? Justin?

- Worthington, é óbvio. Naturalmente, tive que recebê-lo, mas não...

- Do que está falando? - perguntou Clare, impaciente - Justin esteve aqui? Quando?

- Outro dia. - replicou Eugenia - Veio aqui e me disse que Farnsworth não convinha a você. Descarado!

A jovem, que cada vez menos compreendia a tia, decidiu mudar de tática.

- Pedirei o chá e depois esclareceremos esse assunto. - disse com calma.

Depois de chamar a criada, sentou-se ao lado da tia e procurou se mostrar paciente. Quando o chá foi servido, Eugenia pareceu mais tranqüila e Clare voltou à carga.

- Vamos, não quero que se altere, mas me conte o que Justin disse quando veio aqui.

- Justin? A verdade, querida, é que não é de bom tom chamar um homem por seu nome de batismo. Especialmente esse.

A jovem sorriu com doçura.

- Tem razão, tia. O que foi que ele disse?

- Bom, Lady Berkeley foi muito amável. Ela veio com ele. Creio que também tentava me prevenir contra Farnsworth. Eu estava um pouco confusa e ele estava todo o momento aí de pé, como um falcão.

Clare reprimiu um sorriso.

- Sim? - instigou-a.

- Lady Berkeley diz que você é amiga de sua neta, embora não tenha certeza de qual delas. Acredito que tem dúzias.

Clare ficou pensativa um momento e em seguida sorriu.

- Felicity, mas eu não a chamaria de amiga. Nós nos conhecemos outro dia.

- Bom, estou certa que todas são jovens encantadoras. Não tenho nada que reprovar em Lady Berkeley, mas esse homem. - fez uma careta - Ele se voltou e olhou para mim. Não sei por que tem que ser tão atraente e sedutor. Até tentou jogar em mim a culpa de seu compromisso com Farnsworth.

- Meu o quê? - perguntou a jovem.

- Bom, sei que não era oficial, mas seu pai me escreveu que estava tudo virtualmente arrumado, assim foi isso o que eu disse ao marquês. Pareceu que ia desmaiar e logo saiu correndo quase sem se despedir. É um homem estranho.
- declarou Eugenia - Oh, querida, e pensar que você vai casar com ele!

Clare se deixou cair contra as almofadas, confundida com a história, em especial com o pensamento que Justin parecia aborrecido por seu compromisso. Seu compromisso! Como seu pai se atrevia a prometer-lá a dois homens diferentes sem sequer perguntar sua opinião?

Suspirou e se levantou.

- O que foi que ele disse sobre Farnsworth? - perguntou à tia.

- Oh, boatos. - Eugenia moveu as mãos no ar - Histórias e boatos; não consigo lembrar nenhum.

- Justin contou histórias e boatos para você?

Sua tia olhou para ela perplexa, tentando cavoucar a memória.

- Ah, já lembro. - disse, orgulhosa - Ele disse que podia me contar histórias sobre Farnsworth que me revolveriam o estômago. Consegue imaginar? Como pôde usar uma linguagem assim comigo? Esse homem é impossível.

Estalou a língua com desgosto.

- Devo admitir, querida, - prosseguiu - que, quando seu pai me pediu que a apresentasse à sociedade com a esperança de encontrar um marido rico, eu não fazia idéia que você acabaria casando com o patife mais famoso de Londres. - fez uma pausa - Claro que ele tem uma enorme fortuna; isso sim é certo.

Clare já não escutava. Olhava pensativa pela sala e se perguntava o que poderia ter impulsionado Justin a se interessar em seu futuro depois de dizer claramente que nada lhe importava. Era difícil imaginá-lo visitando sua tia só para dizer coisas horríveis sobre Farnsworth. Embora por outro lado, não o chamara de patife naquela mesma manhã? Provavelmente ela mesma deveria investigar aqueles rumores.

Mas fossem aqueles boatos verdadeiros ou não, não se casaria com Justin. Mesmo assim, não sabia ainda como o evitaria se, tanto seu pai como ele, estavam empenhados em que ocorresse. Escutou a tia com ar ausente e tentou pensar em um modo de escapar.

- É evidente que sua riqueza e seu título não o ajudaram muito em procurar noiva e não me surpreende. - murmurou Eugenia - Nenhuma garota decente o aceitaria. Quer dizer, exceto você, claro, mas estou certa que ninguém pensará mal de você. - se apressou em acrescentar - Depois de tudo, uma moça tem o dever de fazer um casamento vantajoso.

Clare sorriu lentamente. Se nenhuma garota decente o aceitaria, por que ela o faria? Embora não pudesse evitar, podia espalhar por toda a cidade a notícia de que não estava contente com aquele compromisso. Provavelmente então Justin abandonasse aquele projeto ridículo.

Negou-se a vê-lo. Quando Justin bateu em sua porta, Clare pediu a seu criado que o despedisse. Retornava seus bilhetes sem abrir e devolvia suas flores e presentes com o mesmo mensageiro que os entregava. Já não se sentia culpada nem atormentada pelas lembranças. A vingança parecia doce.

Claro que sabia que não sangraria o coração dele com aquele desprezo. Mesmo assim, agradecia a oportunidade de irritá-lo de todos os modos possíveis e não tinha intenção de aceitar sua ridícula proposta. Supunha que, se continuasse a ignorá-lo, ele perderia o interesse e partiria para alguma de suas propriedades, onde podia se dedicar a deitar com criadas e beber até a morte.

Um de seus convites, o de acompanhá-lo a uma soirée na casa de Lady Bekerley, escapou de sua vigilância porque era dirigido a sua tia. Eugenia, obviamente, insistiu que era seu dever comparecer e Clare assentiu, com intenção de ficar doente no último momento. Mais tarde, entretanto, mudou de idéia e decidiu ir, mas só para colocá-lo em evidência durante a festa. Se ao final da noite restasse algum orgulho, a jovem tinha certeza que ele romperia o compromisso.

Enquanto se vestia para a soirée, recordou outra razão para ir. Queria perguntar a Felicity sobre os boatos em torno de Farnsworth. Não era demais estar informada sobre seu antigo pretendente, se por acaso decidisse reaparecer quando ela convencesse Justin que esquecesse o assunto.

Embora a verdade fosse que não esperava voltar a ter notícias dele. Suspeitava que o senhor Farnsworth estivesse tão zangado pela traição de seu pai, que perdeu todo o interesse nela. Se fosse mais consciente dos rumores que rodeavam aquele homem, talvez não o tivesse descartado com tanta facilidade.

Enquanto sua tia esperava, Clare se olhou no espelho com ar crítico e decidiu que estava bonita.

Talvez não fosse a estrela daquela temporada, na qual se destacavam as loiras delicadas, mas tampouco era feia. Provavelmente era muito alta, mas tinha as curvas necessárias. Usava seu melhor vestido, de cor violeta cujo decote e linha do pescoço acentuavam seus seios.

Afastou-se um pouco e franziu o cenho. Talvez estivesse bonita, mas o que importava? O libertino mais notório de Londres, que podia escolher entre as mulheres mais belas da cidade, não ia olhar duas vezes para ela.

Embora tenha decidido que não deixaria que isso lhe importasse, não pôde evitar dar um pulo ao ouvi-lo chegar. Quando Justin entrou na sala, muito atraente com uma jaqueta azul marinho, um colete de listras e calças que se adaptavam ao seu corpo como uma segunda pele, a jovem duvidou de seu plano. Era muito difícil ignorar alguém cuja visão tirava a respiração.

Justin e sua tia trocaram cumprimentos educados e logo ele se voltou para a jovem, observando-a fixamente.

- Clare. - disse com suavidade - Está muito bonita.

A jovem ignorou o elogio, que suspeitava ser pura cortesia, e o fitou com toda a frieza de que foi capaz.

- Vamos? - ela perguntou.

Justin, imperturbável com sua grosseria, sorriu com serenidade.

- Certamente.

A viagem na carruagem foi um desastre, com os três apertados em silêncio. Cortou todas as tentativas dele em estabelecer conversação e se negou a olhá-lo.

Eugenia, entretanto, pareceu enfim se compadecer de Justin e conversou sem parar durante os últimos minutos da viagem. Saltaram da carruagem e entraram na mansão Berkeley, onde Clare pretendia continuar ignorando seu acompanhante.

Não foi tão fácil como esperava, já que, quando os anunciaram, Justin a agarrou pelo braço. O contato de sua mão a sobressaltou e ela se soltou imediatamente.

- Não me toque. - murmurou, fitando-o.

Decidiu que não se importava com o que os presentes pensariam. Não tinha intenção de deixar aquela mão sobre seu cotovelo.

- Pelo amor de Deus, Clare! - sussurrou ele.

Difícilmente podia voltar a segurá-la pelo braço sem chamar ainda mais atenção, de forma que se limitou a caminhar a seu lado. A jovem notou que ele estava zangado, mas não se importou. Provavelmente estivesse zangado o bastante para anular tudo aquilo.

Não era assim, mas estava sim zangado o bastante para agarrá-la pelo braço de novo quando já não eram o centro de atenção e arrastá-la para um canto da sala.

- Justin St. John, solte-me agora mesmo!

Ao ver que ele não obedecia, olhou surpresa; ele nunca se comportara assim. Quem era aquele desconhecido de olhar de aço e sombrio sorriso? Certamente, não o Justin amigável e despreocupado que ela conhecera.

- Não soltarei até conversar com você. - replicou ele, com olhos cintilantes de fúria.

- Justin, se não me soltar, juro que começarei a gritar como uma louca agora mesmo.

Sua ameaça não pareceu alarmá-lo nem um pouco.

- Muito bem. Faça isso e estará acabada. - disse com desgosto - Se acredita que pode prejudicar ainda mais meu nome, pense duas vezes. - acrescentou com um sorriso frio - Isso é quase impossível.

Clare fez uma careta. Sentiu vontade de gritar de qualquer maneira, já que sua reputação não lhe importava tanto, mas limitou-se a encará-lo com fúria.

- Ótimo. -disse ele. E levou-a para o exterior.

O aroma das rosas os envolveu assim que entraram no jardim dos Berkeley. Seguiram um caminho de flores que conduzia a um lugar onde havia um banco de pedra iluminado apenas pela luz de uma lanterna.

- Solte-me! - ela repetiu.

- Não soltarei até termos conversado. E deixe de agir desse modo. Você procurou isso ao se negar a me ver, ao devolver meus bilhetes e todas as outras

tolices. Agora eu gostaria que me dissesse por que todo mundo fala do quanto você se sente desgraçada com este compromisso. - disse com seriedade.

- Provavelmente porque sou desgraçada. - murmurou ela - Não tenho intenção de casar com você, Justin.

- Clare! - o jovem, exasperado, suspirou e esfregou a nuca - As pessoas comentam de qualquer maneira. Não jogue mais lenha na fogueira. Pense em sua própria reputação.

- Não me importa o que dizem as pessoas. - murmurou ela.

- Clare. - suspirou ele - Casar comigo não pode ser tão ruim como você imagina. Terá um título, posição e riqueza. Poderá viajar, comprar o que quiser, escolher a propriedade que mais gostar ou viver onde quiser. Nem sequer precisará me ver. Só peço que aceite meu nome para sua proteção.

Aquelas palavras atingiram-na como uma bofetada, um insulto superior a tudo que jamais tivesse antecipado. Então era isso o que propunha: queria obrigá-la a viver uma união sem amor. Clare o repugnava tanto que nem sequer queria parar e considerar uma união verdadeira com ela, uma vida juntos?

- Desgraçado! - gritou - Eu não quero sua proteção.

Bateu no peito dele com o punho. Justin agarrou-lhe a mão e disse em voz baixa:

- Não torne isso mais difícil do que já é.

A jovem lutou em reprimir as lágrimas e ergueu a cabeça.

- Eu tenho uma sugestão. Se parece tão difícil, por que não rompe o compromisso?

- Não posso, Clare.

- Não se faça de herói comigo.

- Já sei que não parece normal em mim, mas não me negue a única inclinação boa que já tive. - replicou ele, com amargura.

- Eu nego. - ela murmurou - Mas se essa inclinação é tão forte, torne-se missionário ou se enfie em um monastério. Embora eu suponha que seja tarde demais para isso. - acrescentou com sarcasmo - Ou você pode se dedicar a usar sua filantropia com qualquer outra pessoa.

Suas palavras provocaram uma reação, mas não a que ela esperava. Em vez de sair correndo furioso, Justin segurou o outro braço e a estreitou contra si.

Clare levantou a cabeça, sobressaltada, e viu um olhar selvagem nos olhos dele. Percebeu que o deixara furioso, mas, antes que pudesse imaginar quais seriam as conseqüências, o jovem inclinou a cabeça e a beijou na boca.

Abraçava-a com tanta força que Clare mal podia respirar e os lábios dele eram duros e bruscos, em conjunto, não o que ela imaginara para seu primeiro beijo. Mas então ele afrouxou o abraço e seus lábios a beijaram com suavidade, brincando primeiro com o lábio superior e depois com o inferior.

Justamente quando ela acabava de decidir que aquela era a sensação mais maravilhosa que já experimentou, a língua de Justin entrou em sua boca e uma sensação desconhecida se apoderou de si.

Freqüentemente sonhara que o beijava, mas seus sonhos não tinham comparação com a realidade. Ouviu que Justin fazia um ruído estranho com a garganta e em seguida a soltou com tanta brutalidade, que ela quase caiu. Deu um passo para trás, agradecida de encontrar o apoio de um banco de mármore contra suas pernas.

A fria brisa da tarde apagou o contato dele e ajudou a recuperar o senso comum. A excitação que conheceu em seus braços foi substituída por uma suspeita.

- Se você pensa que seus beijos me farão mudar de idéia, é mais arrogante do que imaginei. - disse, com todo o desprezo que foi capaz - Deixe, Justin, porque asseguro que sou imune aos seus encantos.

O jovem não respondeu; deu meia volta e partiu, uma reação que Clare agradeceu imediatamente. Assim que ficou sozinha, sentou no banco e levou uma mão aos lábios trêmulos.

Capítulo 4

Clare respirou fundo várias vezes e tentou esquecer a sensação dos lábios de Justin contra os seus. Certo que não esperava muito dele, mas nunca teria adivinhado que tentaria seduzi-la com o único propósito de obter sua mão. Embora, considerando sua reputação, deveria ter imaginado, mas seu empenho em casar com ela continuava sendo um mistério.

Não por Farnsworth, certamente. Não acreditava nem por um momento que aquele desejo tão estranho se devesse a sua preocupação por ela. Para falar a verdade, a simples idéia lhe dava vontade de rir.

Mas fossem quais fossem suas razões, Justin deixou claro que seus esforços em envergonhá-lo ou ignorá-lo não o fariam mudar de idéia. Aquilo era decepcionante, mas suportava o alívio de saber que já não precisava agüentar aquela estúpida soirée nem dar ocasião que algum novo engano a provasse. Avançou em direção à casa, decidida a partir imediatamente, enquanto ainda restava um pouco de dignidade. Foi em busca da tia.

Entretanto, antes que pudesse encontrar Eugenia, viu-se interceptada por Lady Crawley, a quem só conhecia ligeiramente. A mulher, uma jovem viúva, aproveitou a oportunidade para comentar a respeito de seu compromisso.

- Oh, querida! Quando me disseram, não pude acreditar. Worthington e você! - exclamou, abanando-se languidamente - Um casal muito estranho, não?

- É preciso obedecer aos desejos da família. - replicou Clare, tensa.

- Oh, compreendo. Não está precisamente impaciente para passar uma noite nos braços dele, não é? Fico feliz por você. Temo que as mulheres de agora estejam dispostas demais em entrar na cama de Worthington. Claro, as habilidades dele nesse campo são lendárias, não?

Clare ruborizou intensamente, mas isso só conseguiu dar mais fôlego a Lady Crawley.

- Mas se ver obrigada a casar com ele é algo muito diferente, não? - prosseguiu - É terrível, uma jovem inocente como você, jogada em um mundo de depravação!

- Eu não chamaria Justin de depravado. - disse Clare, olhando ao redor em busca de uma desculpa para se afastar daquela mulher.

- Não? - perguntou a viúva - Nesse caso, suponho que é porque você aprova suas atividades. - inclinou-se para Clare - Orgias alcoólicas em um velho castelo. É verdade?

A jovem, um pouco sobressaltada por aquelas palavras, olhou Lady Crawley com os olhos arregalados. Notou que a outra zombava dela e encarou-a com raiva.

- Orgias alcoólicas? A verdade, Lady Crawley, é que parece saber tão bem a respeito, que qualquer um pensaria que tem experiência no assunto.

A outra mulher deixou de sorrir.

- Mas, como tenho certeza que é você uma das poucas mulheres a quem Justin não se dignou a perseguir, é pouco provável que saiba, não? - perguntou Clare, divertida pela fúria que lia no rosto de sua interlocutora - No futuro, por favor, guarde suas fofocas para alguém a quem interessem. Justin é perfeito para mim tal como é.

Deixou a mulher em ira silenciosa e se afastou serenamente. Não tinha cruzado a metade do salão quando percebeu o que acabara de fazer. Em vez de parecer desgraçada, dissera a uma das fofoqueiras mais maliciosas da cidade que estava encantada em casar com Justin.

Sentiu vontade de bater a cabeça contra a parede e provavelmente faria isso se Lady Berkeley não se aproximasse dela naquele momento. Segurou-lhe as mãos em uma saudação amistosa que a impedia de escapar e sorriu.

- Parabéns por seu compromisso. - disse.

- Não foi minha decisão, senhora. - replicou Clare, disposta a não confundir ainda mais as coisas.

Lady Berkeley, que era quase tão alta como Clare e estava muito elegante com um vestido bordô combinando com um colar de rubis, assentiu com ar entendido.

- É a reputação dele, não é? Não pense nisso, minha filha. Não conhece o velho ditado que diz que os cafajestes convertidos são os melhores maridos entre todos?

A jovem não estava disposta a se deixar consolar.

- Ele não quer mudar. - protestou - Nem sequer quer ser meu marido. - acrescentou sem pensar.

- Tolices, filhinha. - Lady Berkeley deu uma leve batida na mão de Clare - Não há nada que Justin mais deseje na vida.

Seus olhos cinzentos brilhavam com tal segurança, que Clare se sentiu tentada a acreditar nela. Abriu a boca para interrogar mais sua anfitriã, mas a senhora chamou com a mão uma jovem de cachos loiros.

- Prudence! O bufê já foi servido? - a garota negou com a cabeça e Lady Berkeley suspirou - Esta casa vai de mau a pior desde que a senhora Fields partiu. Prudence, aqui está sua amiga, Clare. Por que vocês duas não conversam enquanto eu me ocupo da comida?

E partiu antes que uma delas pudesse dizer algo.

Prudence, outra das netas de Lady Berkeley, aceitou de bom grado a confusão de identidades. Parecia que estava acostumada que a confundissem com suas irmãs. Mostrou-se amigável e insistiu em ajudá-la a procurar Eugenia. Assim ambas se afastaram juntas por entre a multidão.

Viram-se atrasadas pela chegada de Fletcher Mayefield, um solteiro muito cobiçado com o qual Prudence tinha ilusões. Assim que o viu, não deixou de falar sobre sua aparência, sua casa e seu dinheiro, nada que tenha impressionado Clare minimamente. Quando ele se aproximou delas, Clare não prestou muita atenção; sua única preocupação era que Prudence desmaiasse e esperava que, nesse caso, o senhor Mayefield estivesse disposto a ampará-la em seus braços.

- Senhorita Shaw. - sorriu ele.

Clare fitou o homem alto e loiro e se perguntou o porquê de tanto alvoroço. O rapaz possuía um ar de dissipação que não a agradava, mas que notara em muitos homens de Londres, inclusive Justin. Suspeitava que uma boa dose de ar fresco e um pouco de exercício não seria mau à maioria daqueles jovens da cidade.

O senhor Mayefield inclinou a cabeça e olhou Prudence como se ela fosse a única mulher no salão, mas, apesar de suas maneiras encantadoras, parecia um pouco indiferente. Clare o observou melhor e se deu conta que o sorriso não chegava aos olhos dele; até que se voltou para ela e então seus olhos brilharam de interesse.

Eram de cor verde esmeralda e Clare não pôde fazer nada além de manter o olhar fixo neles. Sorriu a seguir, rendida, e teve que admitir que nem mesmo ela se sentia totalmente indiferente a sua presença.

- Senhorita Cummings. - disse ele, inclinando-se sobre sua mão - Perdoe meu atrevimento, mas, embora não fomos apresentados, tenho a impressão de conhecê-la. Sou amigo de seu futuro esposo. - fez uma pausa e se surpreendeu ao ver que ela o fitava sem compreender - Worthington. - acrescentou.

Clare olhou para Mayefield e sorriu.

- Sim, claro. Onde ele está? - perguntou.

- Oh, está por aí. - murmurou Fletcher - O sem-vergonha me disse que você não viria. É típico dele tentar guardar uma mulher tão linda apenas para si.

Clare sorriu nervosa ante aquele elogio. Não dominava a arte da galanteria e o flerte que tanto se praticava na cidade e o fato de saber que Justin falava dela com seus amigos a deixou nervosa. Sentiu que aquele pedido de casamento começava a se fechar em torno dela como uma corda.

O senhor Mayefield se voltou para Prudence com um sorriso de desculpas.

- Você me perdoará se eu a roubar um momento, não? Desejo conhecer a mulher que conquistou Justin.

Estendeu o braço e Clare, que não queria suas atenções, olhou para ele sobressaltada. Viu também a decepção que Prudence tentava ocultar e tentou salvar a situação.

- Temo que sou eu quem deve deixá-los. - disse - Por que os dois não conversam um pouco? Eu tenho que partir.

Embora sua nova amiga lhe dedicasse um sorriso de agradecimento, o senhor Mayefield não pareceu tão contente. Arqueou as sobrancelhas com irritação e Clare reprimiu um sorriso. Aquele homem não gostaria de voltar a vê-la, mas isso não importava; não tinha intenção de freqüentar os círculos de Justin.

Deixou-os juntos, rezando em silêncio para que aquele jovem tivesse a amabilidade de acompanhar Prudence um momento, fossem quais fossem seus sentimentos. Embora tivesse planejado sair dali, seu encontro com Prudence a fez recordar que desejava falar com Felicity sobre o senhor Farnsworth.

Decidiu se arriscar a entrar no salão de jogos com a esperança de encontrá-la, mas não caminhara sequer três passos quando um criado se aproximou dela.

- Com licença. Senhorita Cummings? Sua tia me pediu para buscá-la.

- O que houve? - perguntou Clare - Ela está doente?

- Não sei, senhorita, mas ela quer que eu a acompanhe diretamente à carruagem.

- Oh, sim! Suponho que deve ser uma de suas enxaquecas.

As enxaquecas de Eugenia, embora pouco freqüentes, costumavam ser muito fortes e, quando ocorriam, ela gostava que a sobrinha esfregasse suas têmporas com água de lavanda. Clare seguiu o homem até fora, onde outro criado foi ao encontro deles.

- A senhorita Butterfield partiu na frente. - disse o segundo homem - Ela disse que eu acompanhasse a senhorita de volta para casa, senhorita.

- Muito bem. - Clare se voltou para o outro criado - Por favor, diga a Lorde Worthington que partimos. - pediu.

Deixou que o criado a ajudasse a subir na carruagem e se reclinou contra o assento, suspirando pela impaciência de sua tia.

Clare não conheceu Eugenia até completar dezoito anos e o cavaleiro olhar para ela e anunciar que se tornou uma mulher formosa. Em seguida acrescentou que seu dever era procurar fortuna em Londres, se conseguisse pensar um modo de apresentá-la à sociedade.

A solução foi tia Eugenia, que, embora não tivesse muito peso na sociedade, convenceram-na para que cumprisse seu dever para com a sobrinha. Clare foi enviada à cidade com dinheiro para comprar roupas elegantes e com instruções do pai de se comportar como uma senhorita educada. De repente se viu jogada na temporada de Londres, freqüentando festas durante as noites e

passeando ou fazendo visitas durante as tardes. Seu entusiasmo inicial esmoreceu assim que viu os monumentos importantes de Londres e sua vida se tornou uma rotina tediosa. Os bailes costumavam ser muito concorridos e não demorou a compreender que, na qualidade de filha de um cavaleiro rural bem mais pobre, tinha pouco a oferecer em um mercado cheio a transbordar de belezas com título, dinheiro e contatos.

E então, justamente quando começava a se deixar levar pelo aborrecimento, Justin apareceu e virou seu mundo de ponta-cabeça. Não tinha intenção de reatar sua relação com ele e sabia, através dele, que ele não se importava com nada. E era isso tornava aquele compromisso tão ridículo.

Quais as intenções dele? Não sabia. Olhou pela janela da carruagem e viu que viajavam bastante rápido. Embora estivesse imersa em seus pensamentos, sabia que o veículo já deveria ter chegado a sua casa. Teria o cocheiro escutado o endereço errado, ou teria sido vítima de algum criminoso da cidade?

Fora seqüestrada? Imaginou imediatamente que a venderiam para algum potentado oriental. Ou possivelmente seu destino fosse um bordel de Londres ou uma prisão suja onde ocorriam coisas terríveis. Não conhecia os detalhes exatamente, mas segundo as advertências das mulheres do campo, jovens que se afastavam de casa estavam melhor mortas.

Em Yorkshire, onde podia montar e atirar tão bem quanto um homem, nunca prestara muita atenção a tais histórias, mas em Londres, uma cidade cheia de crime e depravação, deixavam-na nervosa.

Disse-se a si mesma que devia se tranquilizar e examinar a situação antes de chegar a alguma conclusão. Respirou fundo, ergueu-se e bateu no teto com decisão. Não houve resposta. Pensou que provavelmente o cocheiro não teria ouvido e bateu com mais força. Ainda sem receber resposta, apareceu na janelinha. Com um sobressalto, compreendeu que saíram de Londres.

- Pare agora mesmo esta carruagem! - gritou.

Bateu no teto com a mão e gritou até ficar rouca. Se o cocheiro ouviu, não demonstrou. O veículo não só não se deteve, como viajou ainda mais depressa.

Clare se deixou tombar no assento com as mãos trêmulas. Claro, podia tentar pular, mas, se tivesse a sorte de escapar ilesa, seus raptos voltariam a agarrá-la facilmente. Jogou a cabeça para trás e suspirou. Não tinha um rifle nem nenhum outro tipo de arma com que se defender. Sua única esperança consistia em sair correndo assim que o carro diminuísse a velocidade e desaparecer na escuridão antes que pudessem encontrá-la.

Clare despertou com lentidão; a carruagem deixara de se mover e o sol lhe esquentava uma das bochechas. Abriu os olhos e despertou completamente. Dormira a noite inteira!

Amaldiçoou-se pela falta de atenção e olhou pela janelinha. Viu uma estalagem pequena e rústica e ouviu vozes. O veículo deu uma sacudida brusca e compreendeu que deviam estar trocando de cavalos.

Era manhã, o que significava que Londres estava muito longe. Mas, pelo menos, estavam em alguma parte. Uma estalagem significava gente, possivelmente pessoas que pudessem ajudá-la a voltar à cidade, de forma que abriu a porta com toda a suavidade que foi capaz e fez menção de descer. Assim que seu pé tocou o chão, um homem baixo e robusto se colocou diante dela.

Antes que pudesse abrir a boca, o homem depositou uma cesta em suas mãos. Clare olhou sem compreender o guardanapo de cores brilhantes e o pão-doce recém-fabricado. Irritada ao descobrir que tinha fome apesar da situação, ignorou os ruídos de seu estômago vazio.

- Exijo que se afaste daqui agora mesmo. - disse, devolvendo a cesta.

- Sinto muito, senhorita, mas tenho ordens de levá-la a Gretna Green.

- Gretna Green? - perguntou Clare, atônita, certa de ter ouvido errado.

- Sim, senhorita. - sorriu ele.

Gretna Green, do outro lado da fronteira com a Escócia, era famosa porque ali era onde iam casar, de modo rápido e legal, os casais que não tinham permissão paterna para isso. Algumas herdeiras às vezes se viam forçadas ou seduzidas para casar daquele modo, mas Clare não conseguia imaginar por que alguém ia querer levá-la ali.

Devia ter se enganado de carruagem e tudo por culpa de sua tia. Certamente Eugenia, tão confusa como sempre, equivocou-se de veículo e tinham confundido Clare com a noiva. Mas onde estava o noivo?

- Houve um engano. - disse - Esta não é minha carruagem e eu não vou para Gretna Green. Sugiro que saiam do meu caminho antes que eu chame as autoridades.

Tentou sair do carro, mas o homem não permitiu. Clare decidiu experimentar outra tática e gritou com todas as suas forças.

A mão do homem apertou-lhe a boca com força, contendo seu grito. Agarrou-a e depositou-a no veículo como se fosse tão leve como uma pluma.

- Já vamos, senhorita. - disse, fechando a porta.

A carruagem prosseguiu e Clare se jogou contra a porta, tentando abri-la em vão. Apareceu na janela e pediu socorro, mas os cavalos se afastavam a grande velocidade. A jovem se apoiou contra o assento, cheia de frustração.

Gretna Green! Sorriu ao imaginar o olhar de surpresa do noivo quando descobrisse uma mulher desconhecida no lugar da noiva. Sofreria uma decepção, mas pelo menos ela poderia voltar para Londres. Infelizmente, teria que explicar como passara uma noite inteira sem companhia, o que, embora não fosse culpa dela, poderia arruinar sua reputação.

Suspirou. De qualquer forma, era melhor que ser vendida no tráfico de escravas brancas. Entretanto, não estava totalmente tranqüila. Preocupava-se pela ausência do noivo. E que espécie de noivo contratava homens como aquele para levar a noiva?

Desprezou aqueles pensamentos. Depois de tudo, não podiam assassiná-la a sangue frio e, embora a deixassem jogada na estrada, seria melhor que ser seqüestrada. Olhou a cesta que o homem enfiou no carro com ela e o aroma do café da manhã lhe abriu de novo o apetite. Ao menos se preocupavam em alimentá-la.

Já havia comido a metade de um pão doce quando pensou na tia. Eugenia estaria histérica! Imaginou-a caída na cama, esperando que ela chegasse para lhe esfregar as têmporas com lavanda e em seguida adormecesse. Lançou um gemido ao notar que era possível que ninguém notasse seu desaparecimento até que sua tia se levantasse pela manhã.

Justin! Certamente ele perceberia. Clare desprezou a idéia assim lhe ocorreria. Abandonara o marquês em uma soirée, onde certamente teria bebido, jogado e flertado até altas horas. Pensaria que sua súbita fuga não era mais que uma outra amostra do desprezo que sentia por ele.

Uma estranha tristeza a invadiu ao pensar nele, quase como se desejasse ter sido mais amável em seus últimos encontros. Suprimiu a vaga esperança de que ele fosse em seu resgate. Justin retirara há muito tempo a capa de cavalheiro andante que ela se esforçara em pôr nele desde menina.

E, entretanto, não insistiu que a salvaria de Farnsworth? Clare sentiu um frio repentino e apertou o pão doce com força. Farnsworth! Aquele nome se imiscuiu em sua mente, provocando uma suspeita que não conseguiu reprimir.

Recordou o que Justin disse a sua tia, que podia contar histórias sobre Farnsworth que lhe revolveriam o estômago. Mas não. Nenhum homem poderia estar tão apaixonado por ela para se arriscar a destruir seu compromisso com um marquês. Entretanto, a jovem recordou de repente que ela se empenhara em espalhar o boato de que seu compromisso com Justin a fazia desgraçada. Se o senhor Farnsworth acreditasse naquele rumor, poderia pensar que ela agradeceria se a salvasse.

Fechou os olhos e tentou lembrar tudo o que sabia a respeito daquele homem, mas não era muito. Possuía estatura mediana, cabelo loiro e olhos azuis. Sempre lhe parecera cortês e um pouco brando e não podia imaginá-lo seqüestrando ninguém, muito menos uma maria-ninguém sem dinheiro como ela.

Histórias e boatos. Que histórias e boatos? Acreditou que Justin inventara todo aquilo, mas... e se não fosse invenção? Farnsworth levaria sua vilania ao extremo de seqüestrá-la? Mas depois de tudo, não podia obrigá-la que casasse com ele diante de um clérigo e testemunhas. Ou sim?

Decidiu que antes tentaria raciocinar com ele. Dissessem o que dissessem as fofocas, o senhor Farnsworth sempre lhe parecera um cavalheiro e, se, ele

estivesse por trás daquele seqüestro, tentaria convencê-lo a esquecer. O plano a tranqüilizou um pouco. Se não conseguisse raciocinar com ele, roubaria o cavalo mais próximo e se afastaria a toda velocidade. Não obstante, esperava poder convencê-lo para que a levasse de volta à cidade. Sua reputação estaria arruinada, mas ao menos poderia voltar para Yorkshire sem casar com ninguém. Consolando-se um pouco com essa idéia, voltou a se concentrar na refeição.

Um dia interminável na carruagem serviu para fazê-la esquecer a maior parte de seus medos, mas a deixou cheia de frustração. Depois de muitas tentativas inúteis de parar o veículo, lançou todas as imprecações que ouvira seu pai dizer. O fato de se ver obrigada a utilizar um urinol no carro em nada melhorou seu humor e, quando atirou o conteúdo pela janela, desejou com força que pudesse cair no rosto de alguém. Quando enfim anoiteceu, não estava com humor para raciocinar com ninguém.

Quando a carruagem se deteve, esperou em silêncio que seu guardião abrisse a porta, com a firme intenção de chutar os dentes dele. Mudou de idéia ao ver um rapaz, que a ajudou a descer da carruagem com solicitude.

- Temo que houve um engano. - disse ela, com firmeza - Não desejo ir a Gretna Green e insisto que me levem de volta a Londres imediatamente.

O moço sorriu e piscou um olho para ela, como se não acreditasse, e desapareceu na escuridão atrás da carruagem. Estavam parados diante de uma estalagem, cujas luzes anunciavam que havia gente em seu interior e daquela vez Clare jurou que não consentiria que ninguém a obrigasse a entrar de novo em sua prisão sobre rodas.

Olhou o veículo, viu um vulto saltar da boléia e sentiu o medo voltar. Mesmo na escuridão, viu que o homem era alto demais para ser o guardião de antes. Clare lhe voltou as costas e pôs-se a correr para a estalagem.

Não tinha ido muito longe quando uma mão a segurou pelo braço. A raiva, o desespero e o medo se apoderaram dela. Fizera o propósito de raciocinar com seu seqüestrador, mas, agora que o momento chegara, sentia-se incapaz de falar. Tinha a língua presa à boca e o sangue lhe pulsava nos ouvidos. Virou-se lentamente para enfrentar seu seqüestrador.

Capítulo 5

Voltou-se, temerosa, e o que viu a deixou tão atônita, que quase caiu de joelhos.

- Justin St. John, seu bastardo!

Atirou sua pequena bolsa na cabeça dele com todas as suas forças, mas a bolsa, que levava pouco peso, caiu no chão sem fazer nenhum dano ao rapaz e Clare desejou tê-la enchido de pedras. Fez menção de partir ao ataque contra ele e Justin levantou um braço para contê-la.

- Que diabos está acontecendo com você? - perguntou.

- Como ousa? - disse ela, raivosa, esmurrando o peito dele enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas - Tem idéia do medo que passei trancada nessa carruagem? - viu que ele olhava para ela surpreso e Clare parou de bater - E então? - perguntou, com mais calma.

- Precisei resolver alguns assuntos antes de me encontrar com você e, quando enfim alcancei a carruagem, ao meio-dia, não vi razão para passar a tarde discutindo com você lá dentro. - explicou ele com voz tensa. Fitou-a com curiosidade - Estava com medo de mim?

- Claro que não. - disse ela - Eu pensava... como eu poderia imaginar que era você? - sussurrou zangada.

- E quem diabos levaria você para Gretna Green senão eu? - perguntou ele, franzindo o cenho.

Clare levantou o queixo.

- Muita gente, ora. Acredite ou não, Justin St. John, os homens costumam me considerar bastante atraente.

O jovem a olhou surpreso e Clare confundiu sua surpresa com incredulidade. Sentiu vontade de esbofeteá-lo e talvez fizesse isso se ele não a tomasse pelo braço.

- Vamos comer algo. - disse, arrastando-a para a estalagem.

A viagem seria pior do que esperara. Impaciente com sua rejeição e não vendo saída para aquela confusão, Justin decidira planejar seu seqüestro embora soubesse que Clare não gostaria. Quase abandonou o plano quando ela decidiu ir à soirée, mas seu comportamento na festa fez com que mudasse de idéia.

E o comportamento dele também havia influenciado sua decisão, já que o jovem estremecia ao recordar os últimos minutos que passaram juntos nos jardins da mansão Berkeley. Sentia-se uma besta imunda por ter beijado Clare.

Não fora essa sua intenção, mas ela estava tão pura e radiante à luz da lua, que não conseguiu se conter.

Desprezou aqueles pensamentos. Embora seu comportamento não tivesse desculpa, isso só confirmava sua opinião de que, quanto antes o casamento ocorresse, melhor para todos. Uma vez que a jovem levasse seu nome, ele se separaria dela para não se ver tentado por aqueles lábios sensuais.

Uma fuga suscitaria comentários, claro, mas era preferível a um longo compromisso repleto de cenas como a da mansão Berkeley. Se deixasse que Clare agisse à sua maneira, era capaz de arruinar sua reputação só para se vingar dele. A jovem não fazia idéia das conseqüências de uma conduta imprópria nem do que a esperava com Farnsworth.

Uma vez casados, Farnsworth não se atreveria a procurá-la e isso era o único que importava. Talvez ela fosse desgraçada, mas ao menos estaria a salvo e ambos podiam viver independentes um do outro.

Olhou para as mesas da sala de refeições, em que se aglomeravam pequenos grupos de comensais. Embora o lugar estivesse relativamente tranquilo, pediu um reservado, já que suspeitava que a imprevisível Clare pudesse ficar furiosa novamente e começar a gritar ou bater nele com algo e não desejava ter espectadores.

Observou um instante seu cabelo negro, suas bochechas rosadas e a firmeza de sua boca. Não parecia contente, mas preferia Clare zangada a chorosa. Pensou que precisava de um trago, mas desprezou a idéia, já que era imprescindível se manter alerta em todo momento.

- Justin, é você? - perguntou uma voz com doçura.

O jovem se voltou e se deparou com Marie Summerville, uma de suas antigas amantes, que se aproximava deles.

Marie se deteve ao seu lado, sorrindo com ar sedutor, e pegou o braço dele com familiaridade.

- Olá, Justin, o que faz tão ao norte?

- Marie, está linda. - disse ele, com gentileza, afastando o braço. Indicou Clare com o queixo - Marie Summerville, apresento Clare Cummings, minha noiva.

Marie não teria ficado mais surpresa se ele tivesse anunciado que acabava de se alistar nos husares da Escócia. Arregalou os olhos, mas se dominou imediatamente.

- Justin, seu sem-vergonha, vai para Gretna! - disse com um sorriso.

Logo voltou sua atenção a Clare e o jovem viu que as duas mulheres se encaravam como se medissem mutuamente. Era evidente que Marie pensava o que Clare possuía que todas suas demais amantes não possuíam e Clare... bom, só Deus sabia o que ela pensava.

- Querida senhorita, - disse Marie - Como diabos fez para amarrá-lo? - sorriu - Caso não saiba, em Londres há pelo menos cinquenta mulheres que gostariam de estar em seu lugar.

Justin se apressou em intervir, antes que sua noiva fizesse algum comentário ofensivo.

- Terá que nos desculpar, Marie, mas estamos exaustos da viagem. - Justin empurrou Clare para a sala privativa.

- Eu os deixarei partir se prometerem me visitar e me contar todos os detalhes. - disse Marie, a suas costas - Clare, quero que me contem tudo a respeito do casamento.

Esta se sentou com ar de desgosto. Justin sorriu ao ver sua expressão. Estava tão linda, mesmo depois da longa viagem, que obscurecia a famosa Summerville. Surpreendia-se em ver que ela continuava tão pura e encantadora àquela hora tão inoportuna.

- Pare de sorrir, Justin St. John. Ainda não disse que vou casar com você. - disse ela, fazendo uma careta - Como surgiu a idéia de me seqüestrar?

O sorriso do jovem se tornou mais amplo e Clare pôde ver porque a população feminina o achava irresistível. Decidiu se mostrar imune aos encantos dele.

- No momento, pareceu uma boa idéia. - disse ele, dando de ombros - Você não queria me ver e eu queria assegurar que a cerimônia acontecesse o quanto antes.

- Para me salvar de Farnsworth. - acrescentou ela, com ironia.

- Para salvá-la de Farnsworth. - assentiu ele.

Clare estava cansada, esgotada pela viagem e pelo medo que tivera. As histórias sobre Farnsworth já não importavam. Para falar a verdade, desejava nunca mais voltar a ouvir esse nome. Quando a refeição chegou, comeu em silêncio. Embora sentisse os olhos de Justin sobre ela, ignorou e não disse nada.

Depois de comer, disse que precisava se refrescar e voltou para a sala comum. A senhorita Summerville, que estava sentada a uma das mesas com uma senhora idosa e um cavalheiro, levantou seu copo de vinho e a saudou ao passar. Clare sorriu e se sentiu grata pelo fato de Justin não estar bebendo.

Quando voltou, ele a esperava perto da porta do reservado, tão atraente como sempre. Alguma vez se acostumaria a vê-lo de perto depois de tanto tempo? Se o fato de vê-lo produzia uma mescla de prazer e dor, como poderia casar com ele?

Não podia, claro. Embora não tivesse certeza das razões que motivaram a proposta dele, sabia sim uma coisa: não suportaria se ver presa em um casamento sem amor com o único homem a quem amara.

Respirou fundo e se aproximou dele, decidida a terminar com aquela farsa de uma vez por todas.

- Justin St. John, quero que dê a volta e me leve de volta a Londres agora mesmo.

O jovem não pareceu surpreso nem magoado, a não ser simplesmente exasperado.

- Maldição, Clare. Não podemos discutir o assunto em particular? - perguntou.

A jovem sentiu vontade de gritar. Queria esbofeteá-lo ou bater nele com uma garrafa, algo que o fizesse abandonar aquele ar indiferente e provocasse alguma emoção. Mas, por outro lado, a ele nada importava, certo? Parecia que nem sequer se importava com quem se casaria.

- Falo sério. - Clare advertiu.

- Sua reputação já está tão arruinada que terá que casar comigo. - sussurrou ele.

- Não tenho por que casar com você. - ela negou em voz alta.

Justin decidiu que a noite alcançou um novo ponto baixo. Um olhar em torno o fez compreender que eram o centro das atenções de todos os presentes, inclusive um homem que acabava de entrar e estava de pé ao lado da porta.

- Certamente não precisa casar com ele, senhorita Cummings. - disse o homem.

Justin corrigiu sua avaliação. A noite estava se convertendo em uma farsa, um arremedo de uma das péssimas comédias que se viam em alguns teatros de Londres. Via que todos os presentes, até mesmo Marie, esperavam com ansiedade o ato seguinte daquele entretenimento gratuito.

- Senhor Farnsworth! - exclamou Clare, surpresa, indo em direção à porta.

Justin deu um suspiro de desgosto, quase esperando que o recém-chegado sacasse uma espada e o atacasse ali mesmo. Como diabos se metera naquela situação? Estava esgotado de cavalgar a noite e o dia inteiro, esgotado demais para se mostrar à altura das circunstâncias. Seu único consolo era a idéia de que, quando tudo aquilo acabasse, açoitaria Clare, a quem considerava a responsável por toda aquela confusão.

- Senhorita Cummings. - Farnsworth se inclinou com elegância - Quando sua tia descobriu sua ausência, pensou que poderia estar em perigo.

Justin sentiu vontade de estrangulá-lo e de estrangular também a tia por enviar justamente Farnsworth em busca de Clare. Sentiu também certa animosidade contra Fletcher, a quem encarregara a tarefa de vigiar e distrair a velha. Conhecendo seu amigo, certamente ficou conversando com alguma jovem, esquecendo-se da fuga.

- Suspeitei imediatamente que poderia encontrá-la nesta direção e, felizmente, consegui vir rápido. - disse Farnsworth - Estou a seu dispor.

- Ela não precisa de seus serviços. - interveio Justin - Vai casar comigo.

- Creio que é costume deixar que a dama responda. - rebateu o outro - Eu só ofereço uma escolha caso se sinta forçada a fazer algo que preferiria não fazer.

Farnsworth se aproximou mais, de modo que Clare ficou à mesma distância dos dois.

- E como a dama pode tomar uma decisão apropriada a menos que saiba mais coisas sobre você, Farnsworth? - perguntou Justin - Ou você já esqueceu seus gostos estranhos? Eu estive em Eton depois de você e ainda falavam de suas brutalidades, dos animais que mutilava por diversão, por exemplo.

- Há! - Farnsworth agitou uma mão no ar - Histórias de estudantes. Eu pensava que você era adulto o bastante para não dar ouvidos a tais tolices.

- Mas há mais. Quer detalhes? - perguntou o marquês.

Clare observava os dois homens e viu um músculo na mandíbula de Justin se mover. Compreendeu que Farnsworth o tirara de sua indiferença, incitando-o à luta. Perguntou-se se entre eles haveria alguma velha rixa, já que nunca o vira tão zangado, nem suspeitava que pudesse conter tanta raiva em seu interior. Sem dúvida havia coisas com que ele se importava.

- Diga o que quiser, Worthington. - disse Farnsworth com ironia - É tudo mentira. Meu nome, diferentemente do seu, nunca foi manchado pelo escândalo. - sorriu com astúcia - Quantos anos você tinha quando matou aquela garota? Oh, sinto muito, ela caiu, não foi? Ou, pelo menos, essa foi a versão oficial. Aquela criatura adorável caiu do telhado dessa relíquia que você chama de mansão e se afogou no fosso. - fez uma pausa - E esperava um filho seu, não?

Clare ouviu o sobressalto de Marie, mas não desviou a vista de Justin. Viu que a cor abandonava sua face e o músculo da mandíbula pulsava com violência e, sem pensar, aproximou-se dele. Pegou a mão dele em silêncio e apertou-a com força.

Em seguida olhou para Farnsworth, que esperava expectante, como um cão que farejara sangue, e sentiu náuseas. O homem tinha abandonado sua candura, substituindo-a por algo inquietante. Embora assumisse o papel de salvador, Clare não viu nele nada de heróico. Provavelmente fosse seu evidente prazer em insultar Justin ou a mudança que se produziu nele. A jovem não sabia o que era, mas havia algo naqueles olhos azuis que a assustava profundamente.

- Acho que isso já foi longe demais. - disse - Senhor Farnsworth, agradeço que tenha feito uma viagem tão exaustiva só para tranquilizar minha tia sobre minha segurança. E obrigado por sua preocupação, mas temo que houve um mal-entendido.

Ouviu a respiração ofegante de Justin e rezou para que ele conseguisse manter o autocontrole. Sabia também que Farnsworth estava a ponto de perder o seu e esperava desesperadamente que os dois homens não terminassem em golpes.

- Veja, eu sou a única culpada. - disse, sorridente - Convenci Justin a fugirmos e ele aceitou para satisfazer minhas fantasias românticas.

Suas palavras, por mais suaves que fossem, eram uma dispensa e Farnsworth corou intensamente e apertou os lábios. Clare, que sentia medo daquele homem, aproximou-se mais de Justin, mas ele não fez menção de se aproximar deles.

- Nesse caso, senhorita Cummings, peço que me desculpe e desejo felicidades. Senhor. - acrescentou, inclinando-se ante Justin.

Voltou sobre os calcanhares e saiu da estalagem.

Clare e os demais presentes emitiram um suspiro coletivo de alívio. Justin foi o único que permaneceu imóvel ao seu lado. Retirou a mão da dela.

- Com licença. - disse, com voz estranha.

A jovem pousou uma mão no braço dele a fim de detê-lo.

- Você não vai atrás dele, vai? - o marquês negou com a cabeça e ela o soltou a contragosto.

Observava-o se afastar quando sentiu uma mão no pulso. Voltou-se e se deparou com Marie, que lhe apertava a mão com familiaridade.

- Você escolheu corretamente. - disse.

Clare assentiu, embora soubesse que a escolha não fora dela. Sua decisão fora tomada um dia a muito tempo atrás, quando encontrou por acaso um castelo na névoa.

- Não se arrependerá. - disse Marie. Inclinou-se para lhe falar ao ouvido - Garota, você leva o melhor amante de toda a Londres. Aproveite, garota sortuda. Quem dera eu estivesse em seu lugar!

Clare ruborizou intensamente e olhou a madeira gasta do balcão. Pelo tom da mulher, sabia que suas palavras eram produto do vinho e de um genuíno companheirismo feminino e não do ciúme. Mesmo assim, foi um custo escutá-la com calma.

- Claro, essa sua corrente é uma moléstia. - prosseguiu sua confidente - Esse amuleto pontiagudo sempre roça nos lugares mais inoportunos e ele não o tira nunca.

Clare levantou a cabeça para encarar a mulher.

- O que você disse? - sussurrou.

- Eu me queixava desse amuleto que Justin sempre usa no pescoço. - disse Marie - Não me diga que você já o tirou.

Clare a agarrou pelo braço.

- Como exatamente é esse amuleto? - perguntou.

Marie ficou pensativa.

- É uma espécie de animal exótico, um dragão, creio. - respondeu - Sim, é um dragão. Talvez esteja relacionado com o Regente. Ele gosta de todas as coisas orientais e há dragões pendurados no pavilhão de Brighton. - meneou a cabeça - Mas é inútil perguntar a Justin. Ninguém nunca conseguiu que explicasse. Não o tira nunca e não diz por quê. Ele disse a você?

Clare negou com a cabeça. Marie sorriu com picardia e se aproximou mais dela.

- Pois não deixe que isso a incomode. É um preço muito pequeno para dispor da atenção de Justin. - disse.

Apertou a mão de Clare e voltou para sua mesa. Clare ficou olhando para frente, recordando.

Viu a si mesma em Yorkshire anos atrás.

Encontrou-o em uma das feiras de outono que iam pelo campo, em uma pequena vitrine que continha relógios, correntes e outras jóias. Entre os amuletos havia um pequeno dragão de ouro e Clare soube imediatamente que deveria ser de Justin, que adorava seus contos, contos tolos que ela inventava e não costumava contar a ninguém exceto os meninos da aldeia.

É óbvio, os pequenos adoravam, mas nunca imaginara que um adulto pudesse gostar deles. Seu pai nem sequer lia livros e muito menos escutaria aquelas tolices, de forma que se surpreendeu ao ver que Justin gostava, queria ouvir mais e dizia que os escrevesse, reunindo-os em um volume.

Foi correndo da feira para casa a fim de pegar o dinheiro que economizara para comprar livros. Voltou para a feira e comprou o amuleto e uma corrente de ouro.

- Clare! - o som da voz de Justin a devolveu ao presente.

O jovem estava de pé na porta e ela avançou trêmula para ele. Reprimiu o impulso de lhe desabotoar o colete para verificar se Marie dissera a verdade, já que as revelações daquela mulher tinham-na alterado mais que a confrontação com Farnsworth. Desejava perguntar a ele se pusera seu dragão, mas a emoção a impediu de pronunciar qualquer palavra.

Andaram juntos até a carruagem em silêncio. Justin a ajudou a subir e em seguida subiu por sua vez e sentou diante dela, apoiando-se contra as almofadas. Embora ele se movesse com a mesma graça de sempre, Clare adivinhou que estava cansado. Compreendeu de repente que devia ter cavalgado a noite e o dia inteiro só para se deparar com uma jovem furiosa em vez de uma noiva desejosa. Abriu a boca para sugerir que ficassem na estalagem, mas fechou-a imediatamente, já que não tinha vontade de voltar ali nem de passar horas acordada em uma cama estranha.

Justin fechou os olhos. Clare adivinhou que ele tomara um trago ou provavelmente mais, mas pelo menos não levava uma garrafa consigo. Observou a mecha de cabelo que caía sobre a testa dele e o cansaço em seu rosto. Sabia que precisava dormir, mas não podia deixar que o fizesse ainda.

- Conte-me tudo, Justin. - disse com suavidade.

- Clare, estou cansado e temos uma longa viagem pela frente. - replicou ele sem se mover.

- Conte-me. - ela repetiu.

Houve um momento de silêncio e a jovem conteve o fôlego, esperando. A seguir ele abriu os olhos, olhou pela janela e começou a falar.

- Chamava-se Elizabeth Landrey. - disse - Tinha dezesseis anos e eu não era muito mais velho. Eu tinha dezoito, mas estava sozinho desde a morte de meus pais. Considerava-me bastante adulto e fazia parte de um grupo de amigos que gostava das festas selvagens, como a da noite em que ela morreu. - fez uma pausa - Eu não a empurrei, mas ela tampouco caiu. - disse com voz rouca - Ela atirou-se no vazio porque eu não queria casar com ela. Esperava um filho meu. - pronunciou as últimas palavras com frieza, sem emoção aparente, mas Clare não se deixou enganar.

- E você se sente culpado. - disse.

Justin não respondeu; voltou a fechar os olhos e apoiou a cabeça contra as almofadas. Clare pensou que bebia para escapar dos remorsos. E provavelmente também usava as mulheres pelo mesmo motivo, para esquecer algo pelo qual provavelmente não deveria sofrer tanto. Havia homens irresponsáveis de todas as idades que engravidavam as mulheres. Era um escândalo, mas não uma questão de vida ou morte, não uma questão de suicídio e tortura. E a jovem tinha certeza que Justin atormentava a si mesmo, mas não disse nada.

Pensou que descobrira enfim o encantamento que mantinha seu príncipe cativo. Não se tratava de um feitiço lançado por uma bruxa ou pelo diabo, mas sim pelo mesmo príncipe. E, como o castelo encantado em que ela o encontrara, estava condenado a cair a menos que alguém interviesse.

Observou-o discretamente. A mecha de cabelo caía sobre a testa e um princípio de barba obscurecia seu rosto, fazendo que se assemelhasse muito ao primeiro dia em que o encontrou, quando jurou libertá-lo. Suspirou. Depois de ter falhado uma vez, não via como poderia salvá-lo naquela ocasião. Mas estava decidida a tentar, porque de uma coisa estava certa: aquele era seu destino. Nunca tivera escolha. Casaria com ele.

Gretna Green era uma aldeia pequena, onde todo mundo, dos pescadores ao ferreiro, tomava parte nas bodas de amantes fugidos. Justin não se incomodou em perguntar a profissão da testemunha que lhe sorria, já que tudo era legal sempre que a noiva assentisse por vontade própria.

Olhou para Clare com nervosismo, quase esperando que ela se negasse. Mesmo antes das revelações de Farnsworth, insistira que não casaria com ele. Agora que conhecia seu sórdido passado, o jovem tinha certeza que ela não gostaria de se envolver com ele. Entretanto, não havia tornado a discutir nem tentou se rebelar quando chegaram à estalagem, embora provavelmente se devesse ao fato de estar esgotada. Mesmo assim, sua aparente aceitação do casamento o confundia. Possivelmente esperasse um modo mais dramático de rejeitá-lo, diante do altar.

Olhou seu rosto sereno e acreditou ver que ela pretendia algo; a raiva e o aborrecimento pareciam tê-la abandonado. Precisava casar com ele ou sua reputação ficaria arruinada. Basicamente, estava presa a ele, um homem que odiava porque a fizera sofrer no passado e quem, depois do dia anterior, desprezaria ainda mais. Sentiu-se cheio de culpa e remorso; daquela vez meteu os pés pelas mãos.

O sacerdote fez um gesto com a cabeça, mas Justin vacilou, inseguro ainda sobre o que sua noiva faria.

- Clare. - disse, levando-a para um canto - Quero voltar a garantir que você será livre. Pode escolher qualquer propriedade do campo ou a casa de Londres e viver onde quiser. E terá dinheiro suficiente a sua disposição. Nem sequer terá que voltar para me ver.

Embora falasse com empenho, pronunciar aquelas palavras custou a ele mais do que previra e seu plano de dar seu nome a ela e se afastar em seguida lhe pareceu pouco atraente. Mas o que mais o surpreendeu foi a reação da jovem. Seus olhos cintilaram com fúria.

- Leve-me para casa, Justin. - disse. E se voltou para partir.

- Clare! - segurou-a pelo braço, mas ela afastou a mão.

- Não aceitarei uma farsa desse tipo. - sussurrou - Acha que pode me comprar com uma casa, dinheiro e sua indiferença?

Justin viu a dor que expressavam seus olhos cor avelã e se sentiu confuso. Ouviu uma testemunha pigarrear e olhou o homem, que parecia ansioso para começar a cerimônia. O jovem sorriu para ele e se voltou para Clare.

Por que era tão difícil falar com ela? Quando fitava aqueles olhos de reflexos verdes e amarelos, que lembravam as folhas caídas do outono, ficava sem saber o que dizer.

Olhou para o chão em vez da jovem.

- Pensei que, depois do que ocorreu ontem à noite, você não gostaria de voltar a me ver. - disse.

- Não seja ridículo. - murmurou ela.

Justin a encarou. Não entendia nada. Desde menina, Clare era muito direta, muito fácil de compreender, mas naquele momento não tinha a menor idéia do que aquela mulher pensava.

- Muito bem. - disse com suavidade - Do que se trata?

- Simplesmente, não quero esse tipo de matrimônio. - rebateu ela - E se é isso que me oferece, pode me levar para casa agora mesmo.

- Não. - disse ele, com firmeza - Não levarei você para casa. Está bem, o que você quer?

- Quero voltar para castelo e viver ali com você. - disse ela - Quero resgatá-lo da ruína.

Sua resposta o deixou atônito e ele olhou para ela sem conseguir dizer nada. Depois do que acontecera ali, no passado de ambos, desejava voltar? Justin estava tão acostumado a pensar em Worth Hall como algo repugnante, que custou um momento em perceber que a idéia de viver ali não o repelia. Em vez disso, sentiu certa emoção, como se, ao voltar ali com Clare, pudesse recapturar de algum modo o companheirismo que tinham compartilhado em outro tempo.

- Muito bem. - assentiu.

- E tenho duas condições. - disse Clare, fitando-o com seriedade.

- Vá em frente. - instigou ele.

- Nada de bebida e nada de mulheres. - a jovem fez uma pausa e ruborizou - Não quero que você saia com outras mulheres.

Justin ficou sem fala. Se seus pedidos anteriores tinham-no surpreendido, não havia nada mais inesperado que aquela insinuação de que queria viver com ele como marido e mulher. Olhou para ela, atônito, porque nunca pensara em sua inocente Clare daquele modo. Ela nunca procurara tais atenções dele. Tampouco o fazia naquele momento, claro. Justin sabia quando uma mulher o desejava e nunca teria suspeitado que a jovem tivesse tais desejos. Já que era mais velha, não havia razão para não consumarem o matrimônio, mas não esperava que ela o desejasse depois do que ocorrera entre eles.

Fitou-a admirado, observando seus olhos, sua pele e seu lindo cabelo, seus ombros pálidos e a curva de seus seios. Ao olhar para ela, sentiu uma onda de desejo tão forte e tão repentina que estremeceu. Tocar Clare... a idéia era muito fascinante para se conter.

- Sim, é óbvio. - conseguiu dizer.

- Ehem.

Alguém pigarreou para chamar a atenção e Justin se voltou para ele. Ofereceu o braço a Clare e se aproximaram até onde o sacerdote estava.

A cerimônia foi breve e singela. Disseram seus nomes, pronunciaram os votos e depois Justin tirou um anel de ouro. Parecia estranho que um ritual do qual sempre zombara, tivesse o poder de afetá-lo. Quando colocou o anel no dedo de Clare, teve que se esforçar para reprimir o tremor das mãos.

- O que Deus uniu que o homem não separe.

Aquelas palavras o afetaram de um modo inesperado. Antes que tivesse tempo de pensar nelas, entretanto, chegou o momento de beijar a noiva. Sua intenção era só dar um beijo de compromisso e não estava preparado para a resposta dela. Os lábios de Clare, suaves e quentes, moveram-se sob os seus e o desejo de provar aquela boca foi mais forte que ele. Mergulhou a língua entre os lábios dela e a apertou contra ele.

Em vez de se sentir como um cafajeste que provara as delícias de inumeráveis mulheres formosas, sentia-se como um monge que acabava de sair da abadia. O coração pulsava com força, o corpo doía e, se não fosse pelo gentil pigarro do sacerdote, não a teria soltado nunca.

Separou-se a contragosto e, quando a viu sorrir com acanhamento, acariciou-lhe a bochecha. Sabia que devia se sentir aliviado ao saber que aquela mulher bonita não teria que temer nem Farnsworth nem qualquer outro homem. Sentiu apenas uma profunda alegria por ter a sorte de se casar com a única pessoa que o fizera feliz alguma vez.

Capítulo 6

Justin nunca imaginara que seria tão feliz no dia de seu casamento. Sentia-se um pouco estúpido; a maior parte de seus amigos se casaram por dinheiro, posição ou alguma outra razão de conveniência. Mas, embora dificilmente pudesse considerar aquele como um matrimônio de amor, sentia-se inundado por uma alegria especial que não tinha conhecido desde... bom, desde que conhecera Clare.

Embora não compartilhassem a amizade de outro tempo, o jovem se alegrou ao descobrir que havia algo mais entre eles que a lembrança de mágoas passadas. Clare dissera que queria um casamento de verdade e, quando ele a beijou, fundiu-se contra ele como mel quente. A lembrança provocou uma onda de desejo e ele teve que se esforçar para ignorar a dor em seu ventre.

Como se em resposta a seus mais ardentes desejos, uma das testemunhas sugeriu que pedissem um quarto de núpcias. O jovem se voltou para Clare.

- Ficamos? - perguntou, com toda indiferença que foi capaz.

- Oh, não! - ela replicou - Quero ir diretamente para casa, para o castelo. Podemos ir?

Como ele poderia se negar à súplica daqueles olhos tão puros e brilhantes?

- De acordo. - respondeu, embora soubesse que a viagem até Worth Hall seria exaustiva.

E foi. Justin se sentou na carruagem ao lado de Clare, com a idéia de ter mais intimidade com ela durante a viagem, mas de repente se sentiu tão inepto e idiota quanto um adolescente. A mulher que ia a seu lado não era uma de suas muitas amantes, era Clare, que, em certo sentido, o conhecia melhor do que alguém já conhecera. Tinha a impressão de que se utilizasse algumas de suas fórmulas habituais de sedução, ela riria em sua cara.

De forma que ficou sentado, esforçando-se por encontrar as palavras adequadas, as ações adequadas, mas não foi capaz de dizer nada. A jovem dormiu enfim com a cabeça apoiada na almofada do canto e Justin ficou acordado, frustrado.

O fato de desejar tanto Clare o surpreendia imensamente. Normalmente, escolhia suas amantes com calma, valorizando sua beleza. Elas também costumavam ter experiência suficiente para saber onde se metiam. Não gostava das virgens.

Ao olhar para trás, não conseguia recordar nenhuma só vez em que seus instintos tivessem desempenhado um papel importante na hora de começar uma aventura; era sua cabeça que sempre escolhia a dama e seu corpo seguia de

boa vontade. Certamente, considerava-se um homem normal, mas nunca em sua vida desejara tanto alguém.

Tentou se concentrar no que restava da garota que conhecera, mas quase tudo nela mudou. Seu cabelo era longo demais, muito arrumado para aludir à menina de outro tempo. Olhou os cílios enormes que descansavam sobre suas bochechas, a boca sensual e o nariz ligeiramente arrebitado. Sabia que era mais linda, mais inteligente e mais tudo que qualquer uma de suas amantes.

- Clare. - sussurrou, de repente, acariciando a bochecha dela - Meu duende.

O estado da propriedade era horrível. O caminho que levava à casa estava coberto de arbustos e Justin supôs que o cocheiro estaria praguejando. Apareceu na janela e lhe indicou que avançasse para os estábulos situados na parte de trás da mansão.

Quando desceu da carruagem, observou que a natureza invadira por sua conta os ordenados jardins de outros tempos. Suspirou. Não conseguia compreender o que sua esposa via naquele lugar em ruínas.

- Clare. - disse com suavidade, voltando-se para ajudá-la a descer - Já estamos em casa.

Aquela palavra se engasgou em sua garganta e uma emoção repentina o invadiu. Nunca em sua vida tinha considerado um lugar como sua casa.

A jovem sorriu e olhou ao redor contendo o fôlego. A névoa cobria os jardins como um feitiço. Apertou os dedos de Justin e desceu, tão admirada e em transe como se sentia sempre ao ver o castelo. Este se levantava diante deles com a torre central elevando-se para o céu e as torres silenciosas e atraentes.

Justin tinha certeza que ela mudaria de idéia a respeito de viver em Worth Hall e sua expressão confirmava aquela opinião. Talvez tivesse esquecido como era tenebroso.

- Perdão, senhor, ficaremos aqui? - ouviu o rapaz perguntar ao cocheiro - Essas pedras dão medo.

Ouviu que Bodesby sossegava o menino, mas Justin não pôde objetar àquela opinião.

Embora ele se sentisse imune ao aspecto sombrio do castelo, a visão de Worth Hall tampouco lhe parecia agradável. Elevava-se escuro e tenebroso, como uma sentinela do passado ciumento de seus segredos. Era habitado por muitos fantasmas e as únicas lembranças boas que Justin recordava eram os momentos que compartilhara com a mulher que estava a seu lado.

- Vamos para Londres ou para Rillford? - perguntou a ela.

- O quê? - Clare murmurou, desviando o olhar do castelo para encará-lo - Não. Oh, Justin! Não é lindo?

O jovem, convencido que a esposa devia estar brincando, olhou seu rosto, mas aqueles olhos cor avelã observavam a casa com o mesmo amor que teria lançado a um amigo querido. Justin meneou a cabeça.

- Muito bem, Bodesby. - gritou ao cocheiro - Cuide dos cavalos. Ficaremos aqui.

Tomou Clare pelo braço para cruzar com ela a velha ponte de madeira que conduzia até a porta de trás e então se deu conta que não podiam entrar.

- Oh, maldição! - disse, sem pensar - Não tenho chave.

Podia ver em sua mente aquele objeto, uma peça elaborada e enorme de ferro que devia estar em posse de seu mordomo em Londres, já que ele não esperava que fosse precisar dela.

- Suba por essa hera e entre pela janela da cozinha. - sugeriu a jovem. Apontou uns ramos grossos que subiam pela parede de pedra até uma janela situada a cerca de três metros do solo - Eu fiz isso algumas vezes. - explicou com um sorriso.

Justin pensou em chamar o laçao. Para que mais serviam os criados senão para emergências daquele tipo? Infelizmente, Clare olhava para ele com tal ar de entusiasmo, como se ele fosse um dos príncipes de seus contos, que Justin soube que não poderia escapar com galhardia. Suspirou e se perguntou pela primeira vez se não lamentaria aquele matrimônio.

Estava na metade de caminho quando ouviu Bodesby gritar.

- O que está fazendo, senhor marquês?

- Vou entrar em minha casa. - replicou - Alguma objeção ou pensa chamar as autoridades?

- Não, senhor marquês. - respondeu Bodesby.

Justin compreendeu que deveria pedir a ele para se aproximar mais a fim de amortecer sua queda caso escorregasse, mas decidiu que, se a vegetação cedesse, teria que se afastar da parede. Seria melhor aterrissar no fosso que no chão, já que era preferível se molhar a quebrar todos os ossos.

Provavelmente Clare teria entrado por ali porque aquela janela em particular se abriria com facilidade. Entretanto, quando enfim conseguiu chegar até ela, a janela não se moveu. Justin lançou um rosário de imprecações, jurou a si mesmo que não pensava retornar pelo mesmo caminho e empurrou com mais força.

A janela se moveu enfim e o jovem colocou uma perna na escuridão. Tentou imaginar onde estava exatamente, mas não conseguia recordar nada das cozinhas. Alguma vez esteve nelas? Sabia que, se o pé direito interno fosse tão alto quanto o da parede exterior, era provável que quebrasse o pescoço ao tentar descer.

Introduziu a cabeça dentro com cuidado e deixou que o resto do corpo o seguisse. Escorregou pela parede até um móvel alto, onde derrubou alguns

utensílios de cozinha antes de chegar ao chão. As vasilhas, de cobre e de cerâmica, chocaram-se contra a pedra fazendo barulho suficiente para despertar os mortos.

Naquele momento decidiu parar de jogar, já que, se alguma vez perdesse sua fortuna nas cartas, não poderia se dedicar ao roubo. Acabava de demonstrar que, como ladrão, era um completo incapaz.

- Justin! Você está bem? - ouviu Clare perguntar.

- Estou bem. - gritou.

Deu um salto atrás ao notar um camundongo sobre sua bota. Ao que parecia, fizera seu ninho na cozinha e não gostara que Justin fosse incomodá-lo. O jovem suspirou, acendeu uma lâmpada para abrir caminho até o vestibulo de trás. Custou trabalho abrir a enorme porta de carvalho e, quando enfim conseguiu, olhou com raiva para o exterior.

Mas Clare não notou; passou ao lado dele com uma expressão maravilhada e Justin a seguiu com a lâmpada erguida, enquanto Bodesby e o laçao iam atrás do casal. O marquês olhou a figura alta que se movia diante de si e sentiu uma dor estranha no peito. Sabia que o lugar estaria igual como o deixara dois anos atrás, não muito depois do último encontro deles.

Apesar do clima de verão do exterior, a mansão estava fria como uma tumba e seus passos ressoavam sobre o piso levantando nuvens de pó. Justin observou as teias de aranha, os lençóis que cobriam os móveis, as paredes frias e nuas e se deu conta da loucura que fora ir ali tentar recapturar algo que nunca existira. Voltou-se para Clare para exprimir seus pensamentos.

Mas a jovem não via as coisas como ele. Ela via o enorme salão de teto abobadado elevando-se com graça majestosa na escuridão e estava cega à sujeira. Via o castelo como deveria ser: com as paredes decoradas com tapeçarias brilhantes e adornos antigos, os móveis descobertos e reparados e fogos ardendo em todas as lareiras.

De pé, ao lado da mesa grande que ainda dominava o centro do enorme salão, Clare olhou Justin e reparou que ele tinha um aspecto muito similar ao da primeira vez em que ela esteve ali. Seu rosto exibia a mesma barba escura, a mesma mecha de cabelo castanho caída sobre os olhos e sua roupa estava manchada pela viagem, como estivera anos atrás. Sorriu e se sentiu inundada por uma sensação de plenitude. O círculo se completou e o destino a levava ao castelo encantado e ao príncipe que amara desde aquele primeiro dia. De repente se sentiu tão feliz que se jogou nos braços de Justin.

Justin se surpreendeu tanto que quase derrubou a lâmpada. Deixou-a sobre a mesa para poder segurar a esposa em seus braços.

- Bem-vindo ao lar, meu príncipe. - sussurrou ela e o jovem, comovido por suas palavras e seu gesto, enterrou o rosto no cabelo dela e sentiu vontade de chorar.

Pareceu-lhe que uma eternidade passou antes que Clare se afastasse. Notou então que Bodesby e o laçao ainda estavam atrás deles e que ainda tinham muito a fazer naquele dia. Soltou a jovem a contragosto.

- Amanhã mandarei buscar alguns de meus criados, - disse - mas, no momento, estamos sozinhos. Bodesby, quero que vá à casa do cavaleiro Cummings e pegue a roupa da senhora marquesa. Oh, maldição! Suponho que eu mesmo deveria ir e dar a notícia. - disse, fitando a jovem.

Clare sorriu e negou com a cabeça.

- Não se incomode. Logo, logo iremos visitá-lo. Tenho certeza que meu pai não se preocupou muito por nossa fuga.

Justin sorriu agradecido. Não acreditava que suportaria ver o cavaleiro aquela noite.

- Muito bem. - dirigiu-se a Bodesby - Vá e diga a ele que estamos aqui e peça que prepare um baú para a senhora. Indicarei por onde tem que ir. Não é longe. Depois vá à aldeia e procure comida para todos.

- Oh, não! Não se incomode. - disse Clare - Estou certa de que, se disser ao meu pai, ele poderá enviar um pouco de casa.

- Muito bem. - assentiu Justin - Clare, vou procurar lenha e fazer fogo. Aqui faz um frio horrível. - acendeu algumas velas e foi até a cozinha, onde conversou um momento com os criados - Já que vão até lá, perguntem ao cavaleiro se pode nos ceder uma criada para preparar nossos quartos. Olhem as dependências de serviço e, se não estiverem aceitáveis e suspeito que não, vocês dois terão que procurar quartos na aldeia.

- Não, senhor marquês. - disse Bodesby, movendo a cabeça - Já dormi no chão outras vezes e posso voltar a fazer isso.

Justin sorriu.

- Espero que não tenhamos que chegar a tal ponto, mas aceite isso pela ajuda. - disse, depositando algumas moedas nas mãos do homem.

- Não é necessário, senhor marquês, mas obrigado. Vamos, Thad.

Quando ficou sozinho, Justin descobriu que havia lenha de sobra. Levou-a até o quarto e logo as lareiras de sua habitação e a do quarto adjacente estavam ardendo. A jovem encontrara uma vassoura e varria o chão, levantando nuvens de pó que faziam-no tossir.

- O que você acha de um banho? - perguntou, com a esperança de desviar os pensamentos dela da limpeza.

- Seria fantástico, Justin.

Em seu quarto de vestir havia uma elaborada banheira de bronze e o jovem a arrastou pelo chão até colocá-la diante da lareira. Quase se matou no processo e amaldiçoou sua falta de previsão por não ter pedido ao laçao para ficar ali e realizar aquelas tarefas.

Depois de transportar vários baldes de água do andar de baixo até o quarto de Clare, amaldiçoou com mais força ainda. As modernidades não tinham chegado a Worth. Seus pais, que tampouco gostavam muito daquela casa, não investiram muito dinheiro nela, um problema que Justin se propôs remediar imediatamente.

- Banheiros e água corrente. - decidiu, depois de subir a escada várias vezes com baldes que deixava para esquentar ao lado do fogo. A horrível tarefa confirmou sua decisão de deixar o jogo, já que, se perdesse sua fortuna, tampouco tinha intenção de se tornar um criado.

Olhou o nível da água na banheira, pensou que deveria fazer mais uma viagem e soltou um gemido.

- Está pronto, Clare. - gritou.

Se a jovem pensou que havia pouca água, não disse nada; limitou-se a fitá-lo com agradecimento, como se ele acabasse de combater dez dragões em seu nome. Justin se sentiu bem em observá-la até que, de repente, sentiu-se invadido pelo desejo urgente de possuí-la. Respirou fundo e avançou para Clare.

- Fora, fora! - disse Clare, empurrando-o.

Era evidente que queria tomar o banho sem companhia, então Justin apertou os dentes e se foi. Fez uma careta, agarrou a vassoura e terminou de varrer sem deixar de tossir.

Clare se meteu na banheira e suspirou. Embora a água mal lhe cobrisse as coxas, sentia-se maravilhosamente bem depois dos vários dias de viagem. Fechou os olhos e ficou um momento imóvel, desfrutando da água quente. Os ruídos que Justin fazia no quarto do lado arrancaram-na do torpor; ensaboou-se, lavou o cabelo e saiu contra a vontade da banheira.

Vestiu uma das batas de Justin, enrolou as mangas e amarrou-a com força à cintura. A seda pesada da bata lhe produzia uma sensação estranha na pele, acentuada ao pensar que o objeto era de Justin. Ignorou o modo que seu coração pulsava, procurou uma escova e se sentou ao lado do fogo para secar o cabelo.

- Terminou, Clare?

A jovem, que estava prestes a dormir ao lado do fogo, sobressaltou-se ao ouvir a voz de Justin.

- Sim. - respondeu, apertando a bata com força a seu redor. Embora a cobrisse do pescoço aos pés, sentia-se indecente por não usar nada debaixo.

- Posso passar? - perguntou ele, da porta que separava ambos os quartos.

- Sim. - ela respondeu.

Ficou de pé, nervosa. Pensou em todas as vezes que estivera a sós com ele naquele castelo deserto e, entretanto, daquela vez tudo era distinto. Anteriormente não havia uma tensão física tão aguda quase palpável.

Anteriormente, ela era uma menina e não uma mulher que acabava de casar com ele. Justin entrou e preparou toalhas e roupa para si. Clare, que, pela primeira vez depois da cerimônia se sentia incômoda com ele, foi para o outro quarto. Ali procurou a vassoura com intenção de acabar o trabalho, mas descobriu que Justin o fizera por ela. Engoliu em seco e então ouviu uma voz no andar de baixo.

- Senhora marquesa, trouxe-lhe roupa. - ouviu a governanta de seu pai dizer.

- Suba aqui, senhora Sutton. - chamou, saindo para o corredor.

Entrou de novo no aposento ao ver Bodesby que transportava seu baú, mas o homem nem sequer olhou para ela ao passar. A senhora Sutton, entretanto, sorriu encantada.

- Oh, Clare! Senhora marquesa! - disse, entusiasmada - Quem iria pensar que viveria nesta mansão e casada com o marquês? Oh, mas você merecia. Eu sempre disse que você era a garota mais bonita deste lado do Rillford e não só bonita por fora. - disse.

- Obrigado, senhora Sutton. - sorriu Clare - Fico feliz em vê-la. Graças a Deus meu pai a enviou. Temo que o castelo esteja fechado há anos, mas eu me empenhei que Justin me trouxesse diretamente para cá, de forma que estamos rodeados de pó.

- Isso estou vendo. - assentiu a mulher - E o senhor Bodesby me explicou que necessitam que preparem as camas para vocês, então não se preocupe com nada. Oh, vejo que já limparam isto. Agora que você é marquesa, não deveria fazer essas coisas. Vá se vestir e eu terminarei de arrumar tudo. Na cozinha há comida quente; logo subirei com ela.

Clare sorriu contente e tirou suas coisas do baú. Não recordava ter fechado a porta de comunicação entre seus quartos, mas já estava pensando no jantar e não prestou muita atenção a esse detalhe. Entrou no quarto, colocou a roupa sobre a cama e despiu a bata.

No interior da banheira, Justin levantou a cabeça ao ouvir a porta ser aberta. Surpreendeu-se ao ver que Clare entrava e deixava algo sobre a cama, mas se concentrou em admirar a aparência dela. O cabelo lhe chegava até abaixo dos ombros e estava macio e úmido pelo banho.

Notou que levava roupa nas mãos e supôs que Bodesby já teria retornado. Naquele momento, Clare tirou a bata e Justin ficou sem fala.

Viu suas costas nuas, suas nádegas redondas e suas longas pernas e conteve o fôlego, já que o desejo veio com tanta força, que precisou se agarrar às laterais da banheira.

Clare devia ter ouvido o ruído, porque voltou a cabeça para olhar para ele e se voltou surpreendida. Levou uma mão à boca e permitiu que Justin visse seus seios encantadores, a cintura e os quadris. O jovem ergueu a vista para o rosto dela, com a esperança de ver ali um desejo tão forte quanto o seu, mas se deparou com um olhar confuso e envergonhado.

- O que está fazendo, Justin? - perguntou ela.

Segurou a bata e a colocou diante de si.

O jovem demorou um momento em responder.

- Estava tomando um banho. - conseguiu dizer por fim.

- Pois se banhe em outra parte. - gritou ela. Apertou a bata contra o corpo e se afastou até o quarto de vestir sem desviar o olhar dele - Justin St. John, um cavalheiro não olharia!

O comentário o irritou sem que soubesse muito bem por quê. Vira muitas mulheres nuas e, entretanto, nunca se sentira tão impelido a olhar como naquele momento. Embora quisesse, não poderia afastar a vista, e se envergonhava de si mesmo por aquela falta de controle ao mesmo tempo em que estava decepcionado com Clare por não querer se mostrar a ele de bom grado.

- Sou seu marido. - disse, quando ela saiu de sua vista - E eu não tinha vontade de subir mais água nem de trocar a banheira de lugar.

Clare se apoiou contra a parede, segurando a bata contra seu corpo e respirando entrecortadamente com a mente repleta da imagem de Justin nu. Era tão bem formado! Era uma lástima que a visão de seu corpo trouxesse lembranças tão ruins.

Esquecida do presente, só conseguia ver Justin saindo nu da cama que dividia com sua criada. Ouviu-o dizer uma vez mais que nada lhe importava, muito menos ela. Clare cravou os dedos na seda e tentou desvanecer aquela lembrança.

Para Justin sim, importava. Importava-se o bastante para casar com ela, embora somente com intenção de salvá-la de Farnsworth. Mas e se não fosse assim? Todos os receios voltaram de repente. E se casou apenas motivado por alguma antiga rivalidade com Farnsworth? Seu estômago encolheu ao pensar que poderia ser um simples peão em algum jogo estranho. Não, não suportava considerar sequer aquela possibilidade. Como viveria com ele dessa maneira?

Disse a si mesma que ela importava a ele, sim. Aceitara todas as suas condições, não? Deixaria a bebida, as mulheres e concordara em viver no castelo. Estavam ali, então isso demonstrava algo, não?

Mas... e se não cumprisse suas promessas? Engoliu em seco e tentou esquecer seus receios, mas não conseguiu totalmente.

- Clare? - ouviu Justin dizer - Agora vou voltar para o meu quarto. Pode entrar e se vestir.

- Oh! - exclamou ela - Creio que a senhora Sutton está preparando o jantar ali.

O jovem não respondeu e ela apareceu e o viu sair do quarto já vestido com uma camisa limpa e calças. Depois de se vestir por seu turno, Clare se reuniu com ele para comer. Olhou a cama, já preparada para passar a noite, e

perdeu o apetite. O único que conseguia ver ali era Amanda e Justin, bêbado e indiferente a ela.

- Estarei embaixo se precisarem de mim. - disse a senhora Sutton - Henry me trouxe aqui, de forma que me levará para casa quando vocês tiverem terminado. - fez uma pausa para olhar Justin - Senhor marquês, suponho que você precisará de gente aqui.

- Farei vir alguns de meus criados o quanto antes. - ele respondeu.

- Até então, tenho uma irmã com duas filhas adultas que poderiam vir aqui e começar a limpar tudo isso.

- São bonitas? - perguntou Clare, antes que seu marido pudesse responder.

A governanta pareceu surpreendida pela pergunta.

- Bom, para mim são, já que sou da família. - replicou sorridente - Mas suponho que, para o resto do mundo, não.

- Ótimo. - disse Clare - Então pode enviá-las.

Negou-se a fitar Justin, que sabia que a fitava por sua vez.

- Muito bem, senhora Sutton. - disse ele - Faça isso.

Quando a governanta partiu, começaram a comer em silêncio. Clare tinha certeza que a comida, ensopado de carne, batatas cozidas e fatias de pão, não era o que Justin estava habituado a comer e se sentiu de repente rústica e incômoda. Comeu em silêncio, sem sequer olhar para o marido, até que ele deixou o garfo sobre a mesa e a encarou.

- O que houve, Clare? - perguntou com gentileza.

A jovem pensou em não responder, já que de qualquer forma não pensava em dizer a verdade, mas ele perguntou com tanta amabilidade, que não teve opção.

- É este quarto. - disse - Eu não gosto.

Viu que Justin olhava para ela com surpresa, mas se negou a dar explicações.

- Não há outros quartos onde possamos nos instalar? - perguntou.

- Claro. - ele respondeu - Sempre mantive estes quartos por costume, porque são os que estão em melhores condições. Mas há outros: o dormitório principal, por exemplo.

- Se você não se importa, depois desta noite, eu gostaria de me mudar.

- Concordo. - respondeu Justin - O quarto grande será mais apropriado.

Viu-a baixar o olhar, seu cenho franzido e compreendeu a razão do pedido. Recordava o passado tanto quanto ela e tampouco gostava. Sentiu vontade de praguejar por não ter pensado em procurar outro quarto.

Não suportava ver Clare com a cabeça encurvada, não suportava sentir sua tristeza, mas não sabia o que dizer. Era difícil falar do passado, já que nenhum dos dois nunca o mencionava.

- Estou cansada, Justin. - disse ela com suavidade - Foi um longo dia. Se me der licença, creio que irei me deitar.

O jovem assentiu e ficou de pé. O que mais poderia fazer?

- Se não precisar de mais nada, pedirei a essa mulher que recolha tudo e vá para casa. - Justin disse, indicando a mesa.

- Muito bem. - respondeu Clare - Boa noite.

Entrou no quarto e Justin abriu a porta e chamou a senhora Sutton. A governanta recolheu tudo em seguida e logo se despediu.

- Enviarei minha irmã amanhã pela manhã. - disse.

- Mas não muito cedo. - replicou ele.

A senhora Sutton sorriu de orelha a orelha.

- Como desejar, senhor marquês.

Justin fechou a porta com uma sensação de alívio. Enfim estavam sozinhos: sua noiva, ele e os fantasmas de Worth Hall. Embora costumeiramente contasse com uma multidão de criados a seu redor, tinha ido ali sozinho freqüentemente, de forma que se sentia como nos velhos tempos. Um calafrio de emoção o percorreu ao recordar que os melhores momentos tinham sido compartilhados com a mulher que o esperava no quarto ao lado.

O desejo o invadiu com força; respirou fundo e imaginou Clare nua e tombada na cama.

Despiu-se com rapidez e vestiu a bata que ela usara. Deveria dar mais tempo ou já podia ir? Aproximou-se da porta e depois deu meia volta e se afastou. Teria que se esforçar muito para que a paixão que ela suscitava nele não escapasse a seu controle. Fazia muito tempo que não se deitava com uma virgem. A visão de Elizabeth cruzou sua mente e ele soltou uma imprecisão.

Aproximou-se novamente da porta e jurou que aquela noite seria perfeita para Clare. Importava uma sedução longa e lenta, uma que durasse toda a noite, embora não soubesse como faria isso no estado em que se encontrava.

Deu voltas pelo quarto. Sentia-se como um jovem inexperiente, dando voltas por seu quarto, temeroso em ir satisfazer sua própria esposa. Com uma careta de determinação, avançou para a porta e abriu-a de repente.

Capítulo 7

Clare deu um pulo na cama.

- Justin! O que faz aqui?

O fogo iluminava um pouco o aposento e o jovem a viu se levantar com as cobertas apertadas sob o queixo e fitá-lo com os olhos muito abertos. Compreendeu que não ia ser fácil.

Aproximou-se da cama devagar.

- Eu pensava que você...

Percebeu que não podia dizer o que queria e sentiu vontade de amaldiçoar a si mesmo. Antes podia conversar com Clare sem esforço, mas olhava aquela mulher adulta e não estava certo de conhecê-la. Possivelmente fosse aquela combinação de familiaridade e desconhecimento que o deixava sem fala. Mas, fosse o que fosse, não disse nada até chegar ao lado dela.

- Você disse que queria um casamento de verdade. - murmurou com voz suave.

Clare o encarou como se fosse o ogro de um de seus contos. Justin se sentou na beira da cama e ela se afastou dele. O jovem sorriu e resistiu à tentação de tocar aquela cabeleira que caía sobre o rosto da jovem.

- Clare, sou eu, Justin. - disse com voz rouca.

- Eu sei. - ela respondeu. Justin viu que ela relaxava um pouco - Sei o que eu disse sobre o casamento, mas não pensei... esqueci que... não tinha certeza do que dizia, Justin. Creio que não estou preparada para... - se interrompeu.

O jovem olhou para ela e viu pânico em seus olhos.

- Está bem. - se ouviu dizer - Sei que o casamento foi muito repentino. Talvez você precise de tempo para se habituar à idéia. Tome o tempo que quiser. - disse com gentileza.

A jovem sorriu e seu sorriso o compensou de sobra, deixando-o sem fôlego.

- Justin? - Clare perguntou, pensativa.

- Sim?

- Você não está pensando em entrar todas as noites no meu quarto de modo inesperado, não é?

- Não. Não voltarei a entrar se você não quiser. - ele disse - Ficarei no meu quarto e, quando você achar que está preparada, virá a mim.

Clare sorriu agradecida e o jovem sentiu um impulso de se esbofetear. O cabelo escuro caía pelos ombros dela e ele desejava desesperadamente enterrar seu rosto nele antes de lhe acariciar o resto do corpo, que, naquele momento, estava oculto sob as mantas.

Começou a se levantar e se inclinou sobre ela. Depois de tudo, um beijo não era nada de tão grave. E, se isso os levasse a outras coisas, não seria culpa dele. Sentiu os lábios de Clare, suaves e quentes sob os seus, mas só por um instante. Diferentemente do beijo que selou seu matrimônio, aquele foi interrompido por Clare, que se afastou no ato.

- Boa noite. - disse Justin. Voltou para o quarto, olhou a cama vazia e se encaminhou para o corredor. Decidiu que precisava de uma garrafa. Logo se deteve e bateu na testa com desgosto. Não prometera parar de beber? Lançou uma imprecisão e se meteu na cama, certo de que demoraria muito a dormir.

Olhou o teto e suspirou profundamente. Aquela manhã se considerava o vencedor daquele casamento, mas naquele momento se perguntou se Clare não o torturava para se vingar dele. Ali estava, em uma casa que desprezava, com um fogo nas vísceras que não podia apagar nem com sua esposa, que repousava no quarto do lado, nem com nenhuma outra mulher, e sem uma garrafa que o consolasse.

Tinha certeza que aquela não seria uma noite de núpcias que gostaria de guardar na lembrança.

Clare se levantou cedo. Contente por voltar a ter parte de sua roupa, pôs um de seus vestidos de trabalho e se dispôs a atacar a tarefa de arrumar o castelo. Seu castelo. O fato que era seu a fazia imensamente feliz. E óbvio, essa idéia a levou a pensar no marido e sentiu curiosidade em vê-lo dormir. Mas ele estava naquele quarto odioso, de forma que ela saiu para o corredor e se dirigiu à cozinha.

Quando a senhora Sutton chegou com seus parentes, Clare já tinha começado a limpar o grande salão. Justin desceu por volta de meio-dia, quando outros trabalhavam há horas.

- Clare. - disse da soleira.

A jovem quase deu um salto ao ouvir a voz dele. Secou as mãos no vestido e se aproximou do marido.

Justin vestia um paletó verde escuro e estava recém-barbeado. Até a mecha rebelde parecia estar no lugar. Estava de pé, alto e elegante da cabeça aos pés, e terrivelmente atraente.

- Bom dia. - disse ela, um pouco nervosa.

- Seu cabelo... - ele começou a dizer.

A jovem não o deixou concluir.

- Sinto muito. - disse - Suponho que não me comporto como uma marquesa, mas é que tenho vontade de arrumar o castelo e bisbilhotar todos os cômodos.

- Não, certamente, não parece uma marquesa. - disse Justin, com um sorriso - Mas está muito bonita. Gosto de ver seu cabelo solto. Cresceu bastante.

Clare se pôs a rir.

- Sim. - murmurou - Já não o corto com tesouras de poda, se é a isso que se refere.

Justin soltou uma gargalhada. Nunca esquecera a história do cabelo curto dela. Clare explicou que tranças compridas incomodavam e que ela mesma as cortara para horror da governanta, que se apressou a contar ao seu pai. O cavaleiro, como de costume, não se importou com o que a filha fazia, então a moça continuou deixando o cabelo curto.

- Assegurarei guardar todas as tesouras sob chave, - zombou Justin - já que não eu gostaria que você voltasse a cortá-lo.

Ela sorriu.

- Nesse caso, deixarei comprido, - disse com suavidade - contanto que você não se importe se eu não parecer uma dama de verdade.

Justin se pôs a rir.

- Clare, você sempre parece uma dama de verdade. Só precisa ser como é; é a única coisa que peço.

Foi recompensado com um sorriso que lhe partiu o coração. Voltou a se sentir sem palavras e se apressou em mudar de assunto.

- Quanto ao salão, faça o que achar melhor. Se quiser, chamarei alguém de Londres e você poderá redecorar a casa inteira: tapetes, quadros, candelabros, móveis, compre tudo o que desejar.

Não era uma oferta magnânima. O jovem tinha dinheiro de sobra para um projeto assim, de forma que a reação dela o pegou de surpresa. Clare olhou para ele com uma expressão de alegria inigualável e se jogou em seus braços.

Justin recordou o passado, quando a espontânea Clare costumava lhe dar um abraço de vez em quando e ele ria. Naquele momento, entretanto, não sentiu vontade de rir, já que as coisas mudaram muito desde então. Quando a abraçava, abraçava um corpo bem formado, com seios firmes que se apertavam contra seu peito. Esfregou a bochecha contra o cabelo sedoso dela, que cheirava fracamente a rosas, e esperou sentir a onda de desejo com a qual começava a se acostumar.

Chegou imediatamente e com tanta força, que ele quase ficou sem fôlego. Embora soubesse que ela só o abraçava porque estava contente, Justin acariciou as costas dela e a apertou contra si.

Gemeu e ela se sobressaltou e afastou a cabeça para encará-lo, surpresa. Justin aproveitou que seus lábios estavam abertos e os cobriu com os seus,

introduzindo a língua na boca da jovem. Seu sabor era quente e doce e... Notou que Clare ficava tensa em seus braços e disse a si mesmo que devia ir mais devagar, mas não conseguia se afastar. Sua língua estava muito ocupada explorando a boca dela.

Em seguida, quando já estava a ponto de soltá-la, ocorreu. Ela se fundiu contra ele como mel quente e Justin pensou que perderia o controle. Apertou-a com força contra seu ventre e soltou um gemido. Nunca na vida desejara uma mulher com tanta força.

- Clare, preciso de você. Preciso de você. - sussurrou.

Ouviu seu sobressalto, mas a cabeça dela inclinou-se para trás e Justin beijou-lhe o lóbulo da orelha e a garganta e ouviu-a ofegar. Tomando sua resposta por aceitação, decidiu tomá-la nos braços e levá-la para a cama, ou qualquer lugar tranquilo onde pudesse se perder em sua ternura.

Estava prestes segurá-la nos braços quando uma porta foi fechada e Clare se afastou como se algo a tivesse queimado. Alisou a saia e arrumou o cabelo com nervosismo enquanto a senhora Sutton se aproximava deles. Justin lançou uma maldição em voz baixa; a governanta sorriu para eles e o jovem sentiu vontade de estrangulá-la.

- O senhor marquês deseja tomar o café da manhã? - perguntou.

Justin olhou para Clare, que observava o chão muito corada.

- Ainda não, senhora Sutton. Tenho algo urgente a fazer com minha esposa.

Esposa! A palavra soou estranha, mas o comoveu.

Mas parecia que Clare não. Olhou para ele com expressão de dor e Justin sentiu suas esperanças desvanecerem.

- Não, não, Justin. Coma.

- Muito bem. - suspirou ele.

Negou-se a fitar a senhora Sutton e entrou na sala de refeições. Disse a si mesmo que Clare não estava acostumada a ter criados constantemente ao redor e se sentira envergonhada pela entrada da senhora Sutton. A alternativa, que ela não queria fazer amor, era terrível demais para sequer considerá-la.

Clare o observou sair e se apoiou contra a mesa. Respirou fundo e levou uma mão à garganta. O que acabava de ocorrer? Ainda se sentia nauseada e com os joelhos trêmulos. É óbvio, sempre sonhara com os beijos de Justin, sempre soubera que seriam maravilhosos, mas a realidade era tão surpreendente, tão incrível, que nunca teria sido capaz de imaginar. Ele sentia o mesmo ou os beijos eram uma tolice para um homem com uma fama como a dele? Franziu o cenho. Justin lhe dissera que era bonita e sussurrou que precisava dela. Seria verdade? Nesse caso, provavelmente na noite anterior desejava estar com ela e não só por se sentir obrigado pelo matrimônio.

Ruborizou ao recordá-lo na banheira, no dia anterior. A outra visão de Justin nu, quando saía da cama de Amanda, se interpôs, mas Clare a desprezou e se concentrou na imagem que vira no dia anterior.

A imagem a fez engolir em seco e compreendeu de repente que Justin usava algo, mesmo quando estava na água. No dia anterior estava muito alterada para reparar nisso, mas naquele momento viu claramente em sua memória. Ao redor do pescoço ele usava um cordão de ouro, do qual pendia o dragão com que ela o presenteara.

Agarrou-se à mesa com força, como se aquela descoberta a fizesse se desequilibrar. Era verdade que o levava e não o tirava nunca, nem sequer para se banhar. Por quê? Se ela nada significara para ele em todos esses anos, por que usava seu amuleto?

Clare enfiou a cabeça em todos os cômodos do castelo, tirou as capas dos móveis e deixou grandes pilhas de lençóis nos corredores. Sempre que encontrava um tesouro, como o cristal opaco das janelas da capela ou uma tapeçaria especial oculta sob camadas de pó, chamava Justin. O jovem se aproximava, sorria e balançava a cabeça ante o assombro dela.

Abriam o dormitório grande para limpá-lo e arejá-lo e a jovem caminhou pelo último piso até o final da ala oeste, olhando aqui e ali até chegar a uma porta grossa, que não abria. Experimentou todas as chaves do aro que encontrara nas dependências dos criados, mas não nenhuma encaixava.

Frustrada, chamou Justin, que já se acostumara às freqüentes interrupções da esposa. O jovem se aproximou pelo corredor, mas, quando viu onde ela estava, parou de repente com olhar frio.

- Essa porta fica fechada. - disse, com frieza - E também a do final da outra ala.

- Mas aonde conduzem? - perguntou Clare.

- Ao telhado. - ele respondeu.

- Oh, Justin! As almeias! Deve ter uma vista magnífica. Não podemos subir? - perguntou ela. Sempre desejara subir ali, mas Justin dissera que o acesso era impossível.

- Não, não podemos subir. - disse ele com ferocidade - Ninguém sobe aí e as portas ficam fechadas. E pare de experimentar as chaves, Clare, porque essa maldita coisa está selada. - acrescentou, dando meia volta para se afastar.

- Mas não deveríamos examinar o telhado antes de começar qualquer outra melhoria? - perguntou ela.

Justin nem sequer se incomodou em fitá-la.

- Quando o teto afundar, saberemos que há um problema. - disse, afastando-se.

Clare se sentou na cadeira mais próxima, surpresa, até que compreendeu a razão daquela atitude. Esquecido a moça que se atirou no fosso. Com a emoção do casamento e a volta ao castelo, esqueceu por completo a maldição que pesava sobre seu príncipe. Sentiu remorsos por sua falta de tato. Como o ajudaria a vencer aquilo se esquecia com tanta facilidade?

Decidiu que não voltaria a ser tão descuidada. Revisou na memória o pouco que conhecia sobre o incidente. Ainda era difícil acreditar que a jovem, Elizabeth Landrey, tivesse se suicidado pela perfídia de Justin. Provavelmente se averiguasse mais coisas sobre aquele assunto, poderia compreender os motivos da garota.

Procurou a senhora Sutton, que atacou com grande vigor o dormitório grande.

- É lindo, não é? - perguntou Clare, olhando o teto escuro de madeira, o dossel, desprovido de cortinas e o tapete espesso. Assim que arejaram o quarto, passou a cheirar a madeira e especiarias.

- Certamente que sim, senhora marquesa. - disse a senhora Sutton, que varria o quarto de vestir adjacente.

Clare fitou o enorme leito de carvalho esculpido e seu coração bateu com força no peito. Ali não havia más lembranças que pudessem atormentá-la, assim não havia razão para que não se encontrasse nele com Justin. Estendeu uma mão para tocar a margem dourada do dossel e suspirou.

- Senhora Sutton. - perguntou, recordando o que trazia entre as mãos - Você já esteve antes no castelo?

- Santo Céu, não. - redargüiu a mulher.

- Eu pergunto porque sei que Justin viveu aqui outras vezes e queria saber se ele costumava empregar gente dos arredores.

Devia se mostrar cuidadosa. Nunca mencionara a ninguém que estivera anteriormente no castelo e, além de Amanda, cujos lábios permaneceram selados, ninguém nunca relacionara a filha do cavaleiro com o dissoluto marquês.

- Oh, mas isso foi faz tempo. - disse a senhora Sutton, apoiando-se na vassoura - E eu não conheço ninguém que trabalhou aqui. O marquês costumava trazer seus criados de Londres ou de outros lugares. Nós pensávamos que os St. John possuíam casas por toda parte. - disse com um sorriso.

- Lembro que, quando o velho marquês residia aqui, - prosseguiu - era sempre muito emocionante vê-lo montar pelo campo ou pela aldeia. Mas a família sempre se relacionou mais com Rillford e talvez contratassem pessoas de lá; está um pouco mais perto da casa.

Fez uma pausa e ficou pensativa.

- Agora que penso nisso, creio que uma das garotas da senhora Clader trabalhou aqui como criada. Mas, claro, quando a família se mudou, ela foi com eles.

- E quando foi isso? - perguntou Clare.

- Oh, faz quinze ou vinte anos. Faz mais ou menos dez anos que o marquês e sua esposa morreram. - disse com tristeza - Um acidente com a carruagem perto daqui. O rapaz ficou sozinho no mundo, mas parece que isso não o impediu de chegar a ser um bom homem.

Endireitou-se e pegou a vassoura de novo.

- Então, ele não parou muito por aqui depois de herdar o título? - perguntou a jovem.

- Oh, de vez em quando se ouviam boatos de coisas estranhas que ocorriam aqui, mas não era freqüente. - disse a senhora Sutton, varrendo com força.

- Algo em particular?

A mulher se deteve imediatamente e olhou Clare com solenidade.

- Você sabe sobre a garota que caiu?

- Sim. - respondeu a jovem - Sei algo, mas não tanto quanto eu gostaria. Você pode me dizer alguma coisa a respeito?

A senhora Sutton meneou a cabeça.

- Foi muito triste. Uma jovem dama de Londres que caiu do telhado. Aterrissou no fosso. Meus primos de Rillford falaram muito disso. - levantou os olhos para Clare - Parece que havia uma festa e os jovens não estavam muito tranqüilos.

- Acha que há alguém em Rillford que estava trabalhando aqui naquela época e lembre aquela noite?

A mulher negou com a cabeça.

- Isso eu não sei. Eu poderia perguntar aos meus primos, mas duvido que possam dizer muito e talvez não seja verdade, talvez sejam apenas boatos. São uma gente muito supersticiosa, sabe? E quando a garota morreu aqui, todos começaram a falar de novo da velha maldição.

- A maldição? - perguntou Clare, surpresa.

- Oh, contos de velhas. Você conhece as histórias que costumam inventar em torno das velhas famílias. - a senhora Sutton balançou a cabeça - Uma jovem sensata como você não deveria prestar atenção a tais coisas. Agora você é a proprietária da mansão.

- E qual é exatamente a maldição? - perguntou Clare, que não estava disposta a esquecer o assunto.

- Bom, algo como todas as gerações acabariam mau.

- Mas isso não pode ser verdade. - protestou Clare - Os pais dele...

- Alguns insistem que seu acidente foi um modo que a maldição se cumprisse.

Atônita pelas palavras da senhora Sutton, Clare saiu para o vestíbulo, quase enjoada pela ironia da situação. Ela pensara em salvar Justin de sua melancolia e agora enfrentava uma maldição de verdade.

Sua consternação se via aumentada pela própria ignorância. Irritava-se em pensar que a senhora Sutton sabia mais sobre família de Justin que ela. É óbvio, quando ela descobriu o castelo, há anos estava abandonado. A única vez que o cavaleiro mencionara o lugar foi para se queixar de seu abandono.

Clare nunca falara do castelo com os aldeões porque sempre tinha mantido suas visitas em segredo. Possivelmente fosse mais fácil conseguir informação em Rillford, um povoado grande que parecia estar mais ligado à família.

Mesmo assim, havia uma pessoa que podia ter falado da maldição a ela e essa pessoa negou conhecer qualquer história sobre o castelo. Em vez disso, pediu que ela inventasse algumas. Clare franziu o cenho e foi em busca do marido.

Encontrou-o no estúdio, revisando livros de contas e papéis velhos. Ficou de pé na soleira, com as mãos nos quadris e encarou-o acusadoramente.

- Por que você não me falou da maldição dos Worthington? - perguntou.

- A maldição dos Worthington? - ele repetiu. Ergueu-se com os olhos cheios de fúria - Malditos sejam todos esses caipiras! Por isso eu nunca quis contratar nenhum deles.

Clare se aproximou dele e pousou uma mão em seu peito.

- Isso não é uma resposta. - disse com suavidade - Eu perguntei por que você não me falou. Você disse que não sabia a história do castelo e me obrigou a distraí-lo com meus relatos. - recordou com um sorriso.

Justin se tranqüilizou imediatamente.

- Suponho que eu não quisesse espantá-la. - grunhiu - E suas histórias eram muito melhores que as verdadeiras. - disse com um sorriso - Eu adorava ouvi-las.

- Pois agora sou eu que quero ouvir histórias. - ela murmurou, com um sorriso - Quero saber tudo o que se conta deste lugar, assim, por que não saímos até o jardim, como fazíamos antes, e você me conta tudo?

Justin olhou para ela com ar cético.

- Certamente. - replicou - Pegarei a cimitarra e a tocha para que possamos abrir caminho entre as ervas.

- Justin!

O jovem sorriu.

- Está bem. Suponho que poderemos andar um pouco se seguirmos os velhos caminhos de pedra. Mas, a menos que esteja disposta a se pendurar em uma árvore, sugiro que levemos algo para nos sentarmos.

Pôs-se a andar ao seu lado e percebeu que era a primeira vez que falavam do passado sem que nada acontecesse. Provavelmente aquele fosse o primeiro passo para algo novo.

Capítulo 8

Abandonaram os jardins para avançar por entre a erva alta que crescia atrás do castelo. Justin estendeu uma manta em uma pequena colina que dava para o rio e se esticou ao sol com os braços atrás da cabeça.

Clare, sentada a seu lado, sentia certa familiaridade, porque isso era algo que tinham feito freqüentemente. Entretanto, olhou Justin e reconheceu como as coisas distintas eram naquele dia. Naquela vez não era ela quem falava, contando histórias de dragões e cavaleiros andantes, era ele. Começou falando do primeiro marquês de Worthington, Guy de Fiennes, o homem que construiu o castelo em 1341. Quando chegaram à vida do terceiro marquês, Clare estava exasperada.

- Como você pôde? - perguntou, fazendo cócegas no queixo do marido com um fio de erva - É um embusteiro. Jurou que não sabia nada a respeito deste lugar e conhece todos os detalhes de sua história.

Justin se pôs a rir.

- Suponho que eu não queria pensar nesta casa e, além disso, a história verdadeira é muito mais aborrecida que as coisas que você contava.

- Mas é a verdade. - protestou ela.

O jovem a olhou com ceticismo.

- Quem sabe? Tudo isso ocorreu há muito tempo e o tempo costuma mudar os fatos. Quer continuar me atormentando com essa erva ou quer ouvir sobre a maldição?

- Continue. - ela sorriu.

- Parece que recaiu sobre a família na época do terceiro marquês, Roderick de Fiennes, que tinha relações com o rico e poderoso Lorde Moleyns. Lady Moleyns tinha um colar muito famoso, fabricado expressamente para exibir dois fabulosos rubis conhecidos como "As Irmãs". Essas enormes gemas estavam rodeadas de pérolas e incrustadas em ouro.

- Está inventando isso! - ela acusou.

Justin riu com suavidade.

- Não. É a verdade, ou é o que diz a lenda. Em qualquer caso, aconteceu que o duque e a duquesa vieram de visita. Tudo ia bem até que, quando se dispunham a partir, descobriram que o colar faltava.

- Oh, não! - exclamou a jovem, com os olhos arregalados.

- Oh, sim! - ele zombou - Naturalmente, culparam o marquês e sua família. Roderick, que era muito temperamental, não gostou de ser acusado de

ladrão pelos hóspedes em sua própria casa. Os dois homens desembainharam as espadas e o marquês acabou estendido no chão do grande salão.

Sorriu ao ver Clare estremecer.

- Não estava morto, então o duque se aproximou dele e disse: “que isso seja uma lição para você, Worthington, e seus herdeiros, que acabarão todos mal até que o que é meu seja devolvido a minha casa”.

- O duque e seus acompanhantes partiram e o marquês foi levado para a cama, onde morreu uma semana mais tarde. A marquesa, que estava muito alterada, agarrou os filhos e partiu para Londres com a família, fechando a mansão pela primeira vez em sua história.

Fez uma pausa para olhar Clare, que prestava atenção em todas as suas palavras.

- O duque, um homem muito poderoso, se propôs a destruir a família e por pouco conseguiu. - prosseguiu - Os dois filhos morreram jovens, vítimas de febres que varreram a cidade, de forma que o título passou a um primo, William St. John, um homem pouco preparado para a animosidade de Lorde Moleyns. A fortuna dos Worthington sofreu tal diminuição, que demoraram quase um século para se recuperar.

- Santo Céu, Justin! - exclamou a jovem - E o que aconteceu com o colar?

Ele balançou a cabeça.

- Ninguém sabe. Alguns pensaram que o marquês o tivesse roubado e morreu antes de poder revelar seu esconderijo. Mas a opinião da família é que o duque vendeu o colar, tirou as jóias, provavelmente até as cortou e as vendeu separadamente e usou o marquês como bode expiatório.

- Não! - exclamou Clare, abatida - Que horror! Mas então o colar nunca será encontrado e nada poderá ser provado.

Justin, ao ver sua decepção, desejou por um momento ter proporcionado outro final, mas a realidade era assim. A vida raramente tinha finais felizes.

- Suponho que não; mas faz muito tempo que desapareceu, querida Clare.

Aquelas palavras lhe pareceram quase uma carícia e a jovem olhou a manta para ocultar sua reação.

- Mas essas tolices de que a família esteja amaldiçoada, não podemos acreditar nisso, não é?

- Temo que as pessoas simples de então, uma época em que ainda queimavam bruxas, estavam dispostas a crer em algo. O quarto marquês não teve muitas possibilidades, limitou-se a lutar como pôde para recuperar a fortuna e a honra da família e as pessoas morriam jovens naquela época devido a toda espécie de enfermidades. A vida era dura e estou certo que todas as desgraças da família se atribuíam à maldição, como alguns dos aldeões atribuíram a ela a morte de meus pais.

- Sinto muito, - murmurou a jovem - mas possivelmente seja essa a razão para que ninguém entrasse para roubar no castelo. Sempre me perguntava como você se atrevia a deixá-lo sem vigilância.

Sentou-se sobre os calcanhares e, ao ver que ele nada respondia, sentiu uma suspeita.

- Justin St. John! Nada importava a você. Provavelmente você teria deixado que roubassem tudo sem mover um dedo. Como é possível?

O jovem se voltou para ela com um sorriso.

- Oh, minha romântica Clare! Juro que não voltarei a desejar nada mau a este lugar. - replicou e acariciou a bochecha dela.

- Assim espero.

Continuava um pouco irritada pela atitude de desprezo dele para com seu castelo encantado, mas a carícia fez esquecer seu ressentimento. Desejava segurar a mão dele e apertá-la com força, mas não podia fazer isso ainda. Primeiro precisava se assegurar que Justin a amava de verdade.

Ergueu-se trêmula. Olhou para o castelo e para o rio que alimentava o fosso e suspirou ante tanta beleza.

- E pensar que eu me dediquei a inventar histórias sobre o castelo e havia uma maldição real!

- Uma maldição, sim; real, não. - disse ele, erguendo-se por sua vez. Segurou a mão de Clare - Você não vai acreditar nessas bobagens, vai?

Sorria com ar zombeteiro, mas a jovem viu em seus olhos que a pergunta era séria e sorriu também.

- Não, não acredito. Suponho que sua maldição tem tanta substância como minhas histórias de dragões, cavalheiros e feitiços. - assegurou.

E dizia a verdade. Ela não acreditava que as palavras de um duque proferidas há 400 anos atrás pudessem afetar a vida de seu marido ou a dela.

Não, a maldição dos Worthington era uma história da carochinha, mas a maldição verdadeira, a que enchia seu príncipe de melancolia, ainda existia. Clare sabia que, para rompê-la, teria que remexer o passado mais recente, uma noite em que uma moça grávida se atirou ao fosso.

Notou que ele ainda segurava sua mão e ergueu a vista para encará-lo. Os olhos dele, escuros e profundos, expressavam algo que nunca vira neles; uma promessa que a atraía e ao mesmo tempo assustava. Só precisava dar um passo, levantar a cabeça e provavelmente... Sua habitual coragem a abandonou e Clare retirou a mão e desviou o olhar, o que lhe impediu de ver a expressão de amarga decepção que se refletiu nos dele.

Clare trabalhava todos os dias no castelo e Justin, muito a seu pesar, se viu obrigado a mover móveis, polir madeira e retirar coisas dos aposentos até se

sentir mais como um criado que como um nobre. Embora se queixasse, a verdade era que estava melhor do que estivera em muito tempo e gostava que sua esposa o olhasse com admiração, como se acabasse de realizar uma magnífica façanha.

Sentia aquele olhar freqüentemente e percebia que a jovem pouco a pouco se aproximava dele. Às vezes parecia que a relação entre eles era como antes. Mas faltava a risada dela. Desejava poder ouvir aquela risada aguda que tanto ressoava em outro tempo na mansão. E desejava tocá-la.

Todas as noites permanecia acordado em sua cama durante horas, amaldiçoando as promessas que lhe fizera. Certamente não desejava outra mulher, nem sentia falta do álcool, o que o surpreendia. Era a promessa de não entrar em seu quarto que o fazia se amaldiçoar pelas noites. Tinha certeza que, se conseguisse se enfiar na cama dela, o resto ocorreria de modo natural. Mas, durante o dia, Clare permanecia vigilante e nunca conseguia pegá-la a sós e, durante a noite, estava a salvo atrás da porta que separava seus quartos.

Alguns dias depois chegaram os criados, trazendo com eles certa aparência de normalidade e logo chegou a costureira que ele chamara de Londres para que fizesse roupa adequada à nova posição de sua esposa. Temia que Clare apresentasse algum problema, mas a jovem pareceu desfrutar com a preparação de seu novo guarda-roupa.

Pouco depois chegou o senhor Clifford Brown, encarregado de proporcionar a Clare todo o necessário para mobiliar a mansão. Justin observou os dois irem de quarto em quarto, planejando e admirando a decoração existente e se perguntou como diabos terminara vivendo em Worth Hall. Quando descobriu que começava a gostar de lá, suspeitou que estava ficando louco.

Clare adorava, mas estava tão ocupada, que mal tinha ocasião de respirar. A agitação dos criados a deixava nervosa, mas tentou se adaptar a isso. Parecia haver cozinheiros e criadas por toda parte, e até o mordomo de Justin tinha chegado da cidade. Cruzava com eles nos corredores, sem saber quem eram e uma vez até tentou conversar com o mordomo tomando-o por um visitante.

Ela mesma era servida por uma criada pessoal e uma costureira que planejava coser uma porção de vestidos: vestidos de montar, de jantar, para noite, para manhã, roupa para o jardim, para viajar, para passear, etc, etc. Para uma garota que se criou quase como um rapaz no campo, aquilo era entristecedor. Mas era bastante sensata para desejar se vestir como a mulher que salvaria Justin de seus demônios.

Infelizmente, estava ocupada demais para tratar de salvação. Esperava encontrar algum criado que esteve na casa na noite do acidente, mas o senhor Brown e a costureira tomavam tanto do seu tempo, que não tinha ocasião de interrogar ninguém. Por mais que desejasse renovar seu vestuário e o castelo, Clare percebeu que não passava muito tempo com seu príncipe e isso a incomodava mais do que queria admitir.

Após uma semana de matrimônio, não pareciam estar mais perto de enterrar o passado do que no dia do casamento. Justin não tornara a beijá-la e Clare receava que ele não a achasse bonita ou desejável. Sabia que lhe pedira tempo para se acostumar às suas carícias, mas como conseguiria se não a tocava de forma nenhuma?

Jurou a si mesma que aquela tarde seria diferente; naquele dia iam visitar formalmente o cavaleiro. Clare admitiu que gostaria de cavalgar e estar a sós com seu marido.

Sorriu quando o viu se aproximar, tão atraente com seu paletó cor bordô e calças amarelas que ficavam muito bem nele. Percorreu seu corpo com o olhar e pareceu detectar certa robustez. Provavelmente com todo aquele trabalho estivesse desenvolvendo novos músculos. Aquela idéia lhe deu vontade de vê-lo sem roupa e cravou a vista no chão.

- Bom, suponho que já não podemos mais adiar. - disse Justin, com uma careta. Ambos subiram a seus cavalos.

Enquanto cavalgavam, Clare estava muito consciente da presença dele a seu lado. Como sempre percorrera aquelas colinas a pleno galope, impaciente para se reunir com ele, propôs desfrutar do passo suave daquela tarde e da presença do príncipe que levava a sua casa.

O cavaleiro os recebeu com amabilidade e os introduziu no salão. O recinto parecia muito pequeno, comparada com os do castelo e Clare se deu conta do pouco que tinha em comum com o rico marquês com quem casara. Entretanto, freqüentemente se sentia mais cômoda no castelo que em sua própria casa. Justin a fizera se sentir bem-vinda, desejada, valorizada e especial. A lembrança fez um nó na garganta dela.

E agora? Sabia que não era o mesmo. Nunca baixava a guarda o suficiente para chegar a confiar nele, para deixá-lo entrar em seu coração, porque não estava certa de querer que ele voltasse a entrar nele. Não suportava a idéia de voltar a sofrer. Reprimiu lágrimas inesperadas, pediu um copo de água à senhora Sutton e tentou se controlar.

Viu que Justin a observava com olhar fixo e em seguida olhava para o cavaleiro como se jogasse nele a culpa de seu desconforto. Isso a fez sorrir; não importava que fosse ele quem a fizesse sofrer; a idéia de que estava disposto a se vingar de qualquer que um a incomodasse produziu uma ternura especial. Seu príncipe voltava a protegê-la.

Observou-o conversar com seu pai e disse a si mesma que deveria ser feliz pelo fato de ter seu príncipe. Quantas vezes fora àquela casa desejando ficar com Justin para sempre? E agora podia. Quase se assustava ao pensar em todas as esperanças e sonhos que teve naquela casa e saber que, em sua maior parte, tornaram-se realidade.

Captou um olhar interrogativo de Justin e sorriu para tranquilizá-lo.

- Bom, não posso dizer que lamento sua fuga. - anunciou o cavaleiro, sempre tão prático - Creio que todos os gastos e bobagens dos casamentos são excessivos.

Justin não estranhou aquelas palavras. Sempre sentira certo antagonismo contra aquele homem, provavelmente por ele não ter amado Clare como deveria quando era adolescente. Em vez de permitir que ela percorresse o campo sozinha, seu pai deveria ter se ocupado de sua educação, alimentando aquela veia criativa e tomando mais interesse pela filha com a qual fora abençoado.

E sobretudo, seu ressentimento contra ele se viu exacerbado pela recente ameaça do cavaleiro entregar Clare a Richard Farnsworth. Olhou para ele com frieza, mas o outro homem não piscou.

- Bom, ouvi dizer que estão reformando a mansão. - disse, inclinando-se para encher o cachimbo.

Justin assentiu; escutou Clare contar seus planos para a casa e se maravilhou ante a mudança que se produziu em seu rosto. Antes parecia desconfortável em sua própria casa, mas, quando começou a falar de sua nova residência, seus olhos brilharam e a voz tremeu de emoção. O marquês se encantava em fitá-la. Era tão inteligente e encantadora que o deixava sem fôlego e sentiu certo orgulho por poder proporcionar aquele entusiasmo. Pelo menos, dera-lhe o castelo, o que era evidente que a agradava mais do que sua pessoa poderia produzir.

- E os estábulos, senhor marquês? - perguntou o cavaleiro - Deveriam derrubar esses tão velhos e construir outros novos.

Justin o fitou com indiferença.

- Provavelmente faremos isso. - replicou.

Logo se viu obrigado a escutar uma longa conversa sobre criação de cavalos, que o aborreceu de tal maneira que quase sentiu vontade de dormir. Por fim, Clare deu um jeito para mudarem de assunto e pôde apreciar de novo sua voz.

Já estavam quase se despedindo quando o cavaleiro disse algo que tirou Justin da letargia.

- Ah, Clare, recebi uma nota de sua tia. Parece estar muito alterada por sua fuga e está decidida a vir aqui e ver como você está. Naturalmente, não posso hospedá-la aqui, então eu disse a ela que podia ficar com vocês para que visse por si mesma o quanto estão bem. - sorriu.

- O quê? - perguntou Justin, horrorizado ao pensar na tia de Clare.

O cavaleiro sorriu de novo, daquela vez com verdadeiro prazer. Parecia que o casamento de Justin não servira para melhorar a atitude daquele homem para com ele. Se não fosse assim, como aquele homem infligiria semelhante tortura a seu genro?

- Vamos, senhor marquês, não você impedirá que minha pobre filha veja seus parentes, não? - perguntou com astúcia.

- Eu jamais faria tal coisa. Sempre que Clare quiser visitar sua tia, ficarei encantado de ir a Londres com ela e abrir a casa da cidade. - rebateu Justin.

- Tarde demais, senhor marquês. Eugenia já está a caminho. - disse o cavaleiro, dando um tapinha caloroso nas costas de Justin - Informem-me quando ela se for e eu mesmo irei dar uma olhada nas melhorias.

- Não receberei essa mulher em minha casa! - disse Justin com ardor quando abandonaram a propriedade do cavaleiro.

- Vamos, Justin. - ralhou Clare - É uma senhora de idade e às vezes um pouco confusa. Tenha compaixão.

- Um pouco confusa? É uma cabeça-de-vento e uma grosseira, além disso. - ele replicou.

Recordava muito bem a negativa da mulher em ouvir suas advertências sobre Farnsworth. O modo como o tratara ainda incomodava. Embora fosse muito consciente de sua má fama, não estava acostumado que a lançassem à cara, especialmente uma mulher estúpida sem títulos nem meios.

Clare sorriu.

- A casa é muito grande, Justin. Nem sequer a verá.

Pôs seu cavalo a galope e o jovem se viu obrigado a segui-la. Nem sequer se incomodou em gritar uma resposta. Decidiu que Clare tinha razão; não ficaria para ver sua tia. Assim que aquela galinha choca chegasse, anunciaria que tinha assuntos importantes a tratar em Londres.

Não disse nada sobre isso, entretanto, e sorriu despreocupadamente quando chegaram à mansão.

- Vejo que enfim arrumaram um pouco isso. - disse, notando com aprovação que alguém aparara a erva. Os jardins se estendiam diante deles, uma massa de vegetação sem ordem nem concerto, mas ao menos já podiam passear pelos caminhos sem ter que abrir caminho entre o mato.

- Quero ressuscitar os antigos jardins. - disse Clare.

Começou a contar o que planejava fazer, assinalando aqui e ali e Justin viu como seu rosto se iluminava. Seus olhos brilhavam de entusiasmo e falava com a mesma alegria com que costumava falar do castelo. Observou-a admirado enquanto ela observava as ervas com amor.

- Foi por isso que você casou comigo, não foi? - perguntou ele, ciumento. A jovem o fitou, surpreendida - Pelo castelo?

Clare sorriu e levou uma mão ao cabelo.

- Em parte, sim. - respondeu - Você sabe que sempre gostei dele. Queria salvá-lo.

- E a outra parte? - perguntou Justin, tenso de repente.

Não importavam quais foram os motivos dele naquele matrimônio. Desejava ouvir as razões de Clare e não queria que fossem tão prosaicas como as dele.

A jovem desviou o olhar.

- Talvez para salvar você de si mesmo, Justin. - disse com rapidez.

O homem relaxou. Embora não fosse a resposta que quisesse ouvir, era mais do que tinha esperado. Clare se voltou para ele.

- Admita que não é tão ruim viver aqui comigo. - zombou - Olhe bem para você. Agora que não passa o tempo todo bebendo, está muito melhor.

- Quer dizer que estou melhor que na semana passada, quando era repulsivo? - perguntou ele, com secura.

Clare se pôs a rir.

- Como você sabe muito bem, Justin St. John, é atraente demais para seu próprio bem. Mas todo esse álcool acaba por afetar. E eu não gostaria que acabasse gordo e com o rosto vermelho como o senhor Cobb.

- Ou como o cavaleiro. - ele acrescentou.

- Ou como o cavaleiro. - repetiu ela. Sorriu - Embora eu não consiga imaginá-lo gordo.

Justin viu que os olhos dela percorriam seu cabelo e seus ombros para em seguida descer pelo peito até suas coxas e teve que se conter para não tomá-la nos braços.

- E toda essa atividade que o obriguei a desenvolver dá um aspecto muito sadio a você. - disse ela, com a voz mais rouca que o normal.

O jovem, que se excitara com seu olhar, pensou em outra atividade que estava disposto a se submeter com mais agrado.

- Tanto cair, beber e jogar não pode ser bom. - ela zombou - Não é muito mais sadio cavalgar pelo campo e respirar? - perguntou esperançosa.

- Muito mais. - ele respondeu com lentidão. Cavalgar era justamente o que tinha em mente - Muito bem. - disse com um sorriso - Já estou renovado. Você melhorou meu aspecto, minha saúde e meus apetites. Agora o quê? - sorriu com ar inocente.

- Bom... - a jovem desviou o olhar e levou uma mão ao cabelo para retirá-lo do rosto.

- Beije-me, Clare. - disse ele, com suavidade. Viu que ela o olhava surpresa - Só um beijo, já que estou muito mais bonito graças ao regime de minha esposa.

A jovem pareceu envergonhada, como se fosse negar, mas sorriu com nervosismo e avançou para ele.

- Temo que eu não seja muito boa nisso. - disse.

Desejava muito beijá-lo. Sempre desejara acariciar seu príncipe e agora que sabia o que ocorreria, estava mais que disposta a se fundir nos braços dele como cera quente. Mas não imaginava por onde começaria e a visão de todas as mulheres que tinham-na precedido se interpunha entre eles. Como podia competir com as damas elegantes de Londres que sabiam bem o que faziam? Justin se sentiria muito decepcionado com ela. Engoliu em seco.

- Fará isso muito bem. - disse ele.

Clare ergueu uma mão e acariciou o pescoço dele. A jovem respirou fundo e, colocando as mãos nas lapelas do paletó dele, esticou-se e apertou seus lábios contra os do rapaz. Gostou da sensação, mas Justin permaneceu imóvel. Talvez...

Percorreu os lábios dele com a língua e Justin gemeu de repente e a apertou contra si até ela sentir sua ereção. A língua dele se introduziu em sua boca e a jovem passou os braços em torno do pescoço do marido e se apertou contra ele.

Os lábios dele se moveram sobre os dela, subjugando-os e acariciando-os antes de abrir sua boca novamente para entrar em seu interior, e a jovem ficou sem fôlego. Tentou devolver o beijo e ele respirou fundo; acariciou sua língua com a dele e lançou um gemido e a apertou com mais força ainda.

- Clare, preciso de você. - sussurrou contra o rosto dela - Vamos subir.

A jovem, que esquecera que estavam na parte de trás da casa, à vista de todo o mundo, assentiu. Passou uma mão pelo rosto dele e lhe acariciou o cabelo. Justin era seu enfim. Justin em carne e osso era muito mais do que jamais sonhara e ela não queria que aquela euforia terminasse. Queria cair e deixar de estar de pé, o que não era fácil quando os joelhos se dobravam sozinhos. Possivelmente caída pudesse se aproximar mais dele, sentir sua força, tocá-lo...

O homem precisou se controlar para não jogá-la sobre a erva. Sabia que o chão não era o lugar mais apropriado para introduzir a esposa nos prazeres do matrimônio. Mesmo assim, ela parecia tão entusiasmada, que odiava ter que romper aquele feitiço.

Passou uma mão entre eles e lhe acariciou um seio. Ouviu-a dar um sobressalto e soube que, se continuasse assim, acabaria por não se importar onde estavam. Baixou a cabeça e a beijou no pescoço.

- Clare, deixe-me levá-la para cima. - sussurrou - Deixe-me amá-la.

Sentiu-a ficar tensa no mesmo instante. Separou-se dele e o empurrou para obrigá-lo a soltá-la. O jovem se inclinou para frente, pôs as mãos nas coxas e se esforçou por recuperar o ritmo normal de sua respiração.

- Clare! - gritou - Maldição!

Compreendeu que ela estava longe demais para ouvi-lo e lançou uma imprecisão. Endireitou-se para correr atrás dela e a seguir pensou melhor. Depois de tudo, prometera dar tempo a Clare e não devia pressioná-la só porque sua necessidade era tão urgente. Não gostava de sentir essa necessidade e seu orgulho não permitia suplicar o favor de nenhuma mulher, nem mesmo Clare. Pôs-se a andar pelos jardins para desafogar sua frustração e decidiu que o cavaleiro tinha razão. Deveria derrubar os malditos estábulos.

Capítulo 9

Consciente do olhar vigilante dos criados, Clare diminuiu o passo ao entrar na casa. Subiu para o quarto, mas, temerosa que Justin tentasse encurralá-la ali, entrou em um dos quartos vazios e se aproximou da janela para olhar os jardins.

Seu marido não estava à vista. A jovem ruborizou ao recordar seu abraço e seus beijos e levou as mãos à cabeça em uma tentativa de esclarecer sua confusão. Ansiava seu contato, fundia-se com ele e, entretanto, não queria se render.

Se se deixasse levar pela paixão, até que ponto iria Justin? Perderia a si mesma no processo? Levou uma mão à boca para conter o medo que a paralisava por dentro, porque sabia que era incapaz de voltar a entregar o coração a ele.

A imagem de Amanda e Justin, nus e abraçados, passou diante dos seus olhos e compreendeu que a criada era mais bem dotada que ela para compartilhar a cama de seu marido. Juntos compartilharam intimidades que não significavam nada para nenhum dos dois, mas para Clare não podia ser tão fácil. Quando ele a beijava, sentia-se arrastada até o interior dele, justamente onde mais temia ir.

Quando Justin se acalmou o bastante para entrar em casa e se trocar para jantar, Clare não estava à vista. Enquanto se vestia, ruídos no exterior atraíram sua atenção. Aproximou-se da janela e lançou um gemido, que daquela vez não tinha nada a ver com prazer. Eugenia Butterfield desembarcava de uma carruagem ao lado da porta e sua esposa a recebia.

Decidiu não partir para Londres imediatamente, a não ser que Clare decidisse visitá-lo aquela noite em seu quarto. Mas partiria no dia seguinte. Investigaria quanto tempo a tia dela pensava ficar e planejaria o retorno para quando aquela cabeça-de-vento partisse.

Depois da tranquilidade daqueles dias, Londres seria uma boa distração. Procuraria Fletcher e lhe chamaria a atenção por não ter cuidado da tia durante sua fuga. Depois iria a um dos clubes e jogar um pouco. Mas não, jurou que não voltaria a jogar. Dispensou o mordomo com a mão, impaciente, e amarrou ele mesmo a gravata. Que diabos faria em Londres se abandonara o jogo, as mulheres e o vinho?

- Justin pensa que você não gosta dele. - disse Clare à tia, decidida a suavizar as coisas entre os dois antes que seu marido descesse para jantar.

- E não gosto. - respondeu Eugenia, sincera.

- Mas se nem sequer o conhece. - disse a jovem.

- Suponho que não, mas mesmo alguém como eu ouviu falar dele. Tem uma reputação terrível. Eu não fazia a menor idéia que ele procurava esposa, mas, é óbvio, agora que casou com você, tenho certeza que se modificará. - olhou preocupada para a sobrinha - O que você acha?

- Claro que sim. - assegurou Clare com um sorriso.

- Nesse caso, suponho que terei que mudar de opinião sobre ele, embora não possa dizer que eu tenha gostado do modo como ele me tratou quando foi a minha casa.

- Estou certa de que ele só estava preocupado por mim. - explicou a jovem - Já sei que pode ser muito incisivo, mas quase sempre se mostra encantador.

- Isso é o que ouço dizer dele, mas eu nunca vi por mim mesma. - Eugenia olhou a sobrinha com ferocidade - E devo admitir que você tampouco parecia contente com a situação e por isso fiquei tão preocupada quando fugiram.

- Sinto muito. - murmurou Clare, com sinceridade - Foi terrível da minha parte partir sem dizer nada, mas Justin consegue ser muito persuasivo. A princípio eu não estava segura de querer casar com ele, mas depois decidi que seria o melhor.

Sua tia franziu o cenho com preocupação.

- Sei que seu pai estava decidido que se casassem e, é óbvio, o que deveríamos levar em conta é que fez um casamento vantajoso. Uma mulher deve cumprir seu dever, você sabe. Mas eu não gostaria que fosse desgraçada, minha filha. Não é, é?

Clare se pôs a rir.

- Não, tia. Sou muito feliz. - replicou. E começou a explicar seus planos para melhorar o castelo e os jardins. Só se deteve ao ver Justin de soslaio. Vestia negro, com exceção da camisa branca, e estava tão bonito que não compreendia como Eugenia conseguia permanecer indiferente a seu encanto.

- Justin. - disse - Você se lembra da minha tia, Eugenia Butterfield?

- Claro que sim. - disse ele, com sua voz mais sedutora, inclinando-se para beijar a mão da visitante - É um prazer voltar a vê-la.

Embora Eugenia não ruborizasse, como fariam a maioria das mulheres, relaxou um pouco e Clare deixou escapar o fôlego que retinha. Ganharam uma pequena batalha.

Justin, por seu lado, não considerou nenhuma vitória. Não tinha vontade de acrescentar tia Eugenia a sua lista de mulheres conquistadas, mas sabia que

tudo seria mais fácil se a mulher sentisse menos animosidade contra ele. Mesmo assim, continuava tendo intenção de partir para Londres no dia seguinte e pouco depois do primeiro prato decidiu que chegou o momento de dar a notícia a sua esposa. Não foi fácil, porque Clare sorria com orgulho para ele, como se sua cortesia para com a tia fosse uma façanha fora do comum. À luz das velas, a pele dela brilhava como mel, o vestido azul que usava deixava tanto dela descoberto, que custou em se concentrar na comida.

- Clare, - disse por fim - decidi que amanhã vou... - a jovem o olhou expectante - ...derrubar os estábulos. - terminou.

Ficou sentado, sentindo-se estúpido, mas aliviado. Percebeu de repente que não tinha nenhuma vontade de deixar a esposa nem sequer para uma breve viagem a Londres. As coisas que antes o atraíam na cidade pareciam tolices em comparação com a mulher que o retinha ali. Quanto a sua tia, bom, estaria ocupado com os estábulos e não teria muitas ocasiões de encontrá-la.

- Sua tia, senhora marquesa. - anunciou Harris com voz inexpressiva.

Clare se voltou e viu o mordomo introduzir Eugenia no salão.

- Oh, Clare. Essas casas de campo são tão confusas. - disse a mulher, sentando-se em uma poltrona - Não sei como você consegue encontrar o caminho.

- Obrigada, senhor Harris. - disse Clare - É uma casa grande. Menor que um castelo, claro, mas enorme se a compararmos com minha casa ou sua casa da cidade. Se necessitar que alguém indique o caminho, só precisa perguntar aos criados.

- Há muitos, não? - perguntou Eugenia - Nunca sei o que fazer; sempre há gente disposta fazer isso tudo.

- Você só precisa relaxar e desfrutar da estadia. - sorriu a jovem.

- Oh, quem dera pudesse, mas tenho a impressão de ter falhado em meu dever para com você, filha. - replicou sua tia com um suspiro - Eu deveria ter insistido em tomar parte de sua educação, mas você sabe que seu pai nunca se mostrou muito cordial e eu não podia discutir com ele. É um homem muito temperamental.

- Vamos, tia, não se preocupe com isso. - Clare interrompeu - Eu sei muito bem como é papai. Veja estes desenhos do castelo que encontrei. - apontou um quadro, mas sua tia não estava disposta a mudar de assunto.

- Assim, é óbvio, tampouco pude discutir com ele quando escolheu um marido para você. Além do mais, o dever de uma mulher é fazer um casamento vantajoso. - assinalou.

- E eu fiz. - redarguiu a jovem.

- Certo. Mas agora, Clare, seu dever é seu marido e, embora você não o tenha escolhido, é sua responsabilidade ser uma boa esposa. - disse Eugenia. Sua voz soava tão estranha que a jovem levantou a cabeça, perguntando-se onde ela queria chegar - Sei que ele tem má reputação, filha, mas você deve cumprir seu dever. - terminou com firmeza.

- Farei isso. - Clare replicou - Não fique assim, tia.

Eugenia respirou fundo.

- Falo sério, Clare. - disse.

- E eu também. - murmurou a jovem, com calma - Não sei com o que se preocupa. Papai disse que você estava triste pela fuga, e entendo, mas está tudo bem. Prometo que cuidarei bem de Justin, se é isso o que a preocupa. - acrescentou com um sorriso.

- Mas querida, há algo mais que isso. Quando falo de seu dever, quero dizer que uma mulher deve cuidar do marido e lhe dar um herdeiro.

Pronunciou as últimas palavras em voz baixa e olhando de um lado a outro. Clare a fitou atônita. Eugenia estava vermelha de vergonha.

- Talvez eu não tenha casado, mas me educaram fazendo saber quais eram as responsabilidades de uma dama e uma delas é essa. Clare, precisa cumprir seu dever.

A jovem olhou atônita. Sua tia continuou falando.

- Pessoalmente, não compreendo por que não o fez ainda. Embora eu admita que a princípio não gostava do marquês, é bastante atraente. Como você não viveu em Londres, talvez não saiba, mas ele tem fama de ser muito habilidoso nesse terreno. Se bem lembro, os boatos diziam que sempre havia certo número de damas esperando seus favores. - sussurrou.

Clare franziu o cenho.

- Obrigada, mas já falei com uma delas. - disse, ficando de pé.

- Vamos, querida, não seja difícil. Já sabe o quanto isso me confunde.

- Não quero falar a respeito.

- Mas Clare, você disse que cuidaria dele. Disse que era feliz e que ele se comporta bem. Que mais quer? - perguntou Eugenia.

- Quero que ele me ame! - gritou a jovem. As palavras saíram de sua boca sem que ela desse conta. Sobressaltada, levou uma mão à boca e conteve um soluço. Maldição! Por que sua tia não a deixava em paz?

- Oh, querida! Devo partir. - disse Eugenia, ficando de pé.

- Não! - protestou Clare - Não vá, tia. Não era minha intenção gritar com você.

A mulher sorriu e se aproximou dela.

- Vamos, Clare. Só vim para ver por mim mesma se você estava bem, e está. Mas é cedo para ficar muito tempo. Seu marido e você precisam de tempo para ficarem sozinhos sem um convidado na casa. - disse. Voltou-se para sair - Pedirei a um desses encantadores criados que recolha minhas coisas.

- Espere, tia. - chamou a jovem - Não é necessário. Agora que está aqui, pode ficar. Justin e eu temos tempo de sobra para ficar juntos. - protestou.

Eugenia saiu para o vestíbulo.

- Precisam de tempo para arrumar as coisas e eu não represento nada no meio. Desejo que tudo corra bem, querida.

Clare a acompanhou pelo corredor, ainda tentando convencê-la a ficar.

- Verdade, tia; tudo irá bem. Considerarei seu conselho. - disse, engolindo em seco.

Eugenia ignorou; deteve-se no corredor superior e olhou ao redor.

- Onde está meu quarto? - perguntou - Não se preocupe. Voltarei depois, quando se conhecerem melhor.

Clare amaldiçoou a si mesma quando voltou para baixo. O problema era que já conhecia Justin muito bem. Olhou todos os criados com os quais cruzou, perguntando-se qual deles informara sua tia que não cumpria seu dever.

Pensava em enviar um deles à procura de Justin para que ele pudesse se despedir de sua tia, mas pensou que o ar fresco faria bem, de forma que ela mesma foi em sua busca e pediu de passagem que preparassem uma carruagem. Alguns homens da aldeia trabalhavam derrubando os estábulos e a jovem precisou entrar para encontrar o marido. Ao vê-lo, teve um sobressalto.

Justin não parecia exatamente um marquês; estava nu da cintura para cima e o peito brilhava de suor. A jovem não sabia que espécie de trabalho fizera, mas tinha tão bom aspecto, que o olhou com pesar. A mecha de cabelo caía sobre a testa dele, mas o olhar dela foi atraído pelo peito, brilhante e suave. As calças se colavam às coxas e uma perna estava levantada, apoiada sobre um monte de escombros.

Estava tão bonito que não era de estranhar que as mulheres brigassem por seus favores. Sentiu-se esquisita ao vê-lo e o pensamento de tocá-lo, de explorar aquele corpo perfeito, a fez cambalear.

Viu então a corrente pendurada no pescoço e sua visão fez com que o coração transbordasse de esperança por um momento, antes que as lembranças a afogassem. Em seguida só conseguiu vê-lo nu, dizendo a ela que nada importava para ele.

- Clare. - disse o jovem, devolvendo-a ao presente.

- Por favor, ponha a camisa. - disse ela, cortante.

- Por quê? - ele perguntou.

- Porque me traz más lembranças. - rebateu a jovem, com segura.

Justin se pôs a rir, certo que Clare zombava dele.

- Por Deus, Clare! Como vamos consumir este matrimônio se só o fato de me ver sem camisa traz más lembranças a você?

- Oh, não! Não você comece também. - gritou ela - Estou farta de ouvir falar disso, Justin St. John. A julgar pelas fofocas dos criados, qualquer um pensaria que não há assunto mais importante em todo o reino. Se as coisas são assim, não quero nenhum criado.

Justin a fitou atônito. Por que diabos ela gritava? A jovem agarrou sua camisa e a jogou no peito, onde ele pegou com uma mão.

- Se não pode esperar mais, não espere. - gritou.

Procurou em seguida seu paletó e o atirou na cabeça dele. Justin pegou com uma imprecação.

- Maldição, Clare! O que houve?

- Procure outras mulheres, se tanto necessita. Pode satisfazer todas, não me importa. Vamos. - disse, com um soluço - Eu o libero de todas as promessas.

Deu meia volta e saiu, deixando Justin paralisado pelo estupor.

- Clare! - gritou, saindo também. Praguejou, vestiu a camisa e pôs-se a andar atrás dela.

Encontrou Eugenia Butterfield que subia na carruagem.

- Aonde vai? - grunhiu.

A mulher não piscou, mas olhou para ele com olhar afiado.

- Titia retorna a Londres. - anunciou Clare, com brutalidade.

- O que eu fiz? - perguntou Justin, frustrado - Fiz algo?

- Não, senhor marquês. - respondeu Eugenia - Trata mais do que não fez.

- O quê? - perguntou Justin - O quê?

Apertou os dentes, perguntando-se como Clare dava um jeito de colocá-lo em situações como aquela, que pareciam farsas nas quais se sentia como um ator iniciante.

- Nada, Justin. - disse a jovem - Tia Eugenia voltará depois para uma visita mais longa. Mês que vem? - perguntou à mulher.

- Talvez, - replicou Eugenia, pela janela - mas agora, Clare, espero que cumpra seu dever. - disse com firmeza.

Olhou para Justin com ar conspiratório, mas o jovem continuava sem entender nada. Pensou um momento que provavelmente a confusão daquela mulher fosse contagiosa. Levantou a mão e despediu-se com toda a cordialidade que foi capaz.

Assim que o veículo se afastou, Clare se voltou para entrar na casa, mas dessa vez Justin estava decidido a não soltá-la. Pousou uma mão no braço dela

e a encarou. O rosto da jovem estava alterado e ele sentiu uma dor aguda; rezou para que ela não chorasse.

- O que foi isso? - perguntou com suavidade - Clare, sou eu, Justin. Diga o que aconteceu, o que eu fiz para desagradá-la tanto. - a jovem balançou a cabeça, como se não pudesse falar - Oh, Clare! - sussurrou ele, abraçando-a.

Para sua surpresa, ela não resistiu, mas reclinou a cabeça contra seu peito.

- Está infeliz porque sua tia vai embora? - perguntou ele - Se é assim, irei atrás dela. Tentarei convencê-la, fazer com que se sinta bem recebida.

OuvIU-se falar e pensou que não havia dúvida que Clare o enfeitiçara. Ou isso ou então estava se tornando masoquista.

- Não, não é isso. - disse a jovem com voz entrecortada - É que todo mundo fala que não sou uma boa esposa e eu me sinto muito envergonhada. Mas não importa, Justin.

Ele se esforçou para entender o que a esposa dizia.

- Quem falou de você? - perguntou.

- Os criados. Disseram a tia Eugenia que não dormíamos juntos.

Justin sentiu raiva pela mesquinharia das pessoas, especialmente dessa tia cabeça-de-vento.

- É difícil acreditar que meus empregados, que costumam manter a boca fechada sobre as intrigas de Londres, estejam dispostos a dizer a todo mundo que não dormimos juntos. - disse com secura - Sou mais inclinado a acreditar que sua tia tentou, a seu modo, averiguar se tudo estava em ordem e o resultado foi que terminou mais confusa ainda.

A jovem levantou a cabeça e sorriu.

- É muito amável, mas é injusto que eu imponha tantas promessas e em seguida não possa... eu o libero de todas. - sussurrou, baixando os olhos.

O homem agarrou o queixo dela para poder encará-la; seus olhos eram tão bonitos que pensou que podia se perder neles, perder-se em Clare.

- Mas eu não quero ser liberado. - disse.

Desejava abraçá-la com paixão, mas se limitou a beijá-la com gentileza.

- Está triste porque tirei a camisa. - disse com secura.

Sabia muito bem a que más lembranças ela se referia. O passado jazia entre eles como um abismo escuro e profundo que ambos tentavam evitar sem muito êxito.

- Clare? - disse com suavidade - Sei que tem más lembranças, mas não existe também alguma boa? - perguntou, sem se atrever a esperar resposta - Eu sim. Oh, Clare! Tenho tantas boas! - apoiou o queixo sobre a cabeça dela - Talvez devêssemos tentar recapturar algumas das boas. - acrescentou.

Fez uma pausa e teve uma inspiração repentina.

- Já sei. - disse - Vamos pescar como fazíamos antes. Eu me pergunto se aquele tronco ainda continua lá.

- Era o melhor lugar. - assentiu ela.

Justin sentiu o coração pulsar com força. Clare levantou a cabeça e sorriu.

- Preciso me trocar. - disse.

- Direi à cozinheira que prepare uma cesta de piquenique. - ele replicou.

Soltou-a contra a vontade, mas entrou em casa. Sentia-se o espírito leve pela primeira vez em muito tempo. Talvez houvesse um modo de cruzar o abismo escuro do passado.

Embora houvesse mais vegetação, acharam o lugar muito semelhante a como era vários anos atrás. Árvores gigantescas margeavam o rio e os altos carvalhos estendiam seus ramos sobre a água, transformando a superfície em uma brilhante combinação de luz e sombra. O único som era o murmúrio das folhas sobre suas cabeças, o rangido dos ramos e o canto dos pássaros.

Justin se sentou na beira do tronco, tirou uma bota e olhou Clare com um sorriso.

- Você se ofende em ver meus pés descalços? - perguntou.

- Não. - ela respondeu com uma careta.

O homem respirou aliviado. Já era bastante ruim não poder tirar a camisa em sua presença.

- Ótimo. - disse - Nesse caso, tirarei as botas.

Deixou-as de lado e observou Clare retirar as meias com certo pudor. Depois se pôs a andar no comprimento do tronco e o jovem se ergueu e ficou ao lado da esposa; logo estavam os dois sobre ele, fazendo equilíbrios e rindo como duas crianças.

Sentaram-se na metade daquela ponte natural e esticaram os caniços. Justin observou Clare colocar sem vacilar um verme gordo no anzol e percebeu até que ponto ela formava parte daquele mundo. Ela não pertencia a um lugar como Londres. Lá podia brilhar também, mas não com tanta força como em sua casa. O castelo era, depois de tudo, o cenário perfeito para uma beleza radiante, mistura de contos de fadas e de golfinho, de sonhos e de senso comum.

A jovem ergueu o olhar para fitá-lo.

- Se bem lembro, você costumava dormir freqüentemente na borda. - disse.

- Não é verdade. Eu concentrava toda minha energia mental nos peixes para que se sentissem atraídos pelo meu caniço.

Clare se pôs a rir e Justin olhou fixo para ela.

Voltava a rir e, portanto, havia esperança no mundo.

Sentia-se bem. E ela queria liberá-lo de suas promessas! Por cima do seu cadáver. Ele não queria ser liberado; não queria beber, não precisava fugir de si mesmo porque era feliz onde estava. Embora nunca soubesse se ela ia abraçá-lo ou brigar com ele ao momento seguinte, estava contente. E, certamente, não queria nenhuma outra mulher. Queria a mulher que tinha ao lado, a que, naquele momento, enfiava os pés na água com delicioso abandono.

Disse a si mesmo que devia evitar que seus pensamentos avançassem naquela direção. Mesmo vestida com um de seus vestidos velhos, um estampado de musselina, estava linda. O cabelo escuro caía sobre os ombros e sua doce boca se torcia ligeiramente em um sorriso.

Desviou o olhar para o sol que brilhava por entre os ramos, enquanto tentava pensar em outra coisa.

- É muito bonito, não? - perguntou.

- Sim.

Clare olhou ao redor. A água brilhava à luz do sol; o ar era fresco e doce e o rio fluía sob eles com um sussurro eterno.

- Paz e tranquilidade, isso é o que mais eu gosto daqui. - disse ele - Deus sabe que quase nunca pesquei nada. - acrescentou sorridente.

- Isso é porque sempre costumava dormir. - burlou ela - E, provavelmente, por isso o achava pacífico. Aqui eu pesquei peixes deliciosos, mas quase nunca dormi.

- Eu não estava sempre dormindo. - protestou ele - Lembro que uma vez me meti na água gelada para pegar seu chapéu.

- Oh! - Clare sorriu ao lembrar - Você sempre foi muito galante. - disse, com um sorriso trêmulo - Como os heróis dos meus contos.

Justin suspirou a seu lado.

- Infelizmente, logo provei ser um homem de verdade, com falhas de verdade. - disse.

- Não. - corrigiu ela - É um homem de verdade, com alguns defeitos.

O jovem fingiu que se sentia insultado.

- Vamos, isso não é...

Fingiu que ia empurrá-la e Clare deu um grito e golpeou as pernas dele com os pés. Justin a soltou, mas ela deixou os pés ali, acariciando com eles as panturrilhas do marido com ar ausente.

- Mas você se propôs me reformar e logo terei menos falhas que a maioria. - ele assegurou. Olhou para ela com seriedade - Mas não ponha a fita de seda muito alto ou não serei capaz de chegar.

Clare sabia que Justin falava sério e talvez tivesse razão ao adverti-la. No passado o exaltara muito em sua imaginação e não era impossível que ele tombara sob o peso de suas expectativas.

- Bobagem. - disse rapidamente - Vejo quanto você melhorou desde que parou de beber e se dedica ao trabalho físico. - brincou - Cada dia tem mais músculos.

- Se sou tão bom, por que não faz amor comigo? - perguntou ele, com voz tensa.

Irritada por ele voltar ao assunto tão cedo, Clare o fitou com o cenho franzido, mas seus olhos escuros não expressavam nem brincadeira nem nenhum tipo de exigência. Teve a impressão que só procurava uma resposta, mas ela não soube o que dizer, porque nem ela mesma sabia. Naquela manhã dera uma razão a sua tia, mas não era uma razão que quisesse compartilhar com Justin. Baixou a vista e apertou o caniço com força.

- Não saberia o que fazer. - sussurrou enfim.

- Espero que não. - ele replicou - Mas você se criou no campo. Deve ter alguma idéia de como se faz.

- O que quer dizer com isso? - perguntou ela, erguendo o olhar.

Justin sorriu.

- Não me diga que o cavaleiro cria cavalos há anos e você nunca viu uma égua parir?

Clare o encarou e teve um sobressalto.

- Quer dizer que é como criar cavalos? - franziu o cenho com desgosto, certa de que ele zombava dela.

Justin sorriu novamente.

- Bom, não exatamente, mas creio que o acasalamento dos animais e das pessoas está baseado nos mesmos princípios.

Clare, horrorizada, não conseguiu sustentar o olhar. Voltou os olhos para o rio, mas, em vez de água, viu uma égua e um semental. Não podia reconciliar a lembrança dos beijos de Justin com o comportamento dos animais até que recordou a imagem dele nu no banheiro, uma certa parte dele que surgia firme da água. Ruborizou intensamente e olhou as coxas de seu marido, onde a parte em questão jazia adormecida entre as pernas. Desviou o olhar imediatamente.

- Diabos o levem, Justin St. John, porque se assim é que se faz, não quero saber nada disso. - disse - Suponho que é incômodo e bastante ridículo, além disso.

O homem riu com tanta vontade, que quase soltou o caniço, enquanto ela continuava remoendo aquilo em sua mente.

- E não consigo imaginar por que essas mulheres de Londres fazem fila para que você faça uma coisa assim com elas. - acrescentou distraída.

Olhou Justin para ver se ele prestava atenção e o viu se retorcendo de risada. Como se atrevia a rir dela? Envergonhada e humilhada, decidiu que ele merecia um mergulho.

E o empurrou para fora do tronco.

Capítulo 10

Quando chegou à superfície, Justin ainda ria. Sacudiu a cabeça e ficou de pé, com a água até o peito. Clare se pôs a rir ao vê-lo, mas parou quando ele agarrou seu tornozelo.

- Não, Justin! - protestou.

Mas o homem puxou sua perna e a jovem caiu na água de repente. Como sabia que as pedras podiam ser muito pontiagudas, não pôs os pés no chão, mas se abraçou a Justin.

O jovem se inclinou para trás, prestes a afundar.

- O que foi? Quer me afogar? - protestou.

- Está insinuando que peso muito? - ela perguntou, tomando uma mecha do cabelo dele e puxando-a.

- Ai! Claro que não, minha querida esposa. Eu gosto que se agarre em mim. - acrescentou com um sorriso de malícia.

- Se você pensa que vou pôr os pés descalços nessas rochas, está louco. - disse ela, determinada a explicar a razão de seu abraço - Caso você tenha esquecido, neste rio não é difícil cortar os pés.

- Tem medo das rochas, é? - ele zombou, abraçando-a por sua vez - Eu pensava que era das piranhas.

- Justin! Neste rio não há piranhas. - riu ela.

- Só quero mantê-la junto a mim. Eu gosto. - grunhiu ele, subindo uma mão por debaixo do vestido até a coxa dela.

- Justin!

- Penso, minha querida Clare, que tenho você justamente onde eu queria. - disse ele com picardia.

- Não é certo. - ela protestou - Se você continuar assim, me afastarei nadando.

- Não soltarei você. - ele replicou.

Jogou a cabeça para trás até que somente seus pescoços ficassem por cima da água, como se ameaçasse arrastá-la para baixo e Clare deu um grito e se agarrou com mais força ao pescoço de Justin. Ele sorriu, colocou as mãos sob o vestido e a posicionou escarranchada sobre ele.

A seguir ficou de pé e Clare se viu apertada contra o corpo viril. Notou com pesar que o vestido se grudava nos seios e através do tecido sentiu o calor de Justin contra seus mamilos.

Olhou o rosto dele, a poucas polegadas do seu, e viu em seus olhos uma expressão estranha que fez seu coração bater com força.

- Eu poderia fazer amor com você aqui mesmo. - murmurou ele, com voz rouca.

- Justin...

- É tão ruim assim, Clare? - perguntou ele, com olhar sério e cheio de desejo.

- Não, mas eu...

- Não é próprio de você ter medo.

- Não tenho medo. - rebateu ela, com ardor.

E a verdade era que a proximidade física não a assustava. O calor de seus braços, o contato de seu corpo com o dela era excitante e a tentava a descobrir as delícias que lhe prometera.

- Então o que é?

Encaravam-se com os corpos abraçados e os corações batendo em uníssono, peito contra peito.

Clare desejou dizer ao marido que queria que ele a amasse, mas não conseguiu. Limitou-se a piscar com força.

Justin a atraiu mais contra si e ela teve um sobressalto ao sentir seu pênis, já não adormecido, senão duro sob si.

- Clare, eu a desejo tanto que me dói. Admito que sempre a considerei uma menina mas, quando a vi novamente, mais bonita que nunca, mais bonita que qualquer mulher que conheci, eu a desejei. Quero tocar você, estar dentro de você. - disse com ferocidade.

A jovem escondeu a cabeça no ombro dele, incapaz de sustentar seu olhar.

- Será bom, Clare, melhor do que qualquer coisa que tenha conhecido. - ele sussurrou.

Clare estremeceu ante aquelas palavras, porque seu corpo estava disposto e ela sabia. E o que havia de errado? Ele era seu marido!

Justin a moveu de novo contra ele e Clare deixou de pensar.

- Beije-me. - ele incitou.

A jovem enroscou os dedos no cabelo dele, levantou a cabeça e o beijou. Foi como se o rio explodisse ao redor. A língua de Justin entrou em sua boca e foi ao encontro da sua, provando e saboreando sem deixar de lhe acariciar o cabelo.

Seus lábios se encontraram, se separaram e voltaram a se encontrar e a jovem se apertou contra ele, esfregando os quadris contra o pênis dele até que Justin começou a gemer. Todo o desejo que sentira alguma vez por ele pareceu

explodir de repente, como uma bala de canhão, e de repente já não conseguiu nem se deter nem tentar controlá-lo. Não soube quanto tempo permaneceram assim, mergulhados no meio do rio. Só sabia que queria que Justin a beijasse eternamente.

Por fim ele a inclinou sobre a água e ela sentiu sua boca no pescoço e nos ombros. Depois ele puxou com impaciência o vestido úmido até deixar os seios da jovem descobertos. A água fria os cobriu, fazendo-a estremecer, mas a mão de Justin os esquentou, acariciando-os. Quando o ar roçou nos mamilos úmidos, Clare soltou um grito e Justin cobriu um dos mamilos dela com a boca.

Era demais. Clare se sentiu sobressaltada por tudo aquilo: as carícias de Justin, seus lábios, o rio, o ritmo dos quadris dele contra os seus e seus próprios desejos. Apesar de ser uma mulher que tanto gostava de sonhar, decidiu que não gostava daquele abandono tão completo da realidade.

- Nada de más lembranças, Clare. Não tenho por que me despir. - ele sussurrou.

A jovem se sentia escrava do corpo, prisioneira das paixões que ele suscitava em si. Afundava cada vez mais, não na água, mas nas sensações deliciosas e incríveis que ele desencadeava. Estava disposta a dar tudo, a vender sua alma pela sensação daquelas mãos, daquela boca. Mas o que ficaria em seguida se ele a deixasse de lado?

Tudo ocorria muito depressa e ela não estava preparada. Como era possível que uma simples pescaria se convertesse naquilo? De repente, de modo inexplicável, sua cabeça tomou o controle da situação e já não desejou continuar sentindo.

- Basta, Justin. - sussurrou - Tenho medo.

O homem levantou imediatamente a cabeça e olhou para ela com ferocidade.

- Não a afogarei, meu amor. - sussurrou, interpretando mal a preocupação de Clare.

- Não me chame assim. - gritou a jovem.

Lutou para se levantar e Justin a ajudou, mas a manteve abraçada com o vestido baixado até a cintura.

- Maldição! - soluçou ela.

- O que houve, Clare?

A jovem não soube o que responder; estava nervosa, envergonhada e ressentida com ele por fazer com que seu corpo respondesse de modo tão apaixonado.

- Não posso fazer isso. - disse - Não assim. Talvez eu não possa nunca. Talvez haja algo de errado comigo.

- Não há nada de errado com você. - ele disse com firmeza - É minha culpa. Não estou acostumado a... fui muito depressa. Perdi o controle. - disse.

Clare percebeu as batidas do coração dele e se sentiu culpada por não ser uma boa esposa, por lhe arrancar promessas que ela não podia recompensar.

Justin subiu o vestido da jovem de um puxão, segurou-a nos braços e andou até a borda.

- Bom, devo dizer que você é o peixe mais delicioso que já peguei neste rio. - disse, corajoso, detendo-se ao chegar à grama - Devolvo à água?

Fez gesto de jogá-la de novo e ela não riu, mas conseguiu lhe arrancar um sorriso. Alegrou-se por Clare não compreender como era difícil sublevar uma situação que prometera ser a melhor experiência sexual que já tivera e tivera algumas. Naquele momento, não era mais que uma lembrança doce, uma dor em suas vísceras, e o único culpado era ele. O que Clare possuía que o fazia perder o senso comum além do controle de si mesmo?

A jovem era virgem e ele tentava possuí-la no meio do rio. Que diabos havia com ele? Jurou a si mesmo que, algum dia, quando Clare aprendesse a se sentir à vontade fazendo amor com ele, a levaria ali e terminariam o que haviam começado.

- Conte uma história. - pediu, preguiçoso, estirando-se sobre a manta.

Secaram-se ao sol, comeram e agora Justin queria uma história.

Aquelas palavras familiares soaram estranhas, mas consoladoras. Clare se deitou de barriga para baixo para observá-lo melhor, para ver se zombava dela. Não era assim. Tinha as mãos sob a nuca e as pernas cruzadas nos tornozelos e parecia muito relaxado.

A jovem sorriu, já que não tinha vontade de se envolver em outra batalha sexual. Quando ficavam a sós, estava sempre um pouco nervosa, porque Justin parecia avançar de repente e sem preâmbulo naquela direção. Quase esperava que ele tentasse levá-la imediatamente para a cama depois do episódio no rio, mas o jovem não mencionou o assunto e ela era grata por isso.

Apoiou os cotovelos sobre a manta e o queixo nas mãos e olhou para ele em silêncio. Justin olhava o céu com os olhos entreabertos e Clare se perguntou quanto ele demoraria a dormir. Não seria a primeira vez que dormia com uma de suas histórias. Sentou-se sobre os joelhos e começou.

- Era uma vez, há muito, muito tempo, um senhor diabólico, chamado Barão de Blackmoor. O Barão tinha um coração tão negro como a noite. Conhece este? - perguntou, de repente incapaz de recordar se já o contara.

- Não. - ele respondeu com um sorriso - Creio que não. Tenho certeza que eu não esqueceria um personagem tão terrível.

- Bem. - assentiu ela - O Barão de Blackmoor escravizava seu povo. Obrigou-os a construir uma gigantesca parede de pedra ao redor de suas terras e eles trabalhavam dia e noite até caírem esgotados. A muralha media dez pés de altura e se estendia pelas colinas e os vales e o Barão a inspecionava cada dia

para se assegurar de que a superfície era lisa e impossível de escalar, já que essa parede não era para proteger suas terras, mas para manter a seu povo dentro...

Embora Clare espesse que ele dormisse, não foi assim. Os olhos dele permaneciam fixos no céu ou se moviam sobre o rosto dela, tornando difícil se concentrar no relato; então, ele sorria e ela prosseguia, contente por ele gostar de escutá-la. Quando terminou, Justin sorriu encantado, elogiou-a e ficou de lado, deixando a medalha de ouro descoberta.

Clare sentiu um nó na garganta e estendeu a mão para segurá-la. Fitou-a, sabendo muito bem o que ia encontrar se: o amuleto do dragão que dera de presente uma vez no Natal. Levantou os olhos para observá-lo.

- Por quê? -perguntou.

Justin balançou a cabeça, como se não conseguisse falar e o silêncio se estendeu entre eles, até que ele enfim abriu os lábios.

- Eu queria levar sempre algo seu comigo. - disse com voz rouca.

Clare sentiu vontade de chorar ante aquelas palavras, já que, por mais doces que fossem, não serviam para consolá-la. Pensou com amargura que poderia tê-la sempre ao lado e, incapaz de encará-lo, baixou a vista e soltou o amuleto.

Para Justin, sua confissão o pegou surpresa. Nunca soubera por que levava seu presente e, entretanto, por que não para conservar algo dela? Preferia que fosse algo mais, queria ser capaz de engarrafar seu olhar ou capturar seu sorriso para sempre. Meneou a cabeça e pensou com raiva que a cada dia ficava mais tolo.

Obrigou-se a olhar as nuvens, mas seu olhar não demorou em se desviar para Clare, estendida ao seu lado. Seu cabelo sedoso já estava seco; o vestido se enredava em seus joelhos, deixando suas pernas livres. A postura era familiar. Parecia tão frágil e encantadora como quatro anos atrás.

- Você me lançou um feitiço na primeira vez em que a vi. - disse - Lembra?

- Claro. - ela sussurrou, solene - Como eu esqueceria?

Justin sorriu para si.

- Você entrou na casa como uma aparição. A princípio pensei que fosse um produto da minha embriagues e, mesmo quando falou, duvidei dos meus sentidos. Até tocar você, não tive certeza que você era real.

Compreendeu que a amara desde aquele momento e engoliu em seco, sobressaltado por aquela idéia. Incapaz de acreditar, tentou negá-la a si mesmo. Como podia ter amado uma menina de quatorze anos? Sentiu um desejo repentino de beber e se sentou, decidido a não pensar na estranha conclusão que ameaçava perturbar sua paz mental.

Clare viu a alteração em seu rosto e se perguntou o que a teria causado. Supôs que seriam as lembranças e, sentindo vontade de chorar, ficou de pé e

desviou o olhar. Alguma vez voltariam a se sentirem confortáveis o um com o outro?

- Está ficando tarde. - disse ele. Até sua voz soava trêmula e a jovem descobriu que não queria ouvi-la.

- Sim. - assentiu sem fitá-lo.

Puseram-se a caminho do castelo. Clare o ouviu recolher as coisas a suas costas, mas Justin não demorou em se unir a ela. Caminharam em silêncio, enquanto Clare pensava que sua tentativa de recapturar as boas lembranças não podia ser considerado precisamente um êxito.

Pensou nos beijos dele e ruborizou. Com que facilidade sucumbira às suas carícias! Clare nunca imaginara que Justin pudesse fazer coisas assim, coisas tão maravilhosas, ou que ela desejasse com tanto desespero que não parasse.

Era consciente que, como Pandora, abria uma porta que não lhe faria nenhum bem, porque o fato de conhecer os prazeres que podia encontrar nos braços de Justin só tornaria ainda mais difícil se negar a ele. Mas se esforçara tanto por ser forte, que a idéia de voltar a ser vulnerável lhe dava náuseas. Despir-se diante dele, não só fisicamente, mas também emocionalmente, produzia na jovem um medo mortal.

Ele avançava a seu lado, subitamente impaciente para chegar à casa. Ainda desejava um trago; não, melhor uma garrafa, e sentiu certa irritação contra Clare pelas promessas que lhe arrancara. Que mal podia fazer um pouco de vinho? Ele nunca ficava insuportável nem pesado quando bebia. Não era um desses homens que faziam coisas vergonhosas quando se embebedavam e as mulheres nunca se queixaram que a bebida diminuía sua habilidade amorosa.

As mulheres! Lamentou também aquela promessa e desejou poder ter algo mais que vinho para dormir em paz. Estava farto de jazer acordado metade da noite, sozinho na cama, escutando o menor ruído do quarto ao lado que pudesse indicar que sua esposa se compadecera dele e se dispunha a se reunir com ele.

Seu humor foi se tornando mais negro à medida que seguia aquela linha de pensamento. Não estava acostumado a implorar. As mulheres que o desejavam sabiam onde estava e procuravam seus favores. Não estava acostumado a ser rejeitado e, por mais que tentasse ignorar, isso começava a afetar seu orgulho.

Disse a si mesmo que devia ter paciência, mas a rejeição de Clare só parecia aumentar seu desejo. Por Deus que ele sempre rira dos homens que se sentiam atraídos por mulheres que zombavam deles e fingiam indiferença. E chegara ao ponto de enlouquecer só em ver o tornozelo de sua esposa. Pensou, sombrio, que estava casado há somente algumas semanas e já começava a perder o juízo, provavelmente um estágio avançado da confusão com que Eugenia Butterfield contaminou sua casa.

Eugenia Butterfield! Ao ver uma carruagem nova ante a porta, pensou horrorizado que ela retornara. Em seguida viu uma figura familiar e soltou um gemido. Sentiu vontade de agarrar a mão de Clare e voltar sobre seus passos, mas era tarde demais. Pelo canto dos estábulos, aparecia Fletcher Mayefield, sorrindo de orelha a orelha.

- Oh, temos um hóspede! - disse Clare, incômoda - Temo que meu aspecto não seja o mais apropriado.

- Não importa. - Justin franziu o cenho - Fletcher não se importará.

Seu amigo provavelmente daria uma olhada neles e pensaria que acabavam de rolar pelo campo. Decidiu, irritado que, se surpreendesse alguma expressão de brincadeira em seu rosto, o esmurraria.

- Saudações, senhor marquês. Senhora marquesa. - disse Fletcher, inclinando-se. Beijou a mão de Clare.

- O que faz aqui? - perguntou Justin com fúria.

- Justin! Isso é jeito de receber seu velho amigo? - perguntou o outro, rindo dele - Será que um homem não pode trazer um presente de casamento para sua esposa? - indicou o faetón com a mão e Clare se sobressaltou.

- Para mim? - perguntou.

Seu evidente prazer só conseguiu irritar ainda mais o marido.

- É óbvio, encantadora senhora. - disse Fletcher com um sorriso sedutor. Justin sentiu vontade de estrangulá-lo. O presente era totalmente inapropriado, claro, mas por outro lado, o comportamento de seu amigo costumava ser, freqüentemente. Justin olhou para Fletcher com raiva, esquecendo que ele costumava agir do mesmo modo.

- Oh, é lindo, senhor Mayefield! - exclamou Clare - Estou impaciente para experimentá-lo. Quer vir comigo?

Justin estava prestes a explodir, mas nenhum dos outros dois deu atenção.

- Talvez você queira se trocar antes do passeio. - sugeriu com malícia. Viu que Clare ruborizava e se sentiu como um vilão.

- Tem razão. Tenho um aspecto horrível.

- Bobagem, Clare. Posso chamá-la assim? - perguntou Fletcher - Justin e eu somos amigos a tanto tempo, que não posso suportar usar de tratamento formal com sua esposa. - sorriu ao vê-la assentir - Está muito bonita; encantadora, e nunca perderei Justin por roubá-la debaixo do meu nariz.

- Está brincando comigo. - disse a jovem. Parecia indiferente ao elogio, mas seu marido viu que corava - Deve jantar conosco. Espero que você tenha planejado ficar uns dias.

- Estou certo que Fletcher tem assuntos importantes em Londres que requerem sua atenção. - disse Justin, lançando um olhar de advertência ao amigo.

Fletcher ignorou o olhar e sorriu com ar inocente.

- A verdade, Justin, é que estou livre e esperava desfrutar desta visita. Creio que é a primeira vez que venho aqui, não?

- Então devo mostrar tudo. - disse Clare, transbordante de entusiasmo.

Justin, incapaz de suportar aquilo mais um momento, entrou em casa. Com promessas ou sem elas, ia tomar um trago.

Durante o jantar, Justin observou Fletcher flertar tão descaradamente com Clare, que só um rígido autocontrole impediu que o atacasse várias vezes. Amaldiçoou as pessoas desprezíveis, como Eugenia Butterfield e seu antigo amigo, capazes de se intrometerem entre um casal de recém-casados.

Irritado e com vontade de tomar uma taça de brandy, deu um jeito reprimir as emoções até que Clare se desculpou e os deixou sozinhos no salão. Então pediu uma garrafa e pôs-se a beber.

- Por todos os diabos, não se aproxime da minha esposa! - advertiu a seu hóspede em um tom de voz que não deixava dúvidas de que falava a sério.

Fletcher arqueou as sobrancelhas com ar inocente.

-Vamos, Justin. Vejo que o casamento mudou você, mas me pergunto se foi para melhor ou para pior.

- Não tente me enganar. - disse seu amigo - Clare não é uma dessas esposas de moral duvidosa que conhecemos tão bem. É minha e só minha.

Pronunciou aquelas palavras com mais ferocidade do que era sua intenção e viu que Fletcher o observava com curiosidade. Bebeu a bebida de um gole e se serviu de outra.

- Então, você a ama? - perguntou o outro.

- Amar? - Justin fez uma careta - Claro que a amo. Sempre a amei. - esvaziou o copo - Apaixonei-me quando ela tinha quatorze anos. - olhou o amigo, esperando uma réplica zombeteira e, ao ver que ele não dizia nada, prosseguiu - E então? O que você pensa disso, meu depravado amigo?

- Isso depende dos anos que você tinha então. - disse o outro.

- Vinte e um. - respondeu Justin - Velho demais para evitar me apaixonar por uma menina.

- Você a possuiu?

Justin deixou o copo com força sobre a mesa.

- Claro que não! Clare era radiante, uma garota tão pura e encantadora como nunca vi igual. Tão vil pensa que sou, amigo?

Fletcher deu de ombros.

- Então, qual o problema? Sete anos não é uma grande diferença de idade. Se me permite dizer, conheci moças de dezesseis anos que casaram com velhos de sessenta.

Reclinou-se na cadeira.

- Não acredito que seja nada de extraordinário, Justin. Ela tinha quatorze anos e você se apaixonou por ela e ainda está apaixonado. É maravilhoso, não? A julgar por sua expressão, qualquer um diria que você não gosta dela. Por isso me nego a sucumbir a esse tipo de sentimento.

- Você não entende. - disse Justin, apurando sua bebida. Olhou o fundo do copo e se sentiu tão vazio quanto ele - É ótimo. Às vezes é maravilhoso, mas requer muito trabalho e creio que não estou à altura. Nunca estive antes. Oh, maldição! - voltou a pegar a garrafa.

- Bom, se alegre por ela estar com você e não com Farnsworth. - disse Fletcher, sorvendo o conteúdo do seu copo - A propósito, esta não é apenas uma visita de cortesia. Queria que você soubesse que uma de suas antigas amantes está espalhando por aí uma história muito estranha sobre sua fuga em que Farnsworth fica como um idiota. É verdade que ele tentou resgatar Clare de você?

- Oh, não me lembre essa farsa. - disse Justin com um calafrio - Tenho que prevenir que Clare tem tendência de criar situações como as que só se vêem nas peças de teatro e, antes de perceber, você se tornou um dos atores. - ergueu o copo - E, é claro, a cena a que você se refere precisou acontecer na presença de Marie Summerville. Mesmo assim, eu não pensava que ela tivesse coragem de contar por aí. - acrescentou, meneando a cabeça.

- Pois conta a quem quiser ouvir e Farnsworth não gostará nada. Conhecendo sua reputação, pensei que você devia saber e ficar prevenido.

Justin o observou um momento.

- Você não pensa realmente que esse sujeito pode me fazer algo, não? - perguntou com ceticismo.

Fletcher deu de ombros.

- Refere-se a ele entrar no seu quarto e cortar seu pescoço? Duvido. Mas vai querer se vingar e há muitas maneiras de fazer isso. E tenho certeza que ele tem mais imaginação que uma pessoa normal.

- Oh, basta, vai me fazer tremer. - replicou Justin com ironia - Richard Farnsworth é um homem estranho, capaz de muitas crueldades, mas também é um covarde. Só assusta aos que se deixam assustar. Nunca se bateu em duelo; nem sequer se pegou com ninguém.

Fletcher arqueou as sobrancelhas.

- Então você não tem por que preocupar, não é?

Justin notou o tom de advertência na voz do amigo, mas ignorou. Já tinha muitas coisas em que pensar para se preocupar com Farnsworth. Se Fletcher soubesse!

- Oh, maldição. - disse. Bateu o copo sobre a chaminé, onde se fez pedaços.

Acabava de quebrar uma promessa, mas que mais esperava Clare?

Capítulo II

- Mayefield. - disse Clare, aproximando-se para receber seu hóspede.

Agradou-se por encontrá-lo já de pé. Era mais de meio-dia e ainda não vira nem rastro de seu marido, o que a fazia suspeitar que os dois deviam ter deitado muito tarde.

- Quer tomar o café da manhã? - perguntou.

- Não, nunca tomo café da manhã, obrigado. Mas se sua oferta continua de pé, eu gostaria de dar um passeio no seu novo faetón.

- É claro que sim. Será um prazer. - disse ela, desejosa de experimentar seu presente - Nunca tive nada tão bonito, - acrescentou, sorridente - mas você não deveria ter se incomodado. E os cavalos! Parecem muito bons para que você se separe deles.

- Tolice. Nada é o bastante para a esposa de Justin e, além disso, consegui um bom preço por eles. - sorriu.

Clare se pôs a rir, encantada com a humildade dele, embora estivesse certa que os animais custaram muito dinheiro. Alegrava-se que Justin tivesse um amigo tão íntimo. Embora dificilmente pudesse concordar com Prudence, que considerava Fletcher pouco menos que um deus, começava a gostar dele e tinha certeza que desfrutaria de sua companhia durante o passeio.

Saíram juntos, atravessando a velha ponte de madeira que cruzava o fosso por trás do castelo. Embora o céu estivesse nublado, o ar era quente e Clare estava impaciente por partir. Mesmo assim, quando chegou ao jardim se deteve, pensando em Justin. No dia anterior ele não parecia de muito bom humor; acreditando que era a presença dela que o deixava assim, recolheu-se cedo para que ele pudesse aproveitar a companhia do amigo. Talvez ele não gostasse que ela roubasse a atenção de Fletcher.

- Você acha que Justin se importará se partirmos sem ele? - perguntou preocupada.

- Não creio que note. - disse Fletcher, com secura - Suponho que ele continuará na cama quando voltarmos.

- Oh? Vocês estiveram acordados até o amanhecer? - perguntou ela zombeteira, sem se dar conta que suas palavras poderiam trair seu segredo.

Adiantou-se um pouco para que Fletcher não visse o rubor que cobria suas faces, e confiou que o jovem assumiria simplesmente que ela possuía um sonho profundo. De outro modo, como não sabia a que hora em que seu marido se deitava?

- Não. - respondeu Fletcher de modo casual.

Clare não pôde averiguar por seu tom se ele adivinhara seu segredo ou não. Talvez Justin tivesse confessado ao amigo sua frustração com uma esposa que não compartilhava sua cama. Aquela idéia a horrorizou e disse com firmeza a si mesma que Justin jamais seria tão cruel.

- Imagino que a quantidade de álcool que ele ingeriu ontem à noite o manterá adormecido muito mais tempo, porque nunca vi Justin beber tanto e madrugar. - disse Fletcher.

Clare se deteve imediatamente, certa de não ter ouvido bem. Voltou-se para o acompanhante.

- Justin esteve bebendo? - perguntou.

O jovem arqueou as sobrancelhas, surpreso.

- Sim. - respondeu.

Fez uma pausa, como se esperasse uma explicação para aquela estranha pergunta, mas a jovem não conseguia falar. Para falar a verdade, tampouco podia pensar; a dor da traição de Justin a inundou por completo.

- Oh! - disse com suavidade.

Lutou por não chorar na presença do hóspede. Então Justin quebrou sua promessa na noite anterior. Só bebera na noite anterior ou estivera bebendo às escondidas o tempo todo? E sua outra promessa? Pensou em todas as criadas que havia no castelo e sentiu náuseas.

Seu coração começou a bater com violência e Clare disse a si mesma que não podia viver assim. E, entretanto, ela não o liberara de suas promessas? Levou uma mão à face. As palavras saíram com facilidade de seus lábios, mas as conseqüências não seriam fáceis de suportar.

- O que houve, Clare? - perguntou Fletcher - Algo errado?

- Não, não. - negou a jovem - Não é nada, de verdade. Acredito que um pouco de ar fresco me fará bem. - disse - Estou impaciente para experimentar meu novo faetón.

Os cavalos, dois belos exemplares cor castanha, respondiam bem aos toques mais leves e Clare os transformou no tema de uma longa conversação. Quando esgotou aquele assunto, voltou a pensar em seu marido e na confusão de seu matrimônio. Perguntou-se com desespero como tudo poderia ir tão mal. Por que aceitara casar com Justin?

Destino, claro. Mas a jovem começava a perder a confiança nele. Sonhava salvando Justin de si mesmo e não fizera nada além de apresentar exigências, dando muito pouco em troca, e Justin voltara ao caminho da perdição. Suspirou.

- Um suspiro muito forte. - comentou Fletcher - Demais para uma dama tão jovem e encantadora como você.

- Sinto muito. - murmurou ela.

- Não lamente. Temo não ser bom nessas coisas, mas se eu puder ajudar em algo, sou todo seu.

- Você é muito galante, - disse Clare - mas não há nada que possa fazer por mim. - fez uma pausa, sobressaltada por uma idéia. Talvez houvesse algo - Fletcher, você conhece Justin faz tempo, não?

- Mais do que eu gosto de admitir. - ele replicou com secura.

Clare o observou com olhar fixo.

- Você estava aqui na noite em que a garota caiu do telhado?

Viu a expressão de surpresa no rosto dele e pensou que possivelmente tinha sido muito direta, mas sustentou o olhar.

- Não, não estava. - ele respondeu - Mas ouvi falar.

- Justin se culpa. - disse ela, com suavidade.

Fletcher deu de ombros.

- Se o faz, nunca me disse nada. Eu acreditava que foi um acidente, uma festa de jovens, todos muito jovens, muito ousados e muito bêbados. Desafortunado, sim, mas não tão incomum.

- Provavelmente. - ela murmurou, não muito convicta.

- Minha querida Clare, - disse ele - não compreendo por que você quer ressuscitar essa velha história agora. - cruzou os braços - E devo admitir que, embora eu me sinta um pouco responsável por sua infelicidade, já que tive algo a ver com a fuga, não compreendo por que vocês têm dificuldades agora. Justin fala por meio de enigmas, então talvez você possa me ajudar.

Fitou-a com calma, como se acabasse de pedir que guiasse os cavalos em vez de que abrisse a alma.

Clare engoliu em seco, pouco disposta a compartilhar seus problemas matrimoniais com um homem que era quase um desconhecido para ela, mas sentiu que devia alguma resposta.

- É complicado. - disse por fim - Muito complicado para eu contar. - acrescentou com um sorriso triste.

- Mais enigmas. - disse Fletcher.

- Mais enigmas. - assentiu ela.

Fletcher partiu assim que retornaram do passeio.

- Mas você deve se despedir ao menos de Justin. - protestou ela - Ele sentirá muito.

- Em seu estado de espírito atual, não sentirá falta de mim. - sorriu - Preciso fazer uma pergunta. O que um cafajeste vai fazer quando deixou de ser um cafajeste? Pense nisso.

Clare não sabia bem o que ele queria insinuar, mas assentiu. Fletcher inclinou a cabeça e lhe beijou a mão.

- Boa sorte. Tenho a impressão de que você vai precisar.

A jovem o observou partir com uma sensação de abandono. Tinha a impressão que todos que chegavam à casa davam uma olhada em seu casamento deteriorado e saíam correndo em seguida. Levou uma mão aos olhos, olhou o céu nublado, que parecia refletir seu estado de ânimo, e franziu o cenho. Parecia que uma tormenta se avizinhava, tanto dentro quanto fora do castelo.

Pensou nas palavras de Fletcher. Sabia muito bem o que Justin costumava fazer antes. Suas façanhas na cama eram famosas, o qual não era de se estranhar. Pensou nos beijos dele e seu coração começou a pulsar com força no peito. Justin era o príncipe de suas fantasias e ela se sentia atraída por ele.

E, entretanto, quebrara uma promessa. Também a traía? Se fosse assim, sabia que não poderia suportar. Suspirou e pensou em outra coisa. Precisava fazer algo para salvar aquele matrimônio.

Com esforço, voltou sua atenção à morte da Elizabeth, já que continuava disposta a averiguar mais coisas sobre a noite do acidente. Decidiu interrogar os criados, com delicadeza, é óbvio. Com alguns, como Harris, ela não se atrevia a falar devido à sua fidelidade para com o amo, mas esperava convencer outros a contarem tudo o que soubessem.

Começou pela cozinha, perguntando ao cozinheiro há quanto tempo trabalhava para o marquês. Disse a ele que procurava alguém que tivesse trabalhado antes no castelo, que estivesse familiarizado com ele. Insinuou uma ascensão para alguém que tivesse um conhecimento íntimo do lugar, mas sua busca não a levou a lugar nenhum.

Embora o cozinheiro trabalhasse há dez anos para o marquês, ou não podia ou não queria dizer nada. Por fim, enviou uma ajudante de cozinha chamada Mary, que não esclareceu grande coisa. Sim, trabalhara antes no castelo, mas nada sabia fora do âmbito das cozinhas. Recordava a morte do marquês e de sua esposa, mas tudo isso ocorrera havia tanto tempo, que esquecera os detalhes. Sim, estava ali na noite em que a moça caiu, mas não sabia nada a respeito.

Clare decidiu passar às criadas dos quartos. Mas, quando se dispunha a começar, ouviu uma voz.

- Senhora marquesa.

A jovem se voltou e viu uma mulher de idade com um avental grosso na porta da despensa.

- Sim? - perguntou.

O cabelo grisalho da mulher caía pelas costas; levantou uma mão ossuda para afastá-lo e Clare sentiu os pêlos do pescoço arrepiarem. Disse a si mesma

que precisava se esforçar para controlar sua imaginação. Aquela mulher era uma criada, não uma bruxa. Seguiu-a até o interior da despensa.

- Meu nome é Dorothy, senhora marquesa. Sou a lavadeira. - explicou - Ouvi a senhora perguntar a Mary sobre a garota que caiu no fosso.

Clare assentiu; tentou parecer indiferente, mas aquela mulher lhe produzia certa curiosidade. Tinha a impressão de que enfim descobriria algo importante e o coração começou a bater com força.

- Eu estava aqui naquela noite. - disse Dorothy.

- Verdade? - perguntou a jovem.

- Sim, mas estava na cama, como essa pobre garota deveria estar. Mas direi quem pode saber algo. - acrescentou com astúcia - Addie McBride. Era uma das garotas da cozinha e era muito vista com Bob, o ajudante do cozinheiro. Addie tinha o costume de encontrar seu homem no telhado e por isso pensei nela.

A anciã encarou Clare.

- No dia seguinte à morte da garota, Addie estava pálida como uma morta. E uma semana depois partiu sem razão. Pense o que quiser, mas eu sempre achei que ela sabia mais do que admitia.

Clare se sentiu desiludida. Era evidente que a anciã não sabia nada e só podia oferecer o nome de alguém que talvez não soubesse nada e além disso já não trabalhava para Justin.

- Mas, se partiu, como posso encontrá-la? - perguntou.

A lavadeira sorriu.

- A última vez que ouvi falar dela continuava vivendo na aldeia. - disse - Se é tanto assim do seu interesse, senhora marquesa, pode visitá-la. Não tem por que dizer quem a enviou, mas não aceite um não por resposta. Faça com que conte o que sabe e creio que encontrará o que anda procurando.

Clare não gostava do modo ardiloso com que a velha olhava para ela.

- E esse tal Bob? - perguntou - Onde posso encontrá-lo?

A anciã se pôs a rir.

- Bom, posso dizer onde encontrá-lo, mas não poderá falar nada.

- Por quê? - perguntou a jovem com impaciência.

- Porque está morto; por isso. Deitou-se um dia e não voltou a acordar.

- Oh! - exclamou Clare - Bom, obrigada por sua informação, Dorothy.

Depositou uma moeda nas mãos da lavadeira e observou aqueles dedos compridos apertarem-na com força.

- Obrigada, senhora marquesa. Procure Addie. - aconselhou.

Embora Clare sentisse curiosidade, um olhar às nuvens negras que cobriam o céu a convenceu que devia adiar a viagem para o dia seguinte.

Decidida a não se dar por vencida, se dispunha a falar com as camareiras quando viu Justin no salão.

Embora estivesse sentado de costas para ela, sentiu o cheiro do álcool e viu o copo que ele tinha nas mãos. Olhou para ele com pesar e quase se afastou, mas decidiu se aproximar dele e passou os braços ao redor do pescoço do marido.

- Bom dia. - sussurrou.

Ouviu-o suspirar e o viu deixar o copo sobre a mesa.

- Voltei a decepcionar você, Clare.

- Bobagem. - disse ela rapidamente - Eu liberei você de suas promessas, lembra?

Justin a sentou sobre seus joelhos e ela abriu os olhos, surpreendida, mas ele se limitou a enterrar o rosto no pescoço dela.

- Oh, Clare! - sussurrou - Tudo isso está saindo do nosso controle, não é?

- Bobagem. - ela repetiu, segurando o rosto dele entre as mãos - Estou aqui e não penso ir a nenhum lugar. - assegurou emocionada.

- Fico feliz que Fletcher tenha partido. - Justin admitiu, roçando a bochecha da jovem - Descobri que sou um marido muito ciumento. - franziu o cenho - Quero saber se você se sente atraída por ele.

Clare abriu a boca surpreendida.

- Por Fletcher? Você não pode falar sério. - disse rindo. Viu que ele a fitava com seriedade e compreendeu que esperava uma resposta - Nunca houve ninguém além de você, Justin. - replicou com amargura.

- Então, demonstre, Clare. - disse ele - Demonstre.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, beijou-a na boca com força.

Quando a jovem respondeu ao beijo, ele adotou um ritmo sensual. A jovem o abraçou com força e o homem lhe acariciou o ombro e a manga do vestido.

Clare acreditou que a despiria ali mesmo e afastou a boca, mas Justin se limitou a beijar seu pescoço.

A jovem se sobressaltou ao sentir os dedos dele sobre sua perna e soube que precisava acabar com aquilo. Mas as carícias eram tão suaves e gentis...

- Oh, Justin! - murmurou com calor.

- Sim, sim. - sussurrou ele; ficou de pé e a tomou nos braços.

- Justin, por favor! - suplicou ela, enterrando o rosto no ombro do marido - Desça-me.

- Por quê? - perguntou ele.

- Porque não é hora nem lugar. - respirou ela, incapaz de encará-lo.

Justin a depositou no chão.

- Quando é a hora, Clare? Eu cheguei ao casamento sem esperar nada, mas você disse que queria um casamento de verdade. E depois me trata como se eu fosse um leproso.

- Não é verdade! - ela exclamou, indignada.

- Pois quase. Tenta evitar minhas atenções me liberando de minhas promessas. Mas é tarde demais. Você nunca pensou que eu já não desejo nenhuma outra mulher e talvez nunca deseje? Desejo você e só você, e sempre que a toco, você me afasta. - balançou a cabeça - Por Deus, nunca na vida me senti tão humilhado! Sou tão repulsivo assim?

- Claro que não. - ela replicou, emocionada.

- Então, o que é? - perguntou ele.

Clare não podia responder; os remorsos e a tristeza a invadiam. Tudo era tão complicado, que ela mesma não entendia, mas estava decidida a não voltar a chorar. Como se atrevia?

Primeiro prometia tempo, todo o tempo que necessitasse, e depois gritava por ela não deitar em seus braços. Depois de tudo o que fizera, como podia esperar que ela se metesse na cama com ele quando ele quisesse? Tudo era culpa dela.

- Eu nunca quis este casamento! - gritou - Eu nunca pedi.

O jovem a fitou com tristeza.

- Se desejar, podemos solicitar a anulação. - disse com seriedade.

- Você gostaria disso, não? - ela gritou. Suas palavras a magoaram tanto, que não sabia o que fazia. Levantou as mãos e o golpeou no peito.

Justin a ignorou.

- Então, o que você quer? - perguntou.

- Quero que me ame! - ela gritou, batendo novamente antes de cair soluçando contra seu peito.

Justin ficou tenso ao ouvi-la. De todas as razões que imaginara, aquela não era uma delas. Agarrou-lhe pulsos e ergueu o rosto da esposa cheio de lágrimas.

- Mas Clare, eu sempre amei você. - disse com suavidade - Eu a amei desde o momento em que a vi. Se não, por que um homem adulto passaria tanto tempo nesta maldita casa com uma menina de quatorze anos?

Adivinhou que ela não acreditava e isso lhe doeu no coração.

- Amo você, Clare, meu amor. - repetiu.

Embora aquelas palavras agissem como um bálsamo sobre ele, não surtiram nenhum efeito em sua esposa. Clare se separou de seu abraço e se afastou.

Quando se voltou para encará-lo, seu rosto expressava muita dor e sua voz era acusadora.

- Se você me amasse, nunca teria me abandonado. - disse.

Justin suspirou, aliviado de que enfim tudo fosse esclarecido.

- Seu pai não me deu escolha. - disse.

- Há! - burlou-se ela - Ele deu uma escolha. Deu a oportunidade de você casar comigo e você se negou. E, entretanto, aqui estamos agora. - concluiu com ironia.

- Naquela época eu não compreendi que amava você. - disse ele, consciente de como aquela desculpa soava pobre - Eu pensava que você merecia alguém melhor que eu. - prosseguiu - Você tinha tudo: beleza, inteligência, criatividade...

Clare não o deixou terminar.

- Como se existisse algum outro homem que pudesse apreciar meus contos! - exclamou - Não me faça rir.

- Muito bem, talvez outro homem não tivesse amado você por esse talento, mas outro homem poderia ter oferecido estabilidade e respeitabilidade. Você não era mais que uma menina, com um futuro glorioso diante de si e eu era um homem de má reputação e péssimas perspectivas.

Viu a expressão desolada nos olhos da moça e sentiu uma raiva que nunca conhecera. Apertou os punhos.

- Muito bem. Fui um covarde. - admitiu - Quando seu pai sugeriu que eu me casasse com você, neguei sem sequer pensar, porque estava acostumado a desprezar tais ofertas.

Clare cambaleou como se ele a tivesse atingido, mas Justin prosseguiu, incapaz de deter a corrente que mantivera em seu interior durante tanto tempo.

- E o que você esperava? - perguntou - Você e seu mundo inocente! Seus sonhos de cavalheiros andantes com armadura brilhante e príncipes honrados. Acha que eu não sabia que você tentava me transformar em um deles? Mas não podia, porque eu não era honrado, nem nobre, nem nada dessas coisas.

Notou que estava gritando, respirou fundo e baixou a voz.

- Você só via um jovem encantador, mas eu era muitas mais coisas. - disse com suavidade - Até você me surpreender na cama com aquela criada, não compreendi como nossos mundos eram diferentes. Então me vi com clareza e não gostei do que vi. E soube que você tampouco gostava.

Não pôde continuar, não pôde explicar que, depois de se ver através dos olhos dela, voltou para Londres e passou a demonstrar-se a si mesmo e ao mundo como era terrível.

Clare não respondeu; ficou ali de pé, como se o mundo desabasse ao redor.

- Maldição! - ele gritou - Eu não era um de seus malditos heróis! Nunca serei!

Olhou para ela com uma estranha mistura de desespero e esperança e um longo silêncio se estendeu entre eles. Justin desejava que Clare o visse tal qual era e que o amasse assim. Era impossível, mas sempre soubera.

- Sim, você foi, quer gostasse ou não. - replicou ela, com suavidade. - Sinto muito ter sido uma carga muito pesada para você.

Voltou-se e saiu do salão. Não tinha mais nada a dizer nem energia para continuar gritando.

Justin a observou partir com desespero. Pegou o copo abandonado, com intenção de terminar de beber seu conteúdo, mas ficou olhando para ele, enojado pelo aroma. Atirou o copo à lareira e praguejou em voz alta.

- Harris! - gritou a plenos pulmões.

Avançou até a porta e pôs a cabeça para fora, esperando o mordomo.

- Sim, senhor marquês? - perguntou Harris.

- Embale todos os vinhos da adega e mande-os ao cavaleiro com meus cumprimentos. - disse Justin entre dentes.

- Muito bem, senhor marquês.

Partiu sem fazer nenhum comentário sobre aquela estranha ordem.

Justin apoiou a mão contra o trinco da porta, descansou a cabeça sobre o braço e suspirou. Aquilo requeria muito trabalho e talvez ele não estivesse à altura, mas ainda não estava disposto a renunciar seu matrimônio. Já se afastara uma vez da única mulher que amara e não voltaria a fazer isso.

Clare ficou um longo momento sentada em seu quarto, escutando o ruído da chuva contra as paredes de pedra. Sempre gostara das tempestades, mas naquele dia o tempo parecia um reflexo do que ocorria no castelo. Em lugar de servir para limpar, a tormenta erodia seu matrimônio, sua felicidade e mesmo sua vida.

Justin ainda podia pedir a anulação e provavelmente ela deveria aceitar, mas seu coração se rebelava. Tinha o que sempre sonhara: o príncipe e seu castelo, e não queria alterar seu destino. Sabia que seu lugar estava ali.

Uma vez tomada essa decisão, ainda restavam outras que podiam determinar o curso de suas vidas. O mais fácil seria se afastar de Justin. Muito castigada por mágoas passadas para se permitir amá-lo, podia deixá-lo permanentemente fora de seu coração, mas, então, por que continuar casada com ele? Se continuasse sendo sua esposa, e queria, esse matrimônio merecia todo seu esforço e, até o momento, não fora assim.

Permitira que sua antiga dor a distanciasse do marido, impedindo de confiar nele. Fechara seu coração e, embora por fora se mostrasse cordial, a

realidade era que castigava Justin por tê-la deixado antes. Os sentimentos que podiam ter se expressado fisicamente entre eles se transformaram em uma arma que ela utilizou contra ele. Sentiu-se subitamente envergonhada por seu comportamento.

Resistiu a ele desde o começo e, ao fazer isso, não só castigara Justin, mas a si mesma, porque ela não desejava outra coisa além de beijá-lo, acariciá-lo, senti-lo contra ela e compartilhar sua paixão.

Compreendeu de repente que sua rendição já não seria uma derrota. Justin casou com ela, disse que a amava e estava mais que disposto a agradá-la. Era sua vez; ela precisava agradá-lo também. O que Fletcher dissera? O que um cafajeste faria quando não era mais um cafajeste? Ela o obrigara a renunciar sua vida, e para quê? Devia substituir o que ele perdera com algo mais precioso.

Sabia que seria fácil. Se abrisse seu coração por um instante, adoraria Justin com todo o ardor com que o adorara no passado. E desta vez não amaria um sonho, amaria um homem de carne e osso, com defeitos, sim, mas muito mais real que qualquer herói imaginário. Suspirou. Chegou o momento de aceitar o passado e abraçar o futuro e isso implicava amar o marido em todos os sentidos da palavra.

Capítulo 12

Clare jantou sozinha em seu quarto, temerosa que, se visse Justin antes da noite, poderia mudar de idéia e perder a coragem. Tomou um banho quente, escovou o cabelo e descartou uma camisola atrás da outra.

Estava nervosa. Não seria fácil entrar no quarto dele sabendo que daquela vez não podia voltar atrás. Não era o ato em si que a assustava; só precisava recordar a reputação de Justin para saber que não seria tão ruim. Cinquenta mulheres de Londres não podiam estar tão enganadas.

Não, não era somente seu corpo que temia entregar, assim como seu coração e sua alma, porque suspeitava que as três coisas estariam unidas aquela noite. Sabia, por suas experiências nos braços de Justin, que ele tinha o poder de fazê-la perder o controle de si mesma e essa era uma sensação bastante incômoda.

“Deixe de se preocupar”, disse a si mesma, passeando pelo quarto, esforçando-se para ouvir os ruídos que Justin fazia ao deitar.

Quando por fim compreendeu que ele se colocou na cama, esperou mais alguns minutos. Depois pegou uma vela e avançou para a porta que os separava, procurando se concentrar no muito que o amava e no quanto sempre desejara suas carícias.

Desejava se sentir amada por ele e ele dissera que a amava. Não tinha certeza se acreditava, mas ele dissera e teria que se conformar com isso.

Justin ouviu a porta abrir e se perguntou que criado andaria por ali àquela hora. Quando levantou a vista e viu Clare de pé na soleira, o coração pulsou com força em seu peito. Não imaginara que iria para ele precisamente naquela noite, mas ali estava, alta, linda e muito nervosa.

De fato, com aqueles olhos tão abertos, parecia uma mulher que ia se jogar de um precipício e Justin não gostou. Não era o tipo de resposta que costumava provocar nas mulheres.

- Clare, você não veio porque se sentiu pressionada, não é? - perguntou.

A jovem se aproximou da cama, deixou a vela e se voltou para ele.

- Vim porque quero que nosso casamento seja real. Quero esquecer o passado e começar de novo. - disse com firmeza.

Justin sentiu uma onda de alívio. A mulher olhava seu tórax e confiou em que aquela visão não lhe traria más lembranças.

- Então venha para a cama. - disse, afastando os lençóis.

Clare olhou para ele com ansiedade, retorcendo o cinturão da bata.

- Muito bem. - disse por fim.

Desatou o nó, abriu a bata devagar e deixou-a cair ao chão. Justin conteve o fôlego ao ver que ela não vestia nada por baixo. Clare estava diante dele, com os seios altos, os mamilos eretos e aquelas pernas longas.

O jovem ficou sem fala. Indicou com a mão que se unisse a ele e Clare se deitou a seu lado, subindo o cobertor até o queixo. Ao observar aquela mostra de pudor, Justin recordou que devia ir muito devagar aquela noite. Não ia ser fácil.

A jovem não o fitava, mantinha o olhar cravado no teto.

- Clare. - disse ele com suavidade - Sou eu, Justin.

A mulher o olhou com tal expressão de amor, que ele ficou sem fôlego. Há anos não via aquele olhar e sentiu um nó na garganta.

- Clare, meu amor, amo você. - sussurrou, acariciando a bochecha dela.

A jovem olhou aqueles olhos escuros e pensou que ele ia chorar. Talvez fosse só um efeito da luz da vela, mas Justin nunca a fitara com tanta ternura. Isso não era o que ela tinha esperado.

Imaginou que ele a abraçaria e a beijaria até fazê-la perder o controle e que olharia para ela com aquela expressão selvagem que sempre a assustava um pouco. Preparou-se para aquilo, não para ver lágrimas.

- O que fazemos agora? - perguntou.

Justin sorriu devagar.

- Quero explorar cada polegada de seu corpo maravilhoso. - respondeu - Posso?

- Bom, eu... - Clare não soube o que responder; definitivamente, não era isso o que esperava.

- Eu tocarei você e depois você pode me tocar, a menos que não queira. - disse ele.

- Não. Eu gostarei. - ela replicou - Sempre desejei tocar você... - se interrompeu e ruborizou intensamente.

Justin ignorou seu desconforto.

- Muito bem. - disse.

Embora não se atrevesse a olhar para o marido, Clare notou que ele parecia muito mais contente. Acaso ele também estivera nervoso? Aquela idéia a fez sentir-se muito melhor.

- Por que você não se vira? - sugeriu o jovem, movendo-a até colocá-la de barriga para baixo.

Clare sorriu, porque já se sentia muito melhor com tudo aquilo. Não sabia o que fazer com os braços, então os cruzou e apoiou a cabeça sobre eles, suspirando com suavidade.

Aquela visão o pegou despreparado e Justin apertou os dentes para reprimir o desejo que o invadiu. Fechou os olhos. Todas as demais mulheres pareciam uma sombra pálida, uma pobre imitação daquela que estava deitada diante dele.

Sabia instintivamente que, se conseguisse se controlar, aquela noite seria distinta a todas as outras de sua vida. Mas devia ir devagar, conseguir que fosse ela que o instigasse, que desejasse com desespero o que ele podia dar.

Clare nunca soube o quanto aquilo custava para o marido. Só sabia que as carícias de Justin sobre seus braços eram suaves como uma pluma, e não o que esperava. Seu príncipe possuía mãos maravilhosas.

Os dedos de Justin se moviam com tal suavidade sobre seu corpo, que ela deixou de se sentir envergonhada e começou a relaxar. Os dedos dele passaram por suas pernas e desceram até chegar à planta dos pés.

A seguir subiu por seu corpo, aumentando ligeiramente a pressão dos dedos. Clare continuava relaxada, mas começava a desejar algo mais. Quando Justin roçou as laterais dos seus seios, moveu-se impaciente contra a cama e se deu conta que desejava que ele repetisse aquele movimento.

Mas ele não o fez. Em vez disso, virou-a, deitando-a de costas. A jovem, desconcertada por estar nua diante dele, não o fitou. Voltou a ficar tensa.

- Quando eu toco você? - perguntou.

- Provavelmente quando abrir os olhos. - disse ele - Não tenho certeza se gostarei que você faça isso às cegas.

Clare olhou o marido. Estava inclinado sobre ela e sorria. Sorriu também. Justin brincava com ela. Suspirou e fechou os olhos, aquela vez por prazer, e deixou-se acariciar o pescoço e os ombros.

Tentou inundar-se no calor de suas carícias, em seu aroma, masculino e familiar; estava muito cômoda e se sentia cheia de vida... até que as mãos dele roçaram seus seios.

- Oh! - sussurrou, surpreendida pela forte reação de seu corpo. Desejou que ele voltasse a repetir o movimento.

Mas ele não repetiu. Seus dedos se moveram mais abaixo, circundando seu estômago e descendo pelas pernas, até os tornozelos. Voltou em seguida para acariciar o interior das coxas e a jovem conteve o fôlego, desejando inclinar-se até ele para prolongar aquela carícia.

Quando a mão dele acariciou seus cachos íntimos, soube que deveria se sentir envergonhada, mas a sensação era tão prazerosa, que não pôde pensar em nada mais.

As mãos dele voltaram de novo aos seios, acariciando-os devagar e ela suspirou com uma mescla de frustração e êxtase. Queria que Justin a beijasse, queria que se apertasse contra ela, mas ele não fez nada disso.

A jovem reprimiu sua decepção. Compreendeu, enfim, que ele não a beijaria, mas seu corpo estava tão alterado, que já não podia continuar imóvel.

- Agora toque-me. - ele disse.

Sentou-se e observou ele ficar de barriga para baixo com a cabeça apoiada nos braços.

Surpreendeu-se por não se sentir-se incômoda. Parecia natural estar ali deitada com Justin, os dois nus.

- Eu costumava sonhar com a sensação da sua pele. - sussurrou.

Deslizou os dedos pelos braços fortes dele. Estendeu as mãos sobre suas costas e se concentrou na maciez da pele dele e na dureza de seus músculos. Baixou as mãos até as nádegas e pernas e logo voltou a subir lentamente.

Notou com surpresa que ele começou a ofegar e percebeu como gostava daquilo. Era excitante tocá-lo, mas aquilo também a afetava quase tanto como quando o tocava. Queria mais. Desejava beijá-lo, esfregar-se contra ele, que ele a beijasse com paixão, como a beijara no rio. Empurrou-o para que se virasse.

Justin colocou uma mão atrás da cabeça e deixou a outra contra os lençóis. Olhou a esposa com olhos brilhantes e Clare observou aquele corpo, do tórax amplo até a parte entre suas pernas que estava dura e tentadora.

O coração de Clare saltou uma batida. Sabia que deveria se sentir apreensiva, mas não era assim. Queria tocá-lo. Olhou o rosto do homem; Justin tentou sorrir com ar alentador, mas parecia ter problemas em respirar. Clare pensou que talvez estivesse impaciente para que ela comesse e voltou sua atenção ao braço estendido.

Percorreu-o com os dedos e depois acariciou o peito e os mamilos de Justin. Os músculos do estômago dele se contraíram àquela carícia, mas ela não parou ali e avançou para o quadril. Seu interesse estava em outra parte, na parte dele que tanto parecia atraí-la e enfim deixou a mão cair entre as pernas dele e o tocou.

Justin gemeu. Clare levantou a vista e viu o olhar selvagem nos olhos do marido, mas daquela vez não se assustou. Roçou sua ereção com a mão, repassando os contornos de seu pênis até que notou que ele segurava os lençóis com força.

- Você está bem? - perguntou e afastou a mão - Não o machuquei, não é?

Justin sentiu vontade de rir, mas o desejo o invadia com tanta força, que só conseguia pensar em abrir as pernas dela e penetrá-la com força. Quanto tempo mais poderia suportar aquela tortura? Olhou-a nos olhos, leu desejo neles e se sentiu recompensado. Respirou fundo e se ergueu um pouco para roçar seus seios.

Clare se inclinou para ele e suspirou. O homem levou ambas as mãos aos seios dela e esfregou os mamilos com o polegar. A jovem se moveu, nervosa, deixando-o ainda mais excitado. Assustou-se de repente com a possibilidade de

terminar ali, na cama, como um adolescente, e aquela idéia o pôs em movimento.

Colocou-a de costas, apertando seu corpo contra o dela e gemeu ao sentir seu calor sob ele. Clare colocou as mãos no cabelo dele, atraindo-o para si e o beijou com um abandono que ele não sabia que possuía. Gemeu de novo e disse a si mesmo que devia se controlar.

Inconsciente da luta do marido, a jovem se tornou mais exigente. Esfregou seus quadris contra o pênis dele e começou a colocar e retirar a língua em um ritmo natural que o fez compreender que seu plano fora bem-sucedido; sua inocente esposa o seduzia.

Inundado por uma paixão que jamais conhecera, Justin perdeu todo indício de controle. Acariciou-a com fúria. Aquela era Clare, pura e radiante, movendo-se sob suas carícias. Beijou-lhe os seios, chupando os mamilos, e ela se arqueou contra ele.

Aproximou-se mais para ele, para que chupasse com mais força e Justin compreendeu que já não podia mais retardar. Desceu as mãos até o ventre dela e deslizou os dedos na umidade da jovem.

- Não posso esperar, Clare. - sussurrou, trêmulo - Não posso esperar.

Moveu-se entre suas coxas e observou o rosto dela. Seus lábios estavam separados, as bochechas vermelhas de prazer e os olhos nublados pelo desejo.

- Pois não espere. - ela sussurrou como resposta.

Justin não esperou mais. Penetrou-a com um movimento rápido e logo se deteve ofegante, lutando para se controlar. Não se equivocara: aquilo não parecia nada que já tivesse experimentado. Não só por ela estar quente e apertada contra ele, mas por se tratar de Clare e compreendeu que nunca na vida fizera amor de verdade. Olhou com surpresa para a única mulher que o tinha afetado daquele modo, provocando sensações tão potentes.

Clare mordera o lábio com tanta força, que sangrou e Justin se sentiu horrorizado ao ver lágrimas em seus olhos.

- Oh, meu amor! - sussurrou - Sinto muito.

Suas palavras pareceram consolá-la, já que sorriu e o fitou com olhos cheios de amor. Justin, comovido, beijou-lhe a testa.

Clare envolveu o marido com os braços e o estreitou contra ela, contente por ter suportado a dor sem gritar. Até a dor desapareceu ao ver nos olhos dele um olhar que dizia, com mais eloquência que qualquer palavra, que a amava de verdade.

Pronunciou seu nome com suavidade e ele a beijou na boca e começou a se mover em seu interior. Clare se dispôs a conter a dor, mas Justin remeteu e seu coração começou a pulsar com força de novo. Por sua vez ela se moveu, não só pela pressão dele, como por uma necessidade própria que a fazia se arquear contra ele. Precisava estar cada vez mais perto.

- Melhor? - sussurrou-lhe Justin ao ouvido.

Clare enredou os dedos no cabelo dele apertou seu rosto contra ela.

- Sim, melhor. - respondeu com voz rouca, olhando admirada àquelas feições familiares - Amo você. - confessou - Amei você desde o momento em que o vi e nunca sonhei que isto pudesse ser tão bom.

Justin gemeu ao ouvi-la e agarrou seus quadris, introduzindo-se mais em seu interior.

Clare sobressaltou-se e depois pareceu que não podia respirar. Cravou as unhas nos ombros dele e empurrou com força contra ele até que se sentiu inundada por uma onda de prazer atrás de outra. Percebeu entre névoas que Justin se movia um pouco mais e seu corpo estremecia antes de ficar imóvel também.

Permaneceram um longo momento abraçados em silêncio. Clare foi primeira a falar.

- Justin, se eu soubesse... - vacilou - Se eu soubesse, teria me rendido antes.

- Rendido? Essa é uma palavra estranha na boca de uma esposa. - disse ele com suavidade. Apoiou-se sobre os cotovelos para observá-la - Se eu soubesse, - repetiu - eu teria me esforçado mais para convencer você.

- Mas você sabia que seria assim. - ela protestou - Você fez isso muitas vezes.

Justin negou com a cabeça.

- Nunca fiz isso. Nunca conheci nada igual. - sussurrou com seriedade - Porque nunca amei ninguém exceto você.

- Clare, está acordada?

A jovem sentiu a língua dele contra sua orelha e estremeceu.

- Clare, me diga que não dói muito. - sussurrou ele, com suavidade.

A jovem sorriu na escuridão e se sobressaltou ao notar os dedos dele sobre seu seio. Arqueou-se para eles e Justin emitiu um som de prazer e prosseguiu com as carícias. Clare suspirou quando a mão dele se colocou entre suas coxas. Ali começou a acariciá-la até que a fez gemer sem deixar de se apertar contra ela por trás.

Tentou acariciá-lo também, mas Justin continuava atrás, beijando seu pescoço e ombros. Clare se agarrou aos lençóis.

- Justin! - suplicou.

O jovem respondeu sua súplica agarrando os quadris e penetrando-a por trás.

Daquela vez, as sensações foram muito distintas, já que não sentiu dor, só um prazer lento e enlouquecedor. Ouviu-o gemer e sentiu que ele aumentava o ritmo dos movimentos sem deixar de acariciá-la com a mão. A jovem alcançou o clímax e apertou com força as roupas da cama. Ouviu Justin gemer de novo e logo sentiu seu movimento final antes que também ele estremecesse.

- Clare. - sussurrou. E a jovem se voltou para fitá-lo.

Na lareira não havia fogo, mas no interior dela ardia um rescaldo que só esperava ser reanimado pelas carícias dele.

- Quem iria imaginar que meu pequeno duende se tornaria uma mulher tão tentadora? - perguntou ele, como se tivesse lido o pensamento da jovem.

Seus lábios roçavam a orelha dela e Clare sentiu que voltava a se excitar com aquelas palavras. Pousou uma mão no peito do marido e se moveu contra ele.

- Ahá! E também tão ansiosa. - disse ele com suavidade, lhe acariciando o cabelo.

- A culpa é sua, - murmurou ela, sem fôlego - por dizer essas coisas.

Justin sorriu.

- Nesse caso, procurarei descrever sempre meus sentimentos com todos os detalhes. - murmurou.

- Oh! - ela exclamou, um pouco trêmula pela força daquela promessa.

- Não se preocupe, meu amor, - sorriu ele - porque ocorre o mesmo comigo. Só preciso olhar para você e já sinto desejo. Não darei um momento de descanso a você. - prometeu com picardia - Esperei muito tempo, mas agora é minha enfim e a possuirei uma e outra vez.

Clare não se conseguia mover, presa por suas palavras e suas carícias. Estava imóvel, respirando cada vez mais forte. As mãos de Justin acariciaram seu monte de Vênus e ela se sentiu cheia de desejo. Justin, entretanto, não se moveu para beijá-la nem a atraiu para si.

- E você sempre estará úmida para mim, úmida e disposta. - sussurrou - Esperando que eu encha você, que eu introduza meu sexo no seu corpo.

Introduziu um dedo no interior da moça e começou a movê-lo. Clare fechou os olhos e o abraçou com força até sentir o orgasmo.

Demorou muito tempo a se recuperar, a ser consciente dos contornos do quarto, fracamente iluminados pela luz da lua.

- Oh, Justin! - sussurrou. Respirou fundo - Sua reputação é merecida.

O jovem se pôs a rir.

- Agora é só para você, Clare. Só para você. - o corpo dele se esticou e ele apertou um braço dela com força - Você é minha, minha e de mais ninguém. Você tem minha promessa, agora quero eu ouvir a sua. Prometa-me que nunca terá outro amante.

- Justin! - ela exclamou, surpresa.

Quase voltou a rir ante a sugestão que poderia ser infiel. Como precisaria de outra pessoa? Mas seu olhar de seriedade a fez compreender que sua risada não seria bem recebida. Moveu a cabeça e levou uma mão ao peito.

- Só você, meu príncipe. - sussurrou com suavidade.

E o beijou para selar o pacto.

Capítulo 13

Addie McBride vivia com o irmão, James, e a família dele em uma casa pequena ao leste da aldeia. Uma moça robusta, de face rosada, abriu a porta e soltou uma exclamação de prazer ao ver sua visitante. Embora Clare não a conhecesse, era evidente que a mulher devia se lembrar da filha do cavaleiro ou reconheceu o elaborado brasão colocado na lateral da carruagem que esperava na porta. Recebeu Clare com um sorriso amistoso.

- Senhora marquesa! Entre.

Vestia um vestido simples de algodão e segurava um menino sobre o quadril; ficou de lado, deixou o menino nos braços de uma menina mais velha, uma das várias que rodeavam a mulher e a quem Clare reconheceu dos dias em que contava histórias.

- Sou Corliss McBride e estou encantada em vê-la. - disse a mulher, convidando-a a entrar na sala - Desejo muita felicidade no seu casamento. Ouvimos dizer que a senhora e o senhor marquês vivem no castelo e estão arrumando ele. Eu gostaria de muito vê-lo; suponho que será como o palácio de um rei.

Clare sorriu.

- Quando estiver terminado, daremos uma grande festa e você poderá vê-lo.

A menina que segurava o bebê olhou para Clare com curiosidade e logo franziu o cenho desiludida.

- Mas é apenas Clare! - exclamou, perguntando-se, sem dúvida, por que sua mãe tomava tantas moléstias pela filha do cavaleiro.

A mulher a fitou com ferocidade.

- Agora é a marquesa de Worthington, Kate. - disse - Casou com o marquês, assim você deve se inclinar diante dela e falar com respeito.

Kate considerou um momento aquelas palavras, depois sorriu com acanhamento e olhou Clare.

- Compreendo. É como uma das suas história, não é?

- Sim. - respondeu a jovem - Como uma das minhas histórias.

- Podemos ir ver seu castelo, Clare? - perguntou Eric, um dos meninos.

- Oh, não! Eu não iria ali. É amaldiçoado. - disse Kate, com solenidade.

- Kate! - exclamou Corliss, empurrando os meninos para a porta - Leve o bebê ao jardim para que eu possa conversar com a senhora.

Seu tom não admitia resistência e, depois de algumas queixas, os meninos saíram.

- Sente-se, senhora marquesa. - disse Corliss, indicando uma poltrona.

Depois de uma conversa agradável, um copo de limonada e um pedaço de bolo de morango, Clare enfim mencionou o motivo de sua visita.

- Sua cunhada, Addie McBride, vive com você, não é?

- Sim. - respondeu Corliss, dando a entender por seu tom de voz que aquilo não era muito do seu agrado.

- Disseram-me que ela trabalhou na mansão. - disse Clare - Eu gostaria de falar com ela.

- Não conseguirá que ela volte. - replicou a mulher - Embora eu não possa dizer que eu não gostaria disso. - acrescentou com um sorriso - Mas não quer ouvir falar desse lugar de jeito nenhum. Se procura ajuda, sei que as filhas de Molly Williams estão procurando uma boa casa. Vão a Rillford na semana que vem para ver se encontram algo.

Clare sorriu.

- Obrigado. Considerarei, mas, mesmo assim, eu gostaria de falar com Addie.

- Bom, ela foi ao mercado, mas não demora a voltar.

Levantou-se e se aproximou da porta. Clare a ouviu chamar Eric e enviá-lo ao povoado para que apressasse sua tia.

Clare recusou outro copo de limonada e quase se oferecia para contar uma história para os meninos quando chegou Addie, uma mulher de meia idade magra e pálida. Olhou a visitante com tal expressão de horror, que a jovem não soube o que dizer. O mesmo deve ter acontecido a Corliss, já que Clare notou que ela olhava para Addie com desgosto.

- Addie, esta é Lady Worthington. Quer falar com você.

A jovem ficou de pé e sorriu com calor.

- Addie? Talvez você tenha me visto pela aldeia. Sou a filha do cavaleiro. Queria falar um momento com você em particular.

Viu que Addie relaxava um pouco e o olhar de horror abandonou seu rosto para ser substituída por outro de medo.

Corliss lhe indicou uma cadeira e hesitou um momento. Era evidente que queria permanecer e escutar, mas se limitou a sorrir.

- Vou deixá-las sozinhas. Se precisarem de mim, estou no jardim dos fundos.

- Não era minha intenção assustá-la. - disse a jovem, quando ficaram a sós.

Embora gostasse que a outra se sentisse à vontade, Addie continuava olhando para todos os lugares menos ela.

- Soube que você trabalhou na mansão. - prosseguiu.

A mulher assentiu com a cabeça.

- Sinto curiosidade por uma noite em particular, - começou Clare - a noite em que Elizabeth Landrey...

Não terminou suas palavras. Addie deu um grito e levou uma mão à garganta.

- Você esteve ali, não esteve? - perguntou Clare, sem se atrever a acreditar em sua boa sorte.

A mulher fechou os olhos e assentiu, mas não acrescentou nada mais.

- Você esteve no telhado? - perguntou a jovem.

Addie abriu os olhos e olhou assustada para Clare.

- Conte-me. - disse Clare, com suavidade.

A outra suspirou trêmula.

- Eu sabia! Sabia que viriam algum dia. - disse enfim. Viu que a jovem a olhava surpreendida - Oh, eu não sabia que seria você, mas sabia que viria alguém. - suspirou de novo e baixou a vista ao chão - Estive no telhado. - admitiu.

- Sim?

- Bob, um dos ajudantes de cozinha, e eu costumávamos subir ali para ficar sozinhos. - acrescentou, sem levantar a vista - Todo mundo costumava subir ali, tanto os criados como os hóspedes, porque a vista era magnífica. - explicou. Encarou Clare - Precisa entender que em todos estes anos não falei sobre isso com ninguém, embora às vezes me preocupe. Às vezes sonho com ela e tenho a impressão de que ela quer que eu conte. - terminou, baixando o olhar novamente.

Clare sentiu o pêlo dos braços se arrepiarem.

- Contar o quê? - perguntou em um sussurro.

- O que ocorreu realmente. Aquela noite, a casa estava cheia de gente. Tinham chegado muitos convidados à festa de Londres e também havia muita gente dos arredores.

Enquanto Addie falava, Clare começou a imaginar as circunstâncias daquele dia...

O marquês e seus amigos estavam jogando e faziam tanta algazarra, que era possível ouvir do telhado. Bob estava atrasado e Addie o xingou, se perguntando se ele não estaria com a garota da taverna.

Viu a mulher, jovem e triste, sair das sombras e a reconheceu como uma das amantes do marquês. Então ouviu outros passos e se afastou, esperando que, se fosse Bob, tivesse suficiente juízo para não se deixar ver pela mulher.

- Elizabeth, é um prazer encontrá-la sozinha. - disse uma voz de homem.

Addie se apertou mais contra as pedras, irritada ao ver que se tratava de outro dos convidados. Por que não se reuniam embaixo com os outros e deixavam o telhado para eles?

Mas logo foi evidente que aquele homem não subira ali para paquerar com ninguém. Os dois começaram a discutir e logo ouviu a voz da jovem.

- Basta, Richard! Está me machucando.

Addie se atreveu a aparecer e viu que o homem segurava os braços da moça.

- Mas eu pensei que você gostava. - disse ele, zombeteiro.

Addie pôde ver então o rosto; sentiu calafrios e voltou a apertar-se contra as sombras. Nunca vira um rosto assim na vida. Pelo menos, não em um cavalheiro.

- Pois eu não gosto disso. - disse a jovem, com voz trêmula.

- Você gostava até que pensou que podia conseguir um título, não é assim? E entregar meu filho a outro homem?

Addie apareceu mais uma vez. Viu que o sujeito pressionava a moça contra o parapeito, muito perto da beirada e se perguntou se tentava assustá-la para que voltasse com ele. Mas o homem se pôs a rir.

- Fique com o menino e que condenem você. - disse com frieza.

Então a empurrou sem deixar de rir.

Addie estremeceu, tentando sacudir as lembranças.

- Havia tanto barulho na festa que mal se ouviam os gritos da jovem. - disse - Eu estava paralisada de horror e, quando enfim pude me mover, desci diretamente para meu quarto pela outra escada.

As duas permaneceram em silêncio um longo momento. Addie estava perdida em suas lembranças e Clare tentava digerir as palavras dela. O som de risadas infantis no exterior devolveu as duas ao presente.

- Por que você não disse ao marquês? - perguntou a jovem com suavidade.

Addie pareceu surpreendida por aquela sugestão.

- Embora eu tivesse coragem para isso, não consegui. O marquês se trancou no quarto e não quis ver ninguém.

- Mas por que não contou a ninguém?

Addie olhou para Clare com um misto de desespero e diversão por sua ingenuidade.

- Minha palavra contra a de um cavalheiro? Provavelmente teriam me prendido. - disse - Eu tinha medo demais. Quando um homem mata com tanta facilidade, não hesitará em voltar a fazê-lo.

- E agora? - perguntou Clare - Você contaria sua história ao marquês?

Addie estremeceu.

- Por favor, não me peça isso, senhora. Tenho vivido com medo que esse dia chegue e que esse homem volte para me matar também. - sussurrou, suplicante - Não me peça isso, por favor.

- Está bem. - Clare lhe tocou o braço com gesto tranquilizador - Não se preocupe. Esse homem, esse tal Richard, você sabe quem era?

- Não, senhora marquesa, não sei. Eu não costumava ter muito contato com os convidados, sabe?

Clare assentiu. Embora acreditasse na mulher, sentia-se muito decepcionada. Como poderia descobrir a identidade do nome?

- Pode descrevê-lo? - perguntou.

Addie ficou pensativa por um momento.

- Era de estatura mediana, nem gordo nem magro. Tinha um rosto bastante comum, nem muito bonito nem muito feio, mas estou certa que era um cavalheiro.

- O cabelo? - perguntou a jovem, desanimada por sua descrição.

- De cor clara, acredito. Estava muito escuro para ver bem. - disse com ar de desculpa.

Clare engoliu em seco.

- Obrigada, Addie. - disse - Se você recordar algo mais, envie uma recado à minha casa.

Tinha certeza que a mulher não voltaria a contatá-la, mas, mesmo assim, era grata por ela ter contado a verdade e depositou uma bolsa de moedas na mão dela.

- Oh, não posso aceitar, senhora! - disse Addie, alarmada.

- Eu insisto. - replicou a jovem. Ficou de pé, avançou até a porta e se voltou para se despedir.

Addie continuava sentada, apertando as moedas com expressão sombria. Suspirou.

- Obrigada pelo dinheiro, senhora, e obrigada também por ter vindo. Talvez agora ela me deixe em paz.

- Quem? - perguntou Clare, da soleira.

- Elizabeth Landrey. - respondeu a mulher estremecendo.

Já que estava fora, a jovem decidiu ir visitar o pai. O cavaleiro lhe deu boas-vindas com voz estentória, mas não se inclinou para beijá-la. Clare sorriu, pensando em como seu pai era diferente de Justin, quem a tomara pela mão assim que se conheceram.

Depois de uma boa refeição servida pela senhora Sutton, passou uma tarde agradável em companhia do cavaleiro, ouvindo ele elogiar suas habilidades como caçador e a qualidade da colheita daquele ano. Recusou um convite para pescar com ele, alegando que não estava vestida para a ocasião. O tema da pesca a fez pensar no marido e a jovem ruborizou, ansiosa de repente para chegar a sua casa.

- Pai, - disse, vacilante - já estive no castelo alguma vez?

- O castelo? Oh, refere-se à mansão? Bom, sim. Estive algumas vezes quando o antigo marquês vivia, embora não costumassem passar muito tempo ali. Sempre estavam em Londres. - disse com uma careta de desgosto - E seu filho também. Deixou que o lugar se deteriorasse. Surpreende-me que ainda seja habitável.

Clare sorriu.

- Está muito bem, pai. - fez uma pausa, sem saber muito bem como abordar o tema - Ouvi dizer que Justin costumava ir ali quando era mais jovem e que até deu algumas festas na casa.

O cavaleiro franziu o cenho e olhou para ela com desconfiança.

- Vamos, Clare, uma mulher não deveria se importar com o que um homem fez no passado. - disse.

A jovem o olhou, surpreendida. Acaso estava defendendo Justin?

- O que sabe sobre a noite em que essa garota caiu no fosso? - perguntou bruscamente.

- Isso ocorreu faz muito tempo e é melhor não remexer. - o cavaleiro fez uma pausa para pegar o cachimbo - Sei que esse homem tem má reputação, mas no final se reformou e parece que estima você, não?

- Sim, ele me estima, - disse ela - mas...

- E o que mais quer? - perguntou seu pai com ironia - Não vejo motivo para você se queixar do matrimônio ou do homem. - disse, ficando de pé para mudar de assunto.

Clare compreendeu, divertida, que seu pai pensava que ela estava desiludida com seu marido. Riu.

- Não estou me queixando de Justin. - explicou - Só tento descobrir o que aconteceu realmente naquela noite.

- Pois pergunte a seu marido e não me meta nisso. - grunhiu o homem - Venha comigo ao estábulo e mostrarei minha última aquisição.

A jovem franziu o cenho e se levantou para segui-lo. Compreendeu que, mesmo que tivesse alguma queixa contra seu marido, ali não encontraria compreensão. Graças a Deus que não era assim!

O cavaleiro possuía um novo cavalo para mostrar, então a jovem entrou no estábulo para admirá-lo. Não disse que um amigo de Justin acabava de dar a ela de presente duas preciosidades muito mais valiosas que aquela, mas elogiou sua compra.

- E os estábulos do seu marido? - perguntou seu pai, interessado.

- Ele seguiu seu conselho e está derrubando-os. E tia Eugenia já partiu, assim pode nos visitar quando quiser.

- Já? - perguntou o cavaleiro com um sorriso - O que o marquês fez para espantá-la?

- Nada. - disse ela.

Ruborizou ao recordar a razão da súbita partida da tia. Despediu-se de seu pai e aceitou a oferta que ele lhe fez de levar um cavalo, já que preferia galopar pelas colinas à carruagem. Durante o passeio, pensou se devia contar ou não a Justin o que descobrira sobre a morte de Elizabeth. Sabia que ele estava muito imerso em seus remorsos para superá-los com facilidade e o imaginou rindo da história de Addie.

Provavelmente deveria recolher mais informação por conta própria. Mas Justin podia saber quem mais estivera relacionado com a garota assassinada ou se lembrar de um tal Richard de cabelo claro. Se fosse assim, ela poderia averiguar muito em breve a identidade do assassino. Decidiu esperar e ver o que ocorria, sondar o estado de ânimo de Justin antes de dizer algo a ele.

Encontrou-o antes do que esperava. Levou o cavalo de seu pai aos estábulos e ali estava seu marido. Embora os operários já tivessem partido, Justin continuava de pé entre os escombros revisando o trabalho. Devia ter voltado a trabalhar, porque retirou a camisa e Clare admirou os músculos das costas dele, a linha dos ombros e a cintura estreita. Recordou o modo como fizeram amor e corou. Percebeu que a noite anterior apagara qualquer lembrança dolorosa que o corpo nu de Justin suscitava.

Ao vê-lo, só lembrou a sensação daquela pele sob seus dedos. Sentiu um desejo repentino de repetir tudo o quanto antes possível.

Justin se voltou ao ouvi-la e sorriu, encantado em vê-la. Estava linda, com um vestido amarelo, o cabelo escuro solto e as bochechas rosadas. Surpreendeu um olhar especial em seus olhos e lembrou de repente que não vestia camisa.

Maldição! Esperava que ela não fosse sair correndo ou bater nele com fúria sempre que o visse sem camisa. Seria uma inconveniência para seu matrimônio. A camisa estava colocada sobre uma das vigas caídas; estendeu a mão para pegá-la, mas uma pressão em seu braço o deteve. Olhou Clare e, quando a viu sorrir com ar sedutor, uma onda de desejo o invadiu.

- Não precisa. - ela sussurrou, se aproximando mais - Pode ficar assim.

Justin leu o desejo em seus olhos e se excitou imediatamente. A jovem roçou o peito dele com as palmas da mão e ele engoliu em seco. Depois ela se aproximou e começou a lhe beijar o peito.

- Quer algo, Clare? - perguntou ele, sorrindo de prazer.

A jovem levantou a cabeça e sorriu provocante. Desceu suas mãos até o cós da calça e começou a desabotoá-la com deliberada lentidão.

- Sim! - respondeu sem fôlego - Quero algo. Você. - sussurrou - Como ontem à noite. dentro de mim, duro e quente e...

Justin não a deixou terminar; abraçou-a com um gemido e a beijou com paixão. Ambos caíram sobre a palha que ainda cobria uma das baías vazias.

Puxou o vestido dela com impaciência, liberando os seios para acariciar-lhe e roçar os mamilos com os polegares. Ouviu-a ofegar contra sua bochecha. Subiu as saias e roçou a intimidade dela com os pênis.

Descobriu que Clare estava úmida sem necessidade de carícias, então não esperou mais, mas segurou-lhe os quadris e a penetrou com um movimento. Ouviu-a gemer ao entrar e se deteve para saborear melhor a sensação de estar em seu interior.

Os lábios da jovem estavam vermelhos e inchados, suas bochechas rosadas, seus olhos transbordantes de paixão e, ao vê-la, encheu-se de amor e de prazer. Lutou para normalizar a respiração, que se tornara ofegante assim que ela tocou suas calças.

- Era isto o que você queria? - sussurrou.

- Sim, oh, sim. - ela respondeu.

Clare levou as mãos até o cabelo dele e o puxou para si. Justin a beijou na boca e começou a se mover em seu interior, onde não demorou a perder o controle.

O que Clare tinha que o fazia esquecer sua atitude habitual e abandonar-se por completo às sensações físicas que o invadiam? Sorriu envergonhado, consolado pelo fato que ela não parecia decepcionada por aquele acasalamento apressado. Estava aconchegada contra ele, de olhos fechados. O homem a abraçou com força.

- Justin, - sussurrou ela, contra seu peito - eu estava pensando...

- Espero que seja em mim. - ele zombou, lhe acariciando o braço.

A jovem olhou para ele e sorriu, mas não do modo que Justin esperara. No que estaria pensando? Esperava que não fosse no passado. Desde que começaram a fazer amor, não o mencionaram nenhuma só vez e, por isso a ele respeitava, era um assunto já morto, resolvido para sempre.

- Estava pensando em Elizabeth Landrey.

O jovem a fitou atônito. Como se não fosse bastante difícil lutar com o passado, agora queria falar de Elizabeth! Soltou-a bruscamente, sentou-se e começou a abotoar as calças. Desejou nunca ter falado daquela moça. Ficou de pé e começou a sacudir a palha da roupa sem deixar de olhar para a esposa com ferocidade.

Clare devolveu o olhar com calma.

- Se formos liberar todos os fantasmas do castelo, podemos começar por Elizabeth. - disse. Justin não respondeu; voltou-se e pegou a camisa - De modo que precisamos descobrir quem a matou.

O jovem deixou a camisa cair ao chão e se voltou para ela, esforçando-se em controlar sua fúria.

- Quem a matou? - grunhiu.

- Sim. - disse ela. Alisou o vestido e o fitou - Falei com alguém que viu tudo. Elizabeth foi jogada do telhado por um homem chamado Richard. Assim, como pode ver, não foi culpa sua.

- Do que diabos você está falando? - ele perguntou.

Clare viu o músculo de seu queixo mover, uma indicação clara de sua raiva. Supôs que não gostava que lhe recordassem a maldição que pesava sobre ele, mas do que outro modo conseguiria vencê-la?

- Um homem chamado Richard empurrou Elizabeth ao fosso e fez isso a sangue frio. E ela esperava um filho dele. - acrescentou.

Justin ficou vermelho de raiva.

- E como aconteceu? Por imaculada concepção? - perguntou entre dentes.

- Bom, eu...

Justin não a deixou concluir.

- Já que Elizabeth só tinha dezesseis anos e estava intacta quando me deitei com ela, é muito difícil acreditar que saiu da minha cama para se deitar com outro homem e depois voltou para mim só para dizer que esperava meu filho e tudo em um período de tempo muito breve.

Clare ficou de pé e se sacudiu a roupa, pensando naquilo. Pelo que Addie dissera, Elizabeth estivera antes com um homem chamado Richard, a quem deixou por Justin.

- Como sabe que estava intacta? - perguntou.

Justin olhou para ela exasperado.

- No seu caso, preciosa, só precisei dar uma olhada nos lençóis. - disse com secura.

- Oh! - murmurou ela - Ela também sangrou muito?

O homem a fitou como se não pudesse acreditar no que ouvia.

- Maldição, Clare! Não lembro. Pelo amor de Deus, pare com esse assunto! - disse com impaciência - Você esteve sonhando. - se inclinou para pegar a camisa.

- Não estive sonhando. - ela assegurou com calma - Você recorda quem esteve aqui naquela noite? Era um homem de cabelo claro, que se chamava Richard. O que me diz de Richard Farnsworth? Você disse que ele era um vilão. Talvez a mataria. Ele esteve aqui naquela noite?

Justin se endireitou, furioso.

- Richard Farnsworth nunca esteve em nenhuma das minhas casas. - gritou - De onde você tirou essa fantasia?

- Oh! - ela exclamou, decepcionada.

- Clare, - disse ele, aproximando-se devagar. Respirou fundo e se esforçou para falar com mais calma - Elizabeth não foi empurrada. Saltou sozinha. Suicidou-se. Não tente inventar uma solução mais agradável.

E, com isso, deu meia volta e saiu dos estábulos, deixando Clare sozinha entre os escombros, irritada porque ele não ter acreditado nela. Suspirou. Não seria fácil destruir aquela maldição.

Capítulo 14

Clare conseguiu fazer Justin mudar de humor durante o jantar e, quando chegaram ao quarto, ele se mostrou muito atento com ela e ambos se amaram até altas horas. O assunto da morte da Elizabeth fora abandonado no momento, mas Clare sabia que mais cedo ou mais tarde teriam que confrontá-lo como tinham confrontado seu próprio passado.

Já que Justin conhecia seu interesse pelo assassinato, sentiu-se livre para interrogar o resto dos criados, mas ninguém acrescentou nada importante.

Por fim chamou Harris ao salão.

- Senhor Harris. - disse com um sorriso - Sente-se, por favor. Como você sabe, estou interessada em renovar todo o castelo, - fez uma pausa - incluindo as torres.

Se o mordomo se sentiu surpreso por suas palavras, não deu a entender.

- O marquês parece ter receio em abrir as portas que dão para o telhado devido a um incidente infeliz que aconteceu há sete anos, quando morreu Elizabeth Landrey. - prosseguiu ela - Sabe sobre esse incidente, senhor Harris?

O mordomo não disse nada, mas tossiu incômodo.

- Eu quero investigar o que aconteceu exatamente. Você poderia fazer o favor de me contar o que lembra?

Harris olhou para ela irritado.

- Isso ocorreu há muito tempo, senhora marquesa. Temo que não posso ajudá-la. Não me lembro de nada.

Clare se esforçou em sorrir ante aquela mentira tão evidente.

- Certamente você se lembra de algo, senhor Harris. Quem compareceu à festa?

O mordomo se limitou a negar com a cabeça.

- Talvez possa fazer memória, senhor Harris. - disse ela, levantando a voz.

Preferia bater na cabeça dele com o atizador da lareira, mas não havia nada que pudesse fazer diante de tanta obstinação. Podia ameaçar despedi-lo, mas Justin não concordaria com isso, especialmente quando descobrisse qual a razão de seu aborrecimento. Era mais provável que ficasse a favor do mordomo e o recompensasse por manter a boca fechada.

Experimentou uma última tática. Trocou o sorriso pela voz severa que costumava utilizar com os meninos mais rebeldes da aldeia.

- Diga-me, senhor Harris. Quem compareceu naquela noite cujo nome era Richard?

Esperou com olhar severo; não tinha intenção de deixá-lo partir até que desse uma resposta e estava disposta a esperar todo o dia.

Harris pareceu desconfortável, mas após um longo momento de silêncio, decidiu por fim falar.

- Lembro que veio Richard Kingsley. E Lorde Wilmington. Sim, Lorde Wilmington também. - fez uma pausa - Não sei se havia mais convidados que se chamassem Richard, mas havia muita gente naquela noite e nem todos os presentes foram convidados.

- Algum deles é loiro? - perguntou Clare.

- O senhor Kingsley é muito moreno, mas Lorde Wilmington é loiro. - disse Harris.

Clare viu que estava prestes a perder a paciência com aquele interrogatório.

- Está bem. Obrigada por sua ajuda, senhor Harris.

O homem se inclinou e se apressou em se aproximar da porta.

- Oh, senhor Harris, não é necessário que mencione isso a Justin. - disse ela com um sorriso - Não queremos que ele se aborreça.

Justin não estava aborrecido; estava furioso. Mais furioso do que ela jamais vira. Clare se vestia para o jantar, quando ele entrou gritando em seu quarto.

- Clare! - gritou com força.

A jovem se voltou para ele e adivinhou em seguida o que o irritara; tampouco foi difícil imaginar como ele soube. O pérfido Harris se apressou em dedurá-la ao amo. Jurou em silêncio que se vingaria dele assim que tivesse oportunidade e se dispôs a enfrentar o marido.

Despediu a criada com um gesto, quem não precisou de mais para sair correndo da cena. Quando a porta se fechou, Clare olhou Justin.

- Que diabos você pensa que está fazendo? - ele gritou.

A jovem se deu conta que ele nunca gritara com ela quando era mais jovem. Talvez guardasse sempre seu melhor comportamento para as crianças, o que não seria ruim para seus filhos. Aquela idéia a fez sorrir.

- Maldição, Clare! Estou gritando com você! - declarou ele - Por que sorri assim?

Apesar de suas palavras, a jovem compreendeu que a raiva do marido se dissipara e ficou contente por isso. Não tinha nenhuma vontade de discutir com seu príncipe. De fato, suas inclinações eram bastante opostas.

- Estava pensando em nossos filhos. - disse.

Viu que Justin a encarava, surpreso.

- Só quer mudar de assunto. - ele replicou, mas não pareceu muito aborrecido por isso. Aproximou-se mais de Clare.

- Sinto muito. - murmurou Clare.

Embora ele só estivesse de camisa, já não se sentia envergonhada diante do marido. Pelo contrário, seu olhar de paixão provocou o desejo de tirar a pouca roupa que ele vestia. Levantou-se da cadeira e lhe acariciou o pescoço.

- Quer que continuemos discutindo? - perguntou.

- Não. - grunhiu ele, atraindo-a para si - Não quero discutir, mas quero que deixe essas tolices sobre Elizabeth. Pelo amor de Deus! Pare de incomodar os criados com isso.

- De acordo. - murmurou ela, empurrando a cabeça dele para baixo.

Qual o problema em concordar se já terminara de interrogar a criada? Beijou-o devagar, colocando as mãos sob a camisa dele.

Justin tentou pensar na morte da Elizabeth, embora não tivesse vontade nenhuma de pensar naquilo quando sua esposa lhe roçava as costelas com os dedos. E, entretanto, não queria que Clare continuasse com aquilo. Infelizmente, conhecia a esposa suficientemente bem para saber que, quando colocava uma idéia na cabeça, era bastante difícil abandoná-la.

Precisava de distração. Pensou em seu corpo, mas sabia muito bem que dificilmente poderia fazer amor todos os momentos do dia. A situação exigia outra espécie de distração.

Decidiu que Clare estava muito ocupada com o castelo. Sabia muito bem como aquele velho edifício podia afetar a mente das pessoas, especialmente uma pessoa com tanta imaginação quanto sua esposa. Decidiu que uma mudança de cenário seria a solução.

- Tenho alguns assuntos a tratar em Londres. - sussurrou - Podemos ir no seu novo faetón; poderia exibi-lo, dar uma festa, visitar sua tia. - pronunciou as últimas palavras com tal falta de vontade, que a jovem se pôs a rir contra seu peito.

- Parece muito bom, especialmente a parte sobre visitar minha tia. Você é muito considerado. - zombou.

Em seu interior se surpreendeu por sua boa sorte. Uma viagem a Londres! Nem mesmo ela poderia ter planejado melhor. Embora não gostasse muito da vida na cidade, estava encantada com a perspectiva, já que em Londres poderia prosseguir suas investigações sobre a morte de Elizabeth. Seria o lugar perfeito para investigar mais coisas sobre seu suspeito: Lorde Wilmington.

- Ótimo. - disse Justin - Iremos depois de amanhã.

- E por que não amanhã? - perguntou ela, olhando-o surpreendida.

- Porque amanhã quero pescar. - ele respondeu, sedutor - Gostaria de vir comigo?

Clare sorriu.

- Presumo que você queira capturar o peixe que escapou outro dia, não?

- Isso mesmo. - sorriu com malícia - Acha que conseguirei?

- Tenho certeza.

No dia seguinte amanheceu chovendo, de forma que Justin decidiu adiantar a viagem a Londres e Clare concordou com ele. Desejava prosseguir suas investigações, visitar os conhecidos e ver a casa que ele tinha na cidade.

A residência de Londres era bonita, mas estava muito longe de parecer com Worth Hall. Era um edifício palaciano, moderno, cheio de móveis novos e obras de arte bem distribuídas, que carecia o sentido de história e familiaridade que o castelo possuía. Clare não viu motivos de queixa naquela atmosfera luxuosa, onde não caíam pedaços do estuque do teto nem o papel das paredes desgrudava, mas sentia falta do castelo.

Quando a notícia de que estavam na cidade se espalhou, viram-se imersos convites. A jovem pensou em como Eugenia se esforçara para conseguir alguns. Apesar da reputação, ou precisamente por causa dela, não faltavam ocasiões para o marquês de Worthington se divertir. Sentado diante da brilhante escrivania em seu estúdio, estendeu os convites para ela com indiferença, junto com o anúncio de que podia escolher os que mais gostasse. Depois de examinar com atenção, Clare escolheu uma recepção na casa de Lady Lynford. Embora promettesse ser democrática, suspeitava que quase todas as pessoas importantes da cidade compareceriam.

- O que você acha da festa de Lady Lynford? - perguntou.

- Vamos, Clare, a casa estará cheia de gente. - protestou ele.

- Sim, mas todo mundo estará ali. Você acha que Lady Berkeley irá? - perguntou.

- Creio que sim. - disse ele, voltando a atenção aos papéis.

Clare sorriu para si mesma. Aquela festa apresentava a oportunidade perfeita de conhecer melhor Lady Berkeley, um passo preliminar em sua investigação sobre a morte de Elizabeth. Esperava que Lady Berkeley a ajudasse. Era evidente que aquela mulher conhecia Justin muito bem, já que fora com ele à casa de tia Eugenia. E, em sua qualidade de membro distinto da cidade, provavelmente também poderia dar informações sobre Lorde Wilmington. Pensou com alegria que as coisas iam muito bem.

Justin estudou a expressão da esposa e se perguntou o que acontecera. Sentiu certa decepção ao vê-la tão impaciente em comparecer às festas mais exclusivas, já que ela nunca se preocupara muito com essas coisas. Perguntou-

se se Clare não correria o risco de gostar muito de Londres e franziu o cenho ao notar que gostava mais estar a sós com ela e ser ele o centro de seu mundo.

Uma vez arrumados para a festa, Justin estava tão atraente em seu traje de noite, que Clare se arrependeu por um momento dos seus planos. Imaginou as mulheres se aproximando dele, disputando suas atenções, e engoliu em seco. Não esperava que ele a traísse, mas se incomodava em saber que as mulheres que o perseguiriam não sabiam que ele prometera se esquecer delas. Suspeitava que, se soubessem, não acreditariam.

Passou os dedos pelo bordado da camisa branca do marido.

- Sou muito ciumenta. - advertiu, quando ele a tomou pelo braço para entrarem no salão.

O jovem olhou surpreso para ela e sorriu.

- Eu também, então não dance muito com uma só pessoa.

Apoiando-se em sua experiência anterior em Londres, Clare imaginou que seria difícil que os homens fizessem fila para dançar com ela, assim sorriu divertida. Embora usasse um vestido granada mais moderno e um colar de safiras ao redor do pescoço, ainda era muito insegura em si mesma para se considerar atraente.

Não estava preparada para a mudança de posição que implicara seu matrimônio.

Os homens, velhos e jovens, aproximaram-se dela como moscas atraídas pelo mel e a jovem ruborizou com uma confusão que recordava a tia Eugenia. No final reconheceu que era uma marquesa, o que a tornava muito mais interessante que uma senhorita desconhecida do campo, e um alvo perfeito para os homens em busca de uma amante jovem sem amarras legais.

Mais importante que seu casamento, entretanto, era a identidade do seu marido. Um dos cafajestes mais famosos da cidade ignorara muitas mulheres atraentes para escolhê-la e o resto do mundo queria descobrir o que a fazia tão especial.

Descobriram que era alta, bonita e que seus olhos brilhavam com vivacidade e inteligência. Podia ser divertida, mas também compreenderam, decepcionados, que estava apaixonada pelo marido. Mais ainda, Justin se mostrava muito possessivo com a esposa e mantinha o olhar fixo em qualquer homem que dançasse com ela mais de uma vez.

Aquele libertino nunca mostrara nenhum interesse por suas amantes anteriores, contentando-se em beber nas festas, jogar um pouco e flertar com qualquer uma disponível, e seus amigos ficaram arrasados ao ver que não podiam convencê-lo a jogar, recusava qualquer bebida exceto água e sorria com mera cortesia para qualquer mulher que tentasse atrair seu interesse.

- O que aconteceu com ele? - perguntou Lorde Maplethorpe, admirado, observando o marquês dançar com a mulher.

- Passará. - comentou um ancião que estava perto dele - É só a novidade do matrimônio.

- Não tenha tanta certeza. - disse Lady Berkeley, que contemplava contente o casal - Justin está apaixonado e sabem o que se diz dos cafajestes reformados.

- Que são os melhores maridos? - pergunto Prudence, aproximando-se da avó - Oh, assim espero. - disse, sem fôlego, ao ver Fletcher Mayefield do outro lado da sala.

- Hum! - murmurou Lorde Maplethorpe, não muito seguro.

Lady Berkeley sorriu. Quando terminou a dança, deu um passo adiante para chamar a atenção de Justin e o jovem se aproximou dela levando a esposa pelo braço.

A anciã pensou que aquilo não passaria. Vira Justin perder os estribos pela primeira vez na vida por Clare e via que ela não conseguia deixar de tocá-la, nem sequer em público. Lady Berkeley o vira com muitas mulheres, mas nunca surpreendera no jovem aquele olhar tranqüilo e terno.

- Justin, - disse com ardor - já que você me privou de uma recepção, precisa me permitir que eu dê um pequeno baile em honra de seu casamento.

- Faça o que quiser. - ele sorriu.

- Não seja rude. - disse Clare, apertando o braço dele.

Lady Berkeley gostou do modo como se olhavam, unindo os olhos em uma espécie de carícia. Aquilo acabar? Que tolice! Seus netos os conheceriam ainda apaixonados.

- É um prazer voltar a vê-la, Lady Berkeley. - disse a jovem - E nos sentiríamos muito honrados que nos desse um baile. Eu também gostaria de planejar uma festa, mas temo possuir pouca experiência nestas coisas. Eu poderia visitá-la durante a semana para pedir conselhos à senhora?

Conteve o fôlego, tentando fazer que seu interesse não fosse notado, já que desejava interrogar aquela mulher sobre algo mais que acontecimentos sociais.

- Claro, querida. Eu adoraria ajudá-la. - respondeu a anciã.

Clare sorriu aliviada. Olhou para Justin, que sorria sem suspeitar de nada, e decidiu que não era necessário informá-lo de seus planos.

- Clare! - seus pensamentos se viram interrompidos por Felicity, que a saudou com calor - É terrível! - acusou-a, olhando Justin - Eu passei a vida sendo cortês e agora vejo que é preciso insultar um homem para chamar sua atenção.

Clare se pôs a rir e Justin fez uma careta.

- Se me desculpam. - disse.

Sua esposa assentiu e o observou se aproximar de Fletcher, quem lhe sorria do outro extremo da sala. Esperava que Justin não sentisse ciúmes do amigo, já que não queria que nada se interpusesse entre os dois homens.

- Lorde Wolsey parece perdido sem sua esposa. - disse Lady Berkeley, olhando um ancião - Com licença, queridas.

Afastou-se com a cabeça erguida e os braços cheios de jóias e Clare pensou que ela parecia uma rainha de conto de fadas.

Sua neta era muito mais pé-no-chão.

- Oh, ele é tão atraente, Clare! Como conseguiu? - perguntou.

A jovem abriu a boca, sem muita certeza do que devia responder.

- Nós nos conhecíamos, - começou a dizer - mas eu...

Era muito consciente de que Justin lhe oferecera matrimônio só para impedir que se casasse com Farnsworth, mas não podia admitir aquilo sem deixar Farnsworth em maus lençóis.

Fechou, pois, a boca.

- É tudo muito confuso. - disse com um sorriso de desculpa - Basta dizer que estou encantada e acredito que Justin também está.

- Eu diria que sim. - replicou Felicity - Basta vê-lo. - olhou para o jovem, que conversava animadamente com Fletcher - Há um mês, eu diria que era bonito, sim, mas agora está radiante. Bom, não sei como descrever.

- Sei o que quer dizer. - replicou Clare, transbordante de orgulho - Seus olhos voltaram a brilhar.

- Veja. - animou Felicity - Um loiro, o outro moreno e os dois inegavelmente bonitos. Antes eu diria que o senhor Mayefield me parecia o mais atraente dos dois, mas agora, não sei, é como se o marquês atraísse todas as mulheres para ele.

Clare olhou ao redor e viu que, com efeito, muitas mulheres olhavam seu marido. Tranqüilizou-se dizendo a si mesma que deviam estar admirando Fletcher e se voltou para Felicity.

- Você sente pelo senhor Mayefield o mesmo que sua irmã?

- Santo Céu, não! - riu a outra - Prudence está abobalhada com ele. É bastante bonito, sim, mas minhas ambições são mais realistas. O senhor Mayefield parece decidido a evitar o altar e não posso imaginar que ninguém consiga convencê-lo do contrário.

Clare observou o amigo de Justin. Embora tratasse as mulheres com cortesia, percebeu de novo uma distância que sugeria que, no fundo, não se entregava a elas. Perguntou-se que mulher poderia conquistar seu coração.

- Mas eu diria o mesmo do marquês. - continuou Felicity - E veja agora; casou com você e, na última vez em que os vi juntos, você se recusou ser

apresentada a ele. Pelo menos, deve me contar essa fuga romântica. - exigiu, inclinando-se para ela.

Clare hesitou. Não podia admitir que Justin a raptara contra a vontade ou que decidiu casar com ele até momentos antes da cerimônia.

- Meu marido consegue ser muito persuasivo. - disse, sorridente.

- Vejo que sua reputação não é em vão. - sussurrou a outra - Você tem o aspecto de uma esposa satisfeita.

- Felicity! - Clare ruborizou - Você não deveria entender dessas coisas.

A outra se pôs a rir.

- Tenho muitas irmãs e aprendi algo com elas, - assegurou - mas, por curiosa que eu esteja, não estou pedindo os detalhes do seu leito conjugal, mas da fuga. É verdade que Richard Farnsworth se bateu em duelo por você e perdeu?

Clare fitou a moça atônita.

- Santo Céu, não! De onde você tirou isso?

- Bom, Prudence me disse, mas penso que tudo partiu de Maria Summerville, que afirmou estar lá. Foi assim?

- Sim, ela estava lá, mas não houve nenhum duelo. - replicou Clare - O senhor Farnsworth foi enviado por minha tia, que temia que tivessem me raptado. Quando descobriu que Justin e eu fugimos juntos, desculpou-se e partiu na hora.

- Bom, não é típico de Prudence exagerar tanto. - disse Felicity, zangada.

- Não sei como a história aumentou, mas eu agradeceria se você contasse a verdade sempre que tiver ocasião.

- É óbvio. - fez uma pausa - Não é de estranhar que o senhor Farnsworth esteja tão zangado com tudo isso. Ultimamente não vai a nenhum lugar.

Clare quase deixou o leque cair. Engoliu em seco e pensou que a reação daquele homem frente aos boatos não seria muito agradável. Olhou para Justin, que ainda conversava com Fletcher, e se esforçou em não se preocupar.

- Bobagem, Clare. - disse a si mesma - Não se deixe levar pela imaginação. O senhor Farnsworth é um homem civilizado, não o ogro de um de seus contos.

Mesmo assim, não pôde evitar que um calafrio lhe percorresse a espinha. Decidiu que, se encontrasse seu antigo pretendente, o saudaria com calor, como se não tivesse acontecido nada e assim as pessoas deixariam de falar. Aquela decisão aliviou seu medo de certo modo, mas, como poderia colocá-la prática, se ele estava muito zangado para aparecer em público?

A chegada de Justin e Fletcher interrompeu seus pensamentos.

- Senhorita Shaw, é um prazer voltar a vê-la. - disse Fletcher, beijando a mão de Felicity.

Clare decidiu que sua amiga não era tão imune aos encantos dele como pretendia. Felicity inclinou a cabeça, ligeiramente corada e Fletcher se aproximou dela com um sorriso encantador. Entretanto, Clare notou que ele se mantinha distante. Era como se o sorriso não se estendesse aos olhos, até que se voltou para saudá-la.

Então viu surpresa que seus olhos verdes brilhavam de prazer. Perguntou-se o que aquilo significava. Não imaginava Fletcher sentindo algo além de amizade por ela, mas o fato de descobrir que a tratava com mais cordialidade que às demais mulheres a deixou um pouco incômoda.

- Clare, seu marido insiste em que você prometeu essa dança a ele, mas eu sei que ele não quer dividir você com ninguém. - protestou.

A jovem sorriu e olhou Justin, que sorriu também.

- Oh, acredito que ele brincava com você, Fletcher. Ficarei encantada em dançar com você, se quiser.

- É o meu maior desejo. - disse Fletcher com suavidade.

Clare ruborizou. Não estava acostumada aos flertes da cidade e se sentia pouco à vontade com as palavras e as atenções daquele homem.

Fletcher pareceu notar, já que a observava com atenção.

- O que houve? - perguntou com gentileza, enquanto marcava os passos de uma valsa.

A jovem não respondeu; olhou sobre seu ombro.

- Creio que Justin superou seu ciúme, se é isso o que a preocupa. - disse ele - De fato, creio que você conseguiu o impossível. Esse homem parece feliz.

Clare o fitou então e viu que ele sorria.

- Fletcher. - começou a dizer, contente de afastar o tema dela mesma - A respeito de Justin, lembra que na última vez em que conversamos eu estava interessada em descobrir mais coisas sobre a morte de Elizabeth? - esperou que ele assentisse - Bom, descobri algo. Não creio que ela se jogou do telhado. Acho que alguém a empurrou.

O homem olhou para ela com incredulidade.

- Clare...

- Escute-me, Fletcher. E se alguém a matou? Não deveria pagar seus crimes depois de tantos anos? Justin não deixaria de se culpar? Você diz que ele é feliz; bom, acredito que seria mais feliz se soubesse que o que ocorreu aquela noite não foi culpa dele.

Fletcher a olhou, cético, mas não disse nada.

- Diga-me uma coisa. - perguntou Clare - O que você sabe sobre Lorde Wilmington?

O jovem a encarou, escandalizado, e depois a observou um momento antes de responder.

- É membro da Câmara dos Lordes e, pelo que ouvi, leva seus deveres muito a sério. Ele propôs certo número de leis e está muito interessado em aumentar o comércio exterior.

Clare franziu o cenho. Precisava admitir que aquele homem não parecia um assassino.

- E se eu dissesse que gostaria de conhecê-lo? Você poderia dar um jeito nisso?

- Poderia, - respondeu ele, alarmado - mas não sei se faria.

A jovem assentiu. Era justo. De qualquer modo, precisava de mais informações antes de enfrentá-lo.

- Muito bem. - respondeu - Quando eu descobrir algo mais, farei com que você saiba.

Continuaram dançando.

- Clare, se quer um conselho, por favor, deixe tudo isso. Sei que faz por Justin, mas, embora tenha razão, você acha que é prudente perseguir um assassino?

A jovem o olhou surpresa. Se fosse sincera, nem sequer lhe ocorrera que estivesse em perigo. Fletcher compreendeu sua reação e meneou a cabeça.

- Você é muito mais importante para Justin que essa história passada. Ele será muito mais feliz tendo você ao lado do que esquecendo os remorsos por um acidente ocorrido há sete anos. Deixe as coisas como estão. - disse com seriedade.

Clare engoliu em seco.

- Talvez você tenha razão.

Teria que pensar em suas palavras, mas no momento desejava arrancar uma promessa de Fletcher. Embora apreciasse sua preocupação, não queria que ele se apressasse a contar aquela conversa a Justin.

- Considerarei seu conselho, mas você não dirá nada a Justin, não é? - perguntou.

Fletcher franziu o cenho e vacilou um momento. Suspirou.

- Não direi. - prometeu - Ou, pelo menos, não ainda.

- Obrigada, Fletcher, você é maravilhoso. - disse ela, sorridente. Depois percebeu o que dissera, corou e desviou o olhar enquanto seu companheiro sorria com ironia.

Capítulo 15

- Agradeço seu conselho, Lady Berkeley - disse Clare.

Fora preparada com papel e lápis e tomou muitas notas sobre o que devia fazer quando dava uma festa na cidade.

A jovem encarava o tema com seriedade, já que compreendia que sua nova posição exigia algumas habilidades que ela não tinha. Infelizmente, os talentos que possuía, caçar, montar a cavalo, pescar e contar histórias, não eram muito valorizados no mundo de Justin. Precisava ser capaz de controlar uma casa grande e confrontar responsabilidades sociais que, de repente, pareceram muito pesadas.

Lady Berkeley se mostrou paciente e amável e repassou uma e outra vez a forma de sentar as pessoas, a lista de menus e o protocolo geral. Se pensava que todas as jovens de berço decente já deveriam saber tais coisas, não disse, pelo contrário, se mostrou generosa com seu tempo e seus conhecimentos.

Clare olhou o relógio e se deu conta que não devia impor sua presença por mais tempo, mas ainda não abordara o assunto sobre a morte de Elizabeth e não sabia bem como introduzi-lo na conversa.

- Não sei como agradecer sua ajuda. - disse - Garanto que não era minha intenção ocupá-la tanto tempo.

Aurora sorriu. Usava um vestido rosa e o cabelo recolhido no alto a cabeça. Clare se sentiu impressionada mais uma vez por seu aspecto régio.

- Para mim é suficiente ver Justin feliz. - disse a mulher.

A jovem aproveitou aquela oportunidade.

- Você parece estimar Justin - disse - Quanto tempo faz que o conhece?

- Desde sempre. Conheci seus pais e, na verdade, sou a madrinha dele.

- Verdade? - Clare mal podia acreditar em sua boa sorte - Suponho que você conhece sua reputação. - comentou hesitante.

A mulher se pôs a rir.

- Como não conheceria? Sempre havia gente disposta a vir me contar seu comportamento escandaloso. - balançou a cabeça - Esse rapaz precisava de um pai. Meu marido já tinha morrido e eu tinha quatro filhas. Tentei fazer com que seus maridos o ajudassem, mas Justin sempre acabava intimidando qualquer um que tentasse reformá-lo.

Clare sorriu com nervosismo. Sabia que aquilo era verdade.

- Preciso que admitir que começava a me desesperar para vê-lo casado. - acrescentou Lady Berkeley.

- Você não pensou que ele podia casar com Elizabeth Landrey? - perguntou a jovem, com intenção de se aproximar do tema que a interessava.

A mulher a observou com olhar fixo.

- Não. - disse, por fim - Nunca houve nada que indicasse que ele fosse fazer isso, embora eu tenha certeza que Elizabeth, como muitas depois dela, tinha esperanças.

Clare relaxou um pouco ante aquela sinceridade.

- Lembra, então, a morte de Elizabeth?

- Certamente. - meneou a cabeça - Foi o centro de todos os comentários durante muito tempo e denegriu tanto a reputação de Justin, que as mães pediam às filhas que não se aproximassem dele; ainda fazem isso. - terminou pensativa.

- Você estava lá na noite em que ela morreu?

- Santo Céu, não! Ninguém que possuísse uma reputação decente teria ido naqueles dias à mansão. - explicou - Justin andava com seus amigos e as festas de sua casa eram reconhecidamente escandalosas, com jovens bebendo a noite inteira e perdendo fortunas em uma cartada.

- Ou seja, o mesmo que fazem em Londres. - disse Clare, com segura.

Lady Berkeley se pôs a rir.

- Bom, sim, mas mais. As damas decentes não compareciam, embora eu tenha certeza que havia outras.

Clare sorriu.

- Certamente. Mas o que me diz de Elizabeth? Ela não era uma dama decente?

- Bom, sim, mas ia sempre acompanhada por seu tutor, que nem sempre agia em interesse da jovem. Como ele se chamava? Clevindale? Cavendish? Bom, não importa. Foi ele que a apresentou a Justin e servia de acompanhante durante as visitas dela. - disse a mulher com uma careta de desgosto.

- Compreendo. - murmurou a jovem - Você acha que essa foi a primeira vez que ele a obrigou a fazer algo indevido?

- O quê? - perguntou a anciã, surpreendida.

- Refiro-me a tê-la apresentado a outro homem antes de Justin. - terminou a jovem.

- Não posso dizer. - murmurou Lady Berkeley - Sei que Justin se sentiu muito mal depois da morte dela e pôs fim às festas da mansão. Durante alguns anos, pareceu se emendar um pouco, ou, pelo menos, se mostrava mais discreto, o que me deu algumas esperanças. Mas depois aconteceu algo. Nunca descobri o que houve. Ele estivera em Worth de novo e voltou para Londres

como louco, empenhado em arruinar a vida. - levantou a cabeça e sorriu - Mas, agora que felizmente está casado, isso já faz parte do passado.

Clare pensou naquelas palavras. Depois da morte da Elizabeth, Justin se acalmara para anos depois se lançar a uma nova vida de dissipação, depois de visitar Worth de novo. Talvez o passado voltou para persegui-lo ou, como ele dissera, sentira-se tão devastado pela separação quanto ela? Fechou os olhos um instante. Que desperdício foram aqueles anos de separação, anos que tinham endurecido seu coração e o de Justin!

- Clare? - perguntou Lady Berkeley, com suavidade.

- Então, Justin se retraiu um pouco depois da morte de Elizabeth? - perguntou a jovem.

A mulher hesitou um momento, como se considerasse suas palavras.

- Ele se culpava. - disse enfim.

- Essa é a questão! - disse Clare - E se o culpado for outra pessoa?

- Quem?

- Lady Berkeley, o que você sabe sobre Lorde Wilmington? - perguntou a jovem.

- Clare!

Ouviu o grito do marido da galeria da casa e franziu o cenho. Estava acostumada aos gritos de seu pai, mas não aos do marido. Quando ele adquirira aquele hábito? E acaso pensava em mantê-lo indefinidamente?

- Clare!

Justin abriu a porta com tal força, que bateu contra a parede. A jovem estava sentada na escrivaninha, onde se esforçava para fazer uma lista de convidados para o baile que teria que dar mais cedo ou mais tarde. Deixou o papel sobre a mesa, olhou o marido com calma e se perguntou quem a teria traído.

- Clare! - gritou Justin.

Tinha vontade de bater nela para ver se assim recuperava o juízo, mas a jovem olhou para ele com tal expressão de ternura, que, em vez dela, golpeou a parede com o punho. Quando fez isso, compreendeu por que não fizera nada semelhante desde que era muito jovem: doía terrivelmente.

- Maldição! - disse.

Não recebeu nenhuma compaixão por parte da esposa, que o olhava com expressão de pesar.

- Verdade, Justin, para que fazer isso? Você vai estragar a tapeçaria de seda...

O homem não a deixou concluir.

- Clare. - disse, zangado - Pensei que você tinha concordado em esquecer Elizabeth Landrey.

A jovem teve o descaramento de fingir surpresa e Justin quase cravou seu outro punho na parede.

- Eu não fiz nada disso. - protesto ela - Você me pediu, mas eu não concordei. Isso seria mentir, Justin, e eu nunca menti para você. Pelo menos, não intencionalmente.

Justin ergueu as mãos para o céu e lançou um grunhido de frustração.

- Não? - perguntou, encarando-a - E como chama você de prosseguir às minhas costas algo que pedi que você deixasse em paz?

Clare ficou pensativa um momento.

- Eu me nego a considerar que omitir seja o mesmo que mentir. -disse com dignidade.

Justin fez uma careta e esfregou o pescoço.

- Clare, acabe com isso, por favor. As pessoas começarão a falar, se é que não falam. - acrescentou, com desgosto.

- E desde quando você se importa com o que as pessoas dizem? - ela perguntou.

Seu marido a fitou com raiva.

- Desde quando se trata de você. Maldição, Clare! As pessoas pensarão que você é uma idiota ou uma lunática. E colocar Lorde Wilmington no papel de vilão do seu drama! Pelo amor de Deus! Lorde Wilmington é membro da Câmara dos Lordes, Clare!

- Bom, talvez não seja Lorde Wilmington. - ela admitiu.

Justin respirou aliviado. Enfim chegavam a algum lugar.

- Mas é alguém loiro que se chama Richard, de forma que ele me pareceu o candidato mais provável. - prosseguiu ela.

Justin esteve a ponto de se engasgar. Era evidente que ela não se impressionava com nada que ele dizia. Respirou fundo.

- Clare, de todos os incidentes sórdidos de minha vida, por que você escolheu justamente esse, o único que ainda tem o poder de me afetar? - perguntou, zangado.

A jovem o olhou com expressão contrita.

- Mas Justin, quando você compreender que não foi culpa sua, já não afetará mais. Eu só quero que você seja feliz.

Ficou de pé e passou os braços em torno da cintura dele, apertando a face contra seu peito; Justin sentiu que seu aborrecimento evaporava.

- Eu seria feliz se você deixasse o assunto em paz. - murmurou, com firmeza.

- Sim, Justin. - sussurrou ela.

O homem suspirou, porque a conhecia muito bem. Suas palavras não convenciam absolutamente. O que faria a seguir? Não tinha certeza se queria saber.

- Fletcher Mayefield! Não é a segunda festa que você comparece esta semana? - perguntou o velho Conde de Greyhaven.

O jovem sorriu e assentiu com a cabeça.

- Sim, creio que sim. - respondeu.

- Eu pensava que você detestava essas coisas tanto quanto eu. - disse Greyhaven com um sorriso.

Fletcher deu de ombros.

- Às vezes acho divertido. - disse.

- Ah! Então, é uma dama que o atrai até aqui.

- Não exatamente. - sorriu o jovem - É uma dama, mas a situação não é a que você imagina, velho verde. A dama é a esposa de Worthington. Decidi vigiá-la.

- Por quê? Ele sozinho não basta? - perguntou o conde.

- Provavelmente. - replicou Fletcher.

Em seu interior decidiu que não, mas não se atreveu a dizer em voz alta. Sua atenção se viu atraída pelo tema da conversação e viu que Clare olhava para ele com fúria. O que acontecia agora?

A jovem o viu se aproximar. Sorriu com doçura em honra à multidão e torceu para que nenhuma das mulheres que o perseguiam caísse sobre eles antes que tivesse terminado seu sermão. Pensava em dizer a Fletcher Mayefield o que pensava dele por ter traído sua confiança.

O jovem se aproximou dela com um olhar nervoso, que parecia denotar sua culpa.

- Fletcher Mayefield! Pensei que você tinha prometido não dizer a Justin. - exclamou, assim que ele se aproximou o suficiente.

- Se você se refere ao seu interesse pela morte de Elizabeth Landrey, lamento, mas não disse. - ele rebateu.

- Oh! - exclamou Clare, ruborizando - Sinto muito ter culpado você injustamente.

Pensou em Lady Berkeley, a única outra pessoa em que confiara. Pensava que a mulher se interessava por Justin, mas, pelo que parecia, não o

suficiente para ajudá-la a libertá-lo de seus remorsos. Sentiu certa decepção, já que gostava daquela mulher e no futuro teria que conter a língua diante dela, o que não ajudaria a florescer sua amizade.

- Venha comigo e você poderá se desculpar em particular. - disse Fletcher, tirando-a de seus pensamentos.

Clare olhou ao redor e viu Justin conversando com Lady Berkeley. Depois seguiu Fletcher ao jardim.

O jovem encontrou um banco pequeno e sentaram nele.

- Então alguém contou a Justin. - disse - Não fui eu, Clare. Dei minha palavra que não diria ainda e eu sempre mantenho minha palavra. Sabe quem mais pode ter dito a ele?

A jovem assentiu.

- Sinto muito, Fletcher. Julguei que foi você e não tinha direito de fazer isso. - disse, pousando uma mão no braço dele.

A mão dele cobriu a de Clare com gentileza.

- Está perdoada. - disse - Desculpe minha curiosidade, mas o que Justin disse de tudo isso?

A jovem sorriu ao recordar a reação do marido. Não estava muito disposta a confessar sua fúria, então olhou a mão e descobriu que ainda continuava na de Fletcher. Retirou-a com delicadeza.

- Não pareceu muito contente. - admitiu - Mas descobri que Elizabeth tinha um tutor que não se comportava bem com ela. Cavendish ou Clevindale ou algo assim. Lembra?

- Não. - disse ele, olhando para Clare com ceticismo.

- E você não pode investigar quem ele é?

Fletcher tocou o queixo, pensativo.

- Clare, você é uma mulher muito persuasiva, mas, como amigo de Justin, dificilmente posso ir contra os desejos dele e ajudar você na investigação, uma investigação que, além disso, não estou de acordo.

A jovem sentiu suas esperanças caírem por terra. Sem ajuda, como ela poderia descobrir algo em uma cidade que não conhecia? E a quem mais poderia pedir? Lady Berkeley já traía sua confiança. Sentia, além disso, a pressão do tempo. Quanto antes acabasse com aquilo, melhor, já que sabia que a paciência de Justin com sua atitude não duraria eternamente.

- Clare, não fique tão triste. - disse Fletcher.

A jovem o olhou, surpresa de ver indecisão refletida em seu rosto. Como não estava acostumada a utilizar truques femininos, não sabia muito bem o que produzira aquela mudança, mas aproveitou imediatamente a oportunidade antes que ele mudasse de idéia.

- Sabe que terei que pedir a ajuda de outro. - disse com suavidade.

- Sei que fará isso e só vai conseguir se meter em mais confusões. - disse ele, exasperado - Muito bem. Investigarei quem é esse tutor com a condição que você não faça nenhuma tolice.

A jovem assentiu com rapidez.

- E pelo amor de Deus! Não coloque Lorde Wilmington nisto.

- Não tenho intenção de incomodar esse homem. - disse ela, com sinceridade.

Fletcher ergueu os olhos para o céu e ficou de pé. Tomou-a pelo braço e a acompanhou de volta à casa, olhando-a com uma estranha mistura de ternura e pesar.

- Que Deus tenha piedade de Justin! Creio que, com você ao lado, vai precisar. - anunciou.

Apesar de Clare não ter dito nada a Lady Berkeley sobre sua traição, encontrou um modo de se vingar de Harris por tê-la delatado a seu amo. Era uma velha tática, uma que utilizara com seu pai até que ele ficou tão furioso que proibiu. Descobrira que os homens que se achavam onipotentes, como o cavaleiro ou o mordomo, não gostavam que os surpreendessem de repente. Era muito simples. Limitava-se a aparecer de improviso ao lado dele.

Da primeira vez, Harris estava limpando a prata e ela entrou em silêncio na sala até que ficou logo atrás dele e então pronunciou seu nome. O homem deu um salto, mas não pôde dizer nada, já que Clare sorriu com ar inocente e pediu que fizesse algo. Depois adquiriu o costume de aparecer de repente diante dele em qualquer parte e a qualquer hora.

Embora Harris já não saltasse quando ouvia sua voz, aquela tática não o deixou incólume. O pobre homem olhava de um lado para outro e Clare notou que ele adotou o costume de se colocar com as costas contra a parede para poder ver sua torturadora se aproximar.

Aquela tarde estava nessa posição, perto da entrada principal. Ao vê-lo, Clare considerou a possibilidade de sair de casa por uma das portas laterais e voltar pela principal, bem atrás dele, mas decidiu que seria algo muito mesquinho.

- Por favor, diga a Justin que saí para visitar minha tia. - disse com doçura; não passou despercebida a expressão de alívio que atravessou o rosto dele ante a possibilidade de sua ausência.

A tia Eugenia, que ainda vivia na casa que o cavaleiro alugou, deu-lhe boas-vindas encantada.

- Clare! - exclamou, contente - Eu não esperava vê-la tão cedo em Londres.

A jovem a abraçou.

- Justin tinha assuntos na cidade e vim com ele. - explicou.

- Você me parece muito bem. - replicou Eugenia - Não é demais vigiar seu marido. - acrescentou.

Clare ignorou seu comentário e se sentou em uma poltrona, enquanto sua tia pedia chá e bolos.

- Fico surpreendida em vê-la, Mas também feliz. - disse - Fiquei aqui na esperança de que você viesse me visitar, embora sinta falta da minha casa em Bath. Londres é muito ruidosa para meu gosto, filha. - se queixou, sentando-se diante dela.

Clare sorriu e assentiu com compreensão, embora suspeitasse que, no fundo, Eugenia desfrutava do luxo relativo de sua nova morada e do barulho de Londres.

- Espero que você esteja bem com seu marido. - comentou sua tia, remexendo entre as almofadas do sofá.

- Estamos bem. - replicou a jovem - Está procurando algo?

- Meus óculos. Oh, aqui estão. - colocou-os e perdeu imediatamente seu ar habitual de confusão - O que quero dizer é, já está cumprindo seu dever?

Clare sorriu.

- Bom, eu não chamaria exatamente assim, mas sim, já não precisa se preocupar com isso.

Eugenia suspirou. Não pareceu tão contente quanto sua sobrinha esperava, considerando a ênfase que pusera naquele assunto.

- Preciso confessar que me perguntei freqüentemente se foi um bom conselho. - a mulher voltou a suspirar.

- Por quê? - perguntou Clare.

- Ouvi coisas terríveis sobre seu marido. - disse Eugenia - Em uma ocasião quase escrevi para dizer a você que pedisse a anulação.

- De que você está falando?

- Oh, se você soubesse o que me disseram! - a mulher balançou a cabeça - Não é nada bom. Nada bom.

- O que você ouviu? - perguntou a jovem com calma, caso ela se referisse a suas aventuras com antigas amantes e suas bebedeiras.

- Bom, para começar, me disseram que seu marido atacou o senhor Farnsworth quando eu o enviei com o único propósito de que se assegurasse que você estava bem. - disse Eugenia, indignada.

- Tia, isso é um conto chinês. - disse a jovem, zangada por sua vez - Há muitos rumores sobre nossa fuga, mas a verdade é que o senhor Farnsworth nos encontrou, observou a situação e partiu sem incidentes; certamente, sem nenhum tipo de violência.

- Bom. - disse Eugenia, um pouco mais calma - Também me falaram sobre um incidente que ocorreu há vários anos em que uma jovem morreu na casa dele em circunstâncias estranhas.

Levantou o queixo, como se desafiasse a sobrinha a negar a história. Clare não podia fazer isso; estava muito surpresa. Embora a morte da Elizabeth lhe interessasse, não compreendia por que interessaria a mais alguém nem por que essa história, que ocorreu vários anos atrás, precisava ressuscitar naquele momento. Seria parte da fofoca geral suscitada pelo matrimônio de Justin? Não podia acreditar que suas investigações discretas houvessem reaberto aquele incidente.

- Quem disse isso? - perguntou.

Eugenia fez uma pausa, pensativa.

- Ora, não consigo me lembrar. Mas, claro, recordei o incidente, que foi um escândalo na época. Até disseram que a jovem estava grávida. Festas estranhas sem indício de moral. - meneou a cabeça - Espero que você não tolere essas tolices.

Clare se sentiu obrigada a defender o marido.

- Vamos, tia, isso ocorreu há muito tempo e Justin não deu uma festa ali depois. Nem sequer viveu no castelo...

Interrompeu-se. Aquelas palavras deram uma idéia. Não houve nenhuma festa ali depois da morte de Elizabeth!

- Provavelmente chegou o momento de voltar a abrir o castelo. - disse com suavidade - Tia, você lembra algo mais sobre aquela noite, algum outro comentário?

- Bom, eu... não sei, a verdade.

- Disseram algo sobre o tutor da jovem? Sabe o que aconteceu com ele?

A jovem sabia que se arriscava muito ao confiar em Eugenia, mas se as pessoas já comentavam o incidente, o que importava se ela alimentasse o fogo?

- Faça-me um favor, tia. Descubra tudo o que puder sobre esse incidente.

- Mas, Clare! - protestou a mulher, aturdida - Para quê?

- Sinto curiosidade. E já que está nisso, veja se descobre quem estava presente. Estou trabalhando em uma lista de convidados, mas me pergunto... - se interrompeu e sorriu com lentidão. Sim, provavelmente tinha chegado o momento de dar outra festa no castelo.

Harris pigarreou e Justin levantou a cabeça e viu o mordomo, que estendia uma carta com a mesma expressão que se tratasse de um peixe morto. Embora seu cheiro não fosse desagradável, a missiva emitia um aroma forte. Justin reconheceu imediatamente o perfume e a razão da desaprovação de seu mordomo.

- Obrigado, Harris. Isso é tudo. - disse.

Quando ficou sozinho, abriu a carta e, como esperava, deparou-se com a letra de sua última amante. Elaine Long era uma beleza alta e exuberante, de cabelo vermelho e corpo esbelto. A herança de seu defunto esposo proporcionara uma vida confortável sem voltar a casar, mas não renunciara por completo à companhia masculina.

Sim, Elaine o divertiu durante um tempo, mas embora fosse uma companheira de cama agradável e disponível, carecia da inteligência necessária para mantê-lo interessado por muito tempo. Não era como Clare.

Separaram-se sem rancores, não muito antes de Clare aparecer em Londres; de fato, Justin se alegrava por não ter que romper nenhum relacionamento na época do casamento. Naquele momento se sentiu irritado pela carta daquela mulher. O que ela queria? Dificilmente podia alegar que a deixara por sua esposa, já que sua aventura terminou antes e as mulheres que se relacionavam com ele conheciam suas regras. Nunca havia uma segunda oportunidade.

Baixou os olhos e leu a carta. Elaine queria se encontrar com ele em Bagnigge Wells. Aqueles velhos jardins não estavam precisamente na moda entre a sociedade e lhe custou imaginar como alguém com o gosto de Elaine podia escolher aquele ponto de encontro.

O som de passos o fez erguer a vista. Viu Clare diante dele e esqueceu por completo a imagem de Elaine Long. Infelizmente, seu perfume não desvanecia com tanta facilidade.

- Que cheiro é esse? - perguntou sua esposa, enrugando o nariz.

Justin se pôs a rir.

- O perfume de Elaine Long. - respondeu, passando a carta para ela.

Clare pegou-a e leu. Em seguida olhou para o marido com o cenho franzido.

- Uma de suas antigas amantes? - perguntou.

- A última. - assentiu ele.

- O que você acha que ela quer?

Justin a fitou de modo significativo. Tinha certeza do que uma antiga amante sua poderia querer, mas se negou a discutir isso com a esposa.

A jovem o olhou, surpreendida.

- Ora! Não acha que é um presunçoso? - perguntou - Você nunca pensou que essa mulher pode querer falar algo?

- Como o quê? - perguntou ele, sarcástico.

- Não sei, mas poderia ser importante.

A misteriosa mensagem a fez recordar a morte de Elizabeth, mas compreendeu que não podia tirar conclusões tão precipitadas. Nem todos os habitantes de Londres estavam tão obcecados como ela por aquele incidente.

- Você vai? - perguntou.

- Claro que não. - ele respondeu.

- Acho que você deveria ir. - disse ela.

- E por quê?

- Porque provavelmente ela quer falar com você a respeito de algo e seria uma descortesia não ir.

Justin franziu o cenho ante aquela lógica e em seguida sorriu com picardia.

- Quer vir comigo?

- Claro que não! - disse ela, sobressaltada.

Seu marido esticou a mão e sentou Clare sobre os joelhos.

- Poderíamos ir os dois e assim você não duvidaria que não levo meu casamento a sério.

Clare sorriu e acariciou o cabelo dele.

- Mas ela quer ver você a sós.

- É isso o que temo. - suspirou ele.

- Bom, eu não creio que ela vá se jogar sobre você em Bagnigge Wells, não é? - Justin lançou um olhar que indicava que aquilo estava dentro de sua experiência - Não quero saber. - disse, erguendo os olhos para o teto - Que vida mais dura a sua, desejado por todas as mulheres da cidade!

Levantou a cabeça ao sentir os dedos dele em seu cabelo. A seu pesar, inclinou-se para trás e suspirou.

- E a única que eu desejava era você. - sussurrou ele em seu ouvido.

Clare estremeceu e seu marido desceu as mãos e puxou seu vestido, deixando seus seios descobertos. A jovem podia sentir o cheiro do perfume nos dedos dele, sentir a suave carícia dos lábios dele contra sua face.

- Justin. - disse, desejando que ele parasse, mas sem conseguir se soltar.

- Sim, meu amor? - perguntou ele, beijando-lhe o seio.

- Basta! Aqui não. - protestou - Lá em cima.

- Não! - ele a interrompeu - Aqui mesmo.

Clare sentiu uma onda de pânico e se voltou para olhar as portas duplas que davam para a galeria. As duas estavam fechadas, mas e se um dos criados

entrasse? Justin introduziu um dedo entre as coxas dela e a jovem não conseguiu pensar em mais nada e se inclinou para trás, apoiando a cabeça contra o braço estendido dele.

Sentia-se tão indefesa quanto um pássaro apanhado incapaz de voar.

- Justin, por favor...

O homem a beijou e Clare abriu a boca para deixar a língua dele entrar, que começou a se mover no mesmo ritmo que os dedos. Ela se remexeu em seus joelhos, puxando o cabelo dele com força.

- Justin! - gritou, com o corpo vibrante de sensações.

Abriu os olhos e viu, sem enxergar, a abóbada do teto. Foi vagamente consciente que seu marido a sentava escarranchada sobre ele ao mesmo tempo em que desabotoava as calças. Depois a elevou no alto, com o vestido erguido até a cintura e a colocou sobre sua virilidade.

- Oh, Justin! - sussurrou ela, com o coração ainda batendo no peito.

- Oh, sim! - assentiu ele - Aqui e agora. - sussurrou - Com você, Clare, nunca posso esperar.

Capítulo 16

Elaine se atrasava e Justin passeava impaciente ao longo da ponte rústica na qual a encontraria. Embora aos domingos costumasse ter bastante gente nos jardins, naquele dia se viam poucas pessoas. Lembrou ter ouvido que aquele lugar estava quase arruinado e não estranhou.

A escolha de Elaine para a entrevista o surpreendia, a menos que quisesse passar despercebida entre as pessoas da classe média que freqüentavam Bagnigge Wells. Então viu alguns dos bancos escondidos entre os canteiros e pensou em outra razão para ela ter escolhido aquele lugar.

Soltou um gemido e amaldiçoou a esposa por convencê-lo a ir sozinho se reunir com uma mulher que não tinha vontade de ver. Depois achou engraçado o absurdo da situação, apoiou as mãos na mureta e riu.

- Justin?

A voz profunda de Elaine o surpreendeu e ele se voltou para ela. Vestida com um vestido azul escuro, a mulher estava muito bonita, com as bochechas coradas e o cabelo recolhido em um coque alto. Justin recordou a sensação daquele cabelo em suas mãos, mas a lembrança de uma cabeça mais morena e de cachos mais curtos e suaves encheu seus sentidos.

- Sim, Elaine? - perguntou.

- Fico feliz que você tenha vindo. - disse ela, com voz curiosamente agitada - Mas eu sabia que você viria.

Por um momento, o jovem pensou que sua ingênua esposa poderia estar certa e Elaine tinha algo a dizer. Aproximou-se dele com um brilho inusitado nos olhos.

- Sim, eu vim. - replicou ele - O que é tão importante para que você peça uma entrevista a um homem recém-casado?

A mulher riu com nervosismo, o que deixou Justin confuso.

- Sim, bom. - disse, acariciando a mão dele, que continuava sobre a mureta - Seu casamento é um incômodo, não é? Por que casou? - perguntou com sinceridade.

- Eu amo minha esposa, Elaine. - replicou ele, com franqueza.

A mulher retirou a mão.

- Verdade? - perguntou, com ironia - Nunca imaginei que você pudesse ser vítima de um sentimento tão infantil.

Justin ignorou seu sarcasmo.

- O que você quer?

- Bom, o que você acha? - ela perguntou, olhando para ele com ar sedutor.

Justin recordou aquele olhar e sentiu uma onda de fogo nas veias, que se apressou em apagar. Apoiou os braços na mureta e contemplou o rio Fleet.

- Amo minha esposa, Elaine.

- Bom. - disse ela, com uma careta - Suponho que isso responde minha pergunta, não?

O homem sorriu, mas não se voltou para encará-la.

- Suponho que sim. - disse.

Elaine ficou tensa, como se sentisse insultada.

- E suponho que você não vai demorar a mudar de idéia quando ela o aborrecer, como você sempre faz. E quando isso acontecer, Justin, faça-me saber. Talvez eu possa conseguir um espaço em minha agenda, se até lá eu não encontrar alguém mais interessante. - afastou-se e olhou o jovem com desdém.

Justin se voltou para ela.

- Agradeço a oferta, mas não se guarde por mim. - disse - Você é muito bonita para perder seu tempo esperando.

Elaine sorriu, um sorriso sincero, que lhe recordou outras tardes passadas em sua cama, e deu de ombros com bom humor.

- Espero que sua esposa saiba valorizar o que tem. Adeus, Justin.

Estendeu a mão e ele se inclinou para beijá-la. Respirou fundo para afastar a fragrância do perfume dela e observou-a partir. Voltou-se um momento para olhar a água e o rio o fez lembrar de Clare: limpa, fresca e sem rastro algum de artifício. E se deu conta de como Elaine estava enganada; era ele que devia apreciar o quanto valia sua esposa.

- Senhor marquês?

Justin, que repassava umas contas em seu estúdio, levantou a cabeça e surpreendeu uma expressão de alarme no rosto de Harris. Pensou imediatamente em Clare, que parecia desfrutar atormentando seu mordomo. O que fizera agora?

- Senhor marquês, um tal senhor Dunn quer vê-lo. - pigarreou - Ele diz que é um detetive de Bow Street.

- Um detetive de Bow Street? - perguntou Justin, surpreso.

Aqueles policiais eram famosos pelos muitos crimes que resolviam, mas o jovem não imaginava o que podiam querer dele

- Faça-o entrar, Harris.

Talvez estivessem pedindo recursos, embora não supusesse que aqueles policiais de elite fizessem visitas pessoais com aquele propósito. Era mais provável que estivessem investigando um dos roubos que freqüentemente aconteciam na vizinhança.

Não esperou muito tempo. O senhor Dunn, um homem alto e robusto, entrou quase em seguida no recinto. Estava impecavelmente vestido e Justin recordou que o vira em alguma ocasião como guarda do príncipe Regente.

- Obrigado por me receber, senhor marquês. - disse - Meu nome é Dunn e sou do escritório de Bow Street. Investigo a morte da senhora Long. - disse sem preâmbulos.

Justin olhou para ele desnortado.

- Morte? - perguntou - Está me dizendo que Elaine Long morreu?

Apesar de vê-lo assentir, custou em acreditar naquela notícia. Conversara com Elaine no dia anterior e estava viva, viva e cheia de promessas sedutoras.

- Quando aconteceu? - perguntou.

- Isso é o que intento averiguar, senhor marquês. - disse Dunn - Alguém encontrou corpo dela no rio Fleet.

- Elaine Long se afogou no rio Fleet? - perguntou Justin.

Se não conhecesse Dunn, pensaria que aquilo era uma brincadeira de mau gosto arquitetada por Fletcher ou seus comparsas.

- Não, senhor marquês. - respondeu o policial - Pelo aspecto de seu pescoço, foi estrangulada e depois lançada no rio.

- Meu Deus! - exclamou Justin. Embora estivesse familiarizado com o aumento da violência na cidade, aquilo era algo insólito.

Ele mesmo se deparara várias vezes com elementos criminosos. Quando jovem, roubaram-lhe a carteira mais de uma vez e em uma ocasião, vários anos atrás, precisou brigar com um par de trombadinhas, uma experiência que sugeriu que devia escolher com mais cuidado os caminhos pelos quais voltava para casa.

O episódio o aborrecera, mas só homens estavam envolvidos, não um ataque contra uma mulher indefesa. Pensou na bela Elaine, em seus olhos violeta fechados para sempre e emitiu um suspiro de horror. Sentiu um desejo imperioso de vingá-la, mas se controlou e voltou-se para o detetive.

- No que posso ajudar? - perguntou, com voz tranqüila.

- Parece que você foi a última pessoa que a viu, senhor marquês. - disse Dunn, com dureza.

- Eu? Quer dizer no Bagnigge Wells? - perguntou, incrédulo.

- Sim, senhor marquês. - o policial o fitava com gravidade - A senhora Long disse aos criados que se encontraria ali com você e essa foi a última vez que alguém a viu, além de você, claro, caso tenha ido ao encontro.

Algo no tom de Dunn surpreendeu Justin e um rápido olhar ao rosto do homem confirmou sua suspeita de que ocorria algo estranho. Um homem que jogava tanto e tão bem como ele, costumava discernir bem os tons de voz e as mudanças de expressão. Justin sentiu os pêlos do pescoço se arrepiarem e soube que estava em perigo.

Olhou Dunn com calma.

- Sim, eu a vi ali, em uma das pontes. - admitiu - Conversamos brevemente e ela partiu. Eu fiquei mais um instante e não voltei a vê-la.

O policial assentiu.

- Perdoe-me dizer, senhor marquês, mas esse é precisamente o problema. Já que você é a última pessoa que foi vista com ela e na ponte...

Interrompeu-se e arqueou as sobrancelhas, como se pedisse para Justin se explicar melhor.

A primeira reação do jovem foi alívio por não ter negado a entrevista. Alguém os viu juntos ou, pelo menos, era isso que Dunn acabava de insinuar. Então, o que significava aquilo?

Só precisou observar o rosto cortês mas cético do policial, para adivinhar a resposta.

- Você está insinuando que eu a matei? - perguntou, com uma mescla de incredulidade e desgosto na voz.

- Bom... - Dunn fez uma pausa - Creio que você esteve envolvido em outro incidente no qual morreu uma jovem. Em sua residência, embora ela tenha se afogado, ou isso é o que indica o relatório. - o policial esperou a reação dele, mas não houve nenhuma. Justin se levantou da cadeira, com os olhos brilhantes de fúria. A morte de Elizabeth foi considerada um acidente pela autoridade local. Como diabos alguém comparar podia as duas mortes e vinculá-las daquele modo? Se não se equivocava, Dunn insinuava que Elizabeth podia ter sido estrangulada também e depois jogada à água.

- Não pode falar sério.

O policial deu de ombros.

- Preciso investigar todas as possibilidades, senhor marquês, embora eu seja consciente de sua posição no mundo.

Embora provavelmente se referisse a seu título, Justin teve a impressão de que ele falava na verdade de sua má reputação.

- Você vai me prender, senhor Dunn?

- Não, senhor marquês.

- Nesse caso, sugiro que saia. - disse o jovem, esforçando-se para controlar a raiva.

- Muito bem, senhor marquês. Se lembrar de algo que possa nos ajudar a encontrar o assassino, me comunique, certo? É uma pena que uma dama tão bonita acabe alimentando os peixes.

Justin se limitou a olhar para ele, muito lívido para se atrever a falar.

- Bom dia, senhor marquês. Não se incomode em me acompanhar.

Justin encontrou Clare no jardim, cortando flores para a casa. Ficou um momento de pé, observando. Ela estava de joelhos, com o vestido amarelo estendido ao redor, e se inclinava para cortar um casulo com as mãos ocultas em um par de luvas de couro.

Fazia calor e o jardim era uma mistura de aromas. A lavanda, o tomilho e o perfume intenso das rosas envolviam tudo. Sua primeira idéia, depois que Dunn se foi, era que precisava de um trago, mas naquele momento olhou sua esposa com paixão. Desejava-a, necessitava-a mais do que jamais necessitara o álcool.

- Um criado poderia fazer isso, Clare. - disse com gentileza.

A jovem se voltou para fitá-lo com um sorriso de surpresa no rosto e ele sentiu um desejo irreprimível de abraçá-la, de estreitá-la tão perto que nada, nem as ameaças do Dunn nem a própria morte, pudesse separá-los.

- Sei, mas eu adoro fazer isso. É muito ruim que uma marquesa corte suas próprias flores?

- Não. Pode fazer o que quiser. - ele respondeu se aproximando dela - Você é a dona de tudo e pode cortar flores ou cavar o jardim se gostar.

A jovem olhou para ele, surpresa por seu vocabulário e o viu acocorar-se a seu lado. Esticou uma mão para apartar o cabelo de seu rosto e sorriu com ar tão comovente, que o coração dela saltou uma batida.

- O que houve? - perguntou.

- Quero você, Clare. - sussurrou ele, com voz rouca.

Seus olhos, escuros e profundos, estavam mais sérios do que ela jamais vira. Sentiu que algo ia errado, mas seu marido lhe acariciou os lábios e seus medos se desvaneceram. Tirou a língua e lambeu um dedo dele, esquecendo onde estava. Justin tocou sua face e ela a pressionou contra a palma dele.

- Clare. - sussurrou - Meu amor.

Soltou um gemido e atraiu-a para si e a jovem de repente se viu sobre o marido, enquanto ele a beijava com uma intensidade desconhecida.

Justin se deixou cair de costas e a jovem sentiu que a apertava com força. Beijou-a na boca com ferocidade; depois cobriu de beijos suas bochechas, suas pálpebras, sua testa e Clare lutou para respirar.

- Justin! Não deveríamos fazer isso no jardim. - protestou.

- Por que não? - sussurrou ele, mordendo o lóbulo da orelha dela.

- Porque... Oh! - exclamou, ao notar a boca dele sobre seu seio - Porque alguém pode nos ver.

- Bobagem. - ele assegurou - Os arbustos nos esconderão das pessoas e meus criados são muito discretos.

Despiu o colete e as botas e Clare começou a se assustar.

- Mas Justin! - disse, sem convicção.

- Mas Clare! - ele se burlou. Segurou as mãos dela, tirou as luvas e as colocou sob a camisa - Toque-me. - sussurrou.

A jovem não precisou de outro estímulo; acariciou-lhe o peito e suspirou de prazer ao sentir o contato de sua pele. Justin se inclinou e voltou a beijá-la na boca.

- Clare, você é tão doce. - sussurrou.

Abraçou-a com tanta força que ela não conseguia respirar e teve novamente a vaga sensação de que algo acontecia. Mas então ele colocou os dedos sob a saia e começou a acariciar suas coxas.

- Justin! - ela gritou, já tão excitada quanto ele. Lutou com os botões das calças do marido, libertando-o de seu cárcere. Justin lançou um gemido, mas ela não se deteve e o acariciou até que ambos ficaram ofegantes.

- Clare, Clare! - disse ele uma e outra vez. Levantou o vestido e colocou seu membro entre a umidade das pernas dela - Oh, minha Clare! - murmurou.

Estreitou-a contra ele, penetrou-a e ela passou as pernas em torno do corpo do jovem.

Enquanto faziam amor, Clare cravou as unhas na pele dele, ofegando.

- Oh! - exclamou, ao sentir o orgasmo. Deixou sua cabeça cair contra a erva. Então viu o rosto dele sobre si.

- Você é minha. - sussurrou - Agora e sempre. Você sempre foi minha, desde o momento em que entrou em Worth Hall, e sempre será.

A jovem o olhou com os olhos arregalados, porque nunca o vira daquele modo. Justin costumava fazer amor com alegria, às vezes com um abandono apaixonado, mas nunca com uma intensidade tão feroz. Antes que ela pudesse responder, ele a penetrou novamente, buscando seu próprio orgasmo, e ela sentiu uma nova onda de prazer, que subia de tal modo, que começou a gritar com os olhos cobertos de lágrimas.

Justin não conseguia soltá-la. Permaneceram abraçados entre as flores, a cabeça dela apoiada contra a camisa dele. O homem sentiu que a desejava de

novo, desejava enterrar-se em Clare e desvanecer, assim, o poder da morte, porque criar uma nova vida era a única vingança do homem contra aquela inimiga imortal.

- O que houve, Justin? - a voz dela interrompeu seus pensamentos.

Viu-a levantar a cabeça e fitá-lo preocupada. O que aquela mulher possuía que permitia olhar em seu interior?

Apesar disso, ele desejava ocultar a notícia um pouco mais, então sorriu.

- O que houve? Veja o que você me fez, meu pequeno duende. - disse, fazendo Clare tocar seu membro endurecido - Deve ser a maga que suspeitei que você era quando a conheci.

- Talvez eu não seja maga, mas tenho um remédio para esse mal. - sussurrou ela.

Afastou a camisa e começou a beijar o tórax dele, baixando a cabeça até a abertura de suas calças.

- Não. - disse ele, acariciando o cabelo dela - Tenho intenção de levar você para a cama e passar a tarde de uma maneira mais confortável.

- O que foi? O chão parece muito duro? Tem medo de se sujar de erva? - ela zombou.

Beijou-o e ele respirou fundo. Deitado de costas entre as flores, observando o céu azul, sem nuvens, conseguiu enfim esquecer a entrevista com Dunn. Sentiu a carícia do sol contra seu peito e o calor da boca de sua esposa no ventre e se entregou àquele mundo feito apenas de sensações.

Afinal, já não pôde mais retardar. Por mais que gostasse de guardar para si as acusações de Dunn, sabia que precisava contar a Clare antes que ela soubesse por outro meio. E nem sequer poderia continuar fazendo amor com a esposa naquela tarde. Ela estava abraçada a ele, com a cabeça descansando em seu peito e ele beijou seu cabelo, enquanto tentava encontrar palavras para começar.

- O que houve? - perguntou ela, uma vez mais.

Sabia que algo o preocupava e desejava que compartilhasse com ela.

- Um tal senhor Dunn de Bow Street veio me ver. - disse Justin, com olhar atormentado - Elaine morreu. Alguém a matou e o senhor Dunn insinuou que eu poderia ser um suspeito.

- Você! - ela exclamou, desnorteada - Por quê?

Justin sorriu com ar sombrio.

- Parece que o senhor Dunn compartilha seu interesse pela morte de Elizabeth.

- Oh, meu Deus! Ele pensa que você matou as duas?

Ao vê-lo assentir, suspirou e olhou ao redor. O jardim, tão encantador e agradável um momento antes, parecia de repente um lugar sombrio. Sentiu que Justin apertava sua mão e seus dedos devolveram a carícia.

- Mas como diabos esse homem pôde acusar você?

- Ele não me acusou, - disse ele - mas deixou muito claro que meu título não me protegerá das investigações.

- Santo Céu! - Clare se sentiu enjoada ao imaginar o marido conduzido ao cárcere.

- Vamos, não se deixe levar pela imaginação. - disse ele, como se tivesse lido o pensamento dela - Provavelmente não vai acontecer nada. Eu não queria contar nada porque sei o quanto seu cérebro trabalha, mas tampouco eu queria que você soubesse por outra pessoa. - fez uma pausa - Espero que o senhor Dunn seja discreto em suas investigações, mas temos que estar preparados, porque se não for assim e as pessoas souberem...

Clare o encarou.

- Nós nos tornaremos párias.

Justin fez uma pausa.

- Talvez sim, talvez não. Já me excluíram outras vezes, mas não quero que você sofra.

- Não me importo com o que as pessoas dizem. - disse ela.

Mas recordou que não gostava das histórias que já circulavam sobre Justin. Frustrava-se por não ser capaz de defendê-lo contra aquelas alegações. O que aconteceria, pois, se os excluíssem por completo? Londres, com suas ruas fedorentas cheias de gente e seus bailes superficiais, nunca a agradara, mas Justin podia pensar de outro modo.

- Sempre podemos nos retirar para o castelo. - sugeriu esperançosa.

Justin fingiu uma careta de desgosto e Clare sorriu. Sentiu que o ar mexia seu cabelo e jogou a cabeça para trás, com esperança de que o calor do sol pudesse afastar o frio que a envolvera de repente.

Mas não foi assim. Não podia deixar de pensar nas palavras de Justin e sua surpresa inicial logo deu espaço para pena. Embora nunca sentisse simpatia pelas amantes do marido, sentia-se cheia de tristeza pela mulher que não conhecera nunca e que jamais conheceria.

- Pobre Elaine! - sussurrou.

- É injusto, não é? - perguntou Justin.

Clare fitou seus olhos azuis cheios de dor e soube de repente por que ele se mostrava tão sério, por que a travava como se pudesse se quebrar ou desaparecer. Talvez a horrível certeza da morte o atormentasse. Pousou uma mão na testa dele, em um esforço por consolá-lo. Sofria por uma mulher que tinha apreciado e estava atormentado pelo espectro da morte ou do cárcere. Aquela idéia a fez sobressaltar-se.

- E o que acontecerá se prenderem você? - perguntou.

- Não me prenderão. - disse ele rapidamente.

Embora apertasse a mão dela e sorrisse com confiança, a jovem sentiu um medo terrível. O que aconteceria se seu título não pudesse protegê-lo? Conteve o fôlego e olhou para Justin.

- Foi por causa do encontro, não foi? - perguntou - Tudo isso é porque eu convenci a vê-la?

- Sim. - ele respondeu com calma - Mas nada acontecerá. Não se preocupe. Estão perseguindo fantasmas; isso é tudo. Vamos esquecer.

Clare desejou poder fazer isso, mas, entretanto, aquela sensação de culpa que se apoderou dela a desagradava. Pela primeira vez, teve uma idéia do que Justin suportava há anos e não gostou. Era tão fácil cometer um engano, dar um passo em falso e lamentar para sempre!

Clare saiu para o jardim em um esforço de recuperar a paz do dia anterior, mas não conseguiu.

Justin dissera que não se preocupasse, mas não conseguia evitar imaginar o pior: seu marido trancafiado em uma cela ou pendurado do patíbulo.

Concentrou-se nas flores e admirou a paisagem que tinha diante de si. Era tudo sua culpa; fora uma ingênua ao tentar afastar a maldição. Secou uma lágrima que caía pela face e se repreendeu por acreditar naquelas tolices. Desejava com fervor ter ficado em Yorkshire. Se tivessem ficado, nada disso teria ocorrido.

Dirigiu-se à casa, buscando a presença tranquilizadora do marido, e Harris a informou que Fletcher chegara e estava fechado no estúdio com Justin. Ao passar pela galeria, não tinha intenção de escutar, mas algo a fez parar diante da porta, que não estava totalmente fechada.

Talvez fosse a seriedade das vozes dos homens, mas, fosse o que fosse, se deteve e escutou.

- Se acontecesse o pior, julgariam você em Old Bailey. - dizia Fletcher.

- E adorariam ver um nobre enforcado. - replicou Justin, com amargura.

- Se viver até lá. - redargüiu o outro - Considerando as condições de Newgate, os guardas, as celas dos condenados...

- Não prossiga, por favor. - interrompeu Justin, irritado - Você é realmente um bom consolo!

- Porque não quero que você acabe pendurado de uma corda. Faça algo. Não fique aí sentado esperando que o separem de sua esposa e da única felicidade que você conheceu. Use sua influência para deter a investigação e, se

isso não tiver êxito, vá para as Índias Ocidentais ou para a América, ou qualquer lugar onde possa recomeçar.

- Fugir? - disse Justin, sobressaltado - Maldição, Fletcher, posso ser muitas coisas, mas não sou um covarde.

- Nesse caso, leve seus nobres valores às galeras com você.

Clare não pôde continuar escutando; deu meia volta e levou uma mão à boca para reprimir um grito. Apoiou-se contra a parede e respirou fundo, esforçando-se em se controlar. Nunca fora o tipo de mulher propensa a gemer e gritar, mas aquela situação era demais. Endireitou-se com determinação, sabendo que devia fazer algo em vez de ficar ali quieta esperando o futuro.

Pôs-se a andar, desejosa de ir a algum lugar em que não ouvisse aquelas escuras predições. Estava na metade da galeria quando Fletcher a alcançou. Clare engoliu em seco e se voltou para ele, estendendo a mão.

- Oh, Fletcher! Você o convencerá a fazer algo, não? - perguntou, muito pálida.

O jovem sorriu.

- Clare, não há nada para se preocupar. - disse com calma.

A jovem esteve a ponto de admitir que ouvira a conversa, mas se limitou a retirar a mão.

- Não fique assim. - disse ele - Além disso, eu fiz o que você me pediu. - se queixou, com um sorriso de brincadeira - Ou não quer saber o que descobri?

A jovem, cujo interesse pelo assassinato de sete anos atrás declinara grandemente, quase disse a ele que esquecesse sua descoberta, mas então compreendeu o que podia fazer para ajudar Justin a sair da confusão em que o metera. Não ia ficar quieta chorando porque tinha uma idéia que, se desse resultado, poderia libertar seu marido. Se conseguisse apanhar o assassino de Elizabeth, provavelmente a polícia de Bow Street perderia interesse em Justin. Ou, ao menos, já não poderiam vincular as duas mortes. Olhou Fletcher.

- E então? - perguntou.

O jovem sorriu.

- Descobri o nome do tutor dela. Chamava-se Clevindale, Matthew Clevindale.

- Onde ele está? Você o encontrou? - ela indagou.

Fletcher assentiu, mas deixou de sorrir.

- Sim, no cemitério.

- Está morto? - perguntou ela, frustrada.

- Sim. Faz tempo. Parece que assaltado e assassinado por uns trapaceiros pouco depois da morte de Elizabeth.

- Maldição! - murmurou a jovem - E agora?

- Agora, - disse ele, tomando-a pelo braço e caminhando ao lado dela - quero que você esqueça esse assunto. Já que Bow Street se meteu nisso, eles investigarão a morte dessa garota, se é que parece suspeita. Eu creio que não, que só estão assustando Justin para obrigá-lo a confessar. - encarou-a muito sério - Deixe isso para os profissionais, Clare.

- Mas não se trata apenas de suspeitas, Fletcher. - ela protestou - Eu sei que Elizabeth foi assassinada. Falei com alguém que viu tudo.

- O que você está dizendo? - perguntou ele, detendo-se.

- É verdade. -replicou ela - Falei com uma antiga criada que esteve no telhado. Ela viu um homem, um homem loiro jogar Elizabeth do parapeito. Chamava-se Richard.

- Você contou a Justin?

A jovem assentiu a contragosto.

- Ele não quis me escutar. Só queria que eu deixasse a morte de Elizabeth em paz, mas agora... Oh, Fletcher, agora pode ser vital descobrir o assassino.

- Bom, isso muda as coisas. - murmurou o jovem. Sentou-se ao lado de Clare e os dois ficaram em silêncio por um momento - Farei o que puder para investigar quem esteve presente, mas você precisa me prometer que não fará nada. - ergueu uma mão para interromper seus protestos - Agora que sei que estamos lidando com um assassino, não quero que você se meta. Eu tenho acesso a fontes que você nem sequer pode imaginar. Deixe que eu cuide disso e talvez depois você possa convencer Justin.

A jovem assentiu com a cabeça.

- Ótimo. - ele disse.

Ficou de pé e segurou a mão dela; ajudou-a a se levantar antes de beijar o dorso da mão. Foi uma saudação formal, nada mais, mas algo nos olhos dele a fez vacilar. Clare se afastou confusa e o observou caminhar pela galeria. Disse a si mesma que os acontecimentos dos últimos dias a transtornaram, mas, mesmo assim, não conseguiu evitar pensar que preferia não recorrer a Fletcher Mayefield.

Capítulo 17

Justin ainda permanecia sentado na escrivaninha, repassando sua conversa com Fletcher, quando ouviu a voz de sua esposa na porta.

- Entre. - gritou.

E a jovem entrou na sala, tão linda como sempre, alta e encantadora, com as faces coradas.

- Clare. - sussurrou.

Imediatamente, sentiu uma onda de desejo que o tomou de surpresa. Abriu a boca para falar.

- Vamos para casa. - disse, surpreendendo-se a si mesmo.

Uma vez pronunciadas, aquelas palavras não soaram tão estranhas como em outro tempo, já que Londres de repente o desagradava e possivelmente sempre o aborrecera. Por isso, talvez, se sentira tão à vontade em Yorkshire na companhia de uma garota de quatorze anos.

Talvez fosse a fria realidade da morte de Elaine ou o espectro de sua própria morte ou cativo, mas de repente, a vida pareceu muito valiosa para ele. Justin queria aproveitá-la ao máximo, fazer com que cada minuto passado ao lado de Clare fosse eterno.

Compreendeu que a vida que tinha antes acabou para sempre. Seus amigos podiam zombar às costas deles, não importava. Ele saborearia cada momento que restasse de vida e faria isso com Clare e no castelo. Pensou nos intermináveis dias de verão no campo, pescando ou nadando no rio ao lado dela e uma sensação maravilhosa o invadiu.

A jovem o fitava surpresa. Conhecendo o que ele pensava sobre o castelo, sua sugestão parecera um pouco estranha. Clare se perguntou seu retorno afetaria a investigação, mas recordou que isso já estava nas mãos de Fletcher. Ele podia fazer aquele trabalho muito melhor que ela.

Sem aquele peso nos ombros, sentiu-se livre para concordar em retornar. Fechou os olhos para imaginar o castelo e depois os abriu e assentiu contente.

- Pelo menos lá não ouviremos os comentários. - disse.

Justin fez uma careta.

- Deixe que falem o que quiserem. Tenho vontade de ir pescar. - disse com um brilho estranho nos olhos.

Clare retrocedeu sorridente. Conhecía aquele olhar e sabia que, quando aparecia, seu marido costumava esquecer onde estava. Aproximou-se das portas do estúdio e fechou-as à chave.

- Agora? - disse com suavidade - Que história é essa de pescar?

O homem se aproximou dela com a mesma urgência do dia anterior, como se o corpo da esposa fosse o único capaz de dar paz. Clare estava mais que disposta a agradá-lo, mas se perguntou em quantos lugares inesperados fariam amor durante sua vida conjugal.

Deixou de pensar ao sentir o contato de Justin e os ritmos que os uniam. Depois, quando os dois estavam relaxados nos braços um do outro, apertou-se contra ele, esgotada por uma noite de preocupações e adormeceu sem se importar que estivesse nua no chão do estúdio.

Justin olhou para ela e suspirou. Pensou de novo na morte de Elaine e na ameaça à sua felicidade. Embora não culpasse Clare por ter insistido que fosse ao encontro, perguntou-se se tudo aquilo não seria consequência de seu estranho interesse pela morte de Elizabeth.

Elizabeth! Justin conteve o fôlego e fechou os olhos, lutando contra sua inclinação natural de evitar pensar nela. Se queria começar de novo com Clare, chegou o momento de exorcizar seus demônios particulares pelo bem de seu futuro e talvez para salvar sua vida também.

Buscou na memória, tentando recordar tudo o que conseguia daquela terrível noite.

Quanto tempo a conhecera? Um mês? Era jovem e impetuoso e a possuiu sem pensar nas consequências. Acabava de terminar uma aventura discreta com a esposa de um dos políticos mais famosos da Inglaterra. Era jovem e despreocupado e possuiu Elizabeth Landrey no salão da casa dela.

Ela sangrara, como perguntou Clare? Tentou recordar, mas aquela noite estava muito bêbado. Clevindale o convidou, ele e seus amigos; organizou um jogo de cartas e serviu um vinho excelente na casa que dividia com Elizabeth e uma mulher mais velha, uma acompanhante contratada. Tentou lembrar, mas o álcool nublava sua memória.

Fazia um mês que a conhecia, viu como olhava para e conversou com ela brevemente quando Clevindale a apresentou. Meneou a cabeça ao pensar no tutor da moça. Aquele velho apareceu de repente em Londres; era bastante esperto para ver que tinha uma jóia em sua pupila, mas estúpido demais para apresentá-la devidamente à sociedade, de forma que a pobre garota acabou se misturando com os piores.

E naquela noite só restaram Clevindale e ele na partida, tão bêbados que mal podiam ver as cartas à luz das velas, mas pouco dispostos a abandonar o jogo. Justin saiu para o vestibulo e, quando voltava para o salão, ouviu um ruído na sala. Apareceu e lá estava ela, vestida somente com uma camisola que mal ocultava o corpo, com o cabelo loiro brilhando à luz do fogo da lareira.

Clevindale era aficionado por armas; afirmava ter caçado na África e, diante da lareira, havia uma enorme pele de urso. Justin sempre pensou que seria um lugar interessante para fazer amor, e ali estava ela, de pé sobre a pele,

o que, naturalmente, voltou seus pensamentos naquela direção. Quando entrou, a jovem não se assustou, mas deu boas-vindas.

- Oh, Justin! - exclamou, sem fôlego - Fico contente que seja você. Ouvi vozes e desci para averiguar. Às vezes meu tutor precisa de ajuda para ir para a cama e os criados estão dormindo.

Não recordava o que ele dissera; provavelmente que ela era linda ou que não deveria estar ali àquela hora, mas a jovem não pareceu assustada.

- Oh, Justin! Eu nunca poderia ter medo de você. - sussurrou.

Aproximou-se e ele a tomou nos braços e começou a beijá-la. Elizabeth não se afastou, pelo contrário, abriu a boca para ele. Seu cabelo solto brilhava à luz das chamas e Justin se ajoelhou sobre a pele de urso e começou a acariciá-la por baixo da camisola.

A jovem não negou, nem sussurrou uma palavra sequer, mas ele sabia que contava com uma vantagem injusta: a confiança de uma jovem que não sabia o que fazia e a habilidade para fazê-la derreter em seus braços. Só quando a penetrou, notou que ela se afastava, chorando e gemendo, como se ele a tivesse machucado. Esforçou-se em agradá-la, mas, quando tudo terminou, ela se pôs a chorar, de dor ou vergonha, e ele se scandalizou pelo próprio comportamento.

Tentou consolá-la e ela se abraçou a ele. Temendo adormecer e ser descoberto pela manhã com as calças baixadas, ficou de pé. A jovem o beijou e saiu correndo escada acima, de volta ao quarto. Justin, enjoado e um pouco culpado, voltou para o salão onde o tutor de Elizabeth dormia sobre a mesa das cartas.

Não voltou a vê-la até a festa em Worth. Ficou chocado ao descobrir que Clevindale a levava, mas nem ela nem o tutor deixaram entrever que ocorria algo estranho até aquela noite, quando a jovem se enfiou em sua cama e se abriu para ele. Só depois contou o motivo da visita. Estava grávida, o amava e esperava que ele casasse com ela.

Irritado por suas táticas, Justin disse que nunca casaria com ela, que ela estava muito abaixo dele e que, além disso, não a amava. Elizabeth chorou e suplicou, reclamando de sua vergonha e acusando-o de ter tomado sua virgindade. Por fim, ele ofereceu uma casa. Tinha dinheiro de sobra e o corpo dela não o desagradava. Como não sentia nada pela mãe, tampouco não podia sentir nada pelo filho, mas disse a ela que daria dinheiro de sobra para cuidar da criança.

A jovem passou o dia seguinte trancada no quarto enquanto ele bebia e se esforçava em adiar seu inevitável encontro com Clevindale. Depois, durante a noite, ela subiu ao telhado e se jogou no fosso por culpa de sua traição.

Justin sentiu lágrimas escorrerem pelas bochechas e ergueu uma mão surpreso. Nunca chorou por Elizabeth nem por seus próprios remorsos, mas naquele momento, suas bochechas estavam úmidas. Não se incomodou em

secá-las, mas apertou Clare com força e enterrou seu rosto na massa escura do cabelo dela.

- Você acha que Fletcher irá à festa de hoje à noite? - perguntou Clare, despreocupadamente.

Respirou fundo e se serviu de um copo d'água da jarra que havia sobre a mesinha de noite. Aquela noite, Lady Bekerley dava um baile em sua honra, seu último compromisso antes de retornar ao castelo, e a jovem não se sentia muito bem.

Embora não voltassem a ter notícias do senhor Dunn, freqüentemente a jovem se sentia assaltada por funestos presságios, o que a deixava doente. Estava cansada a maior parte do tempo e sentia náuseas constantes. Bebeu um gole de água e franziu o cenho. Estava quente. Antes de sair para o baile, pediria que alguém trouxesse um copo de água gelada. Era a única coisa que a fazia se sentir um pouco melhor.

- Fletcher? Duvido. - respondeu Justin, que arrumava o pescoço da camisa de pé em frente ao espelho.

Impaciente para saber como Fletcher ia com sua investigação, Clare se esforçara em comparecer a várias funções sociais com a esperança de vê-lo, mas ele não foi a nenhuma. Por fim, desesperada, enviou um bilhete à casa dele, mas um criado a devolveu sem abrir comunicando que o senhor Mayefield tinha saído da cidade.

Seguiu a corrente sem ter intenção de prosseguir as investigações ou simplesmente se distraía por um rosto bonito? De qualquer modo, não parecia cumprir sua promessa de perseguir o assassino de Elizabeth e sua aparente falta de entusiasmo o tornava ainda mais estranho aos olhos de Clare.

- Por que não? Não o veremos antes de partir? - perguntou ao marido, incapaz de ocultar sua impaciência.

- Eu pensava que você não se sentia atraída por ele. - brincou Justin.

- E não estou. - ela corou.

- Ele se sente atraído por você. - comentou.

- Não é verdade. - disse Clare, sobressaltada.

- Claro que sim. - Justin se aproximou e acariciou a face dela - Não só é bela e inteligente, mas, além disso, não está disponível e isso é o que mais agrada Fletcher.

- O que você quer dizer? - perguntou ela, irritada.

- Quero dizer que Fletcher nunca se aproxima muito das mulheres que procuram casamento, de forma que suas amigas são o tipo de mulheres que não são nenhuma ameaça para ele, como você.

- Bobagem! - exclamou ela, ainda incrédula - Se for assim, ele é ainda mais presunçoso que você. - acrescentou.

Justin se pôs a rir.

- É possível, mas considere-se afortunada. - disse - Fletcher pode ser um pouco estranho e às vezes me colocou em aventuras extravagantes, mas é um bom amigo. - pôs o casaco - E espero que continue assim. - terminou.

Clare ignorou a advertência. Se ele era tão bom amigo, onde diabos se enfiou?

Fletcher não estava no baile de Lady Berkeley e ninguém parecia conhecer seu paradeiro.

- Oh, mas não pode esperar encontrá-lo em todas as festas. - informou Prudence, muito séria - Acho que ele odeia festas.

- Oh! - exclamou Clare, decepcionada.

- Apesar de que, como ultimamente o vimos freqüentemente, eu esperava que ele apareceria. - comentou Prudence.

Clare fez uma careta. Enviou uma carta à casa dele perguntando por seus progressos com ordem de remeter de onde quer que estivesse. Sua má saúde fazia com que se alegrasse de ter recomendado a investigação a ele, mas esperava não se arrepender disso.

- Clare, querida. - saudou Lady Berkeley com efusão.

A jovem respondeu com um pouco menos calor. Embora a mulher tivesse a amabilidade de dar aquele baile em sua honra, também fora até Justin com o relato do que fazia e não se sentia completamente à vontade com ela.

- Procurei você por toda parte. Quero apresentar alguém. - disse Lady Berkeley com um sorriso. Agarrou-a pela cintura e apontou o homem que estava a seu lado - Lorde Wilmington, apresento Lady Worthington. Clare, este é Lorde Wilmington, que tem feito nome na Câmara dos Lordes. Tenho certeza que você ouviu falar dele.

A jovem quase teve um sobressalto. O homem era de altura mediana e cabelo loiro, levemente tingido de cinza. Mas o que a atraíram foram seus olhos. Eram azuis e muito amistosos. Surpreendeu-se, porque não era como esperava. Não eram os olhos de um assassino e, entretanto, ela sabia que deveriam ser.

- É um prazer conhecê-la, Lady Worthington. - disse ele, inclinando-se sobre sua mão.

Clare esteve a ponto de retirá-la de um puxão, mas se conteve. O homem a beijou e soltou com um sorriso.

- Aurora, - disse - nem todos compartilham seu interesse pela política. Talvez Lady Worthington tenha outras preferências.

A jovem esteve prestes a dizer que se interessava por assassinatos, mas se conteve. Recordou suas maneiras e sorriu:

- É um prazer conhecê-lo.

- O prazer é meu. - assegurou Wilmington - A noite venho pedindo a Aurora que nos apresente. Conheci seu marido em meus dias mais jovens e, agora que me disseram que ele se assentou, devo admitir que sentia curiosidade em conhecer o motivo. Agora compreendo o que o fez mudar.

Clare agradeceu o elogio; tentou sorrir, mas tinha a impressão de estar falando com uma serpente.

Lorde Wilmington falava com a facilidade de um homem habituado a pronunciar discursos, mas a jovem acreditava perceber em suas palavras certo senso de humor e um genuíno interesse pelas pessoas. Como era possível que suas impressões estivessem tão afastadas da realidade? Pensando que se conversasse com desse a resposta, continuou falando com ele muito depois que Aurora os deixou sozinhos.

Escutou as opiniões dele sobre o comércio, as leis que pensava apresentar e o estado geral da economia. Fazia isso para observá-lo, para encontrar alguma chave que denunciasses sua verdadeira natureza, alguma pista que a fizesse ver um lado mais escuro, mas não conseguiu encontrar nenhuma.

Mesmo assim, negava-se a se deixar enganar. Por mais que desejasse aceitar Lorde Wilmington como o homem considerado e amável que parecia, acreditava na história de Addie McBride. E o homem que tinha diante de si, apesar de seu aspecto, correspondia como nenhum outro à descrição da criada.

Como podia romper a couraça de fingimento que o rodeava? Passado a falar das reformas no castelo e Clare decidiu aproveitar a oportunidade.

- Se conheceu Justin quando jovem, também deve conhecer o acidente em que Elizabeth Landrey morreu. - disse.

Lorde Wilmington não piscou, mas seu rosto adquiriu uma expressão de tristeza.

- Sim. - replicou com suavidade - Recordo bem. Foi uma época difícil para seu marido. Nós todos éramos jovens e despreocupados. Bebíamos muito, mas não se pode culpar Justin pelo incidente. E me incomoda muito, Lady Worthington, vê-lo ressuscitar de novo.

Clare olhou para ele com atenção, já que o tom de sua voz sugeria enfim algo distinto. Ele a advertia, por acaso, a cessar seus esforços para desmascará-lo?

- Possivelmente uma nova revisão desse episódio possa beneficiar todos os relacionados a ele. - disse com frieza.

Lorde Wilmington pareceu surpreso por suas palavras.

- Não vejo como. - replicou - Deve ser doloroso e talvez mesmo perigoso.

Clare ficou petrificada. Pensou, com uma sensação de triunfo que, se ele a ameaçava, era porque começava a ficar nervoso.

- Verdade? - perguntou com calma - Perigoso para quem?

O homem franziu o cenho, indeciso e depois se inclinou para ela. Clare observou seu rosto, esperando ver como o ódio e a vingança obscureciam seus olhos, mas não foi assim. Nos olhos de Lorde Wilmington leu apenas preocupação.

- Serei franco, Lady Worthington. - disse - Em minha posição, tenho acesso a algumas informações e ouvi dizer que Bow Street tomou um interesse pelo caso, que, asseguro, não se apresenta bem para seu marido.

Pegou uma mão dela e Clare o fitou atônita. Suas palavras não eram as que ela esperava.

- Por seu bem e pelo dele, farei o que puder para que tudo se resolva com rapidez. Agora que a conheço, senhora, estou encantado. Justin é um homem de sorte.

O homem que Clare suspeitava ser um assassino se inclinou, desculpou-se com um sorriso e Clare ficou olhando, confusa, até que viu Justin se aproximar.

Justin não parecia compartilhar os sentimentos de Lorde Wilmington. Naquele momento, não parecia se sentir afortunado por estar casado com ela. Aproximou-a dele e lhe sussurrou ao ouvido:

- Que diabos você fazia com Wilmington?

Clare ergueu o queixo.

- Discutíamos os últimos impostos de importação. - respondeu.

Justin não achou divertido; pousou uma mão no braço da esposa.

- Ele sabe sobre Dunn. - disse.

Seu marido suspirou.

- E esse assunto surgiu na conversa? - perguntou, furioso.

- Mencionei por acaso a morte de Elizabeth, mas não o acusei de nada. - esclareceu ela.

- Espero que não. - ele replicou, agarrando-a pelo braço.

- Aonde vamos?

- Para casa. - declarou ele, com firmeza - Onde você não possa se meter em confusão. Talvez eu a tranque no quarto ou, melhor ainda, talvez eu a acorrente na minha cama.

- Lady Berkeley o apresentou a mim. - defendeu-se a jovem.

- A pobre mulher provavelmente pensava que um olhar para Lorde Wilmington e alguns minutos de conversa com ele bastariam para convencer você que suas suspeitas eram infundadas. - replicou seu marido, exasperado -

Infelizmente, ela não a conhece como eu. Eu sei que essa vívida imaginação que você tem é muito mais importante para você do que a verdade.

Clare mordeu a língua para não replicar. Não queria discutir. Maldito homem e maldito Fletcher! Ele dissera que a ajudaria a convencer Justin que possuía a verdade. Onde diabos ele se meteu?

Quando chegou o momento de partir para Worth, Clare continuava sem notícias de Fletcher, mas se sentia tão mal que nem se importou muito. Não sabia como ia viajar sem o urinol que se tornou seu companheiro inseparável. Olhou para o objeto com raiva da cama, onde estava sentada, e sentiu vontade de chorar.

- É melhor levarmos isso, não acha? - perguntou Justin.

Sua mulher o olhou surpresa, já que fizera todo o possível para ocultar sua enfermidade. Do ponto de vista dela, Justin já tinha muitas preocupações para, além disso, se encarregar de sua doença.

- É só um pequeno incômodo. - disse, na defensiva - Vai passar.

- Claro que sim. - disse ele - Dentro de nove meses e entre suas pernas encantadoras.

Clare levantou a cabeça.

- O que você disse? - perguntou.

Justin balançou a cabeça e sorriu com ternura.

- Não sabe, não é, minha inocente Clare? - aproximou-se e segurou o rosto dela entre as mãos - Meu amor, creio que é nosso filho a causa da sua doença. Não o sente?

- Nosso filho? - a jovem o encarou, interrogante, e compreendeu enfim o que ele dizia - Justin! Tem certeza?

E de repente, tudo pareceu se encaixar, as náuseas, o cansaço, as mudanças de humor. Tudo valia a pena para ter um filho.

- É verdade? Vamos ter um filho? - perguntou, com voz trêmula.

Justin sorriu e pousou uma mão no ventre de Clare.

- Oh, Clare! Eu conheço você muito bem e, entretanto, às vezes esqueço quem você é.

- O quê? - ela sussurrou.

- Quando você começou a adoecer, eu sabia o que provocava sua enfermidade e esperava que você me dissesse algo, mas, ao ver que me ocultava, pensei que você não me dizia porque não gostou de ter ficado grávida tão cedo ou estava ressentida comigo por ter plantado a semente.

- Justin St. John! Como você pôde? - perguntou ela, horrorizada.

Afastou-se para olhar o rosto dele, ofendida por ele pensar tais coisas a seu respeito.

O homem sorriu e a abraçou com força.

- Sim, me repreenda. - sussurrou - Brigue comigo por esquecer que você não é uma mulher mortal, é meu duende particular.

Um sentimento de alegria pareceu se espalhar pela casa, à medida que os criados foram sabendo da notícia. Os que antes pareciam olhar para ela com desaprovação agora faziam o possível para demonstrar sua amabilidade. Até Harris pareceu se humanizar, embora Clare não estivesse certa se a mudança se devia à gravidez ou ao fato de ela ter deixado de atormentá-lo.

A princípio, observou a mudança com certo ceticismo, mas, pouco a pouco, se convenceu de que era genuína. E qualquer dúvida que pudesse restar, desvaneceu um dia em que Justin estava fora e ela estava sozinha no salão, preparando a festa.

- Senhora marquesa? - perguntou Harris, pigarreando.

- Sim? - murmurou Clare, com ar ausente.

- A senhora me perguntou em certa ocasião sobre um incidente ocorrido aqui na mansão.

A jovem levantou a cabeça.

- Sim? - murmurou de novo, já interessada.

- Você me perguntou quem compareceu naquela noite.

Clare assentiu com a cabeça.

- Embora eu não lembre exatamente quem esteve aqui, pensei que talvez a senhora quisesse ver a lista de convidados.

A jovem o fitou atônita.

- Existe uma lista escrita? - perguntou.

- Não tenho certeza. - disse Harris - Mas acredito que todos esses papéis foram guardados antes da mansão ser fechada.

- E onde estão agora?

- No quarto do arquivo, senhora. - disse o homem, com suavidade.

- Obrigada, Harris. Muito obrigada. Creio que irei agora mesmo à procura.

- Eu a acompanho, senhora? - perguntou ele, inclinando a cabeça.

Clare sorriu encantada.

- Sim, por favor, Harris.

Uma hora depois, encontravam a lista em um dos livros de registro da casa. A jovem repassou os nomes procurando as pessoas que se chamassem Richard. Estavam Lorde Wilimington e Richard Kingsley, mas parecia que não havia outros. Então viu algo no final da página e seu coração começou a bater com tanta força que ela se sentiu enjoada. Havia mais um nome na lista: Richard F. Mayefield.

Aproximou-se de Harris e indicou o nome com o dedo.

- Quem é este? - perguntou.

Harris olhou para ela surpreso.

- É o senhor Mayefield, senhora marquesa. Embora seu primeiro nome seja Richard, costuma utilizar o segundo nome: Fletcher.

Clare escutou, digeriu a informação que acabava de receber e sentiu que o quarto começava a girar ao redor.

- Senhora, senhora, está bem?

A jovem não entendeu a urgência de sua voz. Só desejava continuar dormindo, mas de repente notou que não estava no quarto, mas caída no chão do quarto de arquivos e Harris se inclinava sobre ela com uma expressão de horror no rosto.

- Estou bem. - conseguiu dizer.

Então se lembrou de tudo e fechou os olhos novamente. Fletcher. Fletcher, que negara ter comparecido àquela festa. O homem a quem confiara tudo o que sabia e que se ofereceu voluntariamente para perseguir o assassino de Elizabeth. Seu nome verdadeiro era Richard.

- Oh, graças a Deus, senhora. O senhor marquês se zangará comigo. - disse Harris.

Clare pensou em suas palavras. Zangar-se com ele? Sabia tão bem quanto o mordomo que, se Justin soubesse o que acontecera naquela tarde, Harris ficaria sem emprego e ela podia acabar trancada quarto.

- Estou bem, de verdade. É um enjôo devido à gravidez e você não tem culpa. Não tem por que mencionar isso ao senhor marquês. - acrescentou, enquanto o homem a ajudava a se levantar - Acompanhe-me até o quarto e eu me deitarei um instante.

Sua caminhada foi interrompida pela chegada de um dos lacaios.

- Senhora marquesa, na porta há um moço da aldeia que afirma ter uma mensagem para você.

Harris colocou uma mão sob o cotovelo dela com ar protetor.

- A senhora marquesa... - começou a dizer.

- Vamos, Harris - Clare interrompeu - Estou bem, de verdade. E prometo que me deitarei assim que vir esse rapaz.

Não sabia quem estava mais surpreso, se o mordomo com sua decisão de receber um habitante da aldeia ou o lacaio, que estava atônito ao ver Harris segurando a marquesa pelo braço.

Embora continuasse sentindo náuseas, Clare já não estava enjoada e não via motivo para não ver o mensageiro. Mesmo assim, deixou que Harris a ajudasse a descer as escadas.

Quando entrou no salão, viu o rapaz, acompanhado de outro lacaio, que olhava para ele com certo desprezo.

- Eric! Você veio ver o castelo? - perguntou a jovem, sorridente.

Estava relativamente limpo, embora o catarro escorresse pelo nariz. Limpou o nariz com o dorso da mão e negou com a cabeça.

- Não, senhora marquesa. Minha mãe me mandou para dizer algo importante. Trata-se da minha tia, Addie McBride. Ela morreu, senhora.

Clare o fitou com boquiaberta e em seguida desmaiou pela segunda vez em sua vida.

Capítulo 18

Ao voltar a si, a primeira coisa que notou foi que alguém colocava um frasquinho de sais sob seu nariz. O pânico que sentiu antes desaparecera para ser substituído por uma tranquilidade que podia ser comparada à de um animal encurralado. Dispensou os criados com um gesto, enviou uma criada à cozinha com instruções que preparasse uma cesta de comida para a família McBride e disse a Eric que o levaria em casa na carruagem.

Assim que terminou de falar, Harris se colocou diante dela.

- Senhora marquesa, não posso permitir que saia da mansão em seu estado. - disse com seriedade.

Clare esteve prestes a soltar uma gargalhada histérica. O absurdo de um criado tentar impor sua vontade, combinado com a idéia de que apenas algumas semanas atrás Harris a teria despedido com alegria, ameaçaram nauseá-la novamente. Engoliu em seco.

- Agradeço sua preocupação, mas preciso ir. - disse, passando pelo mordomo.

- Senhora marquesa! - gritou o mordomo. A jovem o ignorou e avançou para Eric - Senhor Moore! - gritou o homem para um dos lacaios - Envie alguém em busca do senhor marquês e diga a ele que volte para casa imediatamente.

Clare se voltou para Harris bem a tempo de ver o lacaio sair do quarto. Precisava enfrentar o mordomo para deixar claro quem mandava na casa? Lançou-lhe um olhar de advertência, mas, ao ver a expressão preocupada dele, hesitou e se voltou para o moço.

- Vamos, Eric. - disse, segurando-o pela mão.

Não pôde fazer muito na casa dos McBride. Embora agradecessem a comida que ela levava, a família estava rodeada de aldeões e parentes, de forma que não tinham necessidade do seus consolos. De certo modo, sentiu-se agradecida, já que tinha certeza que não podia ocultar completamente o remorso que sentia. Sabia que era tão culpada da morte de Addie como se fosse ela quem empunhara a navalha que cortou o pescoço da mulher.

Compreendeu que o assassino esperou até que retornassem ao castelo para que Justin pudesse ser acusado do crime. E escolhera bem o dia, já que seu marido cavalgava naquele momento por suas terras sem testemunhas que pudessem dar conta de seus movimentos. O desespero da situação a aturdiu e só a certeza de que o futuro seria ainda pior evitava que chorasse. Naquele momento, as lágrimas não serviriam de nada.

O assassinato aterrorizou os habitantes da aldeia, até mesmo Corliss, porque nenhum deles sabia, como Clare, que não tinham nada a temer. O assassino não era nenhum lunático solto que escolhia suas vítimas ao acaso, era um homem que agia a sangue frio e sabia bem quem matava. Addie não se equivocara: no final, foi por ela.

Saiu da casa e observou que uma pequena multidão se reuniu no pátio. Surpreendeu-se ao ver que a olhavam com raiva e alguém gritou:

- É a maldição. A maldição dos Worthington.

Por um momento, ela mesma quase acreditou. Se o assassino escapasse, a maldição se cumpriria mais uma vez: Justin seria enforcado e ela...

Confrontou enfim a verdade. O assassino não podia permitir que ela continuasse viva, sabendo o que sabia. Voltou para lá por causa de Addie e algum dia voltaria por causa dela. Enquanto Clare se aproximava da carruagem, observou com tristeza o grupo de pessoas. Apesar de não esperar que ninguém a atacasse pessoalmente, sabia que o melhor no momento era manter distância. Mal prestou atenção fixou no homem alto e robusto que se colocou ao seu lado.

- Senhora marquesa, creio que você e eu temos algumas coisas a falar. - disse.

Clare o fitou com indiferença. Era um homem alto, bem vestido, de cabelo escuro e olhos sinceros, que lhe indicaram que ele não era o assassino de Addie. Estava tão imersa em seu desespero, que nada conseguiria comovê-la, então não disse nada e continuou andando até que ele voltou a falar. Quando o fez, suas palavras fizeram com que ela parasse no ato.

- Meu nome é Dunn.

- Clare!

Piscou ao perceber o tom de dureza na voz de Justin. Ao menos não gritava, mas suspeitava que se reprimia por seu estado e não porque não estivesse furioso. Olhou para ele, viu que o músculo de sua mandíbula latejava sem cessar e fechou os olhos.

Deitou-se por fim, várias horas depois de ter prometido, mas teve que admitir que seus motivos pouco tinham a ver com suas necessidades físicas. Escondia-se de Justin. Quando retornou ao castelo na companhia do senhor Dunn, seu marido já estava raivoso. Evidentemente, seu encontro com o policial não serviu para melhorar sua disposição.

- Parece que você se deu bem com o senhor Dunn. - disse.

Clare olhou para ele novamente.

- Você está zangado. - murmurou.

- Maldição, Clare! Claro que estou zangado. - respondeu ele com ardor - Estou zangado porque você falou com Dunn às minhas costas, porque fez planos com ele, porque você promoveu toda essa confusão e porque hoje você pôs em perigo sua vida e a do nosso filho. Se dependesse de mim, eu enviaria você ao Continente ou às Colônias, a qualquer lugar onde você pudesse se proteger de si mesma.

A jovem não captou o tom de desespero na voz do marido; só ouviu as acusações. Ela tinha promovido aquela confusão e sabia.

- Acha que não sei que é minha culpa? - sussurrou, com a boca seca - Eu só queria acabar com seus remorsos e, em vez disso, Elaine está morta e Addie está morta e eu matei as duas.

Rolou de lado, afastando-se dele.

Ouviu um suspiro e depois os passos de Justin aproximando-se da cama.

- Basta, Clare. - disse, com suavidade - Você não é a responsável. Seja quem for a pessoa por trás disso, está a minha procura, não você, e mais cedo ou mais tarde viria por mim.

- Mas você disse...

- Não me leve em conta. - ele a interrompeu - Sou um tolo.

Deitou-se ao lado dela e a atraiu para si.

- Se eu não fosse, teria casado com você há dois anos ou, melhor ainda, há quatro anos.

Clare sorriu apesar de seu desespero.

- Não creio que meu pai teria me deixado casar aos quatorze anos. - murmurou.

- Não esteja tão certa disso. - disse ele, com secura.

- Oh, Justin! O que vamos fazer? - sussurrou a jovem.

Três semanas depois, Clare estava de pé na soleira da mansão, recebendo seus convidados. A festa fora idéia dela. Mesmo antes do assassinato de Addie, pensou que recriar a cena no aniversário da morte de Elizabeth podia servir para atrair o assassino ao castelo. Sabia que ele estava brincando com eles; sentia nos ossos e supunha que brincava em particular com ela. Foi ela quem abriu a caixa de Pandora sobre a morte de Elizabeth e começou a fazer investigações.

Quando sugeriu seu plano ao senhor Dunn, em um esforço desesperado para limpar o nome do marido, o detetive se mostrou de acordo. Convencer Justin não foi tão fácil, mas por fim, enfrentando a possibilidade de ser preso, não teve outro remédio senão ceder.

E ali estavam, recebendo os hóspedes que aceitaram seu convite.

- Não fique a sós com nenhum deles. - lhe sussurrou Justin ao ouvido.
- Não farei isso. - replicou ela, com um sorriso.
- Falo sério. - ele advertiu.
- Não parecem tão ruins. - disse ela.

Justin soltou um gemido.

- A maioria deles é pior agora que em outros anos. - disse, observando um homem sair da carruagem, ajudado pelos criados. Embora ainda fosse de tarde, ele já parecia muito bêbado para ficar de pé.

- Isso não é verdade. - rebateu Clare, olhando com desgosto o recém-chegado - Lorde Wilmington, por exemplo, soube se distinguir bastante.

Justin assentiu a contragosto.

- Sim, alguns dos meus antigos companheiros abandonaram os excessos da juventude, mas... - se interrompeu e se aproximou do bêbado - Edgemont, fico feliz em voltar a vê-lo. - disse, olhando para a esposa com expressão torturada.

Clare sentiu vontade de rir, mas a tensão que sentia no estômago não permitiu. Apesar de somente metade dos convidados da primeira vez aceitarem o convite, estava convencida de que o assassino estava entre eles. Seriam capazes de apanhá-lo?

Justin se aproximou dela e olhou o exterior da casa.

- Creio que todos já chegaram. - disse.
- Todos exceto Fletcher. - assentiu Clare.

Justin se voltou para ela, surpreso.

- Acho que Fletcher não estava aqui naquela noite. - disse.

- Verdade? - perguntou ela. Confessara suas suspeitas a Dunn, que aconselhou a não dizer nada para Justin. Entretanto, Clare se sentia tentada a esquecer seu conselho. Sabia que deviam agir com toda a normalidade possível, mas queria que Justin estivesse preparado e não fosse surpreendido.

- Fletcher foi convidado. - disse com lentidão. Seu marido deu de ombros.

- Como eu já disse, nem todos os convidados vieram.

- O primeiro nome dele é Richard. - disse Clare, com suavidade.

- Não seja ridícula. - suspirou Justin - Vamos entrar e não se afaste de mim. - ele ordenou - Pode comparecer ao jantar, mas depois você irá para o quarto sem demora. Sua criada passará a noite em um colchão no quarto de vestir e tem instruções de não abrir a porta para ninguém a não ser eu.

- Oh, Justin! Você não pensa realmente...

- Acho que fui um idiota ao aceitar este plano. - ele replicou, com secura - Eu deveria ter enviado você a Londres com ou sem a aprovação de Dunn.

- Silêncio. - sussurrou ela - Já sabe o que ele disse. Pareceria muito estranho que eu não estivesse aqui.

Não acrescentou sua suspeita de que, se o assassino soubesse de sua ausência, poderia não aparecer. Embora tentasse não pensar em si mesma como a isca que o atraía ali, aquela era uma idéia que nunca a abandonava por completo.

Clare ouviu gritos no piso de baixo e ficou tensa na cadeira, mas eram apenas os gritos próprios dos bêbados. Reclinou e tentou relaxar. Embora fosse tarde, estava sentada na janela do dormitório, ainda vestida com o traje de seda azul que usara no jantar.

O barulho acalmou um momento, permitindo que ela ouvisse outro som no silêncio relativo, e os pêlos do pescoço dela se arrepiaram ao perceber passos no corredor. Agarrou com força os braços da poltrona e olhou para a porta do quarto, por onde alguém acabava de jogar um papel. Ficou de pé, avançou para lá e, com mãos trêmulas, apanhou a mensagem e a desdobrou.

“Se quer investigar tudo o que procura, reúna-se comigo no telhado. Venha sozinha”.

Não estava assinado, mas Clare conhecia seu autor. Abriu a porta de repente, com a esperança de surpreendê-lo ainda no corredor, mas não viu nada, com exceção das lâmpadas que iluminavam o corredor.

Estava surpreendentemente tranqüila, talvez porque esperava aquele convite. Algo se interpunha entre ela e o assassino de Elizabeth, algo que teria que resolver mais cedo ou mais tarde e cuja resolução começara a considerar como parte de seu destino. Procurou em uma gaveta a pistola que escondera ali em preparação para aquela noite, porque sabia que o momento da verdade chegou.

Aproximou-se da porta sem fazer ruído que permaneceu fechada e selada até poucos dias atrás. Abriu-a e penetrou na escuridão da escada. Por um momento, o medo de que ele a esperasse ali, na escuridão, a dominou, mas Clare se obrigou a continuar andando até sentir no rosto a brisa fresca da noite e a luz da lua iluminando as almeias.

Só em andar por ali já era perigoso, seja porque as pedras estavam gasta pelos anos, seja por causa dos montes de folhas e lixo empilhados contra os muros. Clare se moveu com cuidado e se perguntou se Dunn a via. Rezou para que ele ficasse em seu lugar até que o assassino se aproximasse. Muito conhecido para passar despercebido na festa, naquele momento o detetive estava escondido entre as chaminés do telhado com a esperança de que o assassino voltasse. Não se sentiria decepcionado.

- Clare!

O coração dela parou no peito ao ouvir seu nome ser pronunciado; sua mão apertou a pistola com força e se voltou para o homem que causara tanto dor.

- Você está louca! - ele murmurou.

A luz da lua iluminou o cabelo loiro de Fletcher e as feições do rosto dele e a jovem se perguntou como Addie podia descrevê-lo como um rosto comum.

- Quando voltei para casa e vi o convite, não pude acreditar. - sussurrou o jovem, aproximando-se dela - Como é possível que Justin deixe você seguir adiante com isso? Ou ele não sabe o que você faz?

Clare apontou o revólver para ele em direção ao peito enquanto lutava para recuperar a voz.

- Parado aí, Fletcher. - disse enfim, com mais firmeza que sentia.

Viu o homem observar o revólver com sobressalto. Acaso a tomava por idiota?

- Clare! Que loucura é essa? - perguntou.

- Fique onde está ou serei obrigada a disparar, Fletcher. Ou deveria chamar você de Richard?

- Richard? - fez uma pausa - Pelo amor de Deus, Clare! Você não pensa que eu a matei, não é?

A jovem o observou um momento. Interpretava muito bem o papel de inocente ultrajado, mas ela sabia que não devia acreditar. De repente, Fletcher olhou para algo situado atrás da jovem e a expressão de seu rosto mudou.

- Clare! - gritou.

Lançou-se para frente e ela apertou o gatilho sem vacilar e o viu cambalear antes de cair ao chão.

Olhou um momento seu corpo, desnorreada, e em seguida ouviu um ruído a suas costas e um calafrio lhe percorreu a espinha.

- Muito bem, Clare. - disse uma voz suave.

Voltou-se com um estremecimento de horror, e se deparou com um homem de estatura mediana cujas feições, embora obscurecidas pelas sombras, encaixavam melhor que os de Fletcher na descrição de Addie. Ao vê-lo, seu coração começou a pulsar com força no peito. Lutou para se manter de pé, mas uma sensação de enjôo a invadiu.

Respirou fundo e conseguiu superar. Graças a Deus, não ia desmaiar. Com a cabeça mais limpa, encontrou forças para responder.

- Quer que eu repita com você como alvo? - perguntou, embora soubesse que a arma era inútil. Não tinha nem tempo nem munição para voltar a carregá-la.

O vulto se pôs a rir.

- Muito valente, Clare. É algo excepcional: valente, inteligente e, entretanto, suave como um cordeiro. Nós dois teríamos nos dado bem.

A jovem reconheceu então aquela voz tranqüila e branda. Era Richard Farnsworth, que acabava de demonstrar ser mais vilão ainda do que ela jamais poderia imaginar.

- Cometeu um engano, mas devo admitir que você me deu oportunidade de me divertir um pouco e atar alguns fios soltos. - acrescentou.

Clare retrocedeu, mas Farnsworth cobriu com rapidez o espaço que os separava. Arrebatou a pistola descarregada da mão dela e a arma caiu ao chão, a seus pés. A jovem se sentiu dominada pelo pânico. Onde estava Dunn? Lutou para ganhar tempo.

- Você não estava convidado. - protestou.

Farnsworth se pôs a rir.

- Não, mas vim mesmo assim. Naqueles dias, era fácil fingir ser um dos companheiros de bebedeira de Worthington. Admito que esta noite foi mais difícil, mas não impossível, em especial tendo em conta que a festa era em minha honra. Você queria que esta noite chegasse, não é, Clare? - perguntou, com suavidade.

Estava tão perto, que a jovem podia cheirar seu hálito; desviou o rosto, assustada pelo brilho malévolo daqueles olhos.

- Afaste-se, Farnsworth. Estou apontando um revólver para você. - gritou uma voz.

A jovem reconheceu a voz do marido e temeu por ele. Fechou os olhos e rezou pela salvação de todos.

- Você precisa reconhecer que este telhado está muito animado hoje, Worthington. - gritou Farnsworth - Parece ter alguém atrás de cada chaminé. Mayefield, sua esposa e agora você. Oh, e havia outra pessoa quando subi. Um sujeito alto e forte que você talvez conheça. Verdade, Worthington, você não pensou que era esperto o bastante para me pegar, não é?

Clare deixou escapar o fôlego, sem esperança que o detetive fosse em seu resgate. Voltou a sentir um enjôo, mas o combateu. Aquele não era momento para perder os sentidos.

Tentou respirar fundo, concentrando sua atenção em Justin, caso ele quisesse que ela fizesse algo especial. Mas o que ela podia fazer? Farnsworth retorcia seu braço atrás das costas e a empurrava para onde Fletcher havia caído. Farnsworth colocou com indiferença uma bota sob o corpo caído e o virou. Fletcher rolou até ficar de costas, com o peito manchado de sangue e Clare emitiu um soluço, sabendo que era a responsável por aquilo. Farnsworth se pôs a rir e a empurrou para frente.

- Farnsworth! Solte-a ou farei seus miolos voarem. - disse Justin, com calma.

- É tão bom atirador assim, Worthington? - zombou o outro - Duvido. Vai arriscar a vida de sua preciosa esposa, o amor de sua vida, a mulher que leva seu filho no ventre? Ou não é seu? Tem certeza que é? Talvez seja meu, como o filho de Elizabeth.

- Afaste-se, Farnsworth, e o deixarei viver. - disse Justin.

- Creio que é o justo, não acha? Esta mulher, - Farnsworth apertou o braço dela com força e Clare precisou morder o lábio para não gritar - esta mulher também me traiu. Como Elizabeth, acreditou que podia me desprezar por um título. Mas seu destino será o mesmo. - o homem se aproximava lentamente do bordo - Saia agora e talvez eu não a jogue no fosso. - zombou.

- Foi muito fácil comprar Elaine para que fizesse o que eu queria. Era uma cadela gananciosa. Muito florida para meu gosto, mas esta...

Interrompeu-se. Com um movimento brutal e repentino, deitou Clare sobre o parapeito; a jovem sobressaltou-se e a noite começou a dar voltas ao redor. Respirou fundo para combater o enjôo e então captou um movimento e algo voou pelo ar em direção a Farnsworth.

Com uma sensação de alívio, percebeu que ele a soltava. Cambaleou um momento na beirada e depois caiu como uma pedra.

Justin viu Farnsworth soltá-la e lançou um grito. Apertou o gatilho, disparou contra o peito de Farnsworth e correu de sua posição atrás de uma das chaminés. Aproximou-se da beirada. Farnsworth jazia em uma poça de sangue e Clare... Clare tinha desaparecido.

Ficou ali quieto, olhando a escuridão durante o que lhe pareceu uma eternidade, antes de recuperar o uso dos sentidos. Então deu meia volta, desceu as escadas de dois em dois, passou ao lado de Lorde Wilmington, que estava de pé, muito pálido, no corredor, rodeado pelos convidados que ainda estavam sóbrios.

- Ajudem Mayefield! - gritou, ao passar.

Desceu correndo até o vestíbulo principal e saiu pela porta da casa, que permanecia aberta. Meteu-se na noite, cruzou a ponte de pedra e só diminuiu o passo ao ver duas figuras na escuridão que reconheceu como seu mordomo e sua esposa ensopada.

Com um suspiro de alívio, tomou-a nos braços, sem se preocupar se a molhava ainda mais com suas lágrimas.

- Sinto muito, Fletcher. - disse Clare, olhando o amigo de seu marido.

A bala atravessara um músculo abaixo do ombro. Enfaixaram a ferida e naquele momento ele descansava na cama.

- Graças a Deus você não tem boa pontaria. - disse, com secura.

- Sim, eu tenho. - protestou ela - Estava escuro... - viu que três pares de olhos a fitavam alarmados e se interrompeu - Oh, meu Deus! Graças a Deus estava escuro! - exclamou, sabendo que tinha mirado o coração.

Segurou uma mão de Fletcher entre as suas.

- Pensei que tinha matado você. - disse com suavidade.

O jovem sorriu e negou com a cabeça.

- Sei quando devo ficar quieto. - explicou - Eu sabia muito bem que não estava em condições de atacar Farnsworth, então decidi ficar imóvel a não ser que ele decidisse acabar o serviço.

- Você salvou minha vida. - disse ela.

Fletcher sorriu.

- Foi mesmo, não?

- Não sei por que tantos elogios. - interveio Justin - A única coisa que Fletcher fez foi jogar sua pistola para Farnsworth e conseguir que ele soltasse você, jogando no fosso, que era o que ele pensava fazer de qualquer modo.

Clare sorriu e também segurou a mão do marido. Apertou as mãos dos dois homens, enquanto Lorde Wilmington olhava os três.

- Sim, mas cair é uma coisa e ser estrangulada ou golpeada na cabeça antes de cair é outra muito diferente.

Justin suspirou.

- Não sei como você conseguiu sobreviver.

- Sou boa nadadora e você sabe. E havia muitos heróis me ajudando. - murmurou.

Sorriu para os três que a rodeavam e se voltou para Harris, que estava na porta, ao lado do senhor Dunn, cuja cabeça estava enfaixada por causa do golpe aplicado por Farnsworth.

- Obrigada a todos. - disse a jovem. Inclinou-se e beijou Fletcher na testa.

- Pode disparar contra mim sempre que quiser. - ele murmurou.

- O único que importa é que o bebê e você estejam bem. - disse Justin, vacilante.

Clare levantou a cabeça.

- Não é tão fácil se livrar de mim, Justin St. John. Acaso você ainda não descobriu?

Clare agarrou o velho baú e o arrastou pelo chão, levantando uma nuvem de pó. Depois da noite de terror em que morrera Farnsworth, voltou a se dedicar energeticamente ao castelo, registrando todos os quartos em que se armazenavam coisas e procurando artigos para o quarto infantil.

Colocou os berços, livros e brinquedos que reuniu no quarto ao lado do seu. Embora ainda faltassem meses para dar à luz, queria estar pronta para a chegada do bebê.

Ajoelhou-se diante de seu último descobrimento, um baú de madeira que encontrou oculto atrás de uns armários. Levantou a tampa com curiosidade e olhou seu interior. Suspirou decepcionada ao ver seu conteúdo: vestidos e roupa velha.

Levantou um monte de tecido, viu uma capa curta e sorriu. Era roupa infantil.

Procurando mais, encontrou uma boneca de madeira, um conjunto de soldadinhos de chumbo e uma bola com o desenho apagado. Embora maior que o normal, seu peso não parecia estar de acordo com seu tamanho, então Clare a segurou com uma mão e a estudou com curiosidade. Bateu na parte superior, que soou oca e sorriu procurando o modo de abri-la.

Puxou a metade superior, girou-a e lançou uma imprecação, mas a bola continuou sem se abrir. Disse a si mesma que a madeira inchou com os anos, fechando-se por completo, mas continuou tentando. Depois de um momento, jurou que ou a abriria ou a partiria em duas. Esgotada, atirou-a contra a chaminé com todas as forças.

A bola bateu em um dos ferros e se abriu com facilidade, exibindo algo brilhante. Clare, satisfeita, aproximou-se para olhar. Agarrou a bola, esvaziou seu conteúdo no chão e observou atônita, com o coração batendo com força.

Pegou a pesada corrente de ouro, incrustada de pérolas e gemas, e a ergueu com lentidão para observá-la à luz. Viu as duas jóias magníficas que brilhavam entre seus dedos e sobressaltou-se. Encontrara "As Irmãs", os dois enormes rubis que indicavam que aquele não era um colar normal e comum.

Segurou-o contra o peito e se perguntou como parou ali. Talvez uma das crianças o pegou e depois, muito assustado para admitir, escondeu-o ali. Meneou a cabeça, sabendo que nunca conheceria a verdadeira história.

Ainda atônita por seu achado, contemplou de novo o colar e sorriu admirada. Secou uma lágrima: já podia terminar de uma vez por todas com a maldição de Worthington.

Clare estava em pé ao lado do marido, olhando o terreno que rodeava Worth Hall com o coração cheio de orgulho. Os aldeões se misturavam com os habitantes de Rillford sentando-se em torno das mesas carregadas de comida que aromatizavam o ar fresco do outono. Um malabarista passava entre eles, seguido por um grupo de meninos que riam e jogavam maçãs ao ar imitando suas brincadeiras.

Atrás deles, a ponte de pedra cruzava o fosso até a porta principal do castelo, completamente aberta naquele dia que todos pudessem vê-lo. Apesar de Clare ainda não ter terminado de renová-lo, estava encantada com o que

conseguiu até o momento e impaciente para mostrá-lo às pessoas. É óbvio, o interesse pela renovação do castelo se viu um pouco eclipsado aos olhos das pessoas pelo outro artigo que se exibia aquele dia, porque, quem podia resistir a admirar um colar de valor incalculável rodeado por uma lenda de poderes mágicos?

- Chegou a hora. - sussurrou Justin.

Clare se voltou e viu Harris se aproximar com o estojo nas mãos, rodeado por um pequeno grupo de guardas armados. Estendeu o colar para Justin com uma reverência.

- Meus amigos. - disse o marquês - Todos conhecem minha encantadora esposa, Clare. - a multidão começou a aplaudir e a jovem ruborizou - Ela resgatou a sede familiar, Worth Hall, dos destroços do tempo e, no processo, encontrou algo que vocês ouviram falar durante séculos.

Pegou o colar e o segurou no alto, de modo que o sol da tarde brilhasse sobre os rubis.

- O famoso colar dos Moleyns, escondido em um velho brinquedo infantil. Nunca saberemos se foi colocado ali por acidente ou intencionalmente, mas foi encontrado e agora será devolvido ao legítimo dono.

O duque atual, um homem jovial e rechonchudo que riu quando entraram em contato com ele para falar da maldição, adiantou-se entre os aplausos da multidão.

- Espero que ele não o venda. - sussurrou Clare.

- Isso já não é assunto nosso. - recordou seu Justin em voz baixa - Lorde Moleyns, quero apresentar o famoso colar de seus antepassados. - disse em voz alta.

A multidão aplaudiu de novo e Lorde Moleyns murmurou algo sobre a boa vontade que devia prevalecer entre as duas famílias, deu um tapinha nas costas de Justin e beijou Clare na bochecha. Depois entregou o estojo aos guardas e voltou para a mesa. Era evidente que se divertia com tudo aquilo. Clare notou que alguém a puxava pelo vestido.

- Olá, Kate, está se divertindo? - perguntou à menina que estava diante dela.

- Sim, Clare. Quero dizer, senhora marquesa. - corrigiu a garota, um pouco nervosa - Mas nos perguntávamos se...

A jovem ergueu o olhar e viu um grupo de crianças da aldeia a poucos passos deles. Sorriu para Eric, que se separou do resto e correu para ela.

- Clare, conte uma história. - disse sem preâmbulos.

Justin tomou o menino nos braços e sorriu para a esposa.

- Sim, Clare, conte uma história. - repetiu.

- Está bem. - respondeu a jovem.

E o marquês e a marquesa do Worthington se sentaram na grama, ela com o vestido espalhado ao redor, ele com as pernas esticadas, enquanto um bando de crianças se acorava e se instalavam a seu lado. Quando sentou um nos joelhos, acomodado contra seu ventre, outros dois ao seu lado e mais três apoiados contra seu marido, começou a falar:

- Uma vez, há muito, muito tempo, havia um belo castelo chamado Worth...

Fim

“Os livros são doces companheiros para aquele que sofre e, se não conseguem nos levar a gozar da vida, pelo menos nos ensinam a suportá-la.”

Oliver Goldsmith